Romances Históricos

Elizabeth Lowell

Feiticeira



3° Livro da Série Medieval

Pesquisa/Tradução: As3
Revisão Inicial e Final: Fabi
Formatação e arte: Miss Bella

Nota da Revisora Fabi

Simon, um guerreiro leal ao seu irmão, forte e disposto a tudo.
Até um casamento arranjado, para não ter uma guerra.
Já havia sofrido muito, prometido não amar.
Carinhoso, atencioso, terno, feroz, não acreditava em nada que não pudesse tocar, sentir e compreender.
É colocado à prova.
Ariane é traída por um homem que a estrupou, depois pelo próprio pai, que não acreditou nela.
Forçada a um casamento que não queria, por não confiar nos homens.
Ela é uma surpresa.
Os dois são postos à prova, terão que enfrentar seus próprios medos para decidirem se o amor vale a pena.
É uma história envolvente, gostosa.
O final é muito empolgante, fiquei emocionada... E encantada... Divirtam-se!

Dou 3 leques pelas cenas quentes.





Resumo

Simon "O Leal" tinha jurado não voltar a amar, pois o amor debilita os grandes guerreiros. Seu casamento que já estava acertado com uma formosa herdeira Normanda, seria para ele um dever, e nada mais. Mas é mais que o dever o que inflama seu sangue a primeira vez que vê Ariane…

Ariane só tinha conhecido desafeto por parte dos homens… e uma traição tão profunda, que virtualmente aniquilou sua alma. Sem desejar a nenhum homem, sem confiar em homem algum, falando unicamente através da triste canção que toca com sua harpa, Ariane aceita Simon sendo uma noiva reticente…

Simon e Ariane se casam para levar a paz às terras em conflito, mas o casamento não basta por si só. Simon sabe que deve ensinar Ariane o que é a paixão, e ela, em troca, deve lhe ensinar a confiar de novo. E ambos devem sucumbir a doce violência do feitiço do amor… ou morrer…

Sobre a Autora.

Individualmente ou com seu marido Evan, Ann Maxwell, escrevendo como Elizabeth Lowell, tem escrito sobre 60 novelas e um livro de não ficção. Mais de 30 milhões de cópias em mais de 30 países de suas novelas que vão da ficção científica à novela histórica, e do romance até o mistério e incerteza. Começou a escrever como Ann Maxwell em 1975 com uma novela de ficção científica Change.

Tem escrito nove novelas deste gênero e uma delas, A dia god dancing, foi indicada para o prêmio Nébula. Em 1976 Ann e Evan colaboraram com um caçador norueguês e com o fotógrafo Ivr Rdd no livro de não ficção The year-long day, que foi publicado pelo Reader's Digest. Depois de escreveu com seu marido vários livros de mistério, um deles Just enough light to kill foi indicado pela Teme Magazine como a melhor novela criminal de 1988. Desde 1982, publica novelas românticas e recebeu vários prêmios de Romance Writers of America.

Desde 1992 ela tem 30 novelas nas listas do New York Teme. Atualmente vive em Seattle (Washington) com seu marido.

Querido Leitor

Nas Ilhas Britânicas do século XI, a honra e a lealdade não eram tão somente virtudes; era uma questão de vida e morte. Quanto mais pensava sobre isto, mais me perguntava o que faria um homem fiel obrigado a escolher entre vingar um terrível insulto a sua honra ou sua lealdade a seu senhor.

Simon tinha aprendido a amarga lição da lealdade, a vida e a morte na Primeira Cruzada. Tinha aprendido até tal ponto que tinha chegado a ser apelidado «o Leal», por sua inquebrável lealdade a seu irmão e senhor Dominic. E quando seu irmão enfrentou à possibilidade de uma cruel guerra nas terras da fronteira por causa do compromisso quebrado de um vassalo, Simon se ofereceu a casar-se com a noiva rechaçada.

Ariane era uma dama com segredos tão escuros como seus cabelos negros e suas melodias. Uma mulher traída que não acreditava em nada, e muito menos no amor. Despojada de sua inocência, foi enviada por seu pai como um insulto à honra de seu futuro esposo.

A jovem preferia morrer quando Simon descobrisse a verdade. E a última coisa que esperava era sentir-se cativada por ele, um homem que devia sua lealdade ao irmão. Uma lealdade de tal magnitude que obrigou o guerreiro a suportar o insulto a sua honra e não rechaçar Ariane para poder trazer paz às terras da fronteira.

Mas então, Simon aprendeu que nunca haveria paz se a lealdade e a honra não estivessem unidas pela magia do amor.

Elizabeth Lowell

CAPíTULO 01

Outono no reino do Rei Henry I.

Castelo do Círculo de Pedra, lar de lorde Duncan e lady Amber, nas terras da fronteira ao norte da Inglaterra normanda.

— O que será — sussurrou Ariane para si mesma — bodas ou velório?

A jovem observou a adaga em suas mãos, mas não recebeu resposta alguma, salvo o reflexo da luz das velas que deslizava como sangue sobre a lâmina. Enquanto olhava o sangue fantasmal, a pergunta ressoou de novo no silêncio de sua mente.

Bodas ou velório?

A resposta que finalmente chegou não lhe serviu de alívio.

Não importa. Só são palavras diferentes para um mesmo fim.

Dos altos muros do castelo do Círculo de Pedra, o vento soprava anunciando o inverno.

Ariane não ouvia seu lúgubre lamento. Não ouvia nada, exceto os ecos do passado, o momento em que sua mãe tinha depositado a adaga coalhada de jóias nas pequenas mãos de sua filha.

Em sua mente, ainda podia ver o escuro brilho das ametistas e sentir o frio peso da prata. As palavras de sua mãe tinham sido ainda mais gélidas:

«O inferno não possui um castigo maior que um casamento não desejado. Usa isto antes de ter que se deitar junto a um homem ao qual não ame».

Infelizmente, a mãe de Ariane não tinha vivido o suficiente para lhe ensinar como usar a arma, ou contra quem.

De quem devia ser o velório, do noivo ou da noiva?

Deveria suicidar-me ou deveria matar Simon, cujo único crime é ter concordado em casar comigo devido à lealdade que sente por seu irmão, lorde Dominic, senhor da fortaleza de Blackthorne?

Lealdade.

Um tremor ofegante percorreu Ariane, fazendo com que sua túnica de uma viva cor dourada e nata estremecesse como se estivesse viva.

Deus, oxalá tivesse sido abençoada com uma lealdade semelhante por parte de minha família!

O escuro pesadelo voltou, ameaçando romper o muro que Ariane tinha construído a seu redor. Sombria, afastou seus pensamentos da noite em que tinha sido traída, primeiro por Geoffrey o Justo e, depois, por seu próprio pai.

A folha da adaga feriu ligeiramente a mão de Ariane, indicando que a segurava com muita força. Distante, perguntou-se o que sentiria se a arma se cravasse profundamente em sua carne.

Com toda segurança, não podia ser pior que seus pesadelos.

— Ariane, viu mi... Oh!, que adaga tão extraordinária — comentou Amber ao perceber o brilho prateado quando entrava no quarto — É incrivelmente delicada.

A voz fez com que Ariane saísse de seu triste sonho.

Respirando lenta e pausadamente, relaxou a pressão sobre a adornada adaga e olhou a jovem cuja túnica combinava com a cor de seus olhos e de seu cabelo.

— Era de minha mãe — disse Ariane a Amber.

— Que ametistas tão belas. São da cor exata de seus olhos. Os de sua mãe também eram assim?

— Sim.

Ariane não acrescentou nada mais.

— E seus pensamentos — continuou Amber como se tratasse de um fato — são da cor exata de seu cabelo: negros como a mais escura das noites.

Ariane conteve a respiração e olhou com receio à Iniciada, a senhora do castelo do Círculo de Pedra, consciente de que era capaz de discernir a verdade com apenas um toque em alguém.

Mas, agora, Amber não a estava tocando.

— Não tenho que tocar - explicou a Iniciada adivinhando os pensamentos de Ariane — A escuridão está em seus olhos; em seu coração.

— Não sinto nada.

— Está equivocada. Sei que o sente. Suas emoções são feridas que não deixam de sangrar.

— São? — perguntou Ariane indiferente.

— Sim — afirmou Amber — O que senti quando a toquei pela primeira vez. Você também sentiu, estou segura.

— Só quando durmo.

Ariane deslizou a adaga na capa que caía de sua cintura, e seus dedos pousaram na pequena harpa lavrada, que agora era seu consolo. Às escuras e graciosas curvas de madeira tinham incrustações de prata, madrepérola e cornalina em forma de folhas em flor.

Mas não era a beleza do instrumento o que buscava a jovem, mas o que podia expressar com ela. Seus largos dedos se moveram, arrancando de suas cordas um acorde em misteriosa harmonia com o tormentoso vento, uma intensidade mal contida.

Encoberta, mas não curada.

Ao escutar o lamento da harpa, Amber quis protestar pela combinação de medo, ira e dor que ardia sob a tranqüila superfície da herdeira normanda.

— Não tem nada a temer por se tornar a esposa de Simon - assegurou a Iniciada com urgência na voz — É um homem... Intenso, mas sabe controlar-se.

Por um instante, os dedos de Ariane se detiveram. Logo assentiu lentamente.

— Sim — murmurou — sempre se mostrou amável comigo.

Muito mais amável do que seria quando descobrisse que sua esposa não era virgem.

Guerras haviam começado por insultos menores. Os homens tinham matado; as mulheres tinham morrido.

Aquele último pensamento atraía poderosamente a Ariane.

Representava uma possível fuga à brutal armadilha de dor e traição em que se converteu sua vida.

— Simon é um guerreiro forte e possui um atrativo pouco comum — acrescentou Amber — Ninguém nesta fortaleza é capaz de resistir a ele.

Os dedos de Ariane tremeram sobre a harpa.

— Seus olhos são muitos... Escuros — murmurou um momento depois.

— É seu cabelo dourado que faz com que seus olhos pareçam tão negros — aduziu Amber imediatamente.

Ariane negou com a cabeça.

— É mais que isso.

Duvidando, a Iniciada assentiu com um suspiro.

— Ocorre o mesmo com muitos dos homens que retornaram das Cruzadas — admitiu — Voltam com sombras em suas almas.

A harpa emitiu um lamento estremecido no silêncio.

— Simon desconfia de mim — disse Ariane.

— De ti? — riu Amber com humor — Confia em ti o suficiente para te dar as costas. Acredite-me, desconfia muito mais de mim. Para ele, não sou mais que uma bruxa saída do inferno.

A surpresa iluminou por um momento a frieza dos olhos violeta de Ariane.

— Se te servir de algo — acrescentou a Iniciada com brutalidade — seus próprios olhos, apesar de serem tão belos, têm muitas mais sombras que os dele.

— Isso deveria me consolar?

— Pode algo te consolar?

Os dedos de Ariane deixaram de acariciar delicadamente a harpa, enquanto considerava a pergunta. Depois, arrancaram um áspero som esmigalhado das cordas.

— Por que a chamam de bruxa? — inquiriu depois de um momento.

Antes que Amber pudesse responder, uma profunda voz de homem falou atrás dela, respondendo a pergunta de Ariane.

— Porque — interveio Simon — pensei que tinha lançado um feitiço sobre Duncan e que tinha roubado sua mente.

Ambas as mulheres se voltaram e viram o guerreiro de pé, na entrada dos pequenos aposentos que tinham cedido à herdeira normanda, durante sua estadia no castelo do Círculo de Pedra.

Ariane não esperava que a visita fosse demorada; a única coisa que a retinha ali era lorde Dominic, senhor da fortaleza de Blackthorne, era seu empenho em ver Ariane casada com um de seus homens antes que algo mais acontecesse.

Simon era o segundo prometido eleito para a filha do barão Deguerre. E o certo era que, embora Ariane nunca tivesse sentido atração alguma pelo primeiro, Duncan, somente a visão de Simon lhe provocava calafrios. Eke ocupava a entrada, quase por completo.

A maioria do povo o via sempre junto a seu irmão Dominic, ou junto ao enorme marido de Amber, Duncan, de forma que Simon freqüentemente passava despercebido, como também a amplitude de seus ombros.

Entretanto, Ariane era muito consciente de tudo relacionado com Simon. De fato, tinha sido no momento em que o viu aproximar-se dela, na fortaleza de Blackthorne, para avisá-la que se preparasse para uma dura cavalgada para o castelo do Círculo de Pedra. A jovem percebeu imediatamente o poder que emanava de seu forte e ágil corpo, assim como de seus olhos, que brilhavam como fogo negro pela intensidade de sua inteligência e determinação.

E, às vezes, ao voltar-se para ele inesperadamente, tinha visto os olhos de Simon brilhar com um intenso calor sensual, que indicava que a desejava.

Ariane tinha esperado, temerosa, que ele a forçasse, mas não o tinha feito. Ao contrário. Mostrou-se incrivelmente civilizado, tratando-a com uma cortesia e um disciplinado controle que para ela era tão tranqüilizador... como cativante.

Simon poderia ficar de pé entre um bando de gigantes que, aos olhos de Ariane, teria se elevado sobre todos eles. Havia algo na agilidade felina e a masculina elegância de seu corpo que, a seu entender, fazia qualquer outro homem desaparecer.

Mas possivelmente essa sensação somente era por ele ser atencioso com ela, a sua irônica maneira. A cavalgada desde Blackthorne, de onde acabava de chegar, procedente da Normandia, até o castelo do Círculo de Pedra, tinha sido muito dura. A fortaleza de Blackthorne estava muito ao norte da Inglaterra, no limite das terras da fronteira que ainda eram disputadas por normandos e saxões.

O castelo do Círculo de Pedra estava ainda mais ao norte, no centro do território que era reclamado pelos normandos e que os saxões conservavam mediante a força das armas.

Fazia uma geração que os normandos tinham ganhado a batalha de Hastings, mas os saxões ainda estavam longe de ser submetidos.

— Parece que me equivoquei com Amber — continuou Simon — A única coisa que fez foi roubar o coração de seu marido. Algo muito mais corriqueiro que a mente, certamente.

A jovem Iniciada se negou a morder os lábios, mas o pendente de âmbar que caía entre seus seios reluzia, com a risada contida.

Simon sorriu calidamente.

— Já não penso em você como uma ferramenta do diabo — afirmou dirigindo-se a Amber — Me perdoará algum dia por fazê-la sentir dor e medo?

— Sem dúvida o farei, antes que você perdoe todas as mulheres pelo que te fez uma delas — respondeu Amber.

O quarto ficou tão silencioso que se pôde ouvir a dança das chamas. Quando Simon voltou a falar, não havia calidez em sua voz ou em seu sorriso.

— Pobre Duncan — zombou — Não terá segredos com sua esposa bruxa.

— Não precisará ter — assegurou Duncan, atrás de Simon.

Ao ouvir aquela potente voz masculina, Amber se virou para a porta com um enorme sorriso. Ariane observou a cena com franca curiosidade. Nos sete dias que estava no castelo do Círculo de Pedra, não tinha conseguido acostumar-se à completa felicidade que mostrava Amber ante seu marido. E a felicidade de Duncan não era menor, coisa que ficava além da compreensão de Ariane.

Quando Amber se apressou a atravessar o quarto, com os braços estendidos para Duncan, Simon dedicou um olhar enviesado e irônico a Ariane que indicou que tampouco ele entendia a felicidade do matrimônio.

A Ariane, aquele gesto de cumplicidade foi tão quente como desconcertante, e a fez desejar confiar em Simon.

Estúpida, recriminou-se com frieza, o sorriso não é mais que uma arma para fazê-la sentir confortável, para que não lute contra o que ocorrerá quando se casar contigo.

— Acreditei que passaria toda a manhã escutando as queixa dos servos — comentou Amber.

— Eu também — respondeu Duncan, agarrando as mãos de sua esposa entre as suas, muito maiores — mas Erik sentiu pena de mim e enviou os cães lobo para ficar junto ao fogo.

— Também Stagkiller? — inquiriu Amber. Era estranho que seu irmão Erik que nunca se separava daquele cão, que o seguia como uma sombra.

— Mmm — assentiu Duncan, beijando as pontas dos dedos de sua esposa e lhe fazendo cócegas com a barba — Poucos momentos depois, todo mundo partiu - Simon reprimiu uma gargalhada.

Os servos reverenciavam o irmão de Amber, Erik, o antigo senhor do castelo do Círculo de Pedra, mas desconfiavam de seus animais Iniciados. Chegou a ouvir mais de um camponês ou arrendatário dando graças a Deus porque o novo senhor do castelo do Círculo de Pedra fosse um robusto guerreiro e não um Iniciado, que possuísse animais com mais habilidades que as pessoas.

— Sentirei falta de seu irmão quando voltar ao castelo - acrescentou Duncan.

— Do meu irmão ou dos seus cães? — perguntou Amber sorrindo.

— De todos. Queria que Erik nos deixasse alguns .

— Grandes?

— Existe de algum outro tipo? — replicou Duncan — Stagkiller é quase tão grande como meu corcel.

Rindo e sacudindo a cabeça ante o exagero, Amber acariciou as mãos do homem que amava, marcadas por antigas batalhas. Ariane observava atentamente o casal de recém casados. As palavras dos amantes não eram importantes; era o modo como se olhavam, as carícias que compartilhavam, a intensa compreensão que fluía entre eles.

— Desconcertante, verdade? — disse Simon com suavidade.

Aproximou-se tanto de Ariane que sua respiração lhe agitava o cabelo da nuca.

— O quê? — perguntou a jovem que, sobressaltada, teve que fazer uso de toda sua força de vontade para não virar-se para olhar os brilhantes olhos negros de Simon.

Mas retirar-se não a ajudaria, como também não ajudaria suplicar que a deixasse em paz.

Geoffrey ensinou isso e muitas coisas mais que ela tinha enterrado atrás dos muros da dor e a traição.

— É desconcertante ver como um guerreiro tão letal como o Martelo Escocês se transforma em argila nas mãos de uma mulher — explicou Simon.

— Eu diria o contrário — murmurou Ariane — A bruxa de âmbar é a argila e seu marido é quem a molda.

As loiras sobrancelhas de Simon se elevaram em silenciosa surpresa, voltou-se e olhou a Duncan e Amber por alguns segundos.

— Pode ser que tenha razão — conveio Simon — Seus olhos estão tão cheios de amor como os dele. Que estupidez!

Quando o guerreiro se virou de novo para Ariane, inclinou-se sobre ela para garantir a privacidade de sua conversa. Mas antes que pudesse detê-la, a jovem se afastou. Encobriu sua ação, simulando que queria comprovar a afinação de sua harpa, entretanto, não enganou Simon, que entrecerrou seus negros olhos e se endireitou, com rapidez.

Embora não se considerava tão atraente como Erik e, é obvio, não tinha suas terras nem bens, Simon não estava acostumado a que as mulheres fugissem dele. De fato, tinha esta certo de que Ariane se sentia atraída por ele, como ele se sentia atraído por ela. A jovem não tinha afastado os olhos dele quando o viu pela primeira vez , atravessando a muralha da fortaleza de Blackthorne, e, depois, tinha-o seguido, olhando como se nunca antes tivesse visto um homem.

Simon tinha observado Ariane do mesmo modo, embora nem ele mesmo entendesse por que. Tinha visto mulheres mais formosas ao longo de sua vida, mas nenhuma tinha conseguido fazer com que seus sentidos clamassem por ela. Nem sequer a sedutora Enjoe.

Naquele momento pareceu a Simon ser uma brincadeira cruel do destino que Ariane estivesse prometida a Duncan de Maxwell, o Martelo Escocês, seu amigo e aliado. E quando descobriu que Duncan amava outra mulher, Simon se ofereceu imediatamente para casar-se com a filha do poderoso barão normando. O matrimônio garantiria a paz nas terras da fronteira; uma paz que Dominic, seu irmão, necessitava com desespero e queria para que sua própria fortaleza, Blackthorne, prosperasse.

Quando Simon propôs o matrimônio, estava convencido de que Ariane preferia ele acima de qualquer outro homem. Agora não estava tão seguro. Possivelmente só tentava desestabilizá-lo. Esse tinha sido, sem dúvida, o jogo de Ariane, e tinha jogado excessivamente bem.

— Fiz algo que a ofendeu, lady Ariane? — perguntou Simon, sereno.

— Não.

— Que resposta tão rápida... e tão falsa.

— Sobressaltei-me, foi tudo. Não esperava que se aproximasse tanto de mim.

Os lábios de Simon se distenderam em um sorriso mordaz.

— Deveria pedir a Meg, minha cunhada, que me fizesse um sabão especial para satisfazer seu delicioso nariz? — replicou.

— Oh! não. Seu aroma me é muito agradável — respondeu Ariane educadamente.

Enquanto falava, deu-se conta de que era verdade. Ao contrário de muitos homens, Simon não cheirava a suor e roupa suja.

— Parece surpresa de que não cheire como um esgoto — zombou o guerreiro — Deveria comprovar a veracidade de suas palavras?

Com uma rapidez que a desconcertou, Simon se inclinou de novo para ela, e a jovem deu um pulo, antes de tentar controlar seu sobressalto. Uma vez que ele se afastou, Ariane voltou a endireitar-se na cadeira de madeira.

— Agora pode respirar — limitou-se a dizer Simon.

A respiração de Ariane veio acompanhada de um ligeiro e áspero som que bem poderia ser um gemido de medo ou prazer.

Considerando as circunstâncias, Simon decidiu que era mais provável que fosse medo. Ou desagrado.

Simon apertou os lábios sob sua suave e rala barba. Recordava muito bem as palavras de Ariane quando Duncan lhe perguntou se aceitaria os deveres que acompanhavam o matrimônio. ‘’Cumprirei com minhas obrigações, mas a idéia de compartilhar meu leito me desagrada profundamente.’’

Ao perguntar se sua frieza se devia a seu coração pertencer a outro homem, Ariane se mostrou contundente.

Eu não tenho coração.

Não havia dúvida de que dizia a verdade, já que Amber a tinha tocado todo o tempo, e só encontrou a fria honestidade nas palavras da herdeira normanda.

Ariane tinha aceitado o matrimônio, mas também tinha deixado claro que a idéia de manter relações com um homem lhe causava repulsa. Inclusive com o homem que logo seria seu marido.

Ou especialmente com ele?

A boca de Simon se transformou em uma sombria linha ao olhar à herdeira normanda que tinha aceitado ser sua prometida.

Quando nos vimos pela primeira vez, me olhava com medo enquanto eu a olhava com desejo?

Aquele pensamento converteu em gelo o sangue de Simon. Tinha jurado que nunca voltaria a desejar uma mulher mais do que ela o desejasse. Essa classe de desejo dava às mulheres um poder sobre os homens, um poder que trazia consigo a destruição.

É possível que Ariane seja como Enjoe, que brinque de ser fria e ardente, prendendo um homem com sua ambigüidade, deixando-o louco de desejo não satisfeito?

Ou não satisfeito nunca.

Mas este jogo podia ser jogado por dois.

Era um jogo que Simon tinha aprendido muito bem nas mãos de Enjoe. Tão bem que ultimamente ganhava em seu próprio esporte.

Sem uma palavra, Simon se endireitou e separou-se de Ariane sem tocá-la.

Embora aliviada, a jovem foi consciente de que seu pulo ante Simon tinha ferido o orgulho do guerreiro. Aquele pensamento a preocupou, já que ele não o merecia.

Mas quando a jovem abriu a boca para dizer-lhe, as palavras não surgiram. Não tinha sentido negar a realidade: o pensamento de manter relações com um homem a aterrorizava.

Simon não se importou com sua frieza, mas não havia nada que ela pudesse fazer para mudar. Toda calidez lhe tinha sido arrancada meses atrás, na noite em que, drogada e fragilizada, tinha ficado imóvel enquanto Geoffrey o Justo, grunhia sobre ela como um porco.

Um calafrio de repulsão percorreu a jovem. Suas lembranças sobre aquela terrível noite eram vagas, distorcidas pela poção que Geoffrey tinha dado para mantê-la indefesa e calada.

Às vezes, Ariane pensava que aquela névoa era uma bênção; outras pensava que só aumentava o horror.

— Simon — sussurrou sem dar-se conta de que pronunciava seu nome.

O guerreiro se deteve um momento, como se a tivesse ouvido, e logo lhe voltou às costas, irrevogável e friamente.

CAPíTULO 02

As brincadeiras dos senhores do castelo do Círculo de Pedra encheram o tenso silêncio entre Simon e Ariane.

—Tem tempo para montar comigo? — perguntou Duncan a Amber.

— Para você tenho todo o tempo do mundo.

— Só do mundo? — perguntou ele fazendo graça — O que há do céu e mais à frente?

— Está brincando comigo, marido?

— Tenho algo sobre o qual queira pôr suas mãos? — zombou Duncan.

O sorriso de Amber era tão antigo como o mundo e tão jovem como o rubor de suas bochechas.

Duncan lançou uma gargalhada que refletia sua satisfação.

— Minha bela Amber, como me agrada.

— Faço?

— Sempre.

— Como? — brincou a jovem.

Duncan começou a dizer-lhe, mas recordou que não estavam sozinhos.

— Pergunte-me isso esta noite — sussurrou — quando só restarem brasas no fogo do quarto.

— Tem minha palavra — prometeu Amber pousando sua mão sobre o poderoso antebraço de Duncan.

— Obrigarei-lhe a cumpri-la - assegurou o guerreiro — Agora, se tiver terminado aqui, vamos pegar os cavalos.

—Terminado aqui? — piscou Amber — Ah, meu passador. Tinha esquecido.

Voltou-se para Ariane, que observava o casal com olhos tão claros e longínquos como gemas.

— Viu um passador de âmbar vermelho? — perguntou-lhe — Devo ter perdido em alguma parte do castelo.

— Houve um tempo em que só teria que me perguntar, e o lugar no qual está oculto teria sido revelado — respondeu Ariane em voz baixa— Houve um tempo... mas já passou.

— Não entendo.

Ariane encolheu os ombros.

— Não importa. Não vi seu passador, mas perguntarei a Blanche.

— Encontra-se melhor sua donzela hoje?

— Não — respondeu Ariane apertando os lábios até convertê-los em uma linha fina — Temo que Blanche tenha uma enfermidade muito mais comum que a que afetou meu séquito em nossa viagem desde a Normandia.

— Qual? — quis saber Amber.

— Acredito que está grávida.

— Isso não é uma enfermidade, é uma bênção — replicou Simon.

— Para uma mulher casada, possivelmente — refletiu Ariane — Mas Blanche está longe de seu lar, de sua gente, e quase com certeza do homem que a deixou nesse estado. Dificilmente é uma bênção, não acha?

Simon desprezou as objeções de Ariane com um movimento de ombros.

— Como seu marido, assegurarei de que sua donzela receba todos os cuidados —disse sereno— Necessitamos mais meninos nas terras da fronteira.

— Meninos — repetiu Ariane em tom estranho.

— Sim, minha futura esposa. Meninos. Teem alguma objeção?

— Só em relação aos meios para fazê-los.

—Os meios?

— Deitar com um homem não é absolutamente agradável. — Um calafrio percorreu seu corpo.

— Não achará isso depois de se casar — interveio Amber amavelmente— Então saberá que seus medos virginais não têm sentido.

—Sim —disse Ariane distante— É obvio.

Mas ninguém acreditou; nem sequer ela mesma.

As mãos de Ariane procuraram o consolo da harpa uma vez mais. Os sons que emitiu o frágil instrumento foram tão escuros como seus pensamentos. Mesmo assim, acariciar as afinadas cordas lhe trouxe um pouco de paz. Fez-lhe acreditar que poderia suportar o que devia ser suportado: dor e pesadelos que a seguiam até chegar o dia.

Amber olhou para Ariane com curiosidade, mas a herdeira normanda não percebeu.

— Possivelmente seria melhor não apressar o matrimônio — comentou Amber a Simon em voz baixa — Ariane está... perturbada.

— Dominic teme que algo mais aconteça, se esperarmos.

— Algo mais? — Amber percebeu o que Simon queria dizer — Entendo, refere-se a Duncan, que se casou comigo em lugar de lady Ariane.

— Exato — respondeu Simon com ironia — De qualquer forma — acrescentou — agora que seu irmão Erik está satisfeito com seu matrimônio, a fronteira norte de Blackthorne volta a ser segura.

Amber assentiu.

— Mas essa segurança poderia desaparecer — continuou o guerreiro sem rodeios — se o barão Deguerre pensar que Duncan desprezou sua filha por você.

Amber deu uma rápida olhada para Ariane. Se estava escutando, não se refletia em seu rosto, nem no movimento de seus dedos sobre a pequena harpa.

— Não tema pelos delicados sentimentos de lady Ariane — ironizou Simon — Foi educada nas obrigações de uma dama da nobreza. Sabe que deve casar-se com o homem que seja escolhido para ela.

— Lady Ariane tem que casar-se com um vassalo leal a Dominic — interveio Duncan finalmente — quanto antes ocorrer, melhor para todos nós.

— Mas... — começou Amber só para ser interrompida por Simon.

— E seu marido deve gozar tanto da aprovação do rei Henry como do próprio Deguerre.

— Mas não tem essa aprovação! — replicou Amber.

— Simon é o homem mais leal em que Dominic confia — aduziu Duncan— de modo que o rei inglês aprovará o matrimônio.

Além disso, Simon é normando, não escocês, nem saxão, assim o barão Deguerre terá menos objeções que se o escolhido tivesse sido eu.

— Sim, esse é um ponto a meu favor — assinalou Simon — Para a filha de Deguerre, eu sou um marido mais desejável que Duncan.

— O barão Deguerre... — disse Amber franzindo o cenho — é tão rico que até os reis o temem?

— Sim — afirmou Ariane sinceramente.

Uma série de notas discordantes acompanhou aquela única palavra.

— Se meu pai tivesse me casado com sir Geoffrey, que é filho de outro grande barão normando, logo teria se igualado a Henry, seu rei inglês, em riqueza e poder mas, ao invés disso, fui prometida a um cavalheiro cuja lealdade pertencia a Henry em lugar de um duque normando.

— Agora — disse Simon — tudo o que temos que fazer é convencer o barão Deguerre de que sua filha está feliz comigo. Desse modo não haverá desculpa para uma guerra.

— Bom, isso explicaria a história que Sven esteve disseminando entre os camponeses e o povo do castelo.

— Que história? — quis saber Ariane.

Simon riu sem vontades.

— Uma fábula, sem dúvida.

Ariane não disse mais nada, mas seus dedos dedilharam as cordas da harpa de modo interrogativo. Simon respondeu como se tivesse feito uma pergunta.

— Sven está contando que nos apaixonamos quando a escoltei de Blackthorne ao castelo do Círculo de Pedra.

As mãos de Ariane tremeram ao sentir que aquela mentira a tirava, de repente, de seus tristes pensamentos.

— Amor? — murmurou — Que estupidez! Os homens não amam suas prometidas. A única coisa que querem delas é o seu dote e o poder.

Amber deu um toque em Simon mas este riu.

— Com efeito, milady — admitiu — Uma completa estupidez.

— Mas é um relato inteligente — assinalou Duncan com admiração — Mesmo rei tem que inclinar-se ante o direito de uma jovem de casar-se com o homem que ama e que cumpre os requisitos que se esperam de seu marido. Deguerre não poderá opor-se.

— Dominic merece sem dúvida ser chamado o lobo dos glendruid — apontou Amber — Seus engenhosos planos trazem paz, não guerra.

— Foi idéia de Simon casar-se comigo, não de seu irmão — replicou Ariane — Sua mente é inclusive mais rápida que suas mãos.

Uma breve expressão de surpresa apareceu no rosto de Simon. A última coisa que teria esperado de Ariane era uma defesa.

Por outro lado, possivelmente ela só estivesse fazendo com ele o jogo da sedução.

— Pensa que Deguerre acreditará? — perguntou Amber a Simon.

— Acreditar no quê? Que me casei com sua filha?

— Que na viagem surgiu... — Amber tentou inutilmente procurar as palavras adequadas.

— ...Um amor que desafiou por igual ao rei inglês e ao pai normando — zombou Ariane.

O tom da jovem normanda refletiu a brincadeira que expressou a voz de Simon quando aceitou casar-se com ela para solucionar o perigoso problema do compromisso quebrado.

— Não importa o que acredite de Deguerre. — Simon deu de ombros — De qualquer modo, lady Ariane será minha esposa antes da missa da meia-noite.

Atraído por vozes procedentes do pátio de armas, Simon se aproximou da janela, escutou e olhou de soslaio para Duncan.

— Esperou muito para escapar, oh!!! real senhor do castelo do Círculo de Pedra! — brincou, ao mesmo tempo que se inclinava exageradamente ante a Duncan — O servo do porco errante... como se chama?

— O porco? — inquiriu Duncan incrédulo.

— O servo — o corrigiu Simon impassível.

— Ethelrod.

— Ah! como esquecê-lo? — ironizou Simon — Pelo visto o porco gosta muito de maçãs.

— Por isso se solta aos porcos nos hortas, depois da colheita — replicou Duncan —. De outro modo só engordariam os vermes.

— Neste momento, o porco em questão está parado em um de seus portões.

— Tinha dito a Ethelrod que construisse uma cerca capaz de conter esse maldito porco. — Duncan almadiçoou, entre dentes, enquanto saía pela porta apressado.

— Desculpem — disse Amber tentando não rir — Tenho que ver isto. O porco de Ethelrod é uma grande fonte de diversão para o povo do castelo.

— A não ser que se controle esse porco — disse secamente Simon — será uma grande fonte de toucinho.

Amber deu uma gargalhada e apressou-se a seguir seu marido.

Os rápidos olhos de Simon captaram a sombra de um sorriso nos lábios de Ariane. Sua beleza lhe recordou o instante em que viu a herdeira normanda pela primeira vez. Havia sentido como se um forte punho tivesse roubado a sua respiração.

Inclusive agora, era difícil acreditar que Ariane estivesse quase ao seu alcance, uma jovem de alta linhagem prometida a um bastardo, cujo único mérito residia na rapidez de sua espada.

Sem pretendê-lo, Simón se aproximou dela.

— Ariane... —sussurrou.

A jovem piscou quando ouviu seu nome. Por um momento tinha esquecido que não estava sozinha.

Quando a mão de Simon tocou seu cabelo, afastou-se dando um pulo.

Devagar, o guerreiro baixou a mão. O esforço para não fechá-la e apertar o punho doía. Entretanto, o fez sem dar-se conta; tinha jurado não voltar a permitir que o desejo por uma mulher governasse seus atos.

— Logo seremos marido e mulher — assinalou com aspereza.

Um calafrio percorreu Ariane.

— Reage assim com todos os homens — inquiriu — ou só comigo?

— Cumprirei com minhas obrigações — respondeu Ariane em voz baixa, consciente de que estava mentindo.

Tinha acreditado que poderia cumprir com seus deveres de esposa, mas agora sabia que não seria assim. Simplesmente, não podia forçar a si mesma a submeter-se de novo a uma violação.

Por desgraça, deu-se conta muito tarde. As bodas já estava marcadas e a armadilha se fechou sobre ela.

Não há saída.

Exceto uma.

Mas desta vez, o pensamento da morte não trouxe consolo a Ariane.

Como vou matar Simon, cujo único crime é sua lealdade para com seu irmão?

E se não fizer, como vou suportar uma violação atrás de outra, o resto de minha vida?

— Minhas obrigações... — murmurou.

— Obrigações — repetiu Simon em voz baixa — É isso tudo o que será capaz de levar para o casamento? É sua beleza como a de Enjoe, a Rameira, um exuberante corpo envolvendo uma alma fria e calculista?

Ariane não respondeu porque temia que, se abrisse a boca, o único som que sairia dela seria um grito de ira e traição.

— A espera que produz o nosso casamento me aflige —concluiu sarcástico — Só espero não ter que mandar um soldado para que a traga para o altar. Embora juro que o farei, se me obrigar.

Simon lhe deu as costas e abandonou o aposento sem dizer uma palavra mais. Tampouco era necessário. Ariane não duvidava de que Simon fizesse exatamente o que havia dito. Era, acima de tudo, um homem que mantinha seus juramentos.

Não há saída.

Salvo uma...

Sem que Ariane percebesse, seus dedos se fecharam sobre as cordas da harpa. Um gemido dissonante e desesperançado surgiu do instrumento.

Foi o único som que emitiu Ariane.

As bodas começariam antes que o sol se fosse e terminariam antes que se levantasse a lua, e antes que a lua voltasse sumir, a noiva devia encontrar um modo de matar.

Ou morrer.

***

CAPíTULO 03

As melancólicas e sutilmente dissonantes cordas da harpa vibravam no quarto de Ariane. Apesar do castelo do Círculo de Pedra ferver com os preparativos para as bodas que se aproximava, ninguém incomodou Ariane até que, com atraso, sua donzela, Blanche, foi ajudá-la.

Para Ariane bastou dar uma olhada para sua donzela para saber que sua saúde não tinha melhorado. O rosto da jovem ainda estava muito pálido. Sob o chapéu, o cabelo castanho claro de Blanche carecia de brilho, como seus olhos azuis. Era óbvio que aquele dia não se sentia muito melhor do que se sentiu na viagem da Normandia a Inglaterra.

— Bom dia, Blanche, ou deveria dizer boa tarde?

Não havia censura na voz de Ariane mas somente uma simples curiosidade.

— Não ouviu os sentinelas darem a hora? — perguntou-lhe a donzela.

— Não.

— Bom, é de esperar, tendo em conta suas próximas bodas com um prometido diferente do homem que esperava —concluiu Blanche com uma maturidade imprópria para seus quinze anos.

Ariane encolheu os ombros.

— Um homem ou outro é mais ou menos o mesmo.

Blanche a olhou sobressaltada.

— Desculpe-me, milady, mas há uma diferença considerável.

A única resposta de Ariane foi uma série de rápidas notas em sua harpa que soaram os seus sentimentos.

— Não é que a culpe por estar nervosa — acrescentou Blanche com urgência — As pessoas deste lugar são muito estranhas.

— Estranhas? — repetiu Ariane ausente, arrancando um tom interrogante das cordas da harpa.

— Oh! milady, passou tanto tempo tocando a harpa que seu cérebro está tão intumescido como devem estar seus dedos. Os Iniciados são estranhos, não acha?

Ariane piscou e manteve seus dedos quietos durante uns segundos.

— Não acredito que os Iniciados sejam estranhos — disse finalmente — Lady Amber é uma mulher encantadora, e sir Erik é muito educado e é mais atraente que a maioria dos cavalheiros que conheço.

— Mas esses enormes cães deles... e esse enorme falcão em seu braço... Não é natural.

— É tão natural como respirar. Todos os cavalheiros adoram seus cães e seus falcões.

— Mas... — protestou Blanche sem poder acabar.

— Já chega de bate-papos inúteis — interrompeu Ariane com firmeza — Todos os habitantes parecem estranhos quando não se viveu entre eles por muito tempo.

Blanche se limitou a guardar silêncio, enquanto preparava o banho de sua senhora. Um comprido passador de ébano fez com que Ariane recordasse sua recente conversa com a senhora do castelo.

— Viu um passador de âmbar vermelho? — inquiriu — Lady Amber perdeu um.

Blanche estava tão surpresa pela pergunta que só podia olhar a sua senhora e mordiscar uma unha quebrada.

— Blanche? Está indisposta de novo?

Inrubescida, a donzela negou com a cabeça fazendo com que umas poucas mechas escapassem da palha do chapéu que cobria sua cabeça.

— Se encontrar o passador — acrescentou Ariane —, faça-me saber.

— Não acredito que encontre nada antes de você, milady. Sir Geoffrey dizia freqüentemente o muito que se parecia com sua tia.

Ariane se moveu e não disse nada.

— Era verdade? — quis saber Blanche.

— O que?

— Que sua tia podia encontrar uma agulha de prata em um palheiro.

— Sim.

A donzela sorriu, mostrando o oco de um dente perdido nas garras do ferreiro quando tinha doze anos.

— Seria um dom excelente poder encontrar coisas perdidas — comentou suspirando — Lady Eleanor sempre me batia por perder suas agulhas de bordar de prata.

— Sei.

— Não fique triste — disse Blanche— Estou segura de que logo encontrarão o passador de lady Amber.

— Não.

A singela negação fez com que a donzela piscasse.

— Mas sir Geoffrey disse que vocês encontraram uma taça e uma jarra de prata que ninguém... — começou.

— Está pronto meu banho? — perguntou Ariane, cortando as palavras da donzela.

— Sim, milady — respondeu Blanche em voz baixa.

Ariane sentia compaixão pela donzela, mas não desejava explicar que tinha perdido seu dom junto com sua virgindade.

Além disso, estremecia cada vez que ouvia o nome de Geoffrey.

— Prepare minha melhor regata e o vestido escarlate — pediu em voz baixa.

Tanto se fossem bodas ou um velório, o vestido seria apropriado.

— Mas não posso fazer isso, milady — se apressou a dizer a donzela.

— Por que? —exigiu saber Ariane.

— Lady Amber me disse que traria em pessoa seu vestido de bodas.

A angústia se apoderou de Ariane.

— Quando ocorreu?

— Outra bruxa, perdão... Iniciada, veio ao castelo — respondeu Blanche.

— Quando?

— Ao amanhecer. Não ouviram os uivos desses cães do inferno?

— Pensei que estava sonhando.

— Não — negou Blanche — Era uma Iniciada que chegava ao castelo com um presente para você. Um vestido com qual vai casar.

Ariane franziu o cenho e deixou sua harpa de um lado.

— Amber não me disse nada.

— Possivelmente não tenha conseguido. A recém chegada tem o cabelo branco e olhos como o gelo. — Blanche se apressou a fazer o sinal da cruz—. Seu nome é Cassandra e diz que vê o futuro. Aqui há bruxas por toda parte, milady.

Ariane encolheu os ombros.

— Segundo alguns, também havia bruxas em nosso lar. Minha tia era uma delas, como eu. Recorda?

Blanche parecia confusa.

— Se a faz sentir melhor, conheci Cassandra há uns dias e posso te assegurar que é humana — acrescentou Ariane.

A criada relaxou o cenho e suspirou.

— O sacerdote me assegurou que aqui se seguem fielmente os ensinos cristãos, apesar dos falatórios — reconheceu Blanche — É um consolo sabê-lo. Seria espantoso que meu fi...

As palavras da donzela se cortaram bruscamente.

— Não se preocupe — disse Ariane com calma — Sei que está grávida, e o menino não sofrerá nenhum dano. Simon prometeu.

Blanche ainda parecia alarmada.

— Gostaria que Simon procurasse um marido para você? — perguntou Ariane.

A tristeza substituiu o alarme no rosto de Blanche.

— Não, obrigado, milady.

Ariane levantou as sobrancelhas, surpresa.

—Sabe quem é o pai de seu filho? — perguntou.

Blanche hesitou por um momento antes de assentir.

— Está na Normandia?

— Não.

—N esse caso, tem que ser um de meus homens. É um escudeiro ou um soldado?

Blanche negou com a cabeça.

— Um cavalheiro então — deduziu Ariane em voz baixa — Era um dos que morreu daquelas terríveis febres?

— Não importa — sussurrou Blanche limpando a garganta — Nenhum cavalheiro se casaria com uma criada que não tem família ou dote, e que nem sequer é especialmente bela.

Havia lágrimas nos olhos azuis da donzela, o que fazia com que brilhassem com uma claridade incomum.

— Não se preocupe — a tranqüilizou Ariane —, ao menos, nenhum homem te persegue pelo que possa conseguir de ti, nem a tomará pela força.

Blanche olhou a sua senhora com estranheza e não disse nada.

— Não tenha medo — continuou Ariane com amargura —, seu filho e você serão bem cuidados, e não terá que suportar um marido em sua cama, se não o desejar.

— Bom — sorriu Blanche —, isso não é tão mau. No inverno, um homem dá mais calor que um porco e não cheira tanto quanto. Ao menos a maioria.

De repente, Ariane recordou o momento em que Simon se inclinou sobre ela, até que seu fôlego lhe acariciou a nuca.

— Deveria pedir a Meg que fizesse um sabão especial para satisfazer seu delicioso nariz?

— Oh! não. Seu aroma é muito agradável.

Uma estranha sensação se apoderou de Ariane ao dar-se conta de quão certas tinham sido suas palavras. Simon era o único homem pelo qual se sentiu atraída. Se tudo o que tivesse que fazer como esposa fosse cuidar dele, de suas contas e sua comodidade...

Mas isso não era tudo o que um homem desejava de sua esposa, nem tudo o que requeria Deus.

— Milady? Está bem?

— Sim — respondeu em voz baixa.

Blanche se inclinou para frente e observou mais atentamente a sua senhora.

— Estão muito pálida — disse, preocupada — Também está grávida?

Ariane emitiu um som áspero.

— Não — negou, cortante.

— Sinto muito, não pretendia insultá-la — se desculpou Blanche falando atropeladamente — É só que não faço mais que pensar em bebês, e sir Geoffrey disse que vocês estavam ansiosos para tê-los.

— Sir Geoffrey estava errado.

A letal calma na voz de Ariane indicou a Blanche que havia tornado a transpassar os limites estabelecidos entre uma dama e sua donzela.

Suspirou e desejou que todos os nobres fossem tão amáveis como sir Geoffrey. Não havia dúvida de que lady Ariane se tornou sombria e distante, depois de que a informaram que seria enviada a Inglaterra para casar-se com um rude saxão desconhecido, em lugar de ficar em casa para casar-se com sir Geoffrey, que era filho de um grande barão normando.

Ariane a Traída.

— Suas coisas estão preparadas, milady — disse Blanche com compaixão — Deseja que a ajude com o banho?

— Não.

Embora as marcas de sua tortura nas mãos de Geoffrey há tempo hovessem desaparecido de seu corpo, Ariane não podia suportar nem o mínimo contato com sua criada.

Em particular . se Blanche continuasse falando com admiração de Geoffrey o Justo.

***

CAPíTULO 04

Um alegre fogo proporcionava calor e suave fragrância de fumaça no terceiro andar do castelo do Círculo de Pedra. Os cortinados do dossel do leito estavam abertos e um carrancudo Dominic o Sabre se sentava junto a uma mesa com carne fria, pão, frutas frescas e cerveja.

Seu rosto tinha uma expressão amarga que teria assustado aos mais rudes guerreiros. Tanto por seu tamanho como pela jóia glendruid que luzia em seu manto, um antigo broche de prata em forma de cabeça de lobo com claros e estranhos olhos de cristal, sua presença era imponente.

Pensar no matrimônio que teria lugar em algumas horas não tranquilizava Dominic. O vínculo de afeto entre ele e seu irmão era muito mais profundo do que o sangue e os costumes exigiam.

— Queria me ver? — disse Simon.

O cenho de Dorninic suavizou ao olhar o alto e poderoso guerreiro que se elevava ante ele. Simon tinha o cabelo revolto pelo vento e seu manto estava jogado para trás, revelando a túnica escarlate com brocados púrpura e prata que Erik lhe tinha dado.

Sob as elegantes vestimentas havia um corpo forte e preparado para a batalha. Apesar de ser o primeiro tenente de Dominic, Simón nunca evitava os intermináveis treinamentos de luta que o lobo dos glendruid impunha a todos seus cavalheiros, incluíndo ele mesmo.

—Está em forma —aprovou Dominic.

— Fez com que viesse correndo do pátio de armas até aqui em cima para saber se estava em forma? —replicou Simon— Da próxima vez corra comigo. O fará ter uma idéia melhor de minha energia e minha resistência.

Dominic começou a rir, mas sua risada se desvaneceu e sua boca voltou a formar linhas sombrias. Conhecia seu irmão muito bem para não perceber sua preoucupação.

—O que aconteceu? —quis saber Simon ao observar a expressão dos olhos de Dominic— Tem notícias de Blackthorne? Algo está errado?

—Blackthorne está bem, e os cofres com o dote de Ariane ainda permanecem guardados e sem abrir no arsenal, protegidos por Thomas o Forte.

—Então, por que está assim? Sven encontrou cavaleiros vikings ou saxões nas imediações?

—Não.

—Onde está Meg? Erik, o atraente feiticeiro, arrumou um jeito de separá-la de ti?

Naquela ocasião, a risada de Dominic foi de pura diversão.

—Pode ser que Erik seja atraente —reconheceu—, mas minha esposa jamais poderia separar-se de mim, como eu não poderia me separar dela.

Sorrindo, Simon admitiu aquilo que já sabia com certeza: a lealdade de lady Margaret a Dominic era tão profunda como a sua própria.

—Alegra-me que aceitou Meg como uma irmã —acrescentou Dominic— Sente-se comigo, irmão; come de meu prato e bebe de minha jarra.

Simon jogou uma olhada à delicada cadeira que estava frente a Dominic e decidiu trazer um banco, que repousava contra a parede. Ao sentar-se, acomodou sua espada sobre o quadril direito. A graça inconsciente daquele gesto dizia muito de sua habilidade com as armas.

— Claro que aceitei a Meg como uma irmã — respondeu Simon agarrando a jarra de cerveja.

— Entretanto, não sente nenhuma estima pelas feiticeiras, independentemente de que façam o bem ou o mal.

Simon serviu mais cerveja da quase vazia jarra, saudou Dominic em silêncio, e bebeu. Depois de alguns goles, deixou a jarra de lado e olhou seu senhor com olhos negros como a noite.

—Meg arriscou a vida para salvá-lo — recordou a seu irmão, — Isso faz com que seja imensamente valiosa para mim.

—Simon, o Leal —disse Dominic com suavidade— Há poucas coisas que não fizesse por mim.

—Não há nenhuma.

A matiz cortante na voz de Simon não tranqüilizou Dominic, que voltou a franzir o cenho. Agarrou a jarra, bebeu e voltou a enchê-la.

—Foi leal a mim antes de lutar contra os sarracenos —refletiu ao final de uns segundos—, mas era um tipo de lealdade diferente.

—Somos irmãos.

—Não —negou Dominic empurrando a jarra de cerveja para Simon—, é mais que isso.

O tom na voz de seu senhor paralisou Simon, que olhou seu irmão com a jarra a meio caminho de seus lábios e se encontrou com um olhar penetrante e tão fixo como a da cabeça de lobo de seu broche.

—É como se sentisse responsável pelo fato do sultão me torturar — continuou Dominic.

—Sou —afirmou Simón com aspereza.

—Não! —negou Dominic— Os homens caíram naquela emboscada por causa de meu engano.

—Foi a traição de uma mulher que nos meteu nessa emboscada — rebateu Simon sem emoção, largando a jarra com brutalidade— Enjoe enganou Robert, e foi infiel com qualquer um que cruzasse seu caminho.

—Não é a primeira que o faz e não será a última —sentenciou Dominic— Mas não podia deixar uma mulher cristã a mercê dos sarracenos, embora tivesse vivido entre eles desde que a sequestraram, quando menina.

—Nem seus cavalheiros teriam permitido —assinalou Simon sarcástico—. Todos estão presos a sua sedução.

Os lábios de Dominic desenharam um pequeno sorriso.

—Sim. Sabe utilizar sabiamente seu corpo na cama, e a necessito para manter meus cavalheiros normandos longe das filhas dos saxões.

Reclinando-se sobre a pesada cadeira de carvalho gasta das estadias senhoriais de Blackthorne, o lobo dos glendruid cravou seus penetrantes olhos cinzentos em Simon.

— Chegou a me preocupar que tivesse se enroscado nas redes de Enjoe — admitiu depois de uns segundos.

—Assim foi durante um tempo.

Dominic ocultou sua surpresa. Sempre tinha se perguntado até que ponto sucumbiu seu irmão à sedução de Enjoe.

—Também tentou enganar a ti —apontou Simon. Dominic assentiu.

—Mas descobriu seu frio jogo antes de mim —acrescentou Simon.

—Sou quatro anos mais velho que você. Enjoe não era a minha primeira mulher.

—Tampouco a minha —disse Simon.

—As outras eram jovenzinhas com menos experiência que você. Enjoe era... —deu de ombros— Foi treinada em um harém para dar prazer a seu amo.

—Isso já não importa. Enjoe já não pode me provocar.

—Certo —conveio Dominic— A vi tentá-lo todo o caminho de Jerusalém à fortaleza de Blackthorne. Rechaçou-a educadamente, mas talvez tivesse aceitado antes a uma serpente do que ela, por que?

A expressão de Simon mudou.

—Mandou me chamar para falar de rameiras, milorde?

Respirando fundo, Dominic aceitou que não conseguiria que Simon continuasse falando de Enjoe.

—Não . — reconheceu — queria te perguntar sobre seu casamento.

—É contra Ariane? —exigiu saber Simon com brutalidade.

Dominic elevou as sobrancelhas de repente.

—Não —se limitou a dizer.

Simon exalou uma respiração contida.

—Excelente.

—Seriamente? Lady Ariane não é muita propensa ao casamento.

—Blackthorne não sobreviveria à guerra provocada pelo fato de Duncan, um guerreiro escocês sem nome, deixar plantada no altar uma herdeira normanda — afirmou Simon cortante — Ariane será minha esposa, antes da meia-noite.

— Essa mulher me parece muito fria — declarou Dominic.

A expressão no rosto de Simon era de ligeira diversão. Com uma velocidade e destreza que haveriam posto nervoso a mais de um inimigo, extraiu sua adaga do cinturão e atravessou despreocupadamente uma parte de carne. Seus fortes e brancos dentes se afundaram no veado e mastigaram.

Um instante depois, a ponta da adaga voltava a cravar-se em outra parte da carne e com um breve movimento de seu braço, Simon lançou a fatia para Dominic, que a capturou com habilidade.

—Seu casamento não era muito quente no começo—disse Simon enquanto seu irmão comia.

Dominic sorriu levemente.

—Meu pequeno falcão é um digno adversário—concedeu.

Simon se pôs-se a rir.

—Quase ganha, irmão. Concordo. Mas eu me conformo com menos paixão e mais tranqüilidade em meu casamento.

Os olhos cinzentos do lobo dos glendruid olharam os de Simon. Além dos muros de pedra, um precoce vento invernal uivava com tanta fúria que agitava os pesados cortinados.

O quarto estava luxuosamente mobiliado, já que tinha sido desenhado para a senhora do castelo do Círculo de Pedra. Agora servia como residência temporária de Dominic e Meg, senhores da fortaleza de Blackthorne. Não obstante, nem sequer os grossos muros de pedra, os espessos cortinados e os estreitos ventos podiam manter longe as geladas garras de uma inoportuna tormenta.

—É um homem apaixonado —afirmou Dominic.

Os olhos de Simon adquiriram um tom ainda mais negro.

—Os jovens se deixam controlar pela paixão —assinalou—; os homens não.

—Certo, mas os homens continuam sendo apaixonados.

—Por que não me diz claramente a razão de ter mandado me chamar?

Dominic fez uma careta. Apesar de ser o irmão mais velho e senhor de Simon, este tinha pouca paciência para os conselhos. Entretanto, jamais tinha existido um cavalheiro mais leal. Dominic estava tão seguro daquilo como do amor de sua mulher.

—Tenho descoberto que um casamento apaixonado é algo pelo qual vale a pena viver —afirmou.

Simon grunhiu e não disse nada.

— O que disse? —perguntou Dominic.

A impaciência no encolhimento de ombros de seu irmão tinha seu reflexo na fina linha de sua boca.

—Se estou de acordo ou não é irrelevante —aduziu Simon.

—Quando me resgatou do inferno do sultão...

—Depois de se oferecer como resgate por mim e outros onze cavalheiros —recordou Simon.

—Era um homem —continuou Dominic ignorando a interrupção de seu irmão.

—Sério? —disse Simon em tom mordaz— Os poucos sarracenos que sobreviveram a sua espada, depois daquilo, devem sentir-se aliviados.

A boca do lobo dos glendruid se abriu em um sorriso tão duro como a do seu irmão.

—Não falava de minha habilidade na luta —esclareceu Dominic.

—Excelente. Por um momento pensei que sua esposa, a doce alma de bruxa, tinha conseguido te nublar a mente.

—Falava de sua falta de paixão.

Simon voltou a encolher os ombros.

—Enjoe nunca se queixou de que faltasse algo, antes de se casar com Robert; depois disso, lamentava-se amargamente de que não dormisse com ela.

O lobo dos glendruid proferiu um som impaciente.

—Basta, irmão. Sei muito bem o quanto é rápida sua mente.

Simon esperou.

—A luxúria é uma coisa —disse Dominic sem rodeios— O amor, outra.

—Possivelmente para você. Para mim, ambas significam uma vulnerabilidade que um homem não pode se permitir.

Dominic lhe dedicou um amplo sorriso de lobo. Sabia bem o que pensava Simon em relação aos homens que se deixavam apanhar pelo amor. «Estúpidos» era a palavra menos insultante que o tinha ouvido usar.

—Mas não foi sempre assim. Só desde que me torturaram naquela maldita masmorra sarracena.

—Nada do que aprendi nas Cruzadas me levou a pensar que um homem vulnerável fosse sábio —respondeu Simon.

—O amor não é uma guerra entre inimigos; não terá que ganhar ou perder.

—Em seu caso, é certo —concedeu Simon— No de outros homens, não.

— Não aprendeu nada com Duncan?

—Nada do que vi em Duncan me trasmite amor —respondeu Simon sereno, Dominic pareceu surpreender-se.

—Por Deus —resmungou Simon— Duncan esteve a ponto de perder a vida nesse maldito lugar sagrado, quando encontrou Amber!

—Mas não morreu. O amor era mais forte.

—Amor? —mofou-se— Duncan preferia morrer antes de permitir que o amor vencesse.

O lobo dos glendruid olhou com afeto a seu atraente irmão loiro, que amava acima de tudo, salvo sua esposa, Meg.

—Está errado —afirmou finalmente— Como eu ao sair do inferno daquele sultão.

Simon começou a protestar, entretanto, pensou melhor, e só encolheu os ombros.

—Sim —disse Dominic—, sabe do que falo. Você foi o primeiro a ver a diferença em mim. Perdi grande parte de minha humanidade naquelas masmorras.

De novo, Simon não discordou.

—Meg trouxe calidez para minha alma —continuou Dominic— E então, me dei conta de algo.

—A debilidade? —perguntou Simon irônico.

Um sorriso de lobo brilhou e se desvaneceu.

—Não. Você, Simon.

—Eu?

—Sim. Como eu, perdeu grande parte de sua humanidade em terras sarracenas.

Simon encolheu os ombros.

—Então, a herdeira normanda e eu nos parecemos.

—Isso é o que me preocupa —aduziu Dominic— Se parecem muito, quem trará calidez a sua alma, se casar com Ariane?

Simon espetou outra parte de carne.

—Não se preocupe, irmão. A calidez não será um problema para mim.

—Não? Parece estar bastante seguro.

—Estou.

—E como pensa obter esse milagre? —perguntou Dominic com ceticismo.

—Forrarei meu manto com peles.

CAPíTULO 05

Entre uivos de vento e pingos de chuva gélida, o sentinela gritou a hora. O grito se repetiu através do pátio de armas, indicando aos servos que deixassem suas ferramentas e guardassem o gado nas cercas, apesar de ainda não ter anoitecido.

Imóvel exceto por sua respiração, Ariane observava o pátio de armas da janela. Tentava concentrar-se na vista que se estendia a seus pés, em um intento por lutar contra o medo que lhe produzia a noite que se aproximava. Um aroma vinha da área da cozinha. Os serventes trabalhavam nervosos entre fornos que tinham começado a funcionar muito antes do amanhecer, cozinhando e preparando todo o necessário para o apressado banquete nupcial.

—É uma sorte que a colheita tenha sido boa —comentou Cassandra da porta— De outro modo, o castelo teria tido dificuldades para preparar um banquete digno destas bodas.

Houve pouco tempo para preparar-se para uma aliança tão importante.

Ariane se voltou devagar. Não estava surpresa de ver Cassandra, já que tinha reconhecido a voz da Iniciada mesmo antes de ver seu manto escarlate. Entretanto, surpreendeu-lhe o tecido que a anciã segurava em suas mãos.

Com um gemido de admiração, Ariane se aproximou. Seu primeiro pensamento foi de que nunca tinha visto um vestido mais formoso.

Elaborados por pontos prateados, que brilhavam intensamente no decote e no cós, estendendo-se como sinuosos relâmpagos ao longo das largas e elaboradas mangas.

O segundo pensamento de Ariane foi que o estranho tecido era da cor de seus olhos. E, por último, pensou que um objeto tão magnífico merecia ser

usado por uma noiva feliz, não por uma que procurasse qualquer saída da armadilha que seria o casamento. Inclusive a morte.

Os claros olhos de Cassandra observaram cada matiz da resposta de Ariane, do brilho agradável que surgiu nos escuros olhos da herdeira normanda ao ver o tecido, até os delicados dedos aproximando-se do tecido... e fechando-se em um punho perto de seu objetivo.

—Pode tocar o vestido, lady Ariane. É nosso presente para você.

—Nosso?

—Dos Iniciados. Apesar da adversidade de seu futuro, vistos por nossas práticas, nós... apreciamos Simon.

—Por que?

A perguntou direta não incomodou à anciã; fez com que sorrisse.

—Simon possui potencial para chegar a ser um Iniciado — respondeu Cassandra — Nem todos tem.

O belo presente que seguravam as mãos de Cassandra cativou Ariane. O sutil jogo da luz sobre o elaborado e escuro tecido era hipnótico.

De repente, Ariane piscou, paralisada por algo que não podia nomear, só sentir; algo que se formava no interior do tecido, uma imagem que a atraía como as cordas de uma antiga harpa. Sob as cintilantes pinceladas de brocado, imbuídas na cor e a textura do próprio tecido, apareciam duas figuras...

Sem perceber, Ariane passou a mão para seguir o desenho. Este brilhava através do objeto como uma ametista sob a lua cheia de outono. O jogo de cores e luzes era tão sutil como um suspiro em uma tormenta, mas o desenho era inconfundível, para qualquer um que tivesse sensibilidade para descobri-lo.

Assim que tocou o tecido, Ariane soube que as figuras não eram dois cavalheiros lutando, nem dois nobres caçando com um falcão, nem dois monges concentrados na oração. As figuras eram um homem e uma mulher, e estavam tão entrelaçados como os fios do próprio tecido.

A jovem desenhou em silêncio as figuras com a ponta dos dedos, começando pelo comprido cabelo da mulher, que parecia flutuar. O suave tecido era incrivelmente cálido, e tão flexível que parecia ter vida própria.

Seu tato era maravilhoso, mas ainda mais fascinante era o padrão, que se tornava mais claro a cada segundo que os dedos de Ariane se moviam nele. Embora os rostos permaneciam ocultos no sutil reflexo do tecido, o corte tinha sido tão bem feito que não era difícil distinguir o homem e a mulher.

Uma mulher de intensa emoção, com a cabeça jogada para trás e o cabelo caindo por suas costas, com os lábios abertos em um grito de incrível êxtase.

Enfeitiçada.

E um guerreiro tão disciplinado como apaixonado, todo seu ser centrado no momento.

O feiticeiro.

Ele se inclinava sobre ela, bebendo seus gemidos e provocando um intenso prazer. Seu poderoso corpo sobre o da mulher, esperando, estremecendo-se com uma voracidade sensual tão forte como sua capacidade de contenção.

Simon?

Sobressaltada, Ariane retirou os dedos.

— Não, não pode ser — murmurou.

Cassandra entrecerrou os olhos, mas, quando falou, sua voz era fina, quase suplicante.

—O que houve? —inquiriu a Iniciada— O que vê?

Ariane não respondeu e seguiu olhando o vestido.

O tecido voltou a mudar enquanto observava. Os olhos negros de Simon lhe devolviam o olhar, prometendo um mundo no qual ela já não acreditava, um mundo tão quente e brilhante como as ametistas e o vinho.

Bruxaria.

—Não —sussurrou de novo—, não pode ser! É só um truque!

—O que é o que não pode ser?

Desta vez, a voz da Iniciada era mais potente.

A única resposta de Ariane foi um sacudir de cabeça com tanta brutalidade que algumas mechas negras se libertaram de seu elaborado penteado. Entretanto, enquanto se afastava do tecido, tocou-o uma vez mais.

Ou foi o contrário?

—Não —repetiu Ariane— Não pode ser!

Cassandra envolveu as mãos da jovem com o tecido.

—Não há nada que temer —a tranqüilizou a Iniciada em tom despreocupado— É somente um vestido.

—Parece... o tecido parece muito frágil para usá-lo.

Ariane disse aquela meia-verdade com rapidez, obrigando-se a olhar nos claros olhos de Cassandra em lugar do vestido que, mesmo agora, deslizava-se acariciador sobre suas mãos.

—Frágil? —riu a anciã— Nada mais longe da realidade, milady. O tecido é tão forte como a própria esperança. Não vê o sonhos tecidos no tecido?

—A esperança é para os estúpidos.

—Seriamente?

Ariane curvou os lábios em um gesto muito amargo para ser um sorriso.

—Sim.

—Então, o tecido de Serena não terá nenhum valor —profetizou Cassandra— Só responde aos sonhos, e sem esperança não há sonhos.

—Fala coisas sem sentido.

—Isso é algo que freqüentemente se atribui aos Iniciados, sente-se melhor sua donzela hoje?

—Né..., sim —respondeu Ariane confusa ante a abrupta mudança de assunto.

—Bem. Por favor, lhe recorde que não tome mais poção que lhe dei, muita quantidade pode aturdir seu cérebro.

— Qual a diferença? —murmurou Ariane— Essa jovenzinha sempre está distraída.

Cassandra sorria, o que fazia com que seu rosto passasse da austeridade a diversão.

— Não se engane; Blanche não é o que parece — advertiu a anciã— Embora seja bastante inteligente, sempre se distrairá com a novidade que mais chame a atenção no momento.

Ariane não pôde evitar sorrir ante a ardilosa afirmação da Iniciada a respeito de sua donzela.

Cassandra se retirou, com uma inclinação de cabeça, deixando Ariane a sós com o extraordinário vestido que era da mesma cor de seus olhos.

A jovem observou o tecido com certa apreensão, mas foi incapaz de ver nada à exceção das ondas de luz sobre o extraordinário objeto.

Ariane não sabia se sentia-se aliviada ou decepcionada. Com uma palavra entre dentes, agarrou o vestido para esticá-lo sobre a cama.

A mesma cama que essa noite compartilharia com Simon.

Não posso suportá-lo. Outra vez não.

Nunca mais!

Em lugar de soltar o vestido, suas mãos se fecharam com força. O objeto lhe transmitiu então uma incrível paz, lhe falando entre sussurros de um sensual mundo de ametista no que as mulheres gritavam de prazer, não de dor.

Sem prendê-lo, Ariane observou o objeto, admirando-o. Logo olhou dentro dele...

Um guerreiro tão disciplinado como apaixonado, todo seu ser centrado no momento.

Seu poderoso corpo sobre o da mulher.

Aquele pensamento fez surgir uma onda de emoção em Ariane, com emoção, fazendo com que se sentisse mais presa que nunca.

A esperança é para os idiotas! Só há uma saída, e rogo ter a força suficiente para tomá-la.

—Lady Ariane?

A voz foi como uma bofetada para a jovem normanda, que deixou cair o vestido precipitadamente sobre a cama e se virou para a porta.

Lady Margaret, a mulher do lobo dos glendruid, permanecia quieta na soleira, esperando que Ariane lhe desse atenção. Em seus verdes olhos havia tanto curiosidade como compaixão.

—Sinto incomodar — se desculpou Meg.

—Não foi nada.

A voz de Ariane soava áspera, como se não a tivesse usado durante um longo tempo. Distante, perguntou-se quanto tempo teria estado observando o tecido, lutando contra seu feitiço apesar de uma obstinada parte de sua alma tentar alcançar o sonho que brilhava, fora de seu alcance.

Estúpida.

—Fiz um pouco de sabão para você. Vou deixar junto a banheira —disse Meg— Espero que você goste.

‘’ —Deveria pedir a Meg que me fizesse um sabão especial para satisfazer seu delicioso nariz?

—Oh! não. Seu aroma me é muito agradável.’’

Ariane emitiu um curto gemido quando a lembrança de Simon surgiu em seu interior, misturado-se com as imagens do vestido ametista.

Poderia ser ela a mulher do misterioso tecido? Era possível?

Estúpida! Não é mais que uma artimanha para que aceite o casamento com um homem que os Iniciados apreciam. Os únicos que desfrutam no leito conjugal são os homens.

— Milady? —interrompeu Meg entrando no quarto— Está bem? Deveria mandar procurar Simon?

—Para que? —inquiriu Ariane com voz rouca.

—Tem boa mão com as doenças.

—Simon?

Meg sorriu ante o ceticismo na voz de Ariane.

—Sim —assentiu— Apesar de seus olhos negros e seu sorriso irônico, Simon tem bom coração.

Ariane suspeitou que seu rosto refletia sua absoluta incredulidade quando Meg seguiu com a ladainha de elogios sobre Simon.

—Em certa ocasião, Dominic esteve tão doente que não podia distinguir amigos de inimigos; e durante o tempo que durou sua doença, Simon dormiu na porta, para que o mais leve sussurro o alertasse das necessidades de seu irmão.

—Ah, Dominic —disse Ariane como se a só menção do lobo dos glendruid explicasse tudo.

E assim era. Simon recebia o apoio de “o Leal” pela fidelidade que professava ao seu irmão.

— Não apenas Dominic conhece a ternura de Simon —replicou Meg— Os gatos do castelo competem por suas carícias.

—Sério?

Meg assentiu, fazendo com que a luz se refletisse como línguas de fogo em seu cabelo. Os adornos de ouro que rematavam suas longas tranças repicavam docemente com cada movimento de sua cabeça.

—Os gatos? Que curioso —refletiu Ariane franzindo o cenho.

—Simon tem um dom estranho com eles.

—Possivelmente vejam um reflexo de si mesmos nele. Crueldade, não gentileza.

—De verdade acredita nisso?

Ariane não respondeu.

—Simon foi tão rude contigo na viagem de Blackthorne ao castelo do Círculo de Pedra? —quis saber Meg, cortante.

Ariane hesitou, desejando ter a harpa para poder ocultar o tremor de suas mãos e de sua alma. Mas a harpa estava do outro lado do quarto e ela não estava disposta a mostrar sua debilidade diante da jovem glendruid de inquietantes olhos verdes.

—Milady? —insistiu Meg.

—Não —confessou Ariane, resistindo— O caminho foi difícil, e o tempo horrível, mas Simon me tratou bem.

—Então, por que acha que é cruel?

—É um homem —sentenciou Ariane com simplicidade.

—E? —disse Meg sorrindo.

Ariane continuou falando como se não tivesse escutado a pergunta.

—Debaixo desse sorriso e esse cabelo brilhante como o sol, só espera o melhor momento para revelar sua crueldade.

Meg exalou um som exasperado.

—Não estou menosprezando Simon —se justificou Ariane— Todos os homens são cruéis e seria uma estupidez esperar o contrário.

Meg observou a herdeira normanda como uma glendruid, vendo a verdade nela.

Ariane, traída.

—Simon jamais a trairia — assegurou Meg— Tem que me acreditar.

Ariane lhe dirigiu um olhar desolado como única resposta.

—Nunca terá uma amante —continuou Meg, cortante— Dominic e ele se parecem nisso. São homens de honra.

—Simon pode ter amantes, com minha bênção. Assim poderei dormir em paz.

Meg tentou ocultar sua consternação, mas não pôde.

—Lady Ariane, está mal informado em relação ao que acontece quando se unem um homem e uma mulher — se apressou a dizer.

—É você quem está equivocada. Eu fui bem preparada para o que vai acontecer.

Cada palavra de Ariane era incisiva, precisa e fria. Mesmo quando Meg abriu a boca para rebater a jovem normanda, seus olhos de glendruid viram a inutilidade das palavras.

Independentemente do tipo de traição que tivesse sofrido, sua dor era muito profunda para que as simples palavras a curassem. Só os fatos poderiam convencê-la. Só os fatos podiam curar sua alma.

—Em quinze dias, falaremos de novo sobre crueldade e traição — disse Meg, tranqüila — Acho então que terá mais experiência com a ternura de Simon.

Ariane mal reprimiu um calafrio.

—Se me desculpar, lady Margaret —se desculpou com firmeza—, meu banho está esfriando.

—É obvio. Mandarei Blanche com mais água...

—Não — interrompeu Ariane. Ao ouvir a brutalidade de sua própria voz, respirou fundo e se obrigou a sorrir— Obrigado, senhora de Blackthorne — acrescentou cortês— mas prefiro me ocupar eu mesma de meu banho.

Ariane deixou o quarto sem olhar para trás; temia ver a especulação nos perspicazes olhos verdes da jovem glendruid e não queria saber o que faria Meg se descobrisse que a noiva pretendia levar para a cama nupcial uma mortífera adaga de prata.

Como vou ser capaz de matar Simon? Como vou ser capaz de não fazer? E se tudo de errado, serei capaz de suicidar-me? As perguntas mortificavam Ariane enquanto se banhava. Só havia uma resposta a seus sombrios pensamentos.

Não podia voltar a deitar sob um homem. Nenhum homem.

Nem sequer um que a chamasse da profundidade do misterioso sonho ametista.

***

CAPíTULO 06

Os brindes dos cavalheiros reunidos no banquete nupcial se tornavam mais e mais irreverentes com cada jarra de cerveja e taça de vinho consumidas. Assim como a cerimônia tinha sido elegante, breve e solene, o banquete compensava a restrição anterior.

Lorde Erik, filho de Robert do Norte, observava o casal de recém casados de sua cadeira, na mesa de Duncan, na cabeceira do grande salão. Nada do que via ajudava a acalmar a inquietação que crescia em seu interior. Simon era cortês com sua esposa, nada mais.

Se não via a hora de compartilhar leito com sua herdeira normanda, não o notava.

Entretanto, era Ariane quem perturbava a paz mental de Erik. Apesar de que a noiva luzia o complexo e extraordinariamente belo brocado de Serena, não havia alegria no rosto ou nos gestos de Ariane. Mas haviam traços de terror e uma ira mal contida. Seus magníficos olhos ametista estavam velados por sombras que nada ficavam a dever a gélida noite que envolvia o castelo.

Durante a cerimônia e a celebração subseqüentes, os dedos da noiva tinham estado movendo-se sutilmente, como procurando pela harpa que expressasse tudo o que ela não podia dizer.

—Sem dúvida, Ariane sofreu cruelmente nas mãos de alguém.

Mas quem é esse alguém e por que infligiu-lhe tanta dor?

Ninguém se afastou do banquete para responder as palavras de Erik, já que tinham sido pronunciadas em uma voz muito baixa. Não obstante, Cassandra as ouviu com clareza. Assim que terminou o banquete e começaram a rodadas de brindes cada vez mais grosseiros, colocou-se atrás de seu antigo tutelado. Em silêncio, observou-o, enquanto ele levantava sua taça e respondia aos brinde com um amável sorriso que não revelava seus pensamentos.

— Diga-me, Iniciada —falou Erik sem tirar os olhos de Ariane —, o que nossa herdeira normanda achou do vestido de Serena?

— O vestido de Serena é como a própria Serena —se limitou a dizer Cassandra.

—O que quer dizer com isso? —replicou Erik— Nunca vi essa velha harpía.

—Não é velha.

Erik proferiu um som impaciente. Aquela era sua primeira oportunidade para ter uma conversa particular com Cassandra desde que o vestido de bodas chegou ao castelo. A curiosidade e uma urgente necessidade de conhecer os perigos que poderiam espreitar suas terras faziam com que se mostrasse mais brusco.

Com um sorriso feroz, Erik levantou sua taça em resposta a um brinde que pedia que a união fosse tão fértil como estrelas que havia no céu.

—Não me importa se Serena acaba de nascer ou está perto da tumba — murmurou o jovem feiticeiro deixando a taça com um golpe seco.

Nos lábios de Cassandra se formou uma linha desdenhosamente próxima de um sorriso.

—Por Deus — insistiu Erik sem levantar a vista— Me diga o que devo saber e me economize os detalhes!

Os lábios da Iniciada formavam agora um aberto sorriso e seus olhos prateados brilhavam com diversão. Era pouco freqüente conseguir fazer com que Erik perdesse o controle com tanta facilidade.

—Relaxe —murmurou— Não é sua noite de bodas.

—Ah, Deus, obrigado —-resmungou entre dentes— Não estou de muito bom humor para seduzir uma rainha de gelo esta noite, sem importar quanta riqueza tenha trazido do outro lado do oceano para pô-la a meus pés.

—Ah, mas Ariane não é uma deusa de gelo. Aquelas palavras, produziram uma sutil mudança em Erik.

Embora não se movesse, de algum modo estava mais vivo, mais alerta, como um predador sobre um rastro fresco.

Do outro lado de Erik, Stagkiller se levantou em um arranque de poder e observou os dourados olhos de seu dono com uns olhos não menos dourados.

—O vestido aceitou Ariane! —exclamou Erik em voz baixa.

—Até certo ponto.

—Fale claro.

—Um Iniciado falando claro? O que aconteceria com a tradição?

Erik demorou para entender que a mulher que amava como uma mãe estava zombando dele habilmente.

—-Fale como quiser, mas faça rápido — urgiu—- Stagkiller está ansioso para correr pela noite, e eu também.

—Correr pela noite — zombou Cassandra— Convém que os não Iniciados pensem em ti como em um feiticeiro, que pode transformar-se em lobo, não é certo?

Erik mostrou os dentes em um sorriso fugaz.

—Economizou-me muitas negociações tediosas com primos avarentos, foragidos e cavalheiros desleais.

Cassandra tornou a rir e se rendeu.

—Ariane viu algo no vestido — explicou.

—O que?

—Não disse.

O bom humor no rosto de Erik se desvaneceu.

—Então, como sabe que o vestido a aceitou? — inquiriu.

—Segurou e acariciou o tecido como se não pudesse separar-se dela.

Gostou de fazê-lo.

Erik grunhiu.

—Isso quer dizer que a morte não chegou até a alma de Ariane, apesar do que sentiu Amber ao tocá-la.

—Parece que não.

—É um fato —replicou o feiticeiro— Se Ariane viu algo no tecido e seu tato pareceu agradável, significa que o vestido e ela se pertencem. Há paixão em Ariane, graças a Deus.

—Sim, mas, será essa paixão por Simon, ou o presente de Serena será uma espécie de armadura contra ele?

Durante um tempo, Erik olhou pensativo para o grande salão do castelo do Círculo de Pedra.

—Não sei —respondeu por fim— E você?

—As runas permanecem silenciosas neste assunto.

—Inclusive as de prata?

—Sim.

Erik resmungou uma maldição, entre dentes. A habilidade de Cassandra para ver os caminhos futuros era útil, mas não confiável.

As profecias vinham, não quando a Iniciada queria. Freqüentemente, o que via era enigmático, sem uma interpretação fácil até com a ajuda combinada de Iniciados e sacerdotes.

Em silêncio, o feiticeiro continuou observando os guerreiros, damas, cavalheiros, escudeiros e donzelas da nobreza, que enchiam o grande salão com seus gritos e risadas. Quando era apropriado responder a um brinde, Erik o fazia, mas sua expressão mantinha longe às pessoas do castelo.

De sua posição na mesa elevada, sentado à direita, de Duncan, senhor do castelo do Círculo de Pedra, Erik podia reconhecer por seu nome a cada cavalheiro que bebia e propunha um brinde. Também era capaz de nomear a cada um dos cães que emergiam e buliam debaixo das largas mesas, procurando sobras, e podia assobiar a chamada especial de cada falcão e obter sua resposta do poleiro, colocado depois da cadeira de seu correspondente cavalheiro.

Ocorria o mesmo com os servos, os homens livres e os campos ao redor. Erik os conhecia todos; suas habilidades, seus amigos e familiares, e podia predizer com bastante precisão como responderia cada um ante uma ordem.

Mas Ariane, a filha do poderoso barão Deguerre, era estrangeira. Tinha chegado às terras da fronteira coberta por um manto de gelo, uma remota beleza envolta em uma frieza tão profunda como o próprio inverno.

—Simon encontrará o caminho ao seu coração —afirmou finalmente.

—Fala a esperança ou o conhecimento Iniciado? —quis saber Cassandra.

—Que mulher poderia resistir à combinação de inteligência, força e ternura que possui Simon?

As mãos de Cassandra se moveram um pouco, fazendo com que seu anel de três pedras emitisse brilhos vermelhos, azuis e verdes sob a luz das velas.

—Esperança ou conhecimento Iniciado? —repetiu.

—Maldita seja — estourou Erik irritado—, por que me pergunta isso?

—Seu dom é ver os padrões e conexões.

—Meu dom não é útil quando se trata de adivinhar o que se oculta na mente de uma mulher.

—Tolices. Simplesmente, nunca teve uma boa razão para tentá-lo.

—Ariane me inquieta —admitiu o feiticeiro sem rodeios—, e isso é não é conhecimento de Iniciado, não é esperança.

—Sei.

—Olha, conhece alguma outra pessoa que fosse aceita por uma dos tecidos de Serena e não se tranqüilizasse?

—Não.

—Está Ariane tranqüila?

A pergunta de Erik era retórica, mas Cassandra a respondeu igualmente.

—Feliz? Não —admitiu— Tranqüila? Quase seguro. Só poderíamos saber o grau de angústia de Ariane se usasse uma roupa diferente.

O grave som que emitiu Erik fez com que, em resposta, a poderosa presença de Stagkiller vibrasse de emoção.

—É uma fonte infinita de consolo —ironizou o feiticeiro.

—A Iniciação estranha serve de consolo.

—O que há dentro de Ariane que a faz tão infeliz?

—Esperava que pudesse dizer isso —confessou Cassandra — Melhor ainda, que pudesse dizer a Simon.

—Deus —resmungou Erik em voz baixa— Se este casamento não for frutífero em todos os sentidos, o lobo dos glendruid se verá exposto à guerra, por culpa de homens avarentos e ávidos de sangue.

—Sim. E se Dominic cair, as terras da fronteira conhecerão uma dor não vivida desde os tempos dos druidas.

—Então, acende velas por Simon e Ariane — concluiu Erik — Sua sobrevivência é a nossa.

Como se Simon o tivesse ouvido, virou-se e olhou a Erik e a Cassandra. Enquanto se virava, seus largos dedos se fecharam ao redor de uma das inquietas mãos de Ariane e a jovem controlou o reflexo de afastá-la com tanta rapidez, que só seu marido foi capaz de percebê-lo.

A linha da boca do guerreiro se fez ainda mais fina, quanto mais se aproximava a hora em que a noiva devia retirar-se a seu quarto para preparar-se para seu marido, mais frio se tornava o corpo de Ariane.

Simon começava a temer que a jovem não estivesse brincando e que o fato de que se afastasse dele se devesse à ansiedade de uma donzela. Mas bem parecia que Ariane era fria até a medula.

-—Venha, minha apaixonada esposa — pediu, sarcástico.

Uns olhos da cor de uma selvagem tormenta de verão olharam de soslaio a Simon.

—É hora de retirar-se deste banquete que tanto desfrutamos —acrescentou o guerreiro.

Ariane olhou os estridentes cavalheiros e desejou estar longe, sozinha, escutando sua harpa em lugar da profunda voz de seu marido vibrando de ironia e amargura.

—Entregue a alguém sua taça e deixe seu prato sem tocar para os cães — continuou Simon — Apresentaremos nossos respeitos ao senhor do castelo do Círculo de Pedra juntos, como corresponde a um casal de recém casados.

Embora Ariane não dissesse nada, tampouco lutou contra a poderosa mão de Simon que insistia a colocá-la de pé. Sempre soube que aquele momento chegaria.

Sem que a jovem percebesse, sua mão livre procurou as tranqüilizadoras dobras do vestido violeta. Quanto mais tempo usava o luxuoso objeto, mais apreciava sua tranqüilizadora textura. Entretanto, apesar da sensação que desfrutava acariciando a malha, procurava não olhar o estranho tecido. Não necessitava mais visões aterradoras e tentadoras de si mesma, arqueando-se ante o contato de Simon, o prazer atacando-a como um bordado de relâmpagos prateados atravessando sua alma.

Simon sentia o sutil tremor que percorria o corpo de Ariane enquanto a guiava para Amber e Duncan.

Deus, tão desagradável sou para minha esposa?

Apesar de tudo, a gélida ira do guerreiro não se refletia nem em seu rosto nem na delicadeza com que colocou Ariane ao seu lado.

— Ah, aqui está — disse Duncan ao ver Simon — Impaciente pelas celebrações, não?

As gargalhadas dos cavalheiros deixavam pouco lugar a dúvidas sobre quais eram as celebrações que faltavam.

—Não tão impaciente como minha encantadora esposa —respondeu Simon sorrindo para Ariane— Não é certo?

O sorriso que lhe devolveu a jovem foi uma careta, mas ninguém exceto Simon pareceu notar. O guerreiro apertou os dedos femininos entre os seus, como uma advertência silenciosa para que reprimisse sua repulsa em público.

Ariane observou a negra luminosidade dos olhos de Simón e soube que ele percebia claramente seu rechaço ao ser tocada.

—Estou... aflita com tudo isso —se desculpou a recém casada com a voz rouca devido ao férreo controle aplicado para não gritar.

—Milorde, milady, foram muito generosos e amáveis com seus presentes — continuou Ariane.

—Foi um prazer —respondeu Duncan.

—O vestido te caí muito bem —assinalou Amber— Alegro-me.

Os esbeltos dedos de Ariane acariciaram o comprimento da manga.

O brocado de prata cintilava e brilhava com cada movimento de seu corpo.

—Eu gostaria de dar os devidos créditos a quem fez — disse Ariane — Poderia transmitir minha gratidão?

—Pode fazê-lo você mesma —repôs Amber.

—Disse-me que Serena mal saía de sua casa —objetou Duncan.

—Assim é, mas verá Ariane.

—Por que? —quis saber Duncan.

—Porque Ariane é perfeita para o vestido, e o vestido é perfeito para Ariane —se limitou a responder Amber.

Simon olhou a sua esposa com os olhos entrecerrados. Não cabia dúvida de que a beleza de Ariane era incrivelmente ressaltada com o estranho objeto.

— Não está de acordo, Simon? — inquiriu Amber.

— Não conheci uma pele mais suave que a sua — respondeu Simon sem desviar o olhar de sua esposa — E seus olhos ofuscam as magníficas ametistas entremeadas em seu cabelo.

Agradecida, mas profundamente receosa da admiração masculina, Ariane achou impossível respirar. O olhar de Simon desmentia o controle que havia mantido até agora, e para a jovem foi evidente que a desejava.

Um guerreiro tão disciplinado como apaixonado, concentrado unicamente nela.

Sem dúvida, Simon estava tentando fazer a jovem cair sobre seu feitiço. E uma aterradora parte de Ariane desejava ser enfeitiçada.

Estremecimentos de desejo percorriam seu corpo como sombras dos relâmpagos do brocado de seu vestido.

De repente, uma corrente de ar fez com que uma das dobras do vestido envolvesse a mão livre de Simon. Os dedos do guerreiro acariciaram o delicioso objeto e, involuntariamente, sorriu de puro prazer. Parecia como se o tecido estivesse formado por calidez e risada, paixão e calma.

Amber observou o tecido que se aderia aos dedos de Simon e sorriu de alívio. Sentiu a presença de seu irmão a suas costas e se virou. Também o feiticeiro observava como a dura mão do guerreiro acariciava o objeto.

—Passei pelo vestido? —perguntou Simon em tom informal.

—Sim.

—Isso augura um bom casamento —sentenciou Erik satisfeito.

—Seriamente?

—É obvio. Pressagia uma união apaixonada e duradoura.

—Se o leito de minha esposa é tão sedutor quanto seu vestido —comentou Simon com um sorriso irônico—, considerarei-me o homem mais afortunado do mundo.

A respiração de Ariane chegou com um som asfixiado quando uma rajada de terror voltou a percorrê-la. Tentou afastar-se de Simon, mas os dedos do guerreiro se fecharam em torno de sua frágil cintura. Apesar da pressão não ser dolorosa, era um aviso claro de sua implacável força.

A angústia arrasou a alma de Ariane, que teve que empregar todo seu autocontrole para não lutar contra a firme prisão de Simon.

De repente, ele soltou as dobras do vestido como se já não lhe agradasse.

—Paciência, esposa —disse Simon com voz suave e olhos negros como o inferno—. Poderemos partir quando o senhor do castelo nos benzer .

Ariane fechou os olhos um instante.

—É obvio, me desculpe, estou... nervosa.

—Todas as donzelas ficam —interveio Amber em tom amável—, mas não há nada que temer. Simon é tão gentil como hábil com a espada.

O sorriso que Ariane conseguiu formar foi um fiel reflexo de seu desespero.

—Duncan, benza a união — pediu Amber a seu marido com suavidade— Já atormentamos os recém casados tempo suficiente.

—Você acha? —perguntou Duncan, inexpressivo.

—Esqueceu como estava ansioso para consumar sua própria união? —interveio Erik.

Duncan dirigiu um radiante sorriso a Amber.

—Visto assim, um banquete de bodas é, sem dúvida, uma forma de tortura.

Erik depositou uma taça dourada na mão de seu cunhado, distraindo sua atenção do ruborizado rosto de Amber. Duncan entendeu a indireta e desviou o olhar de volta para o casal de recém casados. Sua expressão mudou ao estudar primeiro Ariane e depois Simon enquanto levantava lentamente a taça.

O silêncio caiu de repente como uma laje no amplo aposento.

—Que cheguem a ver o carvalho sagrado em flor —desejou Duncan com sinceridade.

Um murmúrio de conformidade e assombro percorreu os cavalheiros reunidos à medida que a história de amor entre Duncan e Amber era contada de novo, em frases dispersas.

—Não existe esse perigo —replicou Simon em um tom de voz que não ia além dos dois casais— Ariane não é nenhuma feiticeira que possa enfeitiçar de amor um guerreiro resistente.

Ao ouvir aquilo, Ariane olhou de soslaio a Simon com um leve sorriso.

—Ah, mas fui uma vez.

—O que? —perguntou ele,

—Uma feiticeira —esclareceu a jovem.

Os olhos de Simon se estreitaram, mas antes que pudesse dizer algo, Ariane se voltou para o senhor e a senhora do castelo do Círculo de Pedra.

—Uma vez mais, obrigado por sua generosidade —disse com clareza.

—Uma vez mais, respondo que foi um prazer —respondeu Duncan.

Ariane seguiu falando como se não o tivesse ouvido, elevando sua voz para que enchesse o grande salão. Ao mesmo tempo, agarrou a mão de Amber com uma velocidade que rivalizava com a de seu marido, Simon.

Amber gemeu ao sentir a profunda desolação na alma da jovem normanda.

—Se no futuro —disse Ariane com rapidez:—, qualquer homem ou mulher disser que fui maltratada nas terras da fronteira, façam saber que é mentira. Digo a verdade, Iniciada?

—Sim —assentiu Amber.

—Façam saber também que ocorra o que ocorrer com este casamento, Simon o Leal não é responsável por nada.

—Diz a verdade —confirmou Amber, pálida e cambaleando.

Ariane a soltou imediatamente e olhou para Cassandra.

—Será minha testemunha, Iniciada? —perguntou.

—Todos os Iniciados serão suas testemunhas.

—Ocorra o que ocorrer?

—Ocorra o que ocorrer.

Sem mais, Ariane se voltou e saiu do grande salão. Cada passo, cada respiração, cada movimento de seu corpo fazia ondear as dobras de seu

vestido. A prata brilhava e se vertia como um manancial percorrendo o objeto e enganando os olhos.

Duncan se voltou então para a Cassandra.

—O que significa isto? —exigiu saber.

—Sei o mesmo que você.

—Duvido —replicou Duncan.

Amber depositou sua mão com delicadeza sobre o forte antebraço de Duncan e observou o perigoso brilho avelã dos olhos de seu marido, sem mostrar nenhum medo.

—Ariane disse a verdade — assegurou Amber— Cassandra, e através dela todos os Iniciados, foram testemunhas da verdade de Ariane. Isso é tudo.

—Eu não gosto.

—Tampouco gostou de Ariane.

Erik dirigiu um inquietante olhar a sua irmã.

—Que mais sentiu da verdade de Ariane? —inquiriu.

—Nada que possa expressar com palavras, mas, embora pudesse, não o faria. É Ariane quem deve decidir compartilhar ou ocultar o que jaz em sua alma.

—-Inclusive de seu marido? —insistiu Duncan.

—Sim.

Duncan emitiu um som de frustração e passou os dedos por seu escuro cabelo castanho.

—Eu não gosto de… —voltou a grunhir.

—Não se inquiete, meu amigo —interveio Simon— Ariane estava me protegendo.

Duncan observou surpreso ao real guerreiro e logo riu em voz alta.

— Protegendo? —perguntou incrédulo.

— Sim — respondeu Simon com um estranho sorriso — Não é um pensamento encantador ser protegido por uma dama tão frágil?

—E que perigo poderia correr entre os muros do castelo do Círculo de Pedra? — resmungou Duncan.

—Recordarei para perguntar a Ariane... com o tempo.

Depois de dizer aquilo, Simon seguiu sua esposa.

—Espere —o chamou Amber— É costume que os parentes preparem à noiva para o noivo.

—Dado que Ariane não tem irmã nem mãe, nem sobrinha nem tia, terá que arrumar-se com o noivo — sentenciou Simon sem olhar para trás.

—Mas...

—Não se preocupe, bruxa Amber. Não rasgarei o magnífico vestido de Ariane com minha pressa.

***

CAPíTULO 07

Se cortar meu pescoço, como posso estar segura de fazer bem? Ariane pensou em todas as horríveis história de cavalheiros e batalhas que tinha ouvido. Embora todas elas fossem muito sangrentas, o sangue era vertido por guerreiros com tochas e maças de guerra, espadas e lanças.

Comparada com aquelas armas, a delicada adaga que brilhava em sua mão parecia uma brincadeira.

Meu Deus! Será a folha bastante longa para alcançar o coração? Enquanto Ariane olhava a elegante adaga de prata, o vestido lançava brilhos e formava redemoinhos ao redor de suas pernas, como um gato em busca de atenção. Os pensamentos da jovem se dispersaram.

Distraída, começou a passear pelo quarto sem sequer notar que Blanche tinha esquecido reavivar o fogo do quarto. Como resultado, parecia que todo o calor dos grossos muros de pedra se desvaneceu, e fazia um frio invernal. Por que nasci mulher, sem a força ou a habilidade de um guerreiro para atravessar a carne?

O vento aumentou e os cortinados do dossel da cama tremera ligeiramente. Entretanto, o vestido de Ariane se movia inquieto sem importar o que o vento fizesse.

Mesmo sem a poção que Geoffrey pôs em meu vinho, não teria tido nenhuma oportunidade contra ele.

Simon teria tido.

Os rápidos passos de Ariane se detiveram.

—Sim—disse com suavidade— Simon, tão forte, tão rápido. Até Geoffrey teria sido caído frente à velocidade de Simon.

O pensamento que a tinha obcecado durante toda a cerimônia voltou a capturar Ariane.

Simon.

Não posso matá-lo, e tampouco o faria, se pudesse. Devo ser eu a morrer.

Mas, como? O que posso fazer para que Simon me mate?

Ariane não podia recordar uma só vez em que ele tivesse levantado uma mão sequer a um cão desobediente e muito menos a uma mulher.

A jovem murmurou algo e começou a passear de novo, ignorando as suaves dobras do vestido que pareciam decididos a acalmá-la. Nada do que acontecia parecia suficiente para romper o autocontrole de Simon, que só lutaria por ordem de seu senhor e irmão.

Ou para defender-se.

Ariane se deteve e permaneceu de pé no centro do quarto, dando voltas e mais voltas naquela idéia enquanto girava a adaga em suas mãos.

Vai me ver como uma ameaça bastante real para me matar?

A pergunta fez com que um sorriso sobrevoasse seus lábios. A força e a habilidade de Simon eram tão grandes que, provavelmente, morreria de tanto rir se ela o atacasse com a adaga.

Tinha que pegá-lo de surpresa, mover-se com tanta rapidez que ele não tivesse tempo para pensar... nem rir.

Um homem que bebeu muito não tem controle sobre si mesmo. Já se brindou muitas vezes, e Simon se verá forçado a beber muito mais antes que possa sair do grande salão.

—Sim —sussurrou, é a resposta: Simon é um guerreiro. Se lhe atacarem, devolverá o ataque com rapidez.

Olhou a adaga sem se perceber que a luz das velas parecia dar vida a seu vestido de bodas.

—Lançarei uma navalhada, ele me matará antes que saiba o que está fazendo, e tudo terá acabado.

Uma corrente agitou o tecido do vestido, fazendo que se formasse redemoinhos em suas pernas de forma inquietante.

Estou louca em apenar pensar nisso. Tirará a adaga e me prenderá sem esforço.

Não. Terei que seduzí-lo primeiro. Aguardarei meu momento, quando estiver dorminado pela luxúria e a cerveja. Então atacarei, ele contra-atacará com ferocidade e tudo acabará.

Não, não acabará. Estou louca por sequer pensar.

Ariane ignorava a discussão interna que tinha lugar em sua mente do mesmo modo que ignorava a tranqüilizadora carícia da malha do vestido, acostumou-se a que distintos fragmentos de si mesma discutissem desde aquela noite em que ficou nua sob o corpo de Geoffrey, suarento e repetitivo como um martelo.

Era muito melhor morrer que voltar a suportar a brutalidade masculina. Ao menos, a morte seria rápida.

Aquele pensamento lhe trouxe um pouco de consolo. Não importava quantos votos de boa sorte retivessem seu marido, nem quantas taças devesse beber para evitar ofender a outros cavalheiros, Simon a mataria com rapidez.

Nunca tinha visto uma velocidade semelhante em nenhum cavalheiro. Nem sequer em sir Geoffrey, que era conhecido por lutar contra dois e três homens de uma vez, e ganhar.

Ninguém culparia Simon do acontecido depois de tudo, só estaria se defendendo do ataque de sua esposa.

Dm modo estranho, para Ariane era importante garantir que seu marido não sofresse devido a sua morte. A sua maneira, Simon tinha sido amável com ela. Não era o tipo de amabilidade dos lacaios nem dos homens que procuram os favores femininos, mas uma simples cortesia com que a jovem não temesse sua força nem seu vigor, preocupou-se com ela de um modo que nada tinha a ver com a cortesia de um cavalheiro para uma dama de alta nobreza.

O som de uns passos no saguão interrompeu os pensamentos de Ariane.

—Quem está aí? —perguntou. Sua voz, tensa, era quase rouca.

—Seu marido. Posso entrar?

—É muito cedo —respondeu Ariane sem pensar.

—Muito cedo?

—Não estou... preparada.

Ao ouvir aquilo, Simón lançou uma gargalhada de clara diversão masculina.

—Para mim será um prazer prepará-la —aduziu com voz profunda— Abra a porta, rouxinol.

Ariane se dispôs a guardar a adaga na capa de sua cintura, mas recordou que o vestido tinha laços do pescoço até os joelhos. Não havia cinturão onde pendurar a capa.

Frenética, olhou ao redor procurando onde esconder a adaga. Devia estar a seu alcance enquanto estivesse deitada na cama. Seria quando mais a necessitaria. A ponta que segurava um dos cortinados da cama foi o melhor esconderijo que pôde encontrar. Com rapidez, deslizou a arma entre as dobras do tecido e se dirigiu para a porta.

—Ariane.

A voz de Simon agora era autoritária. Queria ter acesso ao quarto e sua mulher.

A jovem abriu a porta com mãos trêmulas.

—Não havia nada que o impedisse de entrar —se defendeu em voz baixa sem levantar a vista do chão.

—Não ser bem-vindo é uma barreira maior que qualquer fechadura —replicou Simon.

Ariane não disse nada. Tampouco o olhou no rosto.

—Se pareço tão pouco encantador, por que queria que a Iniciada fosse testemunha de que o que ocorrer neste casamento será sua culpa e não minha? —desafiou-a com suavidade.

—Não me parece pouco encantador —se apressou a dizer Ariane.

—Então me olhe.

Respirando profundamente, a jovem se forçou a enfrentar o negro olhar de seu marido. O que viu lhe provocou um ofego de assombro, já que um dos gatos do castelo estava enroscado no pescoço de Simon.

Quando os compridos e esbeltos dedos do guerreiro acariciavam o queixo do animal, este ronronava e demonstrava seu prazer abrindo e retraindo as unhas. Embora as garras atravessassem a camisa masculina e se cravassem na carne, Simon não mostrava impaciência alguma. Simplesmente, seguia acariciando o gato e olhando os olhos violeta de Ariane.

Um momento mais tarde, a jovem percebeu que, em sua mão livre, seu marido segurava uma jarra de vinho e duas taças.

—Bebeu pouco vinho — disse Simon seguindo seu olhar.

Ariane tremeu ao recordar a noite em que outro homem a tinha pressionado para que tomasse vinho.

—Eu não gosto muito —se desculpou, tensa.

—O vinho inglês não tem muita qualidade, mas este é normando. Beba comigo.

Não era uma petição, mas tampouco uma ordem. Não exatamente. Ariane decidiu que fingiria obedecer, já que era óbvio que Simón ainda não estava aturdido pelo álcool.

—Como deseja —murmurou.

O guerreiro entrou no quarto e, imediatamente, Ariane retrocedeu, encobrindo a ação ao simular que fechava a porta.

Uma olhada à expressão do rosto masculino indicou que seu marido não se deixaria enganar.

—Porque não está com o fogo aceso? —perguntou Simon.

Durante um instante, Ariane pensou que o guerreiro lhe perguntava por sua falta de paixão, mas recuperou o fôlego ao perceber que seu marido estava olhando a chaminé.

—Blanche não se encontrava bem.

Simon deixou o vinho e as taças em um arca que continha colchas para a cama, levantou o gato de seu pescoço e o acomodou no arco de seu braço. Com agilidade, ajoelhou-se e removeu as cinzas em busca de brasas. Só havia umas poucas, e eram muito pequenas.

—Pedirei que tragam mais carvão —decidiu Ariane dirigindo-se para a porta.

—Não.

Embora pronunciasse sua negativa com tranqüilidade, a jovem se deteve tão rápido que seu vestido formou redemoinhos.

—Bastará com as brasas que ainda ficam —comentou Simon.

—Mas não estão vivas.

—Certo, mas ainda ardem em seu interior, ajude-me.

Enquanto falava, Simon reuniu as escassas brasas e começou a soprar com cuidado sobre elas. Transcorridos uns segundos, o brasa maior se reavivou.

— Dê-me um pouco de folha seca, por favor —murmurou ele.

Ariane olhou a seu redor. Havia uma cesta com folha seca e lascas quase ao seu alcance, mas entre a cesta e ela se achava o musculoso corpo de Simon.

— Está a sua direita —indicou a jovem.

—Sei —respondeu o guerreiro— mas meu braço direito está ocupado com Preguiça.

—Preguiça? —Ariane rompeu a rir de forma inesperada por ouvir o nome do gato—. Realmente se chama Preguiça?

O som de assentimento de Simon se assemelhou ao ronronar do gato.

Desarmada, Ariane se esticou por trás de seu marido até que seus dedos se fecharam ao redor da cesta. Estava longe; Simon tinha costas largas. Mesmo através das luxuosas dobras da camisa, a jovem pôde sentir a potência e o calor dos longos e poderosos músculos masculinos.

O ronronar do gato vibrou em seu ouvido ao inclinar-se ainda mais para levantar a cesta. Quando Simon respirou, suas costas roçaram no braço de Ariane e a jovem o olhou com repentina cautela.

Se o guerreiro notou o contato, não o distraiu. Estava inclinado para frente com expressão concentrada, avivando as brasas.

Os lábios de Simon intrigaram Ariane; que estranho, pensava que seus lábios eram duros, mas agora parecem quase... suaves.

—Lascas —pediu Simon ao conseguir que as brasas brilhassem tenuemente.

Transcorreu um instante até que o pedido impregnou entre os curiosos pensamentos de Ariane, que colocou a mão na cesta e agarrou a primeira que encontrou. Sem duvidar, estendeu um pedaço de madeira a Simon.

—Aqui —ofereceu.

A madeira ocupava a metade de sua mão e tinha a grossura de três dedos juntos.

—Muito grande —disse Simon— Necessito algo menor.

Ariane hesitou, ferida pelo tom zombador na profunda voz de seu marido.

—Rápido —insistiu sem olhá-la— Se as brasas arderem muito tempo sem lascas, vão se consumir sem formar fogo. Às cegas, Ariane procurou na cesta até que encontrou o que necessitava. Segurou as diminutas lascas na palma da mão e as ofereceu de novo a seu marido.

Ao agarrá-las, Simon deslizou os dedos sobre a mão feminina em uma inquietante carícia que fez com que a jovem estremecesse e tornou difícil respirar.

O guerreiro sentiu o estremecimento e sorriu atrás de sua curta barba.

—Perfeito —murmurou— Logo aprenderá a fazer um bom fogo.

Ariane pensou em protestar, dizendo que tinha Blanche para realizar essas tarefas, mas no final mordeu a língua; não queria romper a frágil sensação de camaradagem que se instalou entre eles. Entretanto, disse a si mesma que sua precaução devia-se ao fato de querer pegar Simon desprevenido quando finalmente tivesse que usar a adaga. Não estava segura de acreditar nele mas, o que importa? disse em tom de brincadeira silenciosa. A morte chegará logo. Tão terrível era desfrutar da ternura que existe no interior deste guerreiro?

Ariane observou atentamente como seu marido acrescentava pedaços de lascas ao pequeno monte de vestígios do fogo. O calor cresceu em resposta ao ar de seu quente fôlego sobre as brasas.

—Mais —ordenou—- um pouco maiores desta vez.

A jovem remexeu descuidadamente na cesta, deu um pulo ao cravar uma lasca, e seguiu procurando, sem deixar de olhar a cabeça de Simon, de um dourado pálido.

Seu cabelo parecia ser tão suave como as orelhas de um gatinho, e se perguntou se seria tão suave entre seus dedos.

—Ariane?

—Aqui —disse, sobressaltada, estendendo sua mão.

Simon olhou os pálidos e esbeltos dedos nos quais fibras de lascas esmiuçadas se empilhavam com fios de palha. Com uma atenção e um cuidado totalmente desnecessários, passou a ponta de um de seus dedos pela madeira oferecida.

Ariane retirou a mão com um ligeiro pulo ante o primeiro toque. O próximo contato a surpreendeu menos. Pouco depois, os dedos do guerreiro traçava as linhas da mão feminina com uma delicadeza de uma carícia.

—Mmm —disse Simon fingindo que escolhia entre as pequenas lascas.

—Ronrona como Preguiça — provocou Ariane com uma voz que seus próprios ouvidos não reconheceram.

Para Simon, a dificuldade para respirar de sua esposa era uma pequena vitória. Resistente, tomou um pouco de folha seca, voltou a concentrar-se nas brasas, e amaldiçoou em voz baixa ao ver que os vestígios do fogo tinham perdido força, enquanto acariciava a mão de Ariane. Com suavidade, soprou sobre os agonizantes carvões. Transcorrido algum tempo, voltaram a arder e então colocou as lascas sobre os pedaços e folhas secas.

O fogo esquentou sua pele e a idéia de provocar um rubor similar em Ariane fez com que lhe doesse respirar.

—Mais —indicou Simon.

A brutalidade de sua voz intrigou a jovem por alguma razão que não pôde imaginar. Esquecendo a adaga que a esperava entre os cortinados da cama,

classificou com afã a folha seca da cesta, aliviada por poder pensar em algo além do pesadelo e da morte. Logo tinha diferentes tamanhos de lascas preparadas para Simon.

—-Perfeito —aprovou seu marido inclinando-se para frente. O fôlego de sua respiração na bochecha de Ariane era quente e agradavelmente misturado com vinho. Simon percebeu o pequeno toque que deu a jovem ao respirar seu aroma. Quando ela sorriu apenas, como saboreando uma pequena parte dele, o desejo lhe atravessou como um raio. Desejava abraçar sua esposa, levantar a saia violeta por cima de seus quadris e enterrar-se nela.

Daqui a pouco, preveniu-lhe a parte mais fria de seu cérebro. O jogo, se for verdadeiramente um jogo, mal começou.

Com grande precisão, Simon colocou gradualmente partes maiores de folha seca sobre os carvões e soprou com cuidado para avivar o frágil fogo. De repente, as chamas cresceram com força, consumindo a folha seca com um suave calor dourado. Com uma só mão, Simon dispôs o resto do fogo. Depois observou em silêncio enquanto acariciava o gato, que não se moveu de seu privilegiado ninho.

Ariane observava a mão de Simon acariciar o lombo do pequeno animal e se perguntou como seria ser tocada com tanto cuidado pela dura mão daquele guerreiro.

—Sirva vinho para ambos, rouxinol.

A jovem piscou ao sentir que uma fria tensão voltava a invadi-la. Tinha estado tão concentrada observando a mão de Simon que tinha esquecido o inevitável final da noite.

Olhou com atitude pensativa os elegantes desenhos de prata da jarra de vinho e se perguntou que tipo de poção ocultaria.

—Eu... eu não quero —disse sem rodeios.

Simon lhe dirigiu um rápido e negro olhar, e quando viu que a cautela tinha voltado para os olhos femininos mal pôde reprimir uma maldição. Um segundo antes, observava minha mão com desejo, estou certo, e agora me

olha como se fosse violá-la, mostra-se disposta em um momento e fria um instante depois. Seria realmente o medo que faz com que se retraia outra vez? Ou é só um jogo para me enganar e me fazer ficar louco de desejo?

— Dê-me uma taça — pediu o guerreiro sem emoção na voz— Seria uma pena esbanjar um vinho de tanta qualidade.

Uma vez que Ariane percebeu que o próprio Simon pensava beber da jarra, sentiu-se aliviada.

—Se você também for beber, o acompanharei com gosto —aceitou.

Sua voz era tão baixa que Simon levou um momento para entender o que dizia. Quando o fez, seu olhar refletiu irritação e diversão ao mesmo tempo.

—Temia que o vinho estivesse envenenado? —perguntou sarcástico.

Ariane deu um meneio e negou com a cabeça. Com cada movimento, as tiras de diminutas ametistas entrelaçadas em seu cabelo ardiam com fogo violeta, refletindo o brilho das chamas.

Seu cabelo é como a noite adornada com estrelas de ametista. Deus, é mais formosa do que um homem poderia sonhar.

O desejo percorreu Simon com tanta violência que teve que apertar os dentes para lutar contra ele. Lentamente, deixou Preguiça perto da cama e se levantou para olhar a sua esposa nos olhos.

—Então —insistiu— por que tem tanto medo de beber o vinho?

Ariane guardou silêncio. Uma olhada ao rosto de Simón a convenceu de que teria que dar uma resposta, e por um momento contemplou a possibilidade de lhe contar a verdade. Logo recordou a reação de seu pai e foi incapaz de articular aspalavras.

Rameira. Filha de outra rameira. Lasciva semente de Satanás, leva-me a ruína. Se me atrevesse a te matar, faria!

A verdade não tinha servido de nada com seu pai, e o sacerdote se mostrou terrivelmente cruel ao acusá-la de mentir durante o sagrado ato da confissão. Ambos tinham acreditado na palavra de Geoffrey.

Albergava poucas esperanças de que seu marido, quase um desconhecido, acreditasse quando seus seres mais próximos não o tinham feito, assim a jovem disse a si mesma que dizer a verdade seria uma estupidez. Só serviria para que fosse mais difícil pegar Simón desprevenido.

—Ouvi —sussurrou Ariane com um fio de voz— que os homens podem pôr algo no vinho que...

Uma vez mais, sua garganta se fechou.

—Que converte virgens em libertinas? —inquiriu Simón em tom neutro.

—Ou as deixa... indefesas.

—Eu também ouvi falar disso.

—Seriamente? —interessou-se Ariane.

—Sim, mas nunca tive que recorrer a nada parecido para seduzir uma mulher.

A diversão nas palavras de Simon era evidente, o que fez Ariane deixar escapar um suspiro que não tinha percebido estar contendo.

—E nunca o farei. —O guerreiro controlou sua fúria com dificuldade.

Uma coisa era um jogo sensual, e outra pôr em dúvida sua honra—- Um homem disposto a fazer isso a uma mulher merece a morte — sentenciou em tom cortante.

Agora não havia diversão em seus olhos, mas ira e frieza.

— Acredita em mim? —exigiu saber.

Aturdida, Ariane voltou a assentir.

—Bem —disse Simon com suavidade.

O tom de sua voz a acovardou.

—Suspeito que a desagrado —aventurou Simon.

—Isso não...

—E que não te agrada meu aspecto físico — seguiu, ignorando a interrupção de Ariane.

—Não, não é você, é...

—Entretanto, não fiz nada para merecer seu desprezo —terminou o guerreiro com voz mortalmente fria.

Saber que tinha ferido Simon provocou uma dor inesperada em Ariane, esticando ainda mais seus nervos. Não pretendia humilhá-lo.

De todos os homens que tinha conhecido, Simon era o que mais a atraía.

E perceber isso a assustava do mesmo modo que a seduzia.

—Simon... —sussurrou.

Esperou.

—Nunca foi minha intenção insultá-lo —afirmou Ariane.

Sobrancelhas loiras levantadas em silêncio contradiziam sua afirmação.

—Minhas palavras são verdadeiras —acrescentou a jovem.

Simon estendeu a mão de repente e Ariane deu um pulo.

—Insulta-me cada vez que se afasta de mim —disse ele secamente.

Desesperada, a jovem tentou convencer seu marido de que sua reticência não tinha nada a ver com ele.

—Não posso evitar - apressou a explicar.

—Não duvido, diga-me esposa, por que sou tão desagradável para ti?

—Não é você! —O frágil autocontrole de Ariane se partiu— Você é digno e forte, honorável ... tão atraente que é um milagre que as fadas não lhe tenham assassinado de pura inveja!

Simon arregalou os olhos.

—E também é incrivelmente teimoso! —terminou Ariane levantando a voz.

Houve um instante de silêncio no qual foi impossível saber quem estava mais surpreso pelas palavras da jovem. Então, Simon jogou a cabeça para trás e começou a rir.

—O último, ao menos, é verdadeiro —admitiu o guerreiro.

—O que? —perguntou Ariane precavida.

—A parte sobre minha teimosia.

Com um som exasperado, Ariane voltou as costas a seu teimoso marido.

—Acredita nas coisas más que digo, mas não as boas —murmurou.

A única resposta de Simon foi o som do vinho caindo nas taças de prata. Quando estas estiveram cheias, colocou-as perto do fogo para que se esquentassem. Também ele desejava esquentar-se, mas não havia nenhuma cadeira no quarto capaz de suportar seu peso.

Jogou uma rápida olhada a seu redor. A cama estava bastante perto para desfrutar do calor das chamas, embora não o suficiente para que os cortinados do dossel ardessem. O leito era, além disso, o lugar em que Simon pretendia passar a noite.

Mas não sozinho.

—Venha, meu nervoso rouxinol. Sente-se comigo junto ao fogo.

A delicada aspereza na voz de Simon foi como uma carícia para a jovem. Intrigada apesar de seu aborrecimento, Ariane arriscou um rápido olhar por cima de seu ombro.

Simon sorria e lhe estendia sua mão. Desta vez, Ariane sentiu que não devia rechaçá-lo. Se o fizesse, Simon simplesmente sairia furioso do quarto, obrigando-a a confrontar seu destino a noite seguinte, ou na seguinte.

Aquele pensamento fez com que o gelo se formasse no estômago da jovem. Não estava certa de poder voltar a suportar aquela situação de novo. Devia acabar aqui e agora.

Aquela mesma noite.

Seja rápido, Simon. Seja forte.

Acabe com meu pesadelo.

***

CAPÍTULO 08

Simon observou a sua receosa esposa enquanto se aproximava dele estendendo uma mão fria e trêmula. Os olhos femininos eram escuros, quase selvagens.

Risada, curiosidade, flerte, medo. Muda como a velocidade do vento. Pergunto-me se Dominic teve tantas dificuldades com Meg.

Deus! Nenhuma outra mulher com a qual estive me deu nem um décimo de problemas.

Simon recordou que nenhuma dessas mulheres era uma nervosa donzela da nobreza. Suas amantes tinham sido viúvas, concubinas de sultões cansados ou moças não férteis de um harém.

Uma única vez, sua amante tinha sido casada.

—Que mão mais fria —comentou Simon.

Ariane estava muito confusa para responder. A mão do guerreiro desprendia tanto calor que pensou que a quemaria.

—Têm a outra igualmente fria? —perguntou.

A jovem assentiu.

—Não acredito —disse Simon com cautela— Me dê sua outra mão.

A mão que estendia era grande, elegante apesar de seu tamanho, e marcada com as inevitáveis cicatrizes de guerra.

—Ariane.

Ela deu um pequeno salto.

—Se fosse atirá-la no chão e violá-la, já teria feito.

Ariane empalideceu ainda mais. Quando Geoffrey a teve em seu poder, levou a maior parte da noite para desonrá-la porque tinha bebido muito.

Ao perceber que a jovem o tinha levado a sério, não soube se amaldiçoava ou se ria.

—Pequena —suspirou—, sabe o que acontece entre um homem e uma mulher em sua noite de bodas?

—Sim.

A rigidez do corpo feminino disse a Simon que alguém tinha explicado a Ariane cruamente o que se esperava de uma esposa no leito conjugal, e que a jovem repugnava a idéia.

—É natural que pareça estranho — explicou— Também é estranho para um homem a primeira ou segunda vez.

—É?

—É obvio. É difícil saber onde pôr as mãos e os braços ... bom, outras partes do corpo.

Antes que Ariane pudesse responder aquela surpreendente informação, ele tomou sua outra mão e a levou brandamente para a cama.

—Estava certo —disse— Esta mão está tão fria como a outra.

Simon esquentou com seu fôlego a mão direita feminina. O contraste da gélida pele da jovem com a calidez da respiração de seu marido era tão grande que Ariane estremeceu.

—Prove o vinho —sugeriu Simon.

Ariane se inclinou e inundou a ponta de um dedo em uma das taças. Depois, com delicadeza, lambeu seu dedo impregnado de vinho.

—Suas mãos esquentam mais que o vinho —murmurou ela.

A intenção de Simón era que Ariane se soltasse bebendo um pouco de álcool, mas a imagem da rosada língua lambendo o vinho afastou qualquer pensamento anterior de sua cabeça.

—Estão segura? —inquiriu.

A voz de Simon voltava a ficar rouca. Aquilo agradou Ariane, que, sorrindo voltou a inundar seu dedo no vinho.

Contendo a respiração, o guerreiro observou como a jovem desenhava um círculo ao redor do dedo molhado no vinho com a ponta da língua.

—Completamente —confirmou Ariane— Suas mãos são muito mais cálidas que o vinho.

—Dê-me um pouco?

A jovem lhe ofereceu a taça.

—Não, esposa. De seus dedos.

—Que quer dizer...? —perguntou Ariane olhando-o vacilante.

—Não a morderei — assegurou Simon com um sorriso.

—Disse o lobo ao cordeiro —murmurou ela.

Simon riu, surpreso ante a audácia de sua esposa.

Ariane se inclinou e voltou a inundar seu dedo no vinho. Quando levou a mão para Simon, o vinho se derramou por seu dedo como uma brilhante gota escarlate, e ameaçou cair sobre a branca colcha. Imediatamente, Simon moveu a cabeça para ela e apanhou a ponta dos dedos de Ariane entre seus lábios.

O calor de sua boca fazia com que o fogo parecesse esfritar. Ariane gemeu em voz baixa enquanto ele libertava seu dedo com delicadeza.

—Aconteceu alguma coisa? —preocupou-se Simon.

—É tão quente... Surpreendeu-me.

—Não a desgostei?

Ela negou com a cabeça.

—Estão segura? —insistiu Simon.

—Agora sei porque lhe espreitam os gatos do castelo. A calidez de seu corpo os atrai.

Os escuros olhos de Simon brilharam de diversão.

—Então gostou de meu calor —murmurou sorrindo.

Ariane desejava gritar de frustração ante a armadilha em que a vida a tinha preso. A seus olhos, Simon era tão sedutor como um deus. O fogo ardia no ouro de seu cabelo e brilhava na negra profundidade de seus olhos.

Quando sorria, iluminava uma parte do coração de Ariane que a jovem acreditava morta. Entretanto, tinha que sentar-se junto a ele enquanto pensava friamente na adaga que, agora, já estava a seu alcance.

Se aquele homem voltasse a sorrir, não sabia o que faria.

Como pode um homem tão agradável transformar-se em uma besta quando a luxúria invade?

Não houve resposta para a silenciosa e desesperada pergunta de Ariane. Nunca houve uma resposta. Sir Geoffrey era considerado o cavalheiro mais amável e atraente da Normandia, e a tinha violado, sem pensar duas vezes.

Possivelmente seu marido fosse diferente. Mais afetuoso. O pensamento era tão sedutor como o sorriso de Simon, mas sobre aquele pensamento prevalecia a amargura da experiência passada.

Se ceder diante dele, terei que reviver meu pesadelo uma e outra vez e será mais aterrador, porque estarei acordada.

Ariane estremeceu de medo e repulsa. O único pensamento que permitiu manter o controle quando a angústia ameaçou afoga-lá foi pensar na brilhante e letal adaga.

— Dê-me um pouco mais de vinho, rouxinol.

Sem uma palavra, Ariane levantou a taça de vinho e a ofereceu a Simon, que não a agarrou.

—O vinho é melhor quando o bebo de seus dedos.

Ariane olhou seu marido com atenção. Seus olhos estavam como sua mente, lúcidos e sem rastro de álcool.

Não obstante, teria que estar debilitado pelo vinho para que ela pudesse ter uma oportunidade de êxito.

—Levaria toda a noite para beber uma taça de minha mão —protestou.

—Uma noite bem empregada.

Ariane afundou seus dedos no vinho e os estendeu a Simon. Desta vez, o calor de sua boca não a sobressaltou. O prazer, entretanto, começou a apanhá-la.

Simon também desfrutava. Estava ronronando. Ouvir aquele som surgindo de um feroz guerreiro provocou um sorriso na jovem.

—Divirto-a? —perguntou Simon.

—É curioso ouvir ronronar a um guerreiro —admitiu.

Antes que Simon pudesse responder, Ariane colocou dois dedos na taça e, em suas pressa por fazer com que o cavalheiro bebesse mais vinho, afundou-os muito. O vinho espalhou-se por seus dedos, por sua mão e seu braço. O mesmo fez a língua de Simon. Se estivesse segurando-a, Ariane teria lutado. Mas Simon não se moveu, e tinha sido ela quem tinha oferecido seus dedos umedecidos em vinho.

—Eu gosto desse som —sussurrou Simon.

—Qual?

A língua masculina voltou a aparecer e sua dura ponta percorreu as azuis veias do braço feminino, nas quais a vida pulsava frenética sob a cremosa pele.

—Oh! —exclamou a jovem.

—Exato, esse som —confirmou Simon— Uma estranha mescla de nervosismo, surpresa e prazer.

—É imprevisível —protestou Ariane.

A frustração de sua voz quase fez com que Simon sorrisse, já que pensava o mesmo dela.

—Eu? — zombou Simon- Mas sou somente um guerreiro que...

Ariane deixou escapar um som de exasperado desacordo.

—...encontro-me casado com uma mulher de beleza extraordinária que treme atemorizada ante a idéia de um beijo e da união entre homem e mulher —concluiu ele.

—Não é verdade.

— Por que tem medo de nossa união? —perguntou o guerreiro sem rodeios.

— Que não sou bela. Sou pálida se comparada a Meg ou Amber.

Simon riu com vontade.

—Ariane, sua beleza é tal que sou incapaz de descrevê-la.

—E sua lisonjeadora língua diminui minha capacidade em acreditar em suas palavras —replicou a jovem.

—Então você gosta de minha língua.

—Mais vinho? —ofereceu desviando o olhar dos brilhantes olhos de Simon— Mas não de meus dedos, seria muito longo.

—O que seria muito longo?

Matar à noiva.

Durante um terrível instante, Ariane pensou que tinha falado em voz alta, mas ao ver que Simon continuava olhando-a com um sorriso, deu-se conta de que não tinha sido assim. Suspirando entrecortadamente, reuniu os farrapos de seu autocontrole.

—Esvaziar a taça —se apressou a dizer— Demoraríamos muito gota a gota.

—Espera-nos algo no fundo da taça?

—O que desejamos.

Simon piscou.

—Seriamente?

—É obvio —improvisou Ariane a toda pressa— Uma antiga crença normanda afirma que os desejos pedidos a uma taça nupcial estão garantidos, sempre que a taça seja bebida com rapidez.

—É estranho. Sou normando e nunca tinha ouvido nada a respeito.

—Está brincando comigo.

—A idéia me atrai.

—Simon —urgiu Ariane com desespero.

—A taça inteira?

—Sim.

—Um desejo por taça?

—Exato.

—E se tiver dois desejos?

—Então terá que beber duas taças. Rápido.

—E você? —quis saber o guerreiro.

—Eu só tenho um desejo.

Simon viu o repentino retorno da escuridão nos olhos de Ariane, e se perguntou no que estaria pensando.

—Que desejo é esse, rouxinol?

—Não posso dizer isso.

—Nunca?

Ariane demorou um momento para responder. Piscou sob as largas e negras pestanas para ocultar a escuridão de seus olhos.

—Ainda não —sussurrou.

—E mais adiante?

—Algum dia saberá.

O fogo crepitou no silêncio desprendendo faíscas. Deus, os olhos brilharam intensamente por um momento, antes de se ocultarem na escuridão. Amber disse que tinha sofrido uma traição tão profunda que quase a destruiu. Entretanto, eu sei que posso conseguir que volte por completo a vida.

—Peça seu desejo — sugeriu Simon com voz rouca.

Ariane olhou a taça que lhe oferecia e negou com a cabeça.

—Você primeiro —rechaçou.

—Outra antiga tradição?

Ignorando a brincadeira na voz do guerreiro, a jovem assentiu de forma premente

Sem desviar a vista de Ariane, Simon levantou a taça.

—Para poder me queimar em seu fogo —desejou—, e para poder ressurgir logo depois de minhas cinzas para voltar a arder.

Simon bebeu até a última gota, deu a volta à taça para demonstrar que estava vazia, e serviu mais vinho da jarra.

—Sua vez —disse.

Ariane olhou a taça com certa preocupação. Apesar de Simon apenas a ter enchido até a metade, seguia contendo uma desalentadora quantidade de vinho.

—Não posso beber tão rápido como você — se desculpou.

—Melhor assim — assegurou ele com um sorriso— A embriaguez não a deixaria desfrutar do resto da noite.

Respirando profundamente, Ariane levou a taça aos lábios.

—Seu desejo —recordou Simon.

—É para você.

Surpreso, o guerreiro não soube o que dizer.

—Desejo que nada do que aconteça aqui esta noite lhe cause problemas — declarou a jovem precipitadamente.

Antes que Simon pudesse perguntar pelo significado daquele brinde, ela levou a taça aos lábios e bebeu tão rápido como pôde sem engasgar-se. O vinho percorreu seu corpo como uma onda de vertiginosa calidez.

—Já está —disse sem fôlego, apertando a taça entre as mãos— Agora seu segundo desejo.

—Não há pressa.

Ariane parecia tão decepcionada que Simon cedeu com um encolhimento de ombros, encheu a taça e voltou a brindar por ela.

—Desejo chegar a entender a escuridão em que voa meu rouxinol.

Com uma ansiedade que não podia ocultar, Ariane observou Simon beber. Quando observou a taça, deixou escapar um suspiro.

Com certeza isso será suficiente para aturdi-lo, brindou muitas vezes no salão, quando eu só simulava que bebia, tomou duas taças e encheu a minha com a metade.

Certamente...

—Não fique tão nervosa — reprovou Simon mordaz, baixando a taça— Não vou cair inconsciente por tão pouco vinho.

Serviu mais vinho na taça e e ofereceu a Ariane.

—Oh! não —recusou ela com rapidez— Eu só tinha um desejo.

—Para mim, não para ti.

—É suficiente, se cumprir esse desejo, outros não tem importância.

Simon se deu conta então que as palavras de Ariane tinham uma seriedade letal.

Franzindo o cenho, olhou a taça cheia de vinho e observou que o líquido formava suaves redemoinhos, capturando a luz do fogo.

—Então teremos que fazê-lo gota a gota —decidiu Simon com um repentino sorriso— É mais lento assim, mas nada tedioso.

—Não entendo.

Sem dizer uma palavra, Simon bebeu uma pequena quantidade de vinho, deixando um brilhante rastro de líquido em seus lábios.

—Bebe de mim — ordenou.

O rosto de Ariane refletia surpresa, mas mesmo assim, levantou a ponta de seus dedos para a boca de Simon, preparando-se para recolher o vinho.

O guerreiro desviou a cabeça.

—Não, pequena. Com seus lábios.

Os olhos de Ariane se arregalaram, revelando as magníficas profundidades ametista rodeadas de espessas pestanas negras. Tinha beijado Geoffrey tantas vezes, mas nunca na boca.

Inclusive durante o pesadelo, tinha evitado fazê-lo. Dúbia, Ariane se inclinou para frente. O primeiro toque de seus lábios sobre os de Simon a sobressaltou. Era quente e agradável. Sua barba era suave, incitando-a a acariciá-la com sua bochecha. E tinha um sabor diferente de qualquer coisa que tivesse provado antes.

Devagar, saboreando cada gota, lambeu todo o vinho dos lábios de Simon. Quando percebeu o que tinha feito, ficou petrificada, esperando que seu marido a agarrasse e a lançasse sobre o leito, para possui-la como um animal.

Inquieta, olhou para Simon com olhos que revelavam seu repentino medo.

—Tão terrível ? —quis saber seu marido.

A jovem negou com a cabeça.

—Esperava que fosse?

—Eu... nunca tinha beijado a boca de um homem.

As palavras impregnaram em Simon como a luz através da escuridão, iluminando tudo.

Talvez Ariane fosse o que parecia ser; uma assustadiça virgem, não uma consumada sedutora?

—Esperava que te mordesse? —perguntou brincando.

—Não, esperava que me atirasse sobre o leito e... —deteve-se abruptamente.

—Violasse? —terminou Simon por ela.

Ariane assentiu.

—Lamento decepcioná-la — zombou ele com um sorriso inquietante— Me atrai, mas não tanto para perder o controle por um beijo casto.

—Casto? Não entendo.

—Entenderá.

Depois de dizer aquilo, Simon levou a taça à boca uma vez mais e se virou para Ariane. Para a jovem, o sabor profundamente masculino parecia firme e quente, doce e extranhamente salgado, mas nada a embriagava mais que a escuridão oculta atrás de seus lábios, onde sua língua recebia uma carícia para cada carícia que dava.

A meia taça de vinho que Ariane tinha tomado fluiu com força em suas veias. Antes, a sensação de embriaguez a teria enervado, mas, agora, a única coisa que desejava era aproximar-se de Simon, sua âncora em um mar turbulento.

Ao sentir que Ariane se inclinava para ele, foi percorrido por uma ardente sensação de triunfo. A única coisa que lhe impediu de envolvê-la em seus braços foi a disciplina aprendida a tão alto custo durante a Santa Cruzada.

Sábia que era muito pouco para a união que desejava. A jovem acabava de começar a perder o medo do que estava por vir.

Em silêncio, amaldiçoando à odiosa mulher que tinha enchido de dúvidas os ouvidos de Ariane com histórias horríveis sobre o leito conjugal, Simon tentou sua esposa com um beijo mais profundo até que suas bocas se fundiram.

Ariane nunca tinha experimentado nada parecido. Uma acariciadora calidez mescla de sol e veludo; um aroma para ser saboreado uma e outra vez, sempre novo; uma serena intimidade crescente, varrendo o pesadelo, obrigando-a a retroceder.

Sem pensar, cheia de desejo, Ariane se entregou ao beijo.

Devagar, com infinito cuidado, os braços de Simon rodearam a sua esposa. Embora teria gostado de deitar-se com Ariane, seu medo de ser violada fez com que o guerreiro decidisse permanecer sentado um pouco mais.

Com delicadeza, Simon separou a cabeça. A queixa murmurada e a busca às cegas dos lábios masculinos por parte de Ariane provocou no guerreiro um sorriso tanto de triunfo, como de ternura.

—Simon?

—Já não tem mais vinho.

—Ainda posso saboreá-lo — protestou a jovem.

—Seriamente?

—Sim. Você não?

—Comprovamos? Abre seus lábios para mim outra vez.

Sem hesitar, Ariane obedeceu. Simon se inclinou e capturou sua boca com um único e suave movimento, reclamando-a por completo com os profundos ritmos de avanço e retirada de sua língua.

Na mente da jovem se agitou uma negra advertência. Mas antes que pudesse agir, o beijo voltou.

A língua de Simón acariciava sua boca roçando cada suave curva, de cetim atrás de seus lábios às distintas texturas de sua língua. Seu delicado jogo

seduziu de tal forma Ariane que esqueceu de estar alerta e se entregou ao doce duelo de línguas.

Quando Simon começou de novo sua rítmica penetração e retirada, Ariane gemeu brandamente e abriu ainda mais a boca em resposta às demandas do guerreiro.

O som que emitiu a jovem provocou ondas de desejo em Simon, minando rapidamente seu autocontrole e Ariane se rendia ante ele com tal delicadeza e paixão, que desejou protegê-la e tomá-la naquele mesmo instante. Tudo o que rodeava a jovem o atraía, do sutil perfume de seu cabelo até o sabor de suas bocas unidas, da cálida suavidade de seu frágil pescoço, até o magnífico vestido violeta que deslizava por suas mãos enquanto ele acariciava a pele feminina.

Os laços do decote pareciam tão ansiosos por serem desatados quanto ele estava ansioso para desatá-los. Só teve que tocá-los e pensar em tirar, e os quentes laços envolveram seus dedos e escorregaram, deixando indefeso o doce território dos seios de Ariane. Ocorreu a mesma com a regata, dando ao guerreiro uma acolhedora boa vinda à medida que a malha caia para permitir acesso aos segredos do corpo de sua esposa.

Ariane não chegou a sentir como o sutiã de seu vestido cedia sob as rápidas mãos do guerreiro. Estava perdida em um beijo que era como o próprio Simon, intenso e controlado, feroz e terno, honesto e complexo.

O prazer de entregar-se ao beijo de seu marido e tomar sua boca em troca, provocava-lhe tanta vertigem como o vinho que corria como lava por seu sangue.

Os dedos de Simon deslizaram da bochecha feminina para a orelha, e daí até a esbelta coluna de seu pescoço, provocando ainda mais a jovem. Instintivamente, ela enredou suas mãos no cabelo dourado acariciando-o como a um gato; e como um gato respondeu o guerreiro, apertando-se contra ela em silêncio e reclamando mais.

Sem entender o que sua resposta produzia em Simon, Ariane deixou escorregar suas unhas até a nuca do guerreiro, jogando delicadamente com sua língua.

Imediatamente, o beijo de Simon mudou de prazeirozo a algo muito mais premente. O ritmo se tornou mais elementar, mais faminto, uma exigência carnal aberta.

De repente, Ariane tomou consciência do calor que irradiava Simon e da tensão de todos os músculos de seu corpo. Os beijos tinham sido algo novo e doce, muito afastados de seu pesadelo.

Aquilo não era.

As mãos masculinas acariciavam seus seios nus enquanto uns poderosos ombros a empurravam para trás, com aterradora facilidade. Logo suas pernas seriam separadas à força e começaria a dor e a degradação, que já não acabariam, exceto com a morte.

Pesadelo e desespero prenderam Ariane, que procurou desesperada a adaga escondida entre os cortinados da cama. O cabo da arma prateada foi a ela como obedecendo a um chamado, e, sem refletir, lançou uma navalhada.

A jovem foi muito rápida e a lâmina alcançou Simón no braço antes que ele segurasse seu braço. Durante um tenso instante, o guerreiro desviou o olhar da adaga adornada de jóias aos selvagens olhos de sua esposa.

Com rapidez vertiginosa, Simon desarmou Ariane antes que a jovem soubesse o que estava aconteçendo e lançou a adaga ao ar com um perito movimento de sua mão.

Com a mesma velocidade, agarrou-a pela manga e a segurou no ar.

Ariane viu a esteira girar e soube que Simon estava tão familiarizado com os usos letais da adaga como com os da espada.

—Acabe comigo de uma vez — pediu a jovem com amargura.

Simon olhou surpreso para Ariane.

—Quer que a mate? —inquiriu em tom neutro.

—Sim!

Um estranho sorriso se desenhou nos lábios do guerreiro. Ariane demorou uns segundos em dar-se conta de que seu ataque produzia em seu marido mais diversão que aborrecimento.

—Não sou um amante tão cruel, rouxinol. Asseguro-a que ambos sobreviveremos a esta noite.

O braço de Simon se moveu com uma facilidade enganosa e a adaga voou em direção a distante parede, até cravar-se dois centímetros na madeira.

Antes que o cabo parasse de balançar, Simon segurou de novo a jovem.

Quando Ariane percebeu que sua única oportunidade para escapar do pesadelo havia desaparecido, seus nervos ficaram em frangalhos. Lutou contra Simon com cego e silencioso desespero, sabendo que não poderia voltar a submeter-se a outra violação.

Simon a controlou com facilidade sem devolver os golpes. Em poucos instantes, ela estava debaixo ele, imobilizada sob a força masculina, quase incapaz de respirar.

—Maldita seja —rugiu Simon exasperado—Por que fez isso?

—Alguma vez! —gritou Ariane— Alguma vez, me escutará ? Nunca deixarei que um homem me possua. Nunca!

—Seriamente? —burlou-se Simon com voz aveludada— E como pretende me deter?

O guerreiro observou como a compreensão de estar indefesa impregnava Ariane. Com ela veio o mesmo tipo de medo servil que tinha visto nos olhos das jovens sarracenas depois de que uma fortaleza caía e os soldados invasores descarregassem sua luxúria em qualquer uma a quem pudessem capturar.

A frieza da pele feminina e o perlado suor que brilhava em seu peito falavam eloqüentemente de seu medo, como também os violentos estremecimentos que a sacudiam dos pés a cabeça.

Com uma clareza sombria, Simon recordou o interrogatório de Duncan menos de duas semanas antes, em que Amber tinha estado presente para constatar a brutal veracidade da resposta de Ariane.

Cumprirei com minhas obrigações, mas a idéia de compartilhar o leito me repele.

Uma gélida ira inundou Simon.

Até aquele momento, o guerreiro não tinha acreditado realmente nas palavras de Ariane, já que tinha sentido as correntes de sensualidade entre ele e a herdeira normanda. Independentemente de que seu medo fosse real ou de que só estivesse brincando com ele, Simon tinha pensado que poderia seduzi-la.

Estava errado.

—Assim —resmungou entre dentes—, estou ligado por laços sagrados e necessidades terrestres a uma mulher que repudia o casamento.

—Sempre fui sincera — recordou Ariane sem emoção— Disse a todos aqueles que quisssem escutar que não tinha coração.

—Não desejo seu coração —estalou Simon em tom selvagem— É seu corpo o que quero, tanto por prazer como para ter filhos.

Ariane não respondeu.

Com um único e rápido movimento, Simon soltou Ariane e se levantou. Durante dolorosos instantes não disse nada.

Simplesmente olhou à maravilhosa e inalcançável beleza com quem se casou.

Um tipo diferente de calafrio percorreu Ariane quando compreendeu que não seria violada aquela noite e que tampouco seria libertada.

—Tão morta está sua alma que não deseja filhos? —perguntou Simon com uma suavidade assustadora.

Ariane abriu a boca para confirmar, mas foi incapaz de mentir. Derrotada, voltou seu rosto para um lado.

Pela extremidade do olho, viu o braço de seu marido estender-se para ela e, com um som rouco, afastou-se para o outro extremo da cama.

Sem uma palavra, Simon tirou bruscamente a colcha, arrancando-a debaixo de Ariane e deixando só um lençol sobre o colchão com essência de rosas. Muito cansada para sobressaltar-se, observou-o enquanto ele estendia o braço de novo.

O sangue gotejou lenta mas constantemente sobre o colchão.

—Isto deverá bastar —resmungou.

A jovem pousou seus olhos vazios sobre Simon.

—Um substituto do sangue de sua virgindade —zombou entre dentes— Se os lençóis não estivessem ensangüentados, no castelo correriam rumores sobre você ser uma mulher manchada.

Ariane emitiu um débil som e desviou o olhar sem dizer nada.

—Ao menos seu dote é grande —seguiu Simon— É a única coisa que obterei desta união durante algum tempo.

—Para sempre —retificou Ariane sem forças.

—Não, esposa. Está cheia de paixão. Tenho sentido. Um dia me rogará que tome o que hoje me nega. Pode estar certa disso!

Devagar, Ariane moveu a cabeça negativamente tanto em sinal de frustração como em resposta às palavras de Simon.

—Não brinque comigo — advertiu ele com mortífera gentileza— ou tomarei o que Deus e o rei me outorgaram, e ao inferno com seus medos virginais.

Sem mais, o guerreiro se voltou e saiu do dormitório.

***

CAPíTULO 09

Dominic separou os últimos restos do festim da noite anterior, arrastou um soldado inconsciente para fora do único banco que ainda ficava em pé, e continuou carregando aquele infeliz até tirá-lo do grande salão. Quando voltou, Meg tinha avivado o fogo e servia um aromático chá em taças pequenas.

Não bastava o aroma do pão que estavam fazendo na cozinha, nem de carne assada. Só lhes tinham servido água fresca e nada mais. Eram escassos os serventes que se levantaram, e todos acusavam o excesso de álcool. O povo roncava com tal força que seus bufos sacudiam os cortinados.

—Cerveja ou chá? —perguntou Meg quando Dominic se aproximou.

—Chá.

Dominic pousou o olhar nos homens inconscientes, empilhados como lenhas contra a parede do grande salão, e negou com a cabeça. As bodas de Simon foram celebradas até que nenhum dos convidados foi capaz de levantar sua taça ou desenredar sua língua para lançar um brinde.

—Menos mal que trouxe comigo a poção para a dor de cabeça —disse Meg—. Quando todos estes guerreiros conseguirem levantar-se, bastaria um menino gritar para tombá-los imediatamente.

—Possivelmente não precisassem nem isso —aduziu Dominic aborrecido— Se fossem meus vassalos, iriam roncar na pocilga. Aceitou o chá que Meg lhe oferecia, sentou-se no banco que tinha deixado livre pouco antes e bebeu um longo gole do transparente chá quente, como sempre, as ervas de sua esposa o limparam e fizeram se sentir melhor. Baixou a taça com um suspiro de prazer.

A dois metros de distância, um cavalheiro roncava bastante forte para asfixiar-se.

—Maldição! —zombou Dominic entre dentes— Os cavalheiros de Erik não têm bom senso? Acaso não sabem quão vulneráveis são sob os efeitos da bebida?

—Não seja duro com eles —intercedeu Meg voltando a encher sua taça— Só compartilhavam a alegria de Erik por um matrimônio que trará paz a uma terra aflita; Dominic soprou.

—Sim, e sua celebração manteve a maior parte acordada à noite.

—Não.

—Então, o que foi? Porque sei que estava acordada, pequeno falcão.

—Sonhei —se limitou a dizer a jovem.

Dominic ficou tenso.

—Sonhos glendruid?

Meg assentiu em silêncio.

—Algo que pode me contar? —Dominic era muito consciente de que os sonhos de sua esposa nem sempre podiam ser expressos em palavras.

—Existe perigo.

—Maldito seja — amaldiçoou o lobo dos glendruid entre dentes, olhando com severidade os cavalheiros que dormiam no salão—. Dentro do castelo?

Meg inclinou a cabeça pensativamente.

—Não... de tudo.

—Nos arredores?

—Sim —afirmou sem vacilar— Venha aqui.

—Sempre há perigo nas terras da fronteira, meu amor — recordou Dominic encolhendo os ombros.

Meg sorriu fugazmente, já que tinham tido aquela mesma conversa muitas vezes antes, ao falar de seus sonhos. Não que seu marido não acreditasse, mas até que seus sonhos não fossem mais específicos, se é que chegassem a ser, havia pouco que ele pudesse fazer, dado que os homens sob seu comando sempre estavam em estado de alerta.

—O perigo é menor desde sua chegada às terras da fronteira.

—A jovem beijou a dura boca de seu marido, conseguindo que sorrisse. Ao mover-se, as diminutas correntes de ouro de seus braços e quadris tilintaram. E quando uma grossa trança escorregou, as jóias que penduravam-se nela também emitiram um doce som.

—Lobo dos glendruid —murmurou— Disse o quanto te amo?

—Não na missa matinal —respondeu o guerreiro com rapidez— E o tempo passa horrivelmente devagar sem seu amor.

A risada de Meg flamejou igual à viva cor de seu cabelo.

A vários metros de distância, Ariane se deteve na entrada lateral do grande salão, apertando sua harpa com ambas as mãos, emocionada pelo som da risada de Meg, o brilho avermelhado de suas tranças, e a inesperada visão da feiticeira dos glendruid e seu lobo em pleno jogo amoroso.

—Sinto muito, meu lobo —brincou Meg.

—Sinta um pouco mais — pediu Dominic agarrando com suavidade à curandeira e sentando-a em seu colo — Morro de vontade de beijá-la.

—Seriamente?

Meg riu de novo e suas mãos deslizaram por baixo do manto de Dominic para colocá-lo sobre seus ombros. Desfrutando abertamente do corpo de seu marido, a jovem acariciou sedutoramente os poderosos músculos de seu peito.

—Oh! é certo —disse com um gesto sério, ocultando um sorriso— Posso sentir como se enfraqueceu com a ausência de meus beijos.

—Então tenha piedade de mim e beije-me.

Meg inclinou a cabeça para Dominic, enredou os dedos em seu negro cabelo e sua boca pousou sobre a de seu marido. O beijo foi lento e abertamente sensual.

Sem desejá-lo, a herdeira normanda recordou o momento mágico, na noite anterior, em que Simon a tinha mantido enfeitiçada, ignorante do perigo inerente ao desejo de um homem. Turvada, Ariane teve o irracional impulso de gritar uma advertência à curandeira glendruid, lhe dizer que o beijo de um

homem não era mais que um engano, mas o bom senso fez com que mordesse a língua, antes de emitir uma só palavra.

—Está melhor? —brincou Meg, minutos mais tarde.

—Sim—respondeu o lobo dos glendruid com voz rouca.

—Tem certeza? —insistiu, desenhando provocativamente a linha dos lábios masculinos com a ponta da língua.

O sorriso de Dominic era escuro, sensual, varonil. Com uma mão, voltou a colocar o manto sobre seus ombros de modo que cobrisse a ambos, e com a outra dirigiu os dedos femininos para o centro de seu corpo.

—Diga-me, pequeno falcão, você acha que estou melhor?

Dominic conteve a respiração quando a mão de Meg se moveu.

—Parece que está . - provocou a jovem—, mas poderia estar tocando só a dureza do banco.

—-Comprove mais de perto.

—Poderia vir alguém.

—Prometo não gritar.

—É o diabo.

—Não, sou um homem ao qual suas obrigações lhe separaram muito tempo do quente corpo de sua esposa. Não pode senti-lo?

—Aqui? —perguntou Meg, inocente, acariciando sua coxa.

Dominic trocou ligeiramente de posição, fazendo com que a mão de sua esposa deslizasse entre suas pernas.

—Pode sentir agora, bruxa?

Enrouquecida, a risada que surgiu de Meg, sensual e ardente, era a de uma mulher que aprovava por completo o que ocultavam as roupas de seu marido.

Mas não foi isso o que impressionou Ariane, mas a total ausência de medo na risada de Meg. Era como se a curandeira desejasse o inevitável final de semelhantes jogos com tanta ansiedade como Dominic.

Com fascinada reticência, Ariane observou o casal de uma maneira que, em outras circunstâncias, teria deixado-a surpresa. Mesmo escondidos sob o

manto do lobo, a jovem normanda não tinha dúvida de que estavam entregues a jogos amorosos; jogos que ambos desfrutavam.

—Suas mãos me queimam —ofegou Dominic—Consuma-me, pequeno falcão.

De repente, ressoaram passos na escada de pedra que descia do terceiro piso para o grande salão.

Dominic amaldiçoou, entre dentes, em uma língua diferente e levantou rapidamente Meg. Quando descobriram que os passos eram de Erik e Simon dirigindo-se à porta principal do grande salão, o casal tomava o café da manhã tranqüilos com um pouco de fruta, queijo e pão de ervas do dia anterior.

Simon e Erik entraram no amplo salão com largas passadas.

Altos, poderosos, de amplos ombros, fortes, mas com a agilidade de um lobo, de cabelo e barba loiros, ambos os cavalheiros pareciam mais irmãos que homens nascidos em terras distantes. Ao seu lado caminhava o enorme cão lobo de Erik.

Ninguém percebeu a presença de Ariane na entrada lateral, oculta pelas sombras, a escura roupa e sua própria quietude. A jovem desejava entrar, mostrar-se e sentar-se junto ao fogo, mas a visão de Simon a tinha paralisado.

Não brinque comigo, ou tomarei o que Deus e o rei me outorgaram e ao inferno com seus medos virginais. O frio se condensou sob a pele da herdeira normanda, que permanecia de pé, imóvel rogando poder passar desapercebida até que pudesse retirar-se tão silenciosamente como tinha chegado.

Quando Simon se aproximou da lareira, o lobo dos glendruid dedicou a seu irmão um minucioso e rápido olhar. Como vinha ocorrendo desde a Santa Cruzada, o rosto de Simon não refletia seus pensamentos. Dominic era um dos poucos que sabia que seus rápidos pensamentos e seu sorriso eram uma armadura tão útil como a melhor das cotas de malha.

Geralmente, o lobo dos glendruid podia ver a realidade debaixo da dourada superfície de seu irmão, mas não era assim naquela manhã.

A decepção cresceu no interior de Dominic. Não precisava ser um Iniciado para sentir que o que queir que tivesse acontecido entre Simon e Ariane na noite anterior, tinha incrementado a fria escuridão de seu irmão em lugar de acalmá-la.

—Maldito seja! —exclamou Erik com repugnância ao passar por cima de um soldado que roncava— Duncan e eu necessitaremos látego e esporas para pôr em marcha estes homens.

—Onde estão Duncan e Sven? —inquiriu Simón— São sempre os primeiros a levantar-se.

—Enviei Sven a patrulhar os arredores —respondeu Dominic— Com todos estes caipiras dormindo como rochas, seria uma brincadeira de crianças tomar o castelo do Círculo de Pedra.

—O sentinela está em seu posto —assinalou Erik.

Dominic grunhiu.

—Quanto a Duncan...

—Está desfrutando o dom do carvalho —apontou Meg.

—Um sonho ininterrupto? —zombou Simon. Fria e azeda, sua voz correspondia às sombras que habitavam em seus olhos.

Sussurros druidas ressoaram de repente na mente de Meg, lhe falando da violência que se tornava densa como uma tormenta nas terras da fronteira. Uma tormenta cujo centro seria o castelo do Círculo de Pedra.

Um grito afogado escapou dos lábios da curandeira, um som tão baixo que ninguém pôde ouvi-lo, exceto seu marido. Imediatamente, Dominic foi até ela, rodeou-a com um braço e inclinou sua escura cabeça para a bochecha feminina. Meg não necessitava apoio, mas se recostou agradecida contra o poderoso braço de seu marido.

—O que houve? —perguntou Dominic.

A jovem sacudiu a cabeça.

—Não é o bebê? —insistiu o guerreiro.

—Não.

-—Está segura? Por um momento parecia que sofria.

Meg respirou profundamente e pousou seu olhar nos olhos cinzentos de seu marido.

—O bebê é forte e são. —Tomou a mão cheia de cicatrizes de Dominic e a pousou sobre a tensa protuberância de seu ventre. Por um momento, o guerreiro só sentiu a calidez de sua mulher, mas em seguida percebeu o inconfundível pontapé do bebê.

A expressão que inundou o rosto do lobo dos glendruid fez com que Ariane o observasse com atenção. Jamais teria acreditado ser possível que um homem tão forte pudesse sorrir de uma maneira tão terna.

Simon também observava o casal. Embora tinha tido meses para acostumar-se, havia vezes que ainda se surpreendia pela profundidade dos sentimentos de seu irmão para com a jovem que o destino lhe tinha enviado.

—O lobo dos glendruid não parece tão feroz agora — murmurou Erik— A sua maneira, ele e sua bruxa compartilham o dom do carvalho, não acha?

—Não saberia dizê-lo —respondeu Simon tranqüilo.

—Ah, certo. O que foi que disse Dominic? Que seu dom é ver só o que pode ser tocado, pesado e medido, o que é real?

—Exato —confirmou Simon com áspera satisfação.

—Segue parecendo mais uma maldição.

—Não o vejo galopar para o Círculo de Pedra e seu invisível carvalho em busca do amor.

Erik olhou de soslaio ao normando. Embora Simon sempre se mostrasse azedo, sua língua parecia particularmente afiada aquela manhã.

—Uma noite importante? —perguntou o feiticeiro, afável.

—Uma noite como qualquer outra.

—Quer isso dizer que aceita o presente que te ofereci? —zombou Erik.

Simon riu sombrio.

—Sim, Iniciado, aceitarei seu presente.

—Sinto muito. Ao ver lady Ariane com o vestido de Serena, tive a esperança de... —Erik encolheu os ombros— Bom, as esposas frias são a razão pelo qual Deus nos brindou com animais de peles. Pedirei que me tragam o manto forrado de peles imediatamente.

—Estou em dívida com você.

—Não —negou o feiticeiro imediatamente— Sou eu quem sempre estará em dívida contigo. Me deu o melhor presente que poderia esperar ao aceitar casar com a fria herdeira normanda.

Simon não disse nada.

Tampouco Ariane, apesar de ter ouvido cada palavra com absoluta clareza. Não podia argumentar nada a seu favor. Aqueles homens só diziam a verdade. Um manto forrado de peles esquentaria mais o corpo de Simon do que ela.

—Se não tivesse sido voluntário —prosseguiu Erik— Duncan teria se casado com Ariane, Amber teria morrido no Desfiladeiro Espectral, e as terras de meu pai teriam passado para as mãos dos rebeldes.

Simon se moveu inquieto. O ocorrido entre Duncan e Amber naquele lugar de desconcertantes névoas, era algo que não podia pesar ou medir; e o confundia.

—Nunca verei o carvalho sagrado em flor, porque nunca conhecerei o que é o amor —afirmou.

—Ainda é jovem.

Simon dedicou a Erik um olhar enviesado.

—Sou mais velhho que você —aduziu—, e estou casado com uma mulher fria como o mármore.

—Ouvi que Enjoe poderia te dar consolo.

Ira e repugnância passaram como serpentes através de Simón ao pensar na hábil e desleal Enjoe, embora não exteriorizou o que sentia.

—Suponho que falou com Sven —resmungou— Não pára de falar dessa mulher com a esperança de que alguém como você caia em sua armadilha e desvende todos seus segredos.

Rindo, Erik se inclinou para acariciar Stagkiller, que tinha estado reclamando a atenção de seu dono com o focinho.

—O que ocorre, Stagkiller? O que o inquieta?

O afeto no tom de Erik era tão evidente como as grandes e brilhantes presas do cão lobo.

—Possivelmente quer trocar de corpo com você —sugeriu Simon afável.

—Acredita em tudo o que Sven ouve?

Simon lançou uma gargalhada e Stagkiller seguiu dando insistentes latidos a Erik.

—É por isso que tenta me derrubar? —grunhiu seu dono.

Ao inclinar-se para olhar nos olhos do cão lobo, o feiticeiro captou de esgelha os tênues brilhos das gemas do cabelo de Ariane.

—Lady Ariane —saudou endireitando-se—Bom dia.

Simon ficou paralisado por um instante e logo se moveu com rapidez para conduzir Ariane para dentro do salão.

Intuía que a jovem tinha ouvido cada palavra que foi pronunciada no grande salão, mas aquilo não o preocupou; não havia dito nada a Erik que não o houvesse dito antes a sua reticente esposa. Não obstante, a dor que Simon percebeu em Ariane o perturbou e enfureceu.

—Tomou o café da manhã? —perguntou-lhe em tom neutro.

Ariane apertou ainda mais a sua harpa, abraçando-a como um escudo.

—Não —sussurrou.

—Então faça. Está muito magra.

Os dedos da jovem se moveram e umas notas rasgadas surgiram da harpa, morrendo abruptamente.

—Não tenho fome —replicou.

—Sou muito consciente de sua falta de apetite.

A voz de Simon era fria, impessoal. Um ligeiro movimento dos dedos da jovem normanda na harpa rompeu o silêncio que seguiu às terríveis palavras.

—Estava presente quando Amber me interrogou —se defendeu Ariane, tensa—. Sabia o que eu sentia.

—Obrigado, amável esposa, por me recordar que o que ocorreu ontem à noite.

Naquela ocasião nada desfez o silêncio subseqüente. Quando ficou evidente que nenhum dos dois pensava em voltar a falar, Erik cerrou os dentes e se dirigiu, galante, à herdeira normanda.

—O amanhecer depois da noite sempre é mais quente.

Ariane observou Erik de alto a baixo um momento antes de falar.

—É muito amável, milorde.

—Amável?

—Por sugerir que todas as noites terminam, quando sabe tão bem como eu que algumas não acabam nunca.

—Não sei a que se refere.

Os olhos de Ariane se abriram ligeiramente ao sentir a selvagem impaciência sob a tranqüila superfície do feiticeiro.

—Não importa, milorde.

Erik suspirou e desejou que Ariane fosse menos bela. Seria mais fácil enfurecer-se com uma esposa desobediente e resistente se não fosse tão graciosa.

— Seus olhos —comentou Erik.

— Perdão? — perguntou desconcertada.

— Seus olhos são magníficos. É um milagre que as fadas não tenham roubado.

As palavras do feiticeiro recordaram a Ariane o momento em que confessou a Simon como era atraente e no que havia resultado.

Quando a jovem normanda olhou de soslaio para seu marido, que revelou um débil sorriso e soube que ele também recordava.

—Obrigado, milorde —respondeu com um sorriso reflexo da educação recebida. Tinham-na preparado para aceitar aquele tipo de cerimoniosas troca de adulações entre homens e mulheres de alta linhagem.

—Mas —prosseguiu—, se as fadas fossem roubar os mortais, seriam seus olhos que correriam perigo. Têm um tom dourado excepcional, como um sol de outono refletido na água.

—Ou como o reflexo do fogo nos olhos de um lobo —interveio Simon com suavidade.

Erik o olhou de esguelha.

—Exagera.

—Sem dúvida —replicou Simon.

Com uma pequena risada, o feiticeiro se voltou de novo para Ariane.

—Como é mais provável que seu marido seja muito tímido para ter mencionado sua beleza, começarei ressaltando que mesmo as estrelas do céu não tem seu fogo ametista.

De novo, Ariane sorriu cortês, embora mais calidamente.

—Agora é você que exagera.

Simon observou com crescente irritação a troca de cortesias entre Erik e Ariane. Aquele tipo de rituais de cortesia não deveria incomodá-lo, mas ver como sua esposa respondia ante o atraente rosto e as elegantes maneiras de seu amigo e aliado era muito irritante.

—Não estou sendo amável, só digo a verdade.

Erik olhou atentamente Ariane por uns segundos, como se fosse a primeira vez que a via como uma mulher, em vez de como um instrumento em seus planos para as terras da fronteira.

—Seu cabelo é como seda negra —continuou o feiticeiro devagar-— Escuro, embora cheio de luz; sua pele possui a textura das pérolas; suas sobrancelhas têm as elegantes linhas de um ave em vôo; sua boca é…

—Já é suficiente —interrompeu Simon lacónico— Não ouvi uma fileira de cortesias tão absurdas desde que estive na corte de um príncipe sarraceno.

Embora Simon não tivesse elevado a voz, seu tom era uma clara advertência. Erik estudou com o olhar e seu amigo levantou sua sobrancelha esquerda, em silencioso desafio.

De improviso, o feiticeiro sorriu como o lobo que lhe atribuíam ser. A mensagem de Simon estava clara: fria ou não, Ariane era sua esposa, e queria deixar bem claro.

Aquelas eram boas notícias para Erik, que tinha temido que Simon ignorasse a sua gélida esposa, exceto para conceber filhos que lutassem por seu senhor e irmão, o lobo dos glendruid. Aquele tipo de enlace frio e prático seria perigoso para todos. Erik não sabia por que, mas sabia que era assim. Seu dom consistia em estabelecer padrões ocultos onde outros só viam propósitos sem conexão.

—Vou partir, para que possa tratar com atenção sua dama —se despediu Erik.

—Sábia decisão.

Ariane deu uma olhada para seu marido. Sorria, mas com uma seriedade letal.

Erik se retirou escondendo seu próprio sorriso de satisfação.

—Isso foi desnecessário — reprovou Ariane a seu marido ,com voz baixa.

—Era muito necessário —refutou Simon.

—Por que? Que mal pode ter umas simples cortesia?

Simon se aproximou de repente dela, que conseguiu conter-se antes de retroceder. Mesmo assim, Simon percebeu seu desejo de afastar-se.

—O mal está no fato de que se sobressalte com o mais leve de meus movimentos —resmungou o guerreiro com selvagem suavidade— E que, entretanto, dirija-se a Erik como se queresse seduzi-lo.

—Eu nunca...

—Ai está o mal —seguiu Simon— está em sua beleza e os homens a perseguem como cães, depois de sentir uma fêmea no cio.

Completamente assombrada, Ariane começou a protestar.

—Isso não...

Simon ignorou as palavras da jovem e continuou falando.

—O mal, querida esposa —prosseguiu sereno—, está em que um completo estranho, que começa adulando o brilho de seus olhos pode conseguir que deseje...

—Isso foi o que me ocorreu ontem à noite —o interrompeu Ariane sem pensar, estremecendo com a lembrança— Me fez desejá-lo.

Embora falasse em voz baixa, as palavras da jovem cortaram pela raiz a forte ira em Simon, que olhou a suave e rosada boca de sua esposa.

Então, Dominic chamou seu irmão do outro lado do salão. Mas Simon não pareceu ouvi-lo e seguiu estudando e olhando, intensamente os lábios de Ariane.

—Simon —sussurrou a jovem—, lorde Dominic o chama.

O guerreiro ignorou a advertência, como tinha ignorado a chamada de seu irmão.

—Ontem à noite —disse com voz rouca—, sua boca me tentou e quase conseguiu que eu perdesse o controle.

A escuridão nos entrecerrados olhos do guerreiro acautelava e tentava Ariane.

—Quando finalmente se abriu para mim —seguiu Simon—, soube como se sente aquele que esteve procurando um tesouro durante um longo tempo.

A respiração de Ariane se entrecortou com aquelas palavras que tanto lhe recordavam o doce jogo de línguas, o intenso sabor masculino estendendo-se em sua boca e fazendo-a tremer.

Sem perceber, murmurou o nome de seu marido.

—Sim —sussurrou Simon— Também te ocorreu. Logo se abrirá para mim de um modo diferente, completo.

Uma onda de calor, surpreendente e agradável, percorreu Ariane.

—Até lá, só trocará cortesias comigo, já que sou o único que tem direito a fazer isso e escutá-las de seus lábios.

Ariane tentou falar, mas só pôde emitir um som que bem poderia ter sido o nome de Simon. Confusa, molhou os lábios, repentinamente secos.

—Tenta-me sem piedade — resmungou Simon feroz — Oxalá pudesse fazê-la sentir o mesmo.

Depois de dizer aquilo, voltou-se e se dirigiu a grandes passadas para Dominic, deixando Ariane com o consolo da harpa que apertava contra seu peito.

***

CAPíTULO 10

—Faz um dia magnífico —comentou Blanche— Quase consegue fazer com que me esqueça dos seis dias de tormenta anteriores. A harpa imitou o som de um suspiro em cascata, tão enigmático como os olhos de Ariane, enquanto a donzela largava o pente e começava a arrumar o cabelo de sua senhora.

A jovem não notava os dedos de Blanche. Estava presa entre o pesadelo e as alarmantes e doces lembranças do beijo de Simon.

Seis dias de casada.

Aquela noite seria a sétima.

—É uma bênção que o tempo tenha mudado —disse Blanche enquanto trançava as largas mechas do cabelo de Ariane— Os cavalheiros estão ansiosos para sair à caça... ou para encontrar às filhas dos servos.

Simon virá a meu quarto de novo?

Ou voltará a me fazer esperar, deixando-me mais tensa e com meus nervos a flor da pele, enquanto espero que jogue-se em minha cama, arrancando minha camisola e tome o que considera seu, até me fazer sangrar?

Ariane se obrigou a respirar.

Lástima que não se pudessem conceber crianças com um beijo.

Suas mãos desciam sobre a harpa ao recordar a doce contenção e a inquietante carícia dos lábios de Simón.

Se ele recordava seu beijo com o mesmo desejo que ela, sua conduta não o demonstrava. Na manhã seguinte à bodas, Simon tinha sido educado e nada mais.

Não quero nada mais dele. Era mentira, e Ariane sabia..

Desejava seus beijos, suas delicadas carícias, seus sorrisos. Mas não queria a paixão que percorria as veias do guerreiro com selvagem violência, fazendo com que seus olhos se obscurecessem e brilhassem perigosamente. Assustava-a a força masculina que, com tanta facilidade, podia submetê-la, mantendo-a indefesa enquanto ele a obrigava a lhe aceitar.

Não brinque comigo, ou tomarei o que Deus e o rei me outorgaram e ao inferno com seus medos virginais.

— Milady? — chamou-a Blanche.

Ariane piscou. O tom de sua donzela indicava que não era a primeira vez que a chamava.

—Sim? —conseguiu dizer.

—Você gosta do cabelo assim?

—Sim.

Com uma careta, Blanche deixou o pente de um lado. Ariane apenas tinha vislumbrado seu reflexo no espelho de bronze.

— Se eu tivesse seu rosto e sua figura — resmungou Blanche—, não me esconderia em meu quarto, como uma monja.

— Nesse caso, oxalá pudéssemos trocar nossos corpos — murmurou Ariane —, como se diz que podem fazer lorde Erik e seu cão lobo, nas noites de lua cheia.

Blanche estremeceu e se apressou a benzer-se.

— Não seja assim — reprovou Ariane — Lorde Erik foi muito amável conosco.

—Também dizem que Satanás é encantador.

—Satanás não leva uma cruz no pescoço.

— Lorde Erik sim?

— Sim.

O rosto de Blanche refletiu a incredulidade que sentia.

— Pergunta ao capelão do castelo do Círculo de Pedra se não acredita — a desafiou Ariane.

Sua voz era tão lacónica como as notas arrancadas a sua harpa.

—Tomará seu café da manhã de novo em seus aposentos? —quis saber Blanche, cautelosa.

Ariane estava a ponto de assentir quando mudou de repente de opinião. Estava cansada do exílio que impôs a si mesma e desejava tomar parte da vida do castelo. Sem pensar muito, ficou em pé.

— Não — rechaçou — Tomarei o café da manhã no grande salão.

Blanche abriu ainda mais seus claros olhos.

— Como desejar— foi sua única resposta.

Ariane se dirigiu para a porta e, de repente, algo a deteve.

Deixou de lado sua harpa e começou a tirar com impaciência o vestido que tinha separado ao levantar naquela manhã. As dobras malva e os adornos rosa nos punhos e cós já não lhe satisfaziam.

— Traga o vestido com o qual me casei — ordenou a sua donzela.

— Por que?

— Eu gosto dele mais do que o resto de minhas roupas.

Com um olhar de soslaio a sua imprevisível senhora, Blanche se dirigiu ao guarda-roupa que continha os poucos vestidos que Ariane havia trazido consigo da fortaleza de Blackthorne.

— É um objeto estranho — murmurou Blanche, que segurava o vestido o mais longe possível dela, enquanto o levava a sua senhora.

—- Estranho? por que? —interessou-se Ariane.

— O tecido parece suave, mas ao tato é terrivelmente áspero. Não entendo como podem suportá-lo sobre sua pele, embora isso agrade à Iniciada que o deu de presente.

Surpresa, Ariane observou por momento a sua donzela.

— Áspero? — repetiu, incrédula — Jamais, é muito suave.

Blanche murmurou umas palavras para si e sustentou o luxuoso tecido bordado com desconcertantes padrões, que se assemelhavam a relâmpagos em uma tormenta ametista. Com escassa paciência, esperou que Ariane tomasse o vestido.

Blanche não insistiu em ajudar a sua senhora com os laços. Tampouco era necessário. O vestido a envolvia quase sozinho, com pouca ajuda dos rápidos dedos de Ariane.

Aquela era uma das coisas que mais gostava no presente dos Iniciados, já que não tinha que suportar um contato não desejado sobre seu corpo, na hora de vestir-se.

Além disso, o tecido jamais manchava.

—Pergunto-me como conseguiram tecê-lo assim —refletiu Ariane deslizando o dorso dos dedos pelo objeto— Os fios são tão finos que nem posso distingui-los.

—Dizem que a seda é assim.

—Não. Meu pai obteve muitas peças de seda de cavalheiros que tinham lutado contra os sarracenos e nenhuma era como esta.

Entretanto, apesar de não poder evitar acariciar o objeto, Ariane tinha cuidado em não olhar em suas profundidades, ali onde a luz e as sombras se entrelaçavam. A lembrança do beijo de Simon já era bastante inquietante. Não necessitava da visão de uma mulher no tecido contorcendo-se de paixão sob as carícias de um guerreiro, para perturbar sua mente ainda mais.

Com a harpa na mão e o vestido de adornos de prata formando redemoinhos em seus tornozelos, Ariane se dirigiu ao grande salão. O castelo borbulhava com o ruído dos serventes,e enquanto caminhava, a jovem ouvia palavras soltas sobre o formoso dia depois da selvagem tormenta e sobre o porco que havia tornado a escapar da cerca de Ethelrod.

Ao chegar ao grande salão, viu que Simon e Dominic estavam juntos próximos a uma das lareiras, nas quais o fogo chispava com chamas altas e douradas. Preguiça ronronava prazerosamente sobre o pescoço de Simon e na grande mesa estava, as manoplas de couro dos falcoeiros. Pelos movimentos das mãos dos cavalheiros, parecia que discutiam sobre as vantagens da caça de aves aquáticas com falcões de diferentes tamanhos.

Além de um educado gesto com a cabeça quando Ariane entrou no salão, Simon não fez nenhum outro movimento para aproximar-se de sua esposa. Aquilo fez com que se sentisse aliviada... e irritada. Só então admitiu para si mesma que tinha esperado ter a oportunidade de falar com seu marido.

O que faço para não deixá-lo interessado em mim, disse-se. Como perguntar se planeja me forçar esta noite ou na seguinte?

Com uma impaciente maldição entre dentes, Ariane afastou aqueles pensamentos que não tinham saída. Desde sua desastrosa noite nupcial, Simon a tinha ignorado, exceto para saudá-la com educação quando seus passos se cruzavam no castelo.

Meg estava sentada em um dos lados da grande mesa em que os senhores e as damas das terras da fronteira costumavam ficar. Em lugar de comida, a curandeira tinha em frente dela um mostruário de loções, bálsamos e poções, tinturas e cremes. Junto a ela estava Amber. Era incrivelmente atraente a

combinação do cabelo cor fogo de Meg e o dourado de Amber em contraste com os cinzentos muros de pedra.

— Cassandra diz que isto faz muito bem para enfermidades causadas pelo frio —explicava Amber— Embora para casos leves, alguns curandeiros Iniciados prefiram as urtigas, colhidas na metade do verão.

Meg agarrou um dos potes, introduziu seu dedo brevemente nele e esfregou um pouco de ungüento com as palmas das mãos. Quando a aromática mescla estava na temperatura corporal, a levou ao nariz para cheirar, provou-a com cuidado, e assentiu.

Em silêncio, Ariane sentou-se perto. O escudeiro de Simon, um rapaz apenas, com uma maltratada sombra de barba, aproximou-se imediatamente com um prato de carne fria e fruta, queijos, pão de diferentes tipos e uma taça de aromático chá.

— Obrigado, Edward — disse Ariane, surpreendida.

— É um prazer servir à esposa de meu senhor — assegurou o rapaz, atento.

Edward olhou de soslaio para Simon, recebeu uma inclinação de cabeça e se retirou com rapidez.

Aquilo indicou a Ariane que seu marido tinha fiscalizado sua comida, como tinha feito durante os últimos seis dias.

No prato não havia nada que não gostasse. O próprio chá era uma sutil mistura de esvas e camomila, que a jovem tinha apreciado muito.

Sob o atento olhar negro de Simon, Ariane deixou de lado sua harpa e começou a comer.

— Obrigado, Deus —murmurou Dominic quando viu que sua cunhada não tinha intenções de tocar a harpa — A dama não deprimirá nossos falcões com suas tristes melodias.

Simon desviou o olhar de Ariane para seu próprio falcão, que esperava quieto em seu lugar. Encapuzado, paciente, Skylance descansava junto com

as outras aves. De vez em quando, um falcão batia as asas e fazia tilintar as pequenas correias que pendiam de suas magras e frias patas.

Com atitude sombria, Simon continuou acariciando o gato que se acomodava do lado direito de seu pescoço. O movimento do braço do guerreiro fez com que a manga de sua camisa deixasse descoberto a linha escarlate da ferida de seus bíceps.

— O bálsamo de Meg curou sua ferida — disse Dominic.

Embora a voz do lobo dos glendruid parecesse tranqüila, Simon conhecia seu irmão o suficiente para saber que não acreditava na história sobre como cortou o braço.

— Sim — concordou Simon — Meg é muito capaz.

— É estranho que tivesse esse acidente, conte-me de novo como ocorreu.

Simon só respondeu com um olhar cheio de sombras.

— Ah, agora me lembro — provocou Dominic — Tinha bebido muito vinho e se cortou quando estava mostrando a sua esposa como lançar uma adaga. Foi assim que ocorreu?

Simon deu de ombros e começou a comer uma maçã.

— Uma bonita história — prosseguiu Dominic com cautela —, mas está na hora de contar a verdade ao seu senhor.

— O que ocorre entre um homem e uma mulher em sua noite de núpcias só interessa a eles.

— Não se a morte de um ou outro pode provocar problemas na fortaleza de Blackthorne — rebateu Dominic.

— Estamos vivos —replicou Simon, cortante.

— Suponho que foi o sangue de sua ferida que manchou os lençóis nupciais.

Silêncio.

— Simon?

A voz do lobo dos glendruid era rouca, premente, como também era sua postura, inclinado para seu irmão.

— Não é a curiosidade que me impulsiona a insistir — assegurou Dominic sem rodeios — Toda a noite, Meg tem sonhos glendruid e, cada noite, são mais aterradores.

A boca de Simon desenhou uma linha tão fina como a ferida de seu braço, e durante um longo espaço de tempo, limitou-se a acariciar Preguiça, que não podia deixar de ronronar.

—Tomaste o corpo de Ariane? — perguntou seu irmão diretamente.

Os dedos de Simon pararam por um instante e logo recomeçaram suas carícias.

— Não — se limitou a dizer.

Dominic amaldiçoou em sarraceno.

— O que aconteceu?

— Minha esposa é muito fria.

— Rechaçou-te?

Um sombrio sorriso sobrevoou os lábios de Simon, mas a delicadeza de sua mão sobre o gato cinzento não mudou.

— Sim, rechaçou-me.

— Por quê?

— Disse que preferia morrer antes de deitar-se sob um homem.

— Então coloque-a por cima — aduziu Dominic, impaciente.

— Pensei nisso.

Dominic esperou, mas Simon não disse mais nada.

— Como se feriu? — Embora o tom do lobo dos glendruid fosse incisivo, era baixo para não ser ouvido pelos outros.

— Com uma adaga —respondeu Simon.

— Quem a brandia?

— Minha esposa.

Era o que Dominic tinha suspeitado, mas, mesmo assim, ouvir a verdade o deixou paralisado.

— Tentou matá-lo? —inquiriu.

Simon encolheu os ombros.

— Deus — murmurou Dominic — Não é de admirar que tenha deixado de desejá-la.

— Oxalá fosse assim — resmungou Simon entre dentes.

— O quê?

— Oxalá não a desejasse. Mas a verdade é que temo perder o controle se voltar a me rechaçar.

As negras sobrancelhas de Dominic se elevaram. Tanto na batalha como no dormitório, o controle de Simon provocava inveja em mais de um cavalheiro.

— Essa é a razão pela qual dorme sozinho?

— Sim. E agora colocou esse maldito vestido outra vez — zombou Simon entre dentes — Não sabe o quanto desejo poder ver a pele que o cobre.

Dominic observou as tensas feições de seu irmão e escolheu suas palavras com cuidado, antes de falar.

— Acha que prefere outro? — aventurou.

— Não, se desejar seguir com vida.

A mortal frieza na voz de Simon indicou a Dominic que mesmo ele devia ter cuidado ao tocar naquele assunto. Não tinha visto seu irmão tão interessado em uma mulher, desde que perseguiu Enjoe entre as fogueiras dos acampamentos na Terra Santa.

De repente, Simon soltou uma maldição e parte da ferocidade que o atravessava abandonou seus olhos.

— Não — negou tranqüilo — Ariane não ama nenhum outro homem, embora, de certo modo. seria mais fácil se o fizesse. Poderia matá-lo.

Dominic sorriu mordaz.

— Pode ser que Ariane prefira o contato de outra mulher, como algumas das esposas do sultão.

— Não. Não suporta que a toquem. Nem sequer permite que sua donzela a banhe.

— O banho...

Dominic lembrou de si mesmo. ao recordar os prazeres de banhar-se com sua esposa glendruid, cujo amor pela água era ainda maior do que o que o impulsionava a construir fontes em seu castelo.

— Deixe de sorrir assim — zombou Simon, entre aborrecido e curioso.

Ganhou a curiosidade.

— Foi assim que domesticou seu pequeno falcão? — inquiriu — Capturou-a quando suas asas estavam muito úmidas para voar?

Dominic riu com suavidade, enquanto Simon esperava com impaciência controlada. ao mesmo tempo que acariciava ao gato.

— Domestiquei meu pequeno falcão com muito cuidado — recordou o lobo dos glendruid — tanto no banho, como no bosque, como no quarto.

Simon olhou Meg. Seu cabelo brilhava e seus olhos verdes pareciam arder., enquanto falava com Amber.

— Foram as jóias que mandou fazer especialmente para ela, que a convenceram ? — insistiu Simon.

— Não.

— Tomou a força?

Dominic negou com a cabeça.

— Bem — murmurou Simon — Não há nada que eu deplore mais que tomar uma mulher à força.

— Excelente. Acho que você também não gosta.

Simon riu as gargalhadas. ao escutar a resposta de seu irmão.

O som foi tão inesperado, tão contagioso, que Ariane levantou os olhos de seu prato quase vazio. Seus olhos ametista brilharam antes de voltar a baixar o olhar.

— Só tem olhos para você — assinalou Dominic.

— O quê?

— Sua esposa. Não importa quem esteja no salão, só vê você.

— Espere até chegar esse maldito Iniciado — replicou Simon.

— Erik?

— Sim — resmungou Simon com brutalidade.

Dominic negou com a cabeça.

— É a você que seus olhos procuram.

— Possivelmente, por isso tentou me atravessar o coração com uma adaga.

Dominic fez uma careta de dor.

— Ganhe sua confiança e lutará com a mesma ferocidade por você.

— A idéia é atraente.

Um harmonioso som chegou do lugar onde Ariane estava sentada. Não era uma canção, mas falava de emoções escuras e confusas.

Uns segundos depois, a melodia se repetiu e um claro assobio se entrelaçou com as notas. A penetrante beleza das notas combinadas perturbou a alma de Ariane, que se voltou para ver a origem do assobio.

Simon.

As mãos da jovem pararam e depois caíram sobre seu colo.

— Toque, rouxinol — pediu Simon, que tinha se aproximado dela — Ou a incomodam meus assobios?

— Me incomodar? — Ariane respirou fundo — Não, o que me surpreendeu é sua inesperada beleza.

Os olhos de Simon se arregalaram com surpresa e logo se entrecerraram ante a familiar onda de fogo que sempre o assaltava, quando estava perto de Ariane.

Ou quando pensava nela.

Afastou-se, arrancou Preguiça de seu pescoço e colocou o gato junto à lareira.

—Vou testar as asas de Skyiance — zombou entre dentes.

Fincou a manopla de caça, cobriu em grandes passos a distância que o separava de seu falcão e incitou à ave para que subisse a seu braço.

— Não vai esperar os outros? — disse Dominic.

— Não sou uma criança que requeira cuidados — respondeu Simon, impaciente.

— Seu escudeiro provavelmente apreciaria a oportunidade de percorrer os pântanos e as montanhas.

Simon olhou para Edward, mas foi Ariane quem captou sua atenção. A jovem observava o falcão com um desejo impossível de ocultar.

Com rapidez, dirigiu-se para sua esposa. enquanto o falcão se agarrava a seu braço com uma graciosa elegância comparável a de seu dono.

— Você gostaria de vir comigo caçar? — ofereceu Simon — O falcoeiro diz que há boas perdizes no lado oeste do Círculo de Pedra.

— De caçar? Sim! — respondeu Ariane, ficando em pé de um salto — Estou cansada de ficar presa aqui.

— Edward — ordenou Simon sem afastar os olhos da jovem— Tragam dois cavalos. Minha esposa e eu vamos caçar.

— Sozinhos, senhor? — perguntou Edward.

— Sim, sozinhos.

CAPíTULO 11

Quando Cassandra entrou no grande salão pouco depois de Simon e Ariane partirem para a caça, só Dominic permanecia ali. Na mesa, frente a ele, havia um texto em latim antigo que o lobo dos gendruid lia com atenção, absorto.

A anciã olhou para ele, com uma mescla de surpresa e interesse. Não conhecia ninguém que pudesse ler manuscritos antigos, e tinha se esmerado em preparar Amber e Erik naquela matéria, porque os Iniciados tinham herdado um tesouro de escritos antigos, que deviam traduzir.

Pensativa, Cassandra se perguntou se poderia induzir Dominic a aprender a antiga linguagem das runas. Amber dispunha de pouco tempo agora que era a senhora do castelo do Círculo de Pedra.

Dominic assentiu com brutalidade, como se tivesse chegado a uma conclusão. Depois, sem elevar a vista, começou uma nova página do manuscrito. Manuseava o pergaminho com uma delicadeza que roçava a reverência.

— Bom dia, lorde Dominic — saudou Cassandra cortês — Viu Erik?

Dominic levantou a cabeça.

— Bom dia, Iniciada. Acreditava que estava com você. Não tomou o café da manhã no grande salão.

— Sabe se pensa em retornar logo para sua casa?

— Ontem, durante a caçada, mencionou algo sobre fiscalizar a construção da fortaleza interna, antes que chegasse o inverno. Preocupa-se que este ano a neve chegue mais cedo e que permaneçamos isolados durante semanas. Disse algo sobre gansos que chegariam logo ao pântano dos sussurros.

— Sim.

Cassandra permaneceu de pé um momento, como escutando um eco em sua mente. Logo suspirou.

— Seu homem, Sven… — começou.

— Sim?

— Está por aqui?

— Não, enviei-o a patrulhar a fronteira — respondeu Dominic — Os sonhos de Meg estão piores a cada noite.

O rosto da Iniciada se apagou.

— Sei, falei com ela no jardim.

— O que vê, Iniciada? O que dizem suas runas?

— Pensei que não acreditasse em minha magia.

— Acredito em tudo aquilo que possa me ajudar a trazer paz a estas terras — justificou Dominic.

— É mais sábio que seu irmão.

— Tive uma excelente professora.

— Sua esposa? — perguntou Cassandra.

Dominic assentiu.

— As runas dizem o mesmo que os sonhos de sua esposa — disse com cautela a anciã — A morte ronda as terras da fronteira.

— A morte ronda qualquer vida.

A Iniciada sorriu, mas havia pouco consolo nas frios sorriso de seus lábios.

— Não quer saber onde ocorrerá a primeira morte? — inquiriu.

— Não. Estamos tendo um outono precoce e está muito frio, provavelmente virá um duro inverno, no qual os fracos morrerão. Os homens lutaram e morreram nas terras da fronteira muito antes que os primeiros escribas romanos rabiscassem palavras nos pergaminhos. Significa...

—...Que a morte é algo natural — resumiu Cassandra.

— Digamos que profetizar a morte a curto prazo nestas terras não requer nenhum dom especial — esclareceu o lobo dos glendruid em tom neutro.

A Iniciada riu divertida, surpreendendo Dominic.

— Simon e você têm muito em comum.

— Somos irmãos.

— Ambos são teimosos.

— Então, deixe de tentar nos influenciar.

— Eu? — perguntou Cassandra — É Deus que tem influência sobre nossas vidas.

Dominic emitiu um som indecifrável que podia ser visto como uma aprovação.

— Quando Sven voltar, poderia assegurar-se que Erik esteja presente? — solicitou Cassandra —- Já sabe que tem o dom de analisar incidentes estranhos e encontrar soluções para problemas complexos.

— É obvio. Erik é um aliado de Blackthorne, como Duncan. Ambos têm minha confiança.

O som de vozes penetrou de repente do pátio de armas até o grande salão. Muito mais claro chegou o estrépito de cascos dos cavalos sobre o chão, quando os homens cruzaram a cavalo o pátio em direção ao castelo.

Um falcão peregrino emitiu sua chamada do outro lado dos muros. Seu grasnido foi agudo, doce e selvagem até a última nota.

— Erik chegou — anunciou Cassandra.

Dominic não duvidou. A chamada do falcão de Erik era um som único e difícil de esquecer.

Um cavalo relinchou e golpeou impaciente o chão com os cascos.

—E também Sven —anunciou Dominic.

Cassandra pousou um inquisitivo olhar sobre ele.

— Sua montaria é o único cavalo com ferraduras que saiu esta manhã — esclareceu o lobo dos glendruid — Lógica, não bruxaria.

O sorriso da anciã foi tão enigmático como seus olhos .

—Cada homem acredita naquilo que deseja.

Uma das sobrancelhas negras de Dominic se levantaram, interrogantes.

— Mas se o tranqüiliza — prosseguiu Cassandra—, me permita assegurá-lo que a lógica de Erik é muito superior a da maioria dos homens em tudo, exceto em uma coisa.

— E o que é?

— Entender às mulheres.

— Reconforta-me saber que Erik é mais humano que feiticeiro — brincou Dominic sorrindo.

— Seria mais reconfortante se usasse a cabeça — murmurou Cassandra.

Antes que Dominic pudesse responder, Sven e Erik entraram no grande salão.

— Onde está Duncan? — quis saber o feiticeiro.

— Provavelmente no arsenal —respondeu Dominic — Não estava satisfeito com o inventário do senescal.

— Vamos necessitar de cada espada — resmungou Erik — Há proscritos ao redor.

— Suficientes para ameaçar o castelo? — Inquiriu Dominic imediatamente.

O feiticeiro fez um gesto de negação.

— Ainda não — interveio Sven — Mas três dos proscritos montam cavalos com ferraduras. Pelo tamanho e a profundidade dos rastros juraria que são corcéis levando cavalheiros com cota de malha.

— Que mais averiguou? — exigiu saber Dominic.

— São renegados. Atacaram o séquito de um senhor do norte que viajava para sua residência de inverno.

— Esses cavalheiros demonstraram muita valentia atacando serventes e crianças — zombou Dominic fazendo uma careta.

— Por sorte, os próprios cavalheiros do senhor voltaram para comprovar o progresso do séquito — disse Sven — Ou, ao menos, isso é o que indicam os rastros.

— Ajusta-se ao perfil — assinalou Erik.

— Perfil? — perguntou Cassandra.

— Nos últimos dias chegaram rumores de casa —explicou Erik— Rumores sobre um cavalheiro renegado, que não serve a Deus, mas ao Diabo.

— E que aspecto tem esse cavalheiro? A que senhor serve?

Sven negou com a cabeça.

— A nenhum, dizem que a insígnia de seu escudo foi queimada .

— É mais provável que a tenha destruido ele mesmo — refutou Dominic— Seu verdadeiro senhor receberia notícias a respeito, iria caçá-lo e lhe daria uma morte lenta.

— Pode ser que isso seja certo para os cavalheiros que o seguem — apontou Erik — mas há rumores que seu líder luta com a força e a habilidade de três homens.

— Sim — confirmou Sven — Três dos cavalheiros do senhor do norte o enfrentaram. Dois foram mortos, antes de escapar e o terceiro foi ferido gravemente.

— Falou com o sobrevivente? — interessou-se Dominic.

— Sim — respondeu Erik— Uma curandeira cuida dele em uma aldeia nos limites ocidentais das terras do castelo do Círculo de Pedra.

— Disse algo que possa nos ajudar a identificar o homem que o atacou?

— Mal podia falar — explicou Sven — Delirava devido à febre produzida pelas feridas.

— Murmurava que o renegado é o guerreiro mais grandioso que as terras da fronteira já viram — informou Erik.

— Falava de Duncan, o Martelo Escocês? — perguntou Dominic com calma — Ou de Erik, ao qual chamam o Invencível?

—O Martelo Escocês venceu-me — recordou Erik.

—E não esqueçamos que Dominic venceu o Martelo Escocês — apontou Sven— Estou seguro que Dominic é melhor que esse cavalheiro do diabo.

—Todo homem pode ser vencido — assinalou Cassandra — E todo homem pode ser vencedor. Depende do homem, as armas e a razão para lutar.

— Este só procura sangue, ouro e violações — assegurou Erik.

Seu tom indicava que encontrava as ações do cavalheiro renegado desprezíveis.

— Por desgraça, esse bastardo sabe lutar — disse Sven.

— O cavalheiro ferido... aproximou-se o suficiente para ver seu atacante? — inquiriu Dominic.

Sven encolheu os ombros.

— Sim, mas segundo ele, o renegado é um gigante e tem os olhos de um demônio.

— Vermelhos, suponho — especulou Dominic , seco.

— O que? —perguntou Sven.

— Seus olhos.

— Não, parece que são azuis.

Dominic suspirou.

—Bem, ao menos sabemos que não se trata de Simon, nem de Erik. Isso nos deixa umas quatro vintenas de guerreiros de olhos azuis a levar em conta.

— Não teremos que esperar muito — afirmou Erik —Meu falcão viu esses proscritos na fronteira oeste do Círculo de Pedra.

— A fronteira oeste? Está seguro? — disse com urgência Dominic.

— Sim — confirmou Erik — essa é a razão pela qual voltamos rápido. Necessitamos armaduras e corcéis.

— Meu Deus — grunhiu Dominic pondo-se a correr para o arsenal — Simon e Ariane estão caçando perdizes a oeste do Círculo de Pedra!

— Quem está com eles? — gritou Erik.

— Ninguém. Nem sequer um escudeiro!

Sven e Erik não fizeram mais pergunta e se apressaram a seguir os passos do lobo dos glendruid.

***

CAPíTULO 12

Um monte de folhas de cores brilhantes flutuavam em volta do longínquo mar de riachos prateados. Douradas ervas e arbustos, repletos de sementes, inclinavam-se para o chão sob o vento.

Carvalhos, plantas faziam reverências com seus nus ramos quando eram açoitadas com força pelo vento. O vento fazia voar farrapos brancos de nuvens nos distantes picos e o céu era de um azul tão profundo como as valiosas pedras lapis lázulis de terras sarracenas.

Entretanto, era o sol que resplandecia no dia; um dourado disco incandescente que ardia sem piedade.

Sem que ela se desse conta, Simon estudava sua esposa sob a bela luz outonal. A jovem montava sua égua com uma elegância que o tinha deleitado na dura cavalgada de Blackthorne ao castelo do Círculo de Pedra. Para sua surpresa, o vestido dos Iniciados era adequado para montar. Não ondulava, ou coibia os movimentos.

O objeto o fascinava, quanto mais olhava, mais lhe parecia ver algo bordado nas tramas da malha. Uma mulher. Seu cabelo escuro como a noite, sua cabeça inclinada para trás em abandono, seu corpo submetido pela doce tortura da paixão. Com um som suave, Simon prestou mais atenção. A boca da mulher gritava um nome masculino, rogando que a possuísse e que compartilhasse o êxtase com ela. Então, a mulher voltou a cabeça e olhos cor de ametista observaram Simon.

Ariane.

O tecido mudou, revelando outra faceta no bordado. Uma forma, talvez de homem, inclinava-se sobre Ariane fazendo-a sua, bebendo de sua paixão.

Sim. Um homem. Mas quem? A forma mudou, tornando-se mais densa, mais real, quase tangível. O homem começava a voltar-se para Simon.

— O que é aquilo? — quis saber Ariane, assinalando sua esquerda — Ali, onde a colina se torna mais escarpada .

Reticente, Simon deixou de olhar o vestido que mudava diante de seus próprios olhos, entretecendo luz e sombras até transformá-las em amantes entrelaçados.

Ao ver o que assinalava Ariane, franziu o cenho.

— É o Círculo de Pedra — respondeu.

A jovem lhe dirigiu um olhar interrogativo, que Simon ignorou. Não gostava de falar do Círculo de Pedra porque era um lugar que escapava a seu raciocínio. Os Iniciados podiam ver coisas nele que, para Simon, estavam vetadas. Embora o que lhe irritava era a suspeita de que a parte do Círculo de Pedra que ele podia ver era a menos importante.

— O Círculo de Pedra? — perguntou Ariane — Onde o carvalho sagrado floresce em qualquer estação?

Sem responder, Simon esticou uma das pequenas correias que prendiam seu falcão e que se enroscou com o suporte que se sobressaía da sela. Com o capuz, ansioso e com o bico entreaberto, Skylance se agarrava ao suporte em forma de T, movendo-se inquieto, esperando o momento de sobrevoar o céu outonal.

— Estive dentro do Círculo de Pedra — disse finalmente Simon —e não vi flores e nenhum carvalho.

— Quer voltar a tentar? — perguntou a jovem.

— Não.

— Por que? Acaso não temos tempo?

— Não me interessa ver florescer o carvalho —declarou Simon— O preço é muito alto.

— O preço?

— O amor — resumiu.

— Ah, refere-se à lenda... Duncan sabe o que pensa a respeito?

— Não é nenhum segredo. Qualquer homem com bom senso pensaria igual.

— Também qualquer mulher.

A fria conformidade de Ariane não deveria ter incomodado Simon, mas o fez. Deveria ser agradável que ela o olhasse com admiração e calidez, como Meg e Amber olhavam seus maridos.

Entrecerrando os olhos, a jovem olhou através das nuvens para a colina em que se elevavam os antigos monólitos.

— Então, por que Duncan brindou por nós? — quis saber Ariane.

‘’ Que cheguem a ver o carvalho sagrado em flor.’’

— Pergunte a ele, eu não entendo o que acontece na cabeça de um homem apaixonado.

O tom de voz de Simon não incitava a continuar perguntando sobre o Círculo de Pedra , mas Ariane não podia evitar fazê-lo.

— O que ocorreu quando seguiu o rastro de Amber até aqui? — inquiriu.

— Nada.

— Desculpe?

Simon olhou de soslaio para Ariane.

— Ficou várias semanas vivendo no castelo do Círculo de Pedra — recordou — estou seguro que ouviu os rumores.

— Só palavras soltas — disse a jovem— Não prestei atenção.

— Muito ocupada, tocando melodias tristes com sua harpa?

— Sim — replicou Ariane — Prefiro a música aos falatórios. Além disso, a cavalgada de Blackthorne ao castelo do Círculo de Pedra, recém chegada de uma viagem da Normandia no qual meus cavalheiros adoeceram e perdi tudo salvo...

— Seu dote — apontou Simon sarcástico.

—...Deixou-me muito exausta para me preocupar com o que ocorria em qualquer dos castelos — finalizou Ariane — Agora, estou recuperada.

—E intrigada com os falatórios que você perdeu — assinalou Simon.

— Esta é minha gente agora. Não tenho direito de saber mais sobre eles? —disse Ariane serena.

—Viveremos na fortaleza de Blackthorne, não no castelo do Círculo de Pedra.

—Lorde Erik e lorde Duncan se uniram ao seu senhor, o lobo dos glendruid. E você, como o principal homem de armas de seu irmão, tratará com seus vassalos.

Ariane não disse nada mais. Não era necessário. Como esposa de Simon, não só tinha o direito, mas também a obrigação de compreender o caráter dos aliados importantes para o senhor de seu marido. Em resumo, Simon estava sendo pouco razoável e ambos sabiam.

Em silêncio, o guerreiro tratou de acalmar-se. Falar dos exasperantes mistérios do Círculo de Pedra o irritava. A existência daquele lugar escapava à razão.

—Stagkiller perseguiu o rastro Amber até o beira do Círculo de Pedra — relatou ao cabo de uns segundos, em tom neutro— Logo se deteve como se topasse com um muro.

—Encontrou um rastro de saída?

—Não.

—Mas Amber estava dentro do círculo, ou não?

—Não.

—E por que não havia rastro de saída?

—Cassandra disse que Amber tinha tomado o caminho dos druidas — resmungou Simon.

—O que significa isso?

—Pregunte a Cassandra. Ela é a Iniciada, não eu.

Naquela ocasião, Ariane prestou atenção no tom cortante de Simon. Durante um tempo houve silêncio, mas, apesar da desaprovação de seu

marido, a jovem não podia evitar de observar o antigo círculo de pedras à medida que rodeavam a base da colina.

Havia algo estranho nas enormes pedras cobertas de musgo, como se dessem sombra com a ausência do sol. Ou possivelmente via algo diferente, um segundo círculo, ondulante como um reflexo em águas perigosas...

Seu marido evitava olhar os monólitos desgastados pelo tempo.

—Simon?

A única resposta que a jovem recebeu foi um grunhido.

—Há mais de um círculo de pedras? —insistiu Ariane.

Simon a olhou durante alguns segundos e calmadamente.

—Por que pergunta? —disse por fim— Vê outro círculo?

Os olhos ametista se estreitaram. Ariane se levantou sobre os estribos e se inclinou para frente.

—Não acredito que seja outro círculo —conjecturou devagar— mas há algo estranho.

—Como o quê?

—Como sombras verticais em lugar de horizontais. Um segundo círculo dentro do primeiro formado por sombras de pedras ondulantes, nascendo entre a névoa e refletindo-se sobre águas agitadas — explicou Ariane devagar— Isso é possível?

—O que dizem os rumores sobre isso? —ironizou Simon.

—Não perguntei às criadas da cozinha —contra-atacou Ariane.

Um leve sorriso apareceu no semblante do guerreiro.

—Os Iniciados acreditam que há um segundo círculo no interior além do que podemos ver — esclareceu— Ali é onde se supõe que floresce o carvalho sagrado.

—Tem que ser um Iniciado para ver o carvalho sagrado?

Simon negou com lentidão.

—Duncan não é um Iniciado e, entretanto, viu as flores, ou isso diz.

—Não acredita nele?

Simon apertou a mandíbula. Por não ter uma resposta racional, talvez tivesse preferido ignorar por completo o assunto.

Ariane, pelo contrário, parecia não querer deixar o assunto sem antes obter uma resposta. Simon não a tinha. Era, acima de tudo, um homem racional. Tinha descoberto o alto preço de deixar que as emoções controlassem seus atos.

Ainda pior, tinha sido seu irmão que tinha pago o preço, não o próprio Simon, por isso tinha aprendido a lição de forma brutal e completa.

—Não duvido da honra de Duncan —afirmou sem emoção, depois de uns segundos.

—Entretanto, não acredita que exista um segundo círculo.

—Eu não vejo.

—Como Duncan pôde vê-lo? —insistiu Ariane.

—Tem a curiosidade de um gato.

—Mas minhas costas não está coberta de cabelo —replicou a jovem.

Simon amaldiçoou em silêncio, sem poder ocultar de todo sua diversão. Quanto mais tempo passava com Ariane, mais desfrutava com sua rápida língua.

Por desgraça, pensar nessa mesma língua tinha o desagradável costume de avivá-lo, como um escudeiro inexperiente.

— Como pode ver Duncan o que nós não podemos? — insistiu Ariane.

Simon conteve o fôlego.

—Diz a lenda —começou a contar tenso— que só aqueles que realmente se amam, podem ver florescer o serbal sagrado.

O controlado sarcasmo de sua voz era tão nítido como a silhueta do primeiro círculo de pedras recortada contra o céu de outono.

— E o segundo círculo de pedras? — inquiriu a jovem — Também é necessário estar apaixonado para vê-lo?

Simon soprou impaciente.

— Não. Erik e Cassandra dizem que o vêem, e nenhum dos dois se apaixonou jamais.

— Então não vêem o carvalho sagrado?

— Maldição — resmungou Simon— a sua curiosidade não tem fim?

Ariane esperou paciente, olhando seu marido com olhos ainda mais belos que o diadema de prata e ametistas que prendia seus cabelos.

— Vêem o carvalho — grunhiu o guerreiro— mas não suas flores.

— Assim... —Os dedos da jovem tamborilaram pensativos sobre a sela — Terá que ser um Iniciado para ver o segundo anel e estar apaixonado de verdade para ver florescer o carvalho?

Um tenso encolhimento de ombros foi a única resposta de Simon.

—Então Duncan tem que ser um Iniciado —concluiu Ariane.

—Suspeito que o raio que o deixou inconsciente afetou seu julgamento — zombou Simon entre dentes— Deus sabe que o deixou sem memória por um tempo.

Ariane inclinou a cabeça pensativa. Simon tinha certeza de que, se a jovem tivesse sua harpa, teria tocado uma melodia.

— O que ocorreu no Desfiladeiro Espectral? — quis saber.

Simon soltou uma imprecação. Tampouco gostava de falar sobre o Desfiladeiro Espectral. O que ali tinha ocorrido não podia explicar-se com a razão, e esse era o motivo pelo qual a busca de Amber, por parte de Duncan, se converteu em lenda nas terras da fronteira.

—Pergunte a Amber ou a Duncan —disse Simon — Eu não estive ali, eles sim.

— Mas Duncan saiu do castelo com você, Erik e Cassandra não?

Os lábios do Simon se estreitaram.

— Nossos cavalos se negaram a entrar no Desfiladeiro Espectral —relatou sem nenhuma ponta de emoção — Duncan montou na égua que tinha levado, para que Amber voltasse e conseguiu encontrar o caminho sem dificuldade.

Ariane observou o semblante de seu marido, sentindo que sob suas serenas palavras, havia muita emoção contida.

—Duncan entrou no Desfiladeiro Espectral —acrescentou Simon— nós não. Depois de um tempo, saiu por entre a névoa com Amber em seus braços.

— É curioso que seus cavalos se negassem a entrar.

O guerreiro deu de ombros.

—A égua tinha percorrido o caminho muitas vezes antes. A névoa não a confundiria.

—Erik e Cassandra não tinham estado nenhuma vez no desfiladeiro? Não é parte das terras de sua casa?

—Não, nunca; e sim, é.

—Por que então não tinham ido nehuma vez? Parece um lugar fértil, capaz de albergar ao menos um castelo.

Simon trincou os dentes.

Observando cautelosa seu marido, Ariane esperava a resposta, com uma urgência que nem ela mesma entendia. Só sabia que, por alguma razão, o Circulo de Pedra e seus mistérios tinham grande importância para ela. Era o mesmo tipo de estranha certeza que havia sentido antigamente, quando podia visualizar a localização de qualquer objeto perdido.

—Simon? —insistiu Ariane—preciso ouvir o resto da história.

—Cassandra disse que os lugares sagrados aceitam ou rechaçam às pessoas, segundo sua vontade — explicou tenso— Segundo ela, o Desfiladeiro Espectral a tinha rechaçado, e também Erik.

—E você? Tentou?

O guerreiro assentiu, lacônico.

—E o rechaçou? —sussurrou.

Simon emitiu um som de aborrecimento.

—Não, não me rechaçou. A maldita névoa era impenetrável.

Seu tom dizia mais, muito mais; revelava o muito que o tinha desconcertado saber que existia um antigo atalho, que não podiam seguir nem cães, nem caçadores... a não ser que alguma incompreensível, impossível e irracional força permitisse sua presença.

—Mas Duncan foi aceito —disse Ariane— E também Amber.

—Aceitos? —Simon voltou a encolher os ombros— A névoa era menos espessa, isso é tudo.

— Sempre há névoa?

— Não sei.

—Está seguro de que Duncan não é um Iniciado?

— Por que se importa tanto? —replicou Simon com fúria mal contida— Não está casada com ele.

—É Cassandra é sua aliada?

A mudança de tema fez Simon piscar, e olhar a sua esposa fixamente nos olhos. Sua clareza era assustadora. Fez com que recordasse seu aspecto à luz do fogo, seus lábios entreabertos, trêmulos, escravos de seu beijo.

—Dominic respeita o dom de profetizar de Cassandra —disse por fim.

—E você? —quis saber Ariane.

—Eu respeito Dominic.

Ariane franziu o cenho e olhou de novo as mutáveis e enigmáticas sombras do interior do primeiro anel de monólitos do Círculo de Pedra.

—Rechaça aos Iniciados —concluiu a jovem— e, entretanto, os Iniciados o apreciam.

Simon lhe dirigiu um sombrio olhar.

—O que a faz pensar isso? —perguntou sardônico.

—Cassandra me disse. Você foi a razão de que me dessem de presente este vestido.

O rosto do guerreiro mostrou a surpresa que sentia.

—Possivelmente, me apreciem porque estimam Dominic —conjecturou depois de uns segundos.

— Não.

— Parece bastante segura.

— Estou.

— Sexto sentido? — inquiriu sarcástico.

— Informação de primeira mão —replicou ela— Cassandra me disse que o apreciavam porque tinha o potencial de chegar a ser um Iniciado. Poucos homens têm.

— Que estupidez —murmurou o guerreiro.

Com brutalidade, Simon tirou o capuz do falcão, passou a Skylance a sua manopla e apressou seu cavalo. A ave presa respondeu, abrindo o pico e batendo as asas. Só as correias que seu amo prendia com firmeza impediram que o falcão levantasse vôo.

—Nós temos pressa —disse Simon cortante— Skylance está impaciente e eu também. O Lago das Névoas está depois da próxima colina.

Sem mais, fugiu a galope de alguma pergunta, cujas respostas eram tão embaraçosas como inescrutáveis.

A montaria do guerreiro era veloz, tinha longas patas e estava ansiosa por galopar. Em troca, o cavalo de Ariane era uma égua grande, desacostumada a galopar em uma caçada.

Além disso, a égua não tinha nenhum interesse por dirigir-se para nenhum lado, salvo se a perseguisse uma manada de lobos. Graças aos hábeis golpes de seu cavaleiro, o animal começava a chegar ao alto da colina quando o grito de advertência de Simon chegou aos ouvidos de Ariane.

—Renegados! Fuja para o castelo, Ariane!

CAPíTULO 13

Assim que Ariane ouviu o grito de Simon, puxou as rédeas para que a égua retrocedesse. A jovem oscilou na sela, enquanto olhava atentamente para baixo, para o nebuloso atalho que tinha adiante.

Um olhar disse tudo. Carvalhos dispersos e erva, um lago atravessando a névoa, e dois grupos de proscritos esporeando seus cavalos para o lado de Simon. O mais próximo dos rebeldes estava a mais de um quilômetro de Ariane, e somente a uns duzentos metros de seu marido. Os dois proscritos mais rápidos usavam elmos de guerra antigos e montavam cavalos como o de Simon, animais adequados para caçar, não para o campo de batalha.

Entretanto, a uns cem metros, havia três proscritos com cota de malha da cabeça aos pés. Inclusive seus cavalos tinham o peito protegidos para a batalha. Embora se tratasse de cavalheiros, seus escudos e lanças não tinham as cores ou símbolos de nenhum senhor .

Simon não fez a menor menção de fugir dos cavalheiros renegados. Manteve quieto o seu cavalo, com firmeza, protegendo sua retaguarda. Protegendo sua esposa.

Ante os horrorizados olhos de Ariane, o primeiro dos dois proscritos se atirou sobre Simon, espada erguida, pronto para lançar um golpe mortal. A jovem gritou o nome de seu marido, mas o som se perdeu no bater de aço contra aço, quando Simon encontrou a espada do proscrito, partindo-a em duas e alcançando também carne e ossos, muito mais vulneráveis.

O atacante caiu ensangüentado sobre a grama. Assustado, seu cavalo se afastou a galope, entre as árvores. O segundo proscrito vociferou uma maldição e se lançou contra Simon, que fez girar seu cavalo para encontrar o

golpe do assaltante. Logo, com velocidade, soltou as rédeas e balançou sua espada.

O segundo proscrito morreu mais rápido que o primeiro. Três renegados esporearam a seus cavalos de batalha, que, passando de trote pesado ao meio galope, devoravam a distância que os separava de Simon.

— Fuja, Simon! —gritou Ariane— Seu cavalo é mais rápido! A breve batalha tinha separado ainda mais Simon de Ariane, e o guerreiro não pôde ouvir seus gritos. Só ouvia os rebeldes aproximando-se, ensurdecedores, com cada batida de seu coração. Simon os esperou imóvel, uma mão firme na rédea, a outra segurando sua pesada espada.

Enquanto o fazia, desejou poder contar com a incrível força de Dominic, ou com a de Duncan de Maxwell. Mas Simon contava com sua rapidez, sua inteligência e a imperiosa necessidade de proteger a jovem de olhos violeta que o destino tinha posto sob sua custódia.

O chicote de Ariane assobiou no ar e alcançou o traseiro da égua, e antes que o surpreso animal pudesse recuperar-se, o braço da jovem se elevou e voltou a cair.

A égua iniciou então um pesado galope, rodeando os penhascos. A jovem galopava colina abaixo, para seu marido, não para a segurança que encontraria no castelo do Círculo de Pedra.

Concentrado-se em seus atacantes, Simon se manteve de costas para o penhasco. Não havia dúvida de que os renegados fossem atacar juntos, apesar de Simon não contar com armadura, nem com um cavalo de batalha para defender-se.

Superavam-no em número. Simon estava perdido e sabia. Ainda pior, não estava seguro de poder viver o suficiente para dar à pesada égua de Ariane tempo suficiente para afastar-se e alcançar a segurança do castelo do Círculo de Pedra.

Tenso, Simon esperou, procurando com o olhar qualquer debilidade no trio que galopava contra ele. Um dos cavalheiros estava ficando para atrás. Os

outros dois homens, o maior dos três encabeçava a fila, obviamente ansioso para matar. O menor dos renegados montava de modo estranho, protegendo suas costelas, como se tivesse sofrido um golpe recente em seu lado esquerdo. Quem quer que houvesse lutado com ele na última vez, venceu, pensou Simon, sombrio.

Com a lança nivelada, o mais ansioso dos atacantes gritou, antecipando a vitória, enquanto esporeava seu cavalo contra Simon. Com rédea firme e pressão implacável de suas poderosas pernas, Simon manteve imóvel a seu cavalo. No último instante, girou seu cavalo sobre as patas traseiras, de modo que o corcel inimigo passou ao lado, como uma avalanche, sem poder atacar Simon. O renegado virou imediatamente, tentando dar a volta.

Simon não teve a oportunidade de saborear sua pequena vitória estratégica. O menor dos renegados já estava sobre ele. Uma vez mais, Simon forçou seu cavalo a esperar e logo o esporeou para frente, com tanta rapidez que grandes pedaços de terra saltaram sob os cascos do cavalo.

O renegado esperava aquela manobra, por isso tinha freado. Mesmo assim, a velocidade de Simon e a agilidade de seu cavalo os mantiveram a salvo da letal lança do inimigo.

Em lugar de retirar-se, Simon incitou seu cavalo para frente. Como tinha previsto, agora estava à esquerda do atacante, o lado que o proscrito tinha tentado proteger com tanto cuidado.

Um curto golpe foi tudo o que Simon conseguiu lançar, de sua sela, mas foi suficiente. A grande espada de Simon caiu pesadamente sobre as costelas do renegado e embora a cota de malha detivesse o fio da espada, não deteve a força do golpe. O proscrito gritou de dor e raiva, deixou cair sua lança e se dobrou sobre a sela.

Antes que Simon pudesse aproveitar a vantagem, o último dos três cavalheiros chegou até ele. Simon viu que o primeiro cavalheiro ainda tentava voltar a batalha, que o segundo estava fora de combate, e que o terceiro planejava fazê-lo chocar-se contra o cavalo do segundo cavalheiro.

Simon insistiu com seu cavalo para que avançasse e esquivar-se do terceiro cavalheiro, sem aproximar-se mais do primeiro, o cavalheiro sedento de sangue, que agora galopava de novo contra ele. Se esquivar do terceiro corcel não foi difícil, já que o animal tinha ferido a pata traseira esquerda. Mas o cavalo de Simon não pôde mover-se suficientemente rápido para escapar completamente da golpe do primeiro cavalheiro.

Em uma última e desesperado tentativa para evitar a letal lança. Simon puxou as rédeas para trás, e cravou as esporas em seu cavalo. O cavalo retrocedeu, erguendo-se sobre as patas traseiras. Era uma manobra habitual para os cavalos de guerra, mas totalmente inesperada para um animal não treinado.

Um dos cascos golpeou a lança do primeiro atacante, com uma força devastadora, e o enorme cavalheiro grunhiu, quando deixou cair a terrível arma.

Entretanto, antes que a lança golpeasse o chão, Simon soube que sua sorte tinha acabado. Pois quando o cavalo tivesse as quatro patas no chão de novo, teria o terceiro cavalheiro em cima. Não haveria espaço para manobrar, nem tampouco saída.

O único consolo de Simon era saber que tinha conseguido dar tempo suficiente a Ariane para ficar a salvo.

Sem compaixão, Simon soltou o ar e obrigou seu cavalo a voltar-se para confrontar a morte, que sabia que chegaria em poucos segundos, quando a arma do renegado descesse sobre suas desprotegidas costas.

Entretanto, o que Simon viu não foi a morte, mas Ariane dirigindo-se a pleno galope para o terceiro cavalheiro. Seu cabelo negro ondulava como um estandarte do próprio inferno e sua boca aberta gritava seu nome.

Antes que a espada do líder dos renegados partisse em dois o crânio de Simon, a pesada égua de Ariane chocou-se contra o corcel do terceiro proscrito. A pata traseira machucada cedeu, jogando seu cavalheiro ao chão.

Apesar de tudo, enquanto o cavalheiro caía, tirou sua adaga e se virou para o causador de sua queda, sem se importar que se tratasse de uma jovem desarmada.

O próprio cavalo de Simon cambaleou e caiu de joelhos, mas ele se libertou dos estribos e caiu ao chão como tinha treinado toda sua vida, de pé, correndo, brandindo sua espada como se não pesasse nada.

A larga espada desceu sobre o terceiro cavalheiro no mesmo instante em que sua adaga se afundava em Ariane. O elmo do renegado salvou-lhe a vida, contendo o golpe de Simon.

Ariane não gritou ao sentir o abrasador fio do aço inimigo entrando em sua carne.

Uma pesada nuvem vermelha nublou a mente de Simon. Sua espada assobiou no ar enquanto descia por cima de sua cabeça para partir o atacante em dois, sem importar a armadura que lhe cobria.

Antes que a espada alcançasse seu objetivo, um punho caiu sobre Simon por trás, derrubando-o. Se não tivesse sido um golpe com a mão esquerda, teria deixado Simon inconsciente, mas só conseguiu aturdi-lo.

Instintivamente, voltou-se para ver o rosto de seu inimigo. ao mesmo tempo que caía. Foi recompensado com uma breve visão das fortes patas de um corcel, uma espada, e gélidos olhos azuis brilhando, depois de golpear o elmo de ferro do líder dos renegados.

Embora entorpecido pelo golpe, Simon conseguiu rolar de lado ao golpear o chão, ficando assim fora do alcance da espada de seu inimigo.

O corpulento renegado lançou uma maldição e voltou a atacar Simon. O ataque não foi muito preciso, devido a sua mão ainda estar inchada pelo golpe que tinha quebrado sua lança. Simon quase não teve tempo de levantar sua própria espada para desviar-se da espada do atacante.

Antes que Simon pudesse tomar fôlego,as patas do corcel inimigo o golpearam, lançando-o no ar e fazendo com que sua pesada espada caísse a alguns metros. Sem fôlego, mas completamente consciente, Simon caiu no

chão. Com um grito triunfal, o líder dos renegados levantou sua espada para dar o golpe final.

De repente, um agudo grasnido de um falcão rasgou o ar. O ave desceu a uma velocidade vertiginosa, com as garras abertas, como se fosse capturar uma presa no ar.

Seu objetivo era um cavalo de batalha.

As garras rasgaram as desprotegidas ancas do animal do primeiro atacante, fazendo com que o cavalo retrocedesse e impedindo que o renegado acabasse com Simon. Mal o corcel recuperou-se, o falcão atacou de novo com um novo objetivo: os olhos.

Retirando-se, o cavalo relinchou de medo e fúria, parecendo impotente para lutar contra o falcão.

Na distância se ouviam gritos de homens e o profundo uivo de um cão lobo.

Amaldiçoando, o renegado lançou um último e inútil golpe, antes de esporear seu cavalo para fugir. O corcel saltou para frente, ansioso por deixar para trás o selvagem e imprevisível falcão.

Assim que o cavalo de guerra iniciou a fuga, Simon ficou em pé, atrapalhado. Sua espada estava a poucos passos. Ao fechar sua mão ao redor do frio e familiar punho, sentiu que o mundo girava frente a seus olhos.

Caiu de joelhos e se apressou a ir para junto de Ariane, arrastando a espada e sabendo que tinha que proteger a jovem.

Apenas percebeu que a égua de Ariane e o cavalo contra o qual tinham se chocado tinha conseguido ficar em pé de novo. O cavalheiro renegado restante tinha conseguido voltar a montar, mas nem ele, nem seu cavalo tinham forças para lutar sozinhos. Coxeando, o corcel se afastou com muita dificuldade e logo se perdeu entre as árvores. Simon não dedicou nenhuma olhar ao cavalheiro que fugia, já que Ariane estava inerte no chão. O sangue não parava de brotar de seu flanco esquerdo.

—Ariane —rugiu Simon com voz rouca.

—Estou... aqui—respondeu. Sua voz era débil e seus olhos ressaltavam enormemente na pálida pele de seu rosto.

A doce e estranha saudação de um falcão rompeu o silêncio, sendo respondido pelo grave latido de um cão lobo.

Stagkiller desceu a grande velocidade e procurou ansioso os inimigos, mas não encontrou nenhum. A presença do cão indicou a Simon o que já tinha suposto ao ver o ataque do falcão.

Erik estava perto.

Quando se ouviram os cascos de três cavalos de guerra descendo a colina, Simon se manteve de pé, junto a Ariane apoiando-se em sua espada.

—Rouxinol —a chamou com voz rouca.

Foi tudo o que pôde dizer.

Majestosos olhos ametista se concentraram-se em Simon. Ariane abriu os lábios, mas nada saiu deles exceto um lamento de surpresa e dor, ao sentir que uma negra escuridão a levava, roubando o ar de seus pulmões.

Quando Erik, Dominic e Sven chegaram a galope, viram os corpos sem vida de dois proscritos. Uns metros mais à frente, Simon estava estendido no chão, sentado e segurando sua esposa em seus braços.

—Eram cinco —afirmou Erik sem dúvida nenhuma.

Dominic não perguntou como sabia.

—Sigam o rastro —ordenou, seco.

Com um sinal invisível de Erik, Stagkiller se afastou correndo, perseguindo o rastro dos renegados. Sven o seguiu, sem vacilar um instante.

Os dois corcéis restantes se detiveram, escorregando e levantando terra a poucos metros de Ariane e Simon. Seus cavaleiros desmontaram como tinha feito Simon anteriormente, num poderoso salto. Enquanto se aproximava do casal que estava no chão, Erik tirou as manoplas de malha e colocou-as em seu cinturão.

—Simon? —chamou Dominic premente.

Seu irmão se limitou a apertar ainda mais Ariane entre seus braços, estreitando-a com força contra si.

—Há sangue —assinalou Dominic inclinando-se para frente.

—Não é meu —respondeu Simon rouco— É de Ariane.

—Deixe-me dar uma olhada —disse Erik ajoelhando-se.

Sua voz, como sua expressão, era surpreendentemente cortês. Mesmo assim, Simon não fez movimento algum para soltar Ariane.

—Tenho alguns conhecimentos sobre como curar feridas — acrescentou Erik— Permita-me ajudar sua esposa?

Atormentado, Simon se moveu, mas não o suficiente para permitir que Erik visse a ferida de Ariane. O tecido violeta do vestido se moveu com Simon, cobrindo tanto a ele como Ariane da cintura para baixo.

— Solte-a - pediu Erik em voz baixa.

—Não. Morrerá, se não mantê-la perto de mim.

Seu olhar era negro, selvagem.

Erik elevou as sobrancelhas surpreso e voltou-se para Dominic, em busca de ajuda. Depois de um olhar nos olhos de seu irmão, o lobo dos glendruid negou com a cabeça, advertindo Erik em silêncio para que não insistisse. Tinha visto batalhas suficientes para saber qual era a razão.

Devagar, Dominic se ajoelhou ao lado do casal e pousou, com suavidade, uma mão sobre a perna de Simon. Sob o manopla de malha, o vestido encantado ondulava com cada sopro de ar, como se estivesse vivo.

—Irmão —pediu sem demora Dominic— nos deixe ajudá-lo.

Um estremecimento percorreu Simon. Pouco a pouco, a fúria abandonou seus olhos e se moveu para o lado, de modo que Erik chegasse a Ariane. O tecido ametista se moveu de novo com Simon, aderido-se a sua coxa. De maneira ausente, o guerreiro acariciou o tecido, como se estivesse acariciando um dos gatos do castelo.

Com extremo cuidado, os dedos de Erik procuraram o flanco de Ariane.

—Não pude encontrar a ferida —disse Simon entrecortadamente.

—O vestido está contendo-a —explicou Erik.

—Então, faça com que aperte mais. Sangra muito.

—O vestido é só tecido, um tecido especial, mas mesmo assim... tecido.

Dito aquilo, Erik começou a deslizar delicadamente as pontas dos dedos pelo flanco de Ariane, uma vez mais.

—O que aconteceu? —perguntou Dominic a Simon com serenidade.

—Eu vinha na frente de Ariane, dois proscritos e três cavalheiros renegados nos atacaram. Os cavalheiros tinham armadura e montavam cavalos de guerra.

—Maldito seja —vaiou Dominic.

—Matei aos dois que não usavam armadura.

—Deveria ter fugido — admoestou Dominic— Seu cavalo não é rival para cavalheiros com armadura, montados sobre corcéis.

—A égua de Ariane também não.

Dominic soprou com os dentes apertados.

—É o cavalheiro mais valente que já conheci — afirmou depois de um momento — mas nem sequer você poderia derrotar três cavalheiros protegidos por cotas de malhas e sobre corcéis. Como conseguiu sobreviver?

—Tive ajuda.

—De quem? —sentiu saudades Dominic, olhando em redor.

—De uma valente e insensata mulher.

Dominic voltou a cabeça para seu irmão.

—Ariane? —inquiriu, assombrado.

—Sim —respondeu Simon— Me libertei de um dos cavalheiros, mas o outro ia partir-me em dois. Era um homem morto. Então Ariane saiu da névoa a todo galope e investiu contra o corcel do cavalheiro que ia acabar com minha vida.

Dominic e Erik estavam muito surpresos para falar.

—Antes que pudesse ajudá-la —continuou Simon— um falcão desceu do céu e fez o outro cavalo fugir. Suponho que o cavalheiro que restava decidiu

que já tinha lutado suficiente por hoje, e decidiu abandonar o campo de batalha.

—Ariane recebeu algum golpe na cabeça? —perguntou Erik.

—Não sei. Só vi como a adaga penetrava em sua carne. Teria matado ao homem que a feriu se não tivesse intervindo aquele filho de uma cadela de olhos azuis.

Ninguém interrompeu o silêncio que sobreveio atrás daquelas palavras de Simon.

— E suas feridas? —perguntou Dominic.

—Já tive piores em seus intermináveis treinamentos.

—Graças a esses treinamentos, viveu o suficiente para que chegasse ajuda —murmurou Dominic.

—Graças a isso e à sede de sangue do líder dos renegados —disse Simon— Estava muito ansioso.

Erik e Dominic trocaram um olhar.

—Reconheceria esse bastardo se voltasse a vê-lo? —perguntou o feiticeiro.

—Acredito que não. Os bastardos corpulentos e de olhos azuis são muito comuns nas terras da fronteira.

—Que insígnia havia em seu escudo? —inquiriu Dominic.

—Nenhuma —respondeu Simon sucinto.

—Tinha...?

—Já é suficiente — interrompeu Simon impaciente-— É Ariane que importa agora, não os bastardos que nos atacaram.

Enquanto falava, a mão de Simon acariciava a bochecha de Ariane com a delicadeza de uma sombra. A ternura do gesto contrastava notavelmente com as duras feições de seu rosto e as marcas da recente batalha em seu corpo.

—Tente rasgar uma tira de tecido do vestido — sugeriu Erik.

Dominic esticou a mão para o vestido, mas a mão do feiticeiro o deteve.

—Deixe que seu irmão faça isso. —voltou-se para Simon e disse—: Quando segurar o tecido, pense em que Ariane precisa deter a hemorragia.

Simon tirou a manopla de couro, tomou o tecido entre suas fortes mãos e o rasgou. O objeto se dividiu então, como uma costura invisível, sem que sequer os bordados se desfiassem.

— Agiu como um curandeiro Iniciado —indicou Erik com satisfação.

—O que? —replicou Simon— O material se desfez em minhas mãos. É um milagre que o vestido não tenha se rasgado, deixando Ariane de regata.

Erik sorriu levemente.

—Agora, amarre a tira ao redor da ferida de Ariane. Aperte-a bem.

Quando Simon moveu a jovem para enfaixar a ferida, Ariane gemeu. Aquele gemido feriu mais a Simon do que qualquer dos golpes recebidos durante a briga com os renegados.

—Por que não fugiu para ficar a salvo, rouxinol? —perguntou, com voz suave e áspera ao mesmo tempo.

Não houve resposta, salvo pelo objeto Iniciado, que se aderia à coxa de Simon enquanto este trabalhava rápido para enfaixar a ferida de sua esposa.

—Se tivesse feito, iriam ferí-lo — disse Ariane em um sussurro.

—E você estaria morto —apontou Erik.

Simon soltou uma imprecação em sarraceno depois de longos e tensos segundos.

— Eu sou um cavalheiro — concluiu finalmente— Morrer lutando é meu destino. Mas Ariane... Ela não deveria lutar para salvar a vida de seu marido!

—Cassandra não estaria de acordo contigo —refutou Erik— Os Iniciados acreditam que todos devem lutar: homens, mulheres e crianças, cada um segundo a necessidade e sua capacidade.

Simon grunhiu. Entretanto, apesar da ferocidade de sua expressão, suas mãos eram delicadas sobre o corpo de Ariane. Mas, mesmo assim, a jovem gemia cada vez que a tocava.

—Pequena, sinto muito —se desculpou com suavidade— Devo te fazer mal para te ajudar.

—Ela sabe —afirmou Erik.

—Como pode saber? —espetou Simon, com frieza— Está inconsciente.

Erik olhou o tecido ametista, descansando placidamente na mão de Simon e não respondeu.

Por cima de suas cabeças, um falcão descia do céu como uma flecha, emitindo uma doce e estranha saudação. Seguido por um segundo falcão, suas claras plumas brilhantes contra o céu.

Dominic colocou a manopla de couro de Simon e assobiou a chamada especial de Skylance. O falcão ficou suspenso no ar um momento e depois desceu até o braço de Dominic, aceitando o cativeiro, uma vez mais.

Quando Erik ficou em pé e estendeu o braço, seu falcão desceu em alta velocidade. No último instante, as asas da ave de rapina se abriram, e o majestoso falcão pousou sobre a manopla de Erik, com elegância.

—Bem, Winter, o que tem para me mostrar? —perguntou Erik ao falcão com suavidade, antes de emitir um assobio.

O enorme pássaro inclinou a cabeça, observando seu amo com olhos claros e sábios. Seu bico se abriu para emitir notas assombrosamente doces e, durante uns segundos, a ave e o Iniciado assobiaram um para o outro.

Logo, o braço de Erik se moveu com assombrosa rapidez e facilidade, lançando o falcão de novo ao céu; Winter subiu com rapidez, desvanecendo-se na distância.

—Os proscritos continuam fugindo —disse o feiticeiro, voltando-se para seus amigos humanos— Stagkiller e Sven ainda os perseguem por um caminho antigo.

—Sabe onde conduz? —perguntou Dominic.

—A Silverfells. Stagkiller guiará Sven de volta ao castelo.

—Por que? —quis saber Dominic— Não deveríamos saber onde acampam os renegados?

Erik não respondeu.

Simon desviou a vista do falcão, que repousava no braço de Dominic, e também do feroz perfil de Erik, filho de um grande senhor do norte.

—Lorde Erik? —insistiu Dominic.

A voz do lobo dos glendruid era educada, mas esperava uma resposta. O bem-estar de muitos no castelos dependia da paz nas terras da fronteira.

—As terras do clã Silverfells estão proibidas para os Iniciados —esclareceu o feiticeiro cortante.

—Por que? —inquiriu Dominic.

Uma vez mais, Erik não respondeu.

Simon ficou em pé, levando Ariane em seus braços.

—Essas perguntas podem esperar —resmungou, impaciente, dirigindo-se a seu irmão— Temos que levar Ariane a um lugar seguro.

Os olhos de Dominic brilharam com a mesma força que o mágico cristal do broche em forma de cabeça de lobo que prendia seu manto.

Depois, o lobo dos glendruid se afastou de Erik e olhou seu irmão. A cor ametista do vestido de Ariane ressaltava como o crepúsculo contra o índigo do manto de Simon.

—Tem razão —concordou Dominic direto.

—Rápido — urgiu Simon, enquanto se dirigia a passos largos para seu cavalo —, vamos para o castelo, antes que os renegados se dêem conta de que foram derrotados por um falcão Iniciado e um insensato rouxinol.

CAPíTULO 14

— O tecido do vestido é muito escorregadio —murmurou Meg voltando-se para Cassandra— Têm uma adaga? Não posso tirar a atadura para soltá-lo. Cassandra desviou o olhar do pálido rosto de Ariane para o tecido violeta que cobria a ferida. Só uma pequena quantidade de sangue se infiltrou através da malha.

—Simon —chamou Cassandra.

—Estou aqui. —O guerreiro deu um passo à frente da entrada, onde tinha permanecido para não interromper às curandeiras, e percorreu com o olhar o quarto ao qual não havia voltado, desde sua noite de bodas. Nada tinha mudado, exceto Ariane , que estava inerte em sua cama— Do que precisam?

—Tire a atadura de sua esposa —pediu Cassandra.

Sem uma palavra, Simon se aproximou de Ariane. Com alguns movimentos de sua mão soltou a atadura que tinha posto depois da batalha com os renegados.

Desconcertada pela desenvoltura de seu cunhado com o escorregadio tecido, Meg olhou a atadura e depois à Iniciada. Cassandra não notou, já que estava absorta com a facilidade que Simon demonstrava com o estranho objeto.

— Agora, o vestido — indicou a anciã.

Ariane nem sequer gemeu enquanto Simon desatava com rapidez a frente do vestido. Estava completamente imóvel.

Os laços soltaram-se de seus pequenos ganchos com uma velocidade espantosa e o vestido abriu-se, revelando uma regata de delicado linho. A perfeição do pálido ouro do linho ressaltava notavelmente a enorme mancha de sangue.

— Meu Deus, tenha piedade —implorou Simon.

— Assim seja — responderam Meg e Cassandra, ao mesmo tempo.

— Coloque-se de lado, Simon — ordenou a anciã um segundo depois — Este é trabalho para curandeiras.

Resistente, o guerreiro se afastou da cama.

— Fique por perto — advertiu Cassandra, ao ver que Simon voltava a dirigir-se à porta —. Pode ser que necessitemos que o vestido de Serena detenha a hemorragia de novo.

—O que tem isso a ver com Simon? —interessou-se Meg.

—Mais do que tenho tempo para explicar.

Sem mais, a anciã Iniciada se inclinou sobre Ariane e percorreu, com suavidade, o corpo inconsciente da jovem com mãos que cheiravam a ervas.

Meg, vestida com o limpo traje de linho de uma curandeira glendruid, como exigia a tradição de seu povo, inundou suas mãos em uma terrina com água quente e ervas, que desprendia um estranho aroma.

— Seus ossos parecem intactos — disse Cassandra — Suas costelas desviaram parte do golpe da lâmina.

Um suor frio brotou sob a tunica de Simon, ao pensar no aço alcançando os delicados ossos de Ariane. Deixou escapar um som inarticulado e fechou as mãos como se quisesse sentir entre elas o pescoço de um renegado.

— Deixem-me limpar a ferida —pediu Meg.

Cassandra se endireitou e afastou-se. Enquanto o fazia, olhou de soslaio para Simon. Seu rosto parecia esculpido em pedra, com uma severidade que sua barba bem-feita não podia suavizar.

— Está bem, milorde? — interessou-se a Iniciada.

— Bem? — Simon cuspiu uma maldição — Sim, bastante bem, visto que minha esposa está próxima da morte na cama.

Cassandra fez um gesto para a arca, cuja tampa aberta pequenos potes e ataduras, ervas, agulhas afiadas.

—Se for desmaiar, tentem não fazê-lo sobre os remédios — advertiu.

—Desmaiar? —soltou Simon— Vi sangue antes.

—E eu vi muitos cavalheiros valentes cairem inconscientes ao ver a ferida de outro —replicou Cassandra.

—Simon não o fará —interveio Meg sem levantar a vista de sua tarefa— Cuidou de Dominic depois que um sultão se divertiu durante dias, torturando-o.

Cassandra olhou para Simon com interesse renovado.

—Não é comum encontrar um homem com dom para a cura —refletiu a Iniciada— E menos ainda se esse homem for um guerreiro tão extraordinário.

O escrutinador olhar de Cassandra incomodou Simon.

— A única coisa que fiz foi ter bom senso —replicou secamente— Só cuidei de meu irmão até que fosse capaz de fazê-lo por si mesmo.

Cassandra ignorou o protesto do guerreiro e se inclinou de novo sobre Ariane. A Iniciada e a bruxa glendruid falavam em voz baixa, discutindo e pronunciando nomes antigos; nomes gravados nas runas por mulheres que morreram muito antes que as legiões romanas marchassem sobre as terras da fronteira.

Para Simon, as duas curandeiras demoraram uma eternidade para afastarem-se do corpo inerte de Ariane.

Sussurrando algo a Cassandra, Meg sumiu atrás de um biombo e colocou sua túnica normal de novo. O traje de linho empregado no ritual de cura devia ser destruído.

—Dorme tão plácidamente —disse Meg a Simon, depois que saiu do biombo.

—O escudeiro de Dominic disse que devia ir ver seu marido, assim que acabasse —a informou Simon.

A curadora pousou sua mão sobre a de seu cunhado, em silencioso consolo, e saiu do quarto, em busca de Dominic. Encontrou-o com Duncan, na sala de retiro do senhor do castelo.

— Como está lady Ariane? — interessou-se o lobo dos glendruid, no instante em que Meg apareceu na soleira. Duncan levantou a vista do inventário de provisões feito por seu senescal. Os restos de comida fria descansavam perto, sobre uma mesa coberta com um tecido colorido.

Os olhos de Duncan estavam atentos e refletiam as chamas da lareira. Sabia que a aliança da Normandia com Henry, o rei inglês, dependia da recente união entre Ariane e Simon.

—Bastante bem — tranqüilizou-os Meg— Com cuidados, boa sorte e a bênção de Deus, Ariane vai se curar... desde que não tenha febre.

Suspirou, esgotada, e esfregou a parte baixa das costas. A gravidez não tinha sido difícil até pouco tempo, mas agora o peso da criança parecia aumentar cada dia que passava.

—Venha aqui, meu amor — chamou seu marido, oferecendo a mão.

Quando Meg sentou-se, Dominic começou a lhe massagear as zonas doloridas.

—Ariane está melhor do que temi quando vi a moça — comentou a jovem depois de um momento— Seja qual for a fibra do tecido do qual é feito esse vestido violeta, parece que cura hemorragias com tanta eficácia como qualquer pó ou ungüento dos curandeiros glendruid.

—E como esta Simon? —interessou-se Duncan— Erik disse que a luta foi dura.

—Tem arranhões, corte, hematomas... —resumiu—; não deixou que o tratássemos.

Meg suspirou e apoiou-se, agradecida, contra as cálidas mãos de seu marido.

—Culpa a si mesmo pela ferida de Ariane —murmurou Dominic.

—Por que? Como ocorreu? —quis saber Meg.

—Simon enfrentou cinco renegados para que Ariane tivesse tempo para fugir — explicou Dominic.

A curandeira conteve a respiração por um instante e olhou seu marido, com seus enormes olhos verdes.

—Mas em lugar de fugir —prosseguiu Dominic— Ariane galopou em direção à batalha. Sua insensata coragem salvou a vida de Simon.

—Tão perto esteve de morrer? —perguntou Meg, com voz fica.

—Sim —respondeu o lobo dos glendruid com semblante sombrio— Tenho uma grande dívida com a fria herdeira normanda.

— Fria? — interveio Duncan — Se realmente fosse fria, teria deixado Simon morrer, sem nem sequer pestanejar. Eu diria que Ariane é uma mulher apaixonada.

—Mas não pelos homens —refutou Dominic, seco.

A segurança de sua voz fez com que Duncan contraísse o rosto, concordando, em silenciosa compaixão por Simon.

O vento soprou e gemeu, de repente, ao redor do castelo. Uma veneziana do terceiro piso fechou-se, de repente. O falcão de Simon, que estava descansando no grande salão, grasnou chamando aos de sua própria espécie. Não houve resposta. O guarda cantou a hora das almenas[1]. Dominic se levantou e passeou intranqüilo. Depois de um momento, dirigiu-se para as almenas[1], com passo decidido.

— Não há sinal de renegados — disse Duncan atrás dele.

— Não temo os renegados, mas o inverno — esclareceu Dominic sem deter-se.

Depois de uns segundos, seus passos fizeram barulho na escada em caracol.

Duncan dirigiu então um inquisitivo olhar para Meg.

—O que houve, Meggie? —quis saber o guerreiro.

A curandeira sorriu ao ouvir seu nome de infância, mas seu sorriso se desvaneceu logo.

—Está preocupado pelo que possa ocorrer na fortaleza de Blackthorne — respondeu sucinta.

—Chegaram rumores de problemas?

—Não. Desde que Dominic venceu os Reevers, os proscritos evitam nossas terras ou as atravessam sem incomodar o nosso povo.

—E por que seu marido está tão inquieto, como um lobo trancafiado?

Meg fechou os olhos por um instante. Sob suas roupas, o bebê deu um forte pontapé. Ela pousou as mãos sobre seu ventre, reconfortada pela vida que crescia dentro de seu corpo. Por mais incômodo que fosse a gravidez, a saúde do bebê lhe dava forças.

—É simples —suspirou Meg— sonhei.

Duncan soltou um gemido.

—Meggie, no que diz respeito a sua herança glendruid, não há nada simples.

A curandeira moveu a cabeça. As jóias e correntes de ouro que a cobriam tilintaram e suas longas tranças brilharam, avermelhadas, sob a luz.

—Sonhei com dois lobos, um negro e um dourado —sussurrou— Sonhei com um carvalho de olhos cor de avelã e com uma harpa que entoava melodias comovedoras, enquanto o cavalheiro dourado a segurava. Sonhei com uma tormenta que envolvia a todos, uma tormenta maligna.

—Não me surpreende que Dominic esteja preocupado —refletiu Duncan, intranqüilo.

—Sim. Sir Thomas protege Blackthorne enquanto estamos fora, mas não é um bom líder para os homens. Se o inverno impedir nossa volta e tiverem problemas em nossa ausência...

Amaldiçoando em voz baixa, Duncan passou os dedos grossos pelo cabelo. A luz do fogo fez brilhar cicatrizes de antigas batalhas no dorso de sua mão.

—Têm que voltar para a fortaleza de Blackthorne —disse de repente— Já perdeu muito tempo aqui, no castelo do Círculo de Pedra, resolvendo os problemas que eu causei.

—Não queria dizer isso —protestou Meg.

—Sei; mas é a verdade.

Duncan levantou-se, com uma velocidade surpreendente para um homem de seu enorme tamanho e observou o fogo, por um instante.

—Mandarei soldados para que os acompanhem até o castelo de Carlysle. A partir dali, estarão seguros. Iria eu mesmo, mas...

—O castelo do Círculo de Pedra precisa de você —terminou Meg por ele.

—Sim, especialmente com esse maldito cavalheiro renegado percorrendo minhas terras.

Duncan moveu as mãos, como se sentisse nelas o frio peso da mortífera maça que tinha sido criada especialmente para ele; quase pôde escutar o arrepiante zumbido da arma rasgando o ar, com seus letais círculos.

—Darei ordens para que seus cavalos e equipamentos estejam preparados ao amanhecer — informou— Não se preocupe, Meggie, cuidaremos da herdeira normanda como se fosse uma das nossas, durante sua ausência. Quando Ariane estiver bem, a levaremos para Blackthorne, junto com seu marido.

Duncan não duvidou nem um instante de que Simon deixaria o castelo do Círculo de Pedra junto com seu senhor e irmão, Dominic. Era de domínio público que o lobo dos glendruid valorizava muito o conselho, a companhia e a habilidade para a luta de seu irmão.

Simon, apelidado “O Leal”.

Meg suspirou e começou a ficar em pé.

—Fique junto ao fogo — pediu Duncan aproximando-se dela com rapidez.

—Tenho um paciente para atender.

O guerreiro ajudou Meg a levantar-se e sorriu, com profundo afeto.

—Em tempos melhores —disse com suavidade— deveria levar seu lobo ao Círculo de Pedra. O carvalho florescerá para vocês, Meggie — Estou tão certo disso como dos batimentos do meu coração.

O sorriso de Meg foi como um raio de sol, cálido e brilhante. Na ponta dos pés roçou a bochecha de Duncan com seus lábios.

— Nós adoraríamos —respondeu.

Ainda sorridente, a curandeira subiu as escadas que conduziam aos aposentos de Ariane. Tal como esperava, Cassandra estava ali, sentada junto à cama, bordando.

Os cortinados do dossel estavam fechados, para desviar as correntes de ar procedentes das janelas.

—Como vai? —interessou-se Meg;

—Dormindo.

—Febre?

—De momento, não —respondeu Cassandra— Graças a Deus.

—Simon está nas almenas[1] com Dominic?

—Não —interveio uma voz grave atrás dos cortinados que cobriam a cama. Simon abriu uma das cortinas, vendo o olhar de surpresa no rosto de Meg.

—Não se preocupe —a tranqüilizou— Estou cuidando para machucá-la, mas fica inquieta se não estiver com ela.

Meg olhou para Ariane e observou que a jovem, enrolada como um novelo sob a colcha, voltava seu rosto para Simon. O vestido violeta era como uma ponte entre homem e mulher.

Franzindo o cenho, a curandeira procurou Cassandra com o olhar.

—Desconheço os rituais curativos dos Iniciados —começou— mas os glendruid são muito firmes sobre não pôr em risco o paciente com algo que não tenha sido limpo, previamente.

—Examine o vestido —assinalou Cassandra— Verá que está tão limpo como se o tivessem lavado hoje.

—É certo —assegurou Simon— Eu mesmo o examinei, já que sei quão rígida é para nesse tipo de coisas.

Meg se aproximou da cama, agarrou um dos cantos do tecido e o deslizou entre seus dedos, cheirando-o a seguir. Depois soltou lentamente o objeto, que, ondulante, voltou a descansar sobre o ombro de Simon e a bochecha de Ariane.

—É como tivessem acabado de tecê-lo —admitiu, atônita.

—Sim —concordou Cassandra— Os objetos de Serena são muito apreciados entre os Iniciados.

Meg observou os dedos de seu cunhado acariciarem o tecido, como se fosse um dos gatos. E, como um gato, o tecido parecia responder, enroscando-se ainda mais no guerreiro.

— Dominic está precisando de mim? —inquiriu Simon.

—No momento não. Mas partimos para a fortaleza de Blackthorne amanhã.

Depois de um silencioso protesto, a mão de Simon descansou sobre o objeto.

—Ariane não está bastante recuperada para viajar —disse com cautela.

—Duncan prometeu cuidar dela, como se fosse um dos seus — informou Meg.

—Eu ficarei com ela —interveio Cassandra.

Simon não respondeu.

—Não se preocupe — tranqüilizou Meg— Cassandra é tão boa curandeira quanto eu.

O guerreiro assentiu e guardou silêncio.

Era indubitável que seu dever estava com seu senhor e irmão, o lobo dos glendruid, mas, pela primeira vez, esse dever era mais um peso que uma alegria.

Absorto, olhou para Ariane, que tinha arriscado a vida por ele mas que recusava-se a compartilhar seu leito como a Igreja, o costume e a necessidade exigiam.

—Rouxinol, ficará feliz que eu vá? Serão suas canções mais alegres sem mim?

Cassandra deixou de lado o bordado e se levantou, para aproximar-se da cama. Pensativa, percorreu com o olhar o pálido rosto de Ariane e o tenso corpo de Simon, mas, sobretudo, a Iniciada observava o vestido que se estendia entre os dois.

—Venha, Simon — chamou a anciã com suavidade— coloque-se junto a mim.

Os escuros olhos do guerreiro se entrecerraram ante a suave ordem, embora não dissesse nada. Seguindo as instruções da Iniciada, separou-se do tecido violeta e levantou-se, com cuidado para não incomodar Ariane.

Quando o guerreiro se afastou, o vestido pareceu mover-se, graças a uma corrente de ar, até voltar a roçar a coxa de Simon.

—Mais longe —sussurrou Cassandra, dando um passo atrás.

Confuso, Simon a seguiu.

O tecido deslizou por sua coxa e caiu no chão.

Simon teve que conter um protesto instintivo. Só agora se dava conta de como era agradável tocar a malha.

—Observe —indicou a Iniciada a Meg.

Depois de uns segundos, a postura de Ariane mudou sutilmente. Já não dormia sob um sono plácido e reparador, e parecia que a vida a abandonava. Sua pele parecia mais pálida; inclusive cinzenta.

—Que houve? —perguntou Meg a Cassandra— O que está errado?

—Poucas vezes o dom dos Silverfells cobriu tecidos com propriedades que escapam à razão —murmurou a anciã— Serena pertence a esse clã.

Simon emitiu um som rouco e se virou bruscamente, para enfrentar à Iniciada.

—Está dizendo que o vestido foi confeccionado com magia? —exigiu saber com rudeza.

Cassandra o olhou, medindo a fúria do guerreiro.

—Não —respondeu finalmente— Estou dizendo que os Iniciados sabem que há mais neste mundo do que pode ser pesado, medido, e visto.

A expressão de Simon endureceu.

—Explique-se.

—É obvio.

O guerreiro esperou, com o corpo tenso.

—Mas antes —disse Cassandra com frieza— vocês têm que explicar a saída da lua a Edgar o Cego, e o canto de um rouxinol ao menino surdo do moleiro.

Os escuros olhos de Simon se estreitaram, até formarem duas linhas brilhantes, antes de voltar-se para Meg.

—Esse maldito vestido está fazendo mal a Ariane? —inquiriu com rudeza.

Pensativa, a curandeira se inclinou e pousou sua mão sobre o vestido, como teria feito com uma pessoa, à maneira glendruid.

—Tem um toque estranho —determinou Meg endireitando-se— mas não encontro nele nenhum traço de maldade.

—Está segura? —insistiu Simon.

—Estou segura é de que nenhum outro tecido teria contido a ferida de Ariane. Isso é maligno?

O guerreiro fechou os olhos e apertou com força a mandíbula, enquanto lutava para conter seu gênio.

Alguma vez me libertarei da bruxaria? Alguma vez me libertarei do que a bruxaria de Enjoe fez com Dominic e comigo?

Deixou escapar um suspiro contido e seus olhos se abriram, claros e selvagens, com tudo o que não tinha sido dito e o passado, que envenenava sua alma.

—Não sinto estima alguma pela bruxaria —disse por fim.

A tranqüilidade de sua voz soava mais perigosa que se gritasse.

—Exceto a sua, Meg —particularizou Simon, suavizando sua expressão e sua voz— Eu a respeito porque salvou a vida de Dominic e porque morreria antes de trai-lo.

—E com Amber? —perguntou Meg.

—É assunto de Duncan.

Ariane gemeu, brandamente. Virava a cabeça de um lado para outro, como procurando algo.

—É você quem busca —assinalou Cassandra.

Simon olhou à Iniciada.

—A mim? — está sentindo sua falta.

—Sim.

—Está equivocada, anciã, minha esposa não sente falta de mim.

—Seriamente? —murmurou Cassandra— Bom, isso explica tudo.

—Explica o quê? —impacientou-se Simon.

—Porque quase morreu para que você pudesse viver.

O guerreiro fechou as mãos até convertê-las em punhos.

—Não sei por que atirou-se contra esses malditos proscritos —reconheceu com ferocidade— Será a primeira coisa que perguntarei quando despertar.

—Se partir amanhã, duvido que Ariane volte a despertear, talvez nunca mais —afirmou Cassandra, cortante.

Simon empalideceu e se voltou para olhar sua esposa, novamente.

Estava lívida, e cada vez que respirava, queixava-se como se uma faca lhe atravessasse as costelas.

—Explique como quiser, Simon —prosseguiu Cassandra— ou ignore por completo, mas Ariane se restabelece mais rápido quando você fica junto dela.

—Pode viajar?

—Amanhã? Não —respondeu Cassandra— Em duas semanas? Provavelmente.

Simon olhou para sua cunhada, mas ela já se dirigia à saída.

—Meg? —chamou-a.

—Vou trazer Dominic —explicou.

Simon se aproximou da cama de Ariane, mas a mão de Cassandra o deteve. O guerreiro olhou os frios e brancos dedos que envolviam seu braço. Um anel com uma pedra vermelha, outra verde e outra azul, reluzia como um arco íris cativo na mão da Iniciada.

—Primeiro, deixemos que o lobo dos glendruid veja Ariane longe de você.

Simon quis perguntar algo, mas viu o brilho de divertida antecipação nos olhos de Cassandra e decidiu manter-se em silêncio.

—O que aconteceu? —quis saber Dominic, entrando no quarto, poucos segundos depois — Meg disse que Ariane piorou de repente.

—Olhe bem, lobo dos glendruid — pediu Cassandra.

O tom na voz da Iniciada dizia muito mais que suas palavras, e Dominic não hesitou em observar Ariane, atentamente.

—Como parece que está? —perguntou Cassandra.

Dominic lançou um olhar de cautela para Simon.

—Fale — urgiu a anciã— Seu irmão assegura que não há afeto entre ele e sua esposa.

—Tem o aspecto de uma mulher com febre — afirmou cortante.

—Ou de um cavalheiro com febre por causa de uma ferida? —disse Cassandra.

—Sim.

—Curandeira glendruid, aproxime-se de Ariane — ordenou a anciã virando-se para Meg— Pouse suas mãos sobre o vestido de Serena.

Meg obedeceu, depois de dirigir um inquisitivo olhar à Iniciada. Não ocorreu nada.

—Agora seu marido —indicou Cassandra.

Enquanto Meg se retirava, Dominic foi até o leito e tocou o objeto.

—Curioso material —murmurou— Não posso dizer que o tato me agrade, absolutamente.

—Afaste-se —indicou Cassandra.

A Iniciada colocou sua própria mão sobre o tecido. Depois, afastou-se.

Enquanto isso, Ariane seguia gemendo e movendo-se inquieta. Suas bochechas estavam tingidas de vermelho, indicando que a febre aumentava.

—Simon —ordenou Cassandra.

Relutante, Simon se aproximou e tocou o tecido.

Como sempre, a textura o agradou. O tecido parecia ter sido bordado com brilhantes sombras de ametista, violeta e marfim, criando imagens que mudavam continuamente.

Uma mulher em pleno êxtase com a cabeça jogada para trás e o cabelo caindo solto por suas costas, com os lábios abertos em um grito de incrível prazer.

Enfeitiçada.

Um guerreiro tão disciplinado como apaixonado, todo seu ser centrado no momento.

O feiticeiro.

Ele se inclinava sobre ela, bebendo seus gemidos...

—Entendem agora? —perguntou Cassandra a Dominic.

O som da voz da Iniciada provocou um calafrio que percorreu Simon.

Um cru desejo clamava em seu interior. Sentia-se como se estivesse louco, algo que não se podia pesar, nem medir, nem ver. Nem tocar.

—Sim—afirmou Dominic— Agora Ariane descansa. É algo relacionado com os Iniciados?

—Em realidade não —negou Cassandra— É uma característica de alguns tecidos do clã dos Silverfells. Cada um é diferente; cada um se torna diferente, dependendo de quem o usa. Simplesmente... é.

Pensativo, Dominic esfregou a ponta do nariz e logo se voltou para seu irmão.

—Ficará com Ariane —decidiu.

Simon abriu a boca para protestar, mas o lobo dos glendruid ainda não tinha terminado de falar.

—Assim que for seguro viajar, traga sua esposa à fortaleza de Blackthorne.

—E se o inverno nos reter aqui? —protestou Simon.

—Que assim seja. A filha do barão Deguerre é mais importante do que ter um cavalheiro a mais em Blackthorne; mesmo um cavalheiro como você. A não ser que... —A voz de Dominic morreu, enquanto se virava para sua esposa— A não ser que sonhe com um perigo maior, meu amor. Então reconsideraria o valor de Simon em Blackthorne.

***

CAPíTULO 15

Água fresca acalmava os secos lábios de Ariane, vertendo-se sobre sua desidratada língua. A jovem bebia ansiosa. Quando o líquido deixou de entrar em sua boca, tentou levantar-se e chegar a fonte.

O líquido transbordava de seus lábios e se derramava por seu queixo e seu pescoço. Algo quente e aveludado percorria sua pele, seguindo o rastro da água.

—Devagar, pequena.

Com as palavras, chegou uma cálida exalação na base do pescoço feminino. Ali onde as gotas de água se acumulavam, o suave veludo pousava de novo, retirando o líquido.

A combinação de sede e necessidade de aproximar-se da suave voz a fizeram gemer e esticar-se.

—Não há nada que temer. Nem a água, nem eu vamos deixá-la.

Uma mão acariciava a cabeça de Ariane com lentos e tenros movimentos, confortando-a. Com um suspiro entrecortado, a jovem se voltou para a fonte de seu alívio. Seus lábios pareciam roçar algo duro e áspero mas maravilhosamente reconfortante ao mesmo tempo. Confusa, percebeu que era uma mão. Uma mão de homem.

Ariane tentou ficar rígida e afastar-se, entretanto, seu corpo recusou-se a obedecer os alarmes de sua mente, que despertava.

—Shh... acalme-se. Sua ferida ainda está se curando, durma tranqüila. Está a salvo.

Ariane suspirou e voltou a virar seu rosto para a forte mão masculina que não a feria, mas sim afastava seus medos.

— Abra os lábios —sussurrou Simon— É água que necessita, e depois algo sólido e diminutos bocados de carne picada e mel, e...

Fazendo um esforço, o guerreiro deteve as precipitadas palavras. Desejava que Ariane se recuperasse com urgência. Os nove dias que tinha passado cuidando dela tinham sido os mais longos de sua vida.

‘’Sofri o inexprimível quando Dominic caiu prisioneiro por culpa de meu desejo por Enjoe, mas, ao menos, meu irmão é um cavalheiro treinado para suportar a dor e o sangue.’’

Que Ariane, tão frágil e delicada, tivesse sido ferida por minha culpa é algo que não posso suportar.

—Por que não fugiu quando teve a oportunidade? —murmurou.

A única resposta dos lábios de Ariane foi um beijo no centro de sua palma.

Acordada, teme-me. Dormindo, beija-me.

Simon fechou os olhos quando a doce carícia penetrou até seus ossos, estendendo-se por sua alma como ondas através de águas negras.

Depois de alguns segundos, o guerreiro bebeu de uma taça, inclinou-se sobre Ariane e, uma vez mais, permitiu que gotas do líquido medicinal passassem de seus lábios aos de sua esposa. Era o mesmo que tinha visto Meg fazer com Dominic. Os pacientes e constantes intentos da curandeira glendruid para que seu marido bebesse, tinham salvado sua vida.

Também estava funcionando com Ariane. Embora não estivesse realmente acordada, seu corpo sabia o que necessitava. Sua boca se abriu e sua língua lambeu a maravilhosa umidade que havia sobre seus lábios. Como recompensa, várias gotas se derramaram por sua língua. A jovem bebeu e se ergueu, ávida por mais.

Simon estava preparado. Pousou sua boca sobre a de sua esposa e deixou gotejar a poção medicinal sobre sua língua. Ariane bebeu da boca dele, sedenta, até que a taça estava vazia. Depois, suspirou e relaxou de novo.

Como o vestido ametista que formava redemoinhos ao redor do corpo de Ariane, estava envolvida com a calidez e vitalidade de Simon.

O guerreiro olhou os pálidos dedos femininos entrelaçados com os seus, muito mais fortes, e sentiu uma estranha pressão na garganta. Com ternura,

levantou suas mãos entrelaçadas e beijou a fria pele de Ariane, voltando-se para acariciar seu cabelo com a mão livre.

De repente, Simon notou que alguém esperava, pacientemente, atrás dele. O aroma de incenso de cedro indicou que era Cassandra quem tinha entrado, de forma silenciosa, no quarto de Ariane.

Embora Cassandra tivesse sido inflexível, sobre ser Simon quem devia cuidar de Ariane, estranhamente, toda hora passava para ver como estava a jovem.

—Usou o bálsamo aromático que eu trouxe há três dias? —perguntou a Iniciada.

—Sim.

—E?

—Parece,.. —duvidou Simon.

—O que? —apressou-lhe Cassandra.

—Parece como se ... agradasse Ariane.

Os cinzentos olhos da Cassandra resplandeceram.

—Excelente. E você?

—Eu?

—Também agrada-lhe o bálsamo?

Simon dedicou um olhar de esgelha à Iniciada.

Cassandra esperou, sem dizer nada.

—Sim, agrada-me —respondeu o guerreiro finalmente— embora não acredito que isso tenha muita importância.

A anciã inclinou a cabeça e sorriu.

—Importa, Simon.

—Por que?

—O bálsamo é feito de uma mescla especial, para realçar a essência de Ariane.

—Meia-noite, amanhecer de lua, rosas, uma tormenta — enumerou Simon as explicações da anciã, voltando a olhar a sua esposa — Ariane.

—Despertou?

—Quase.

Cassandra se aproximou da cama, observou à doente por um momento e negou com a cabeça.

—Não despertará hoje; possivelmente amanhã...

—Nos últimos dois dias procurou meu contato como se estivesse mais acordada que adormecida — interrompeu Simon— Às vezes, quase acredito que entende o que digo.

—Peça à ela que faça isso.

O guerreiro lançou um rápido olhar à Iniciada.

—É o bálsamo — explicou Cassandra com simplicidade— Consegue chegar ao lugar onde a vigília e o sonho se encontram. É uma forma especial de sonhar.

—Não entendo.

Um leve sorriso pairou nos lábios da anciã.

—Ariane despertará sentindo que dormiu profundamente.

—Sentirá dor? —perguntou ele, com aspereza.

—Não, a menos que você faça com que sinta.

—Nunca. Já sofreu bastante por mim. —Simon duvidou— Recordará algo?

—Como o quê?

—Repugnância por meu tato —disse sem rodeios.

—Desagrada-a quando a toca? —perguntou Cassandra.

—Não.

—Separa-se de você quando a toca?

—Aproxima-se ainda mais.

—Excelente —aprovou a anciã— Está progredindo.

Simon acariciou o longo e solto cabelo de Ariane em silêncio. Como tinha ocorrido antes, a jovem voltou o rosto para ele, cômoda com seu contato.

—Vai lembra do sonho quando despertar?

—Muito poucos o fazem. Os sonhos curativos são... —A Iniciada encolheu os ombros—... muito diferentes do sonho comum.

Quando Cassandra se afastou para avivar o fogo, Simon agarrou as ervas que havia trazido com ela e cheirou cada pacote com cuidado. Quando estava certa de que cada um continha a medicina correta, esfregou delicadamente e triturou cada erva entre o polegar e o indicador, sentiu, provou e esperou uns segundos, aceitando ou negando a mescla, transcorrido esse tempo.

—A mil folhas está um pouco mofada — assinalou Simon.

—Têm um olfato muito agudo, mandei trazer mais, mas, até que chegue, é melhor tê-la mofada do que não tê-la.

O guerreiro fez uma careta e, em silêncio, mesclou algumas das ervas com água previamente aquecida. Sob o atento olhar de Cassandra, agarrou a mistura, acrescentou várias ervas, e as reduziu a pó com eficazes e poderosos movimentos. Depois, trabalhou o pó até convertê-lo em um ungüento.

O aroma do fogo da lareira foi substituído por uma complexa mescla de ervas e bálsamo. Simon farejou o resultado de seu trabalho, com sutileza, comprovando que o ungüento não tinha nenhuma essência errada ou muito forte. Esfregou parte do ungüento na sensível pele interna de seu braço e esperou.

Não sentiu nem calor, nem dor. Nada sugeria que o preparado medicinal não fosse fazer aquilo que se supunha que devia fazer: curar.

—É muito atento com sua não desejada mulher —disse Cassandra depois de uns segundos.

Simon lançou um escuro olhar de soslaio.

—Em seu caso, muitos homens teriam se conformado, fazendo um esforço simbólico ante o ataque dos renegados e depois teria fugido —acrescentou a Iniciada.

—Não sou um covarde.

Embora falasse em voz baixa, as palavras foram tão cortantes como um vento gélido.

—Sua coragem é bem conhecida —refletiu Cassandra com calma— Nenhum homem o condenaria, se não conseguisse salvar sua esposa do bastardo que assassinou inimigos mais bem armados e mais numerosos que você.

— Isso tudo nos levará a algum lugar? —perguntou Simon, impaciente.

—Simples curiosidade.

—Não há nada simples quando se trata de curiosidade Iniciada.

O tom de voz de Simon penetrou na brumosa consciência de Ariane. A jovem parecia intranqüila e seus dedos pressionaram a mão masculina como se tivesse medo que se afastasse.

—Pratique sua curiosidade em outro lado —disse Simon com suavidade— Está incomodando minha esposa.

—Como desejar, curandeiro. Mas lembre-se que o bálsamo deve cobrir cada centímetro da pele de Ariane.

Cassandra tinha saído do quarto, antes de Simon compreender como o tinha chamado. Curandeiro. Absorto em seus pensamentos, observou a palidez do rosto de Ariane. Se fosse tão simples. Se pudesse curar seu corpo com um punhado de ervas e bálsamos.

Então talvez pudesse curar a escuridão da alma de Ariane. Ou minha própria alma, igualmente escura. De forma inesperada e não desejada, as palavras de Dominic soaram em sua mente.

‘’Como eu, perdeu grande parte de sua humanidade em terras sarracenas... Quem trará calidez a sua alma, casando-se com Ariane?’’

A jovem deixou escapar um gemido fraco, um protesto ante algo que só ela podia entender.

O som tirou Simon de seus sombrios pensamentos. O passado era irrecuperável. Tinha que viver o presente, fosse doce ou amargo, agradável ou ácido, fogo ou gelo.

Com um movimento brusco, afastou-se de sua esposa. Apesar dos mudos e inconscientes protestos da jovem, soltou a mão feminina e começou com o ritual de purificação que Meg tinha insistido em lhe ensinar, antes de partir com Dominic para a fortaleza de Blackthorne.

Com mãos peritas e ternas que cheiravam a sabão medicinal, Simon desatou, parcialmente, os laços do vestido de Ariane e afastou o tecido ametista de seus ombros. Já não fazia perguntas sobre a advertência de Cassandra sobre o vestido de Serena permanecer contra a pele de Ariane. Tinha observado, por si mesmo, que ela se acalmava quando estava envolta no objeto.

Mas quando Simon a tocava, ficava mais tranqüila ainda. Uma vez que esteja recuperada, confiará em mim o suficiente para deixar que a toque como um homem em lugar de como um curandeiro?

O imprevisto pensamento fez com que suas mãos se detivessem por um instante e, imediatamente, o tecido violeta e os laços escorregaram de seus imóveis dedos.

O sutiã de Ariane caiu para um lado e o crepitar do fogo do quarto projetou luzes e sombras sobre as generosas curvas de seus seios.

A ondulante luz emitida pelas chamas fez com que seus seios tivessem o aspecto de estarem sendo acariciados por dedos etéreos.

E, como se os acariciassem, seus mamilos endureceram.

—Rouxinol —murmurou Simon.

Inquieta, Ariane sacudiu a cabeça e seus seios oscilaram com sutis e sedutores movimentos, como pedindo a atenção dos olhos de Simon, suas mãos, sua boca.

O guerreiro amaldiçoou em silêncio e fechou os olhos. Tinha despido Ariane três vezes por dia, durante os últimos nove, e, apesar da formosa tentação que era seu corpo, simplesmene preocupava-se de que se curasse. Entretanto, agora...

Agora desejava ver a luz que brincava com seus seios, acariciando-os com tons de anoitecer e fogo. Agora desejava sentir a perfeição de seus seios nas mãos, enquanto seus polegares acariciavam seus mamilos até endurecê-los. Agora desejava provar o sabor desses rígidos mamilos e introduzi-los em sua boca. E logo queria mais, muito mais.

Desejava coisas que não podia nomear, nem descrever. Desejava arder no fogo da paixão de Ariane, para logo renascer de suas cinzas e voltar a arder uma e outra vez, sentindo que as chamas consumiam sua alma.

Um som grave emergiu da garganta de Simon. Entopercido, mas não tanto como a violenta necessidade de reclamar o resistente corpo de Ariane. Seu grosso membro estava a ponto de explodir, palpitante e ardente.

—Deus —zombou em voz baixa— Acaso Cassandra pensa que não desejo a carne que supõe que devo curar? Ver os seios de Ariane à luz do fogo... é uma prova muito dura para meu controle.

Surpreso por seu repentino desejo, Simon fechou os punhos e apertou a malha ametista entre os dedos com terrível força.

Transcorrido um tempo que, para ele foi uma eternidade, pôde respirar sem ter a sensação de que era fogo, e não ira, o que entrava em seus pulmões. Devagar, soltou o vestido de Ariane e começou a desatar a tira de tecido violeta.

A ferida era uma fina linha escarlate alinhada entre duas costelas. A pele já havia tornado a unir-se, como se jamais tivesse sido rasgada pela adaga de um renegado. A carne ao redor da ferida estava quente, embora não muito, e apresentava uma saudável cor rosa, mas não o vermelho que indicaria uma infecção.

—Vale a pena tolerar as bruxarias iniciadas e glendruid, ver que se cura tão rapidamente —sussurrou Simon a Ariane— Quando vi aquela adaga rasgar sua carne...

Sua voz se desvaneceu, até converter-se em um áspero som.

Tinha revivido aquele momento muitas vezes, vendo o selvagem brilho do aço, sabendo que a tenra carne de Ariane não era rival para a espada, sentindo a angustiante certeza de que não chegaria a tempo de salvá-la. E não o tinha feito. Ela tinha olhado para ele com um indefinido olhar, enquanto ele gritava seu nome.

Ainda não tinha respondido. Ariane. Agora, o grito ressoou em sua turvada alma, onde a ferida de Ariane se uniu a qual já tinha, quando Dominic pagou pelos pecados de seu irmão.

Devagar, Simon foi em busca da terrina de água medicinal que esquentava junto ao fogo. Escorreu o trapo de seu interior e começou a lavar Ariane com extrema delicadeza. Enquanto deslizava o tecido por seu decote, fez o que pôde para ignorar a cálida carícia de seu fôlego e o ainda mais quente toque daqueles tensos seios contra suas mãos. Teve mais êxito com o banho que com seu intento de ignorá-la. Teria sido melhor não ser consciente da sensualidade de Ariane quando seu corpo estava avermelhado pelo mal-estar e os calafrios derivados da febre. Então podia pensar nela não como na jovem cuja beleza, distante e sombria, fazia arder seu corpo desde a primeira vez que a viu, mas sim como um corpo que precisava ser lavado, secado e untado com o bálsamo, e logo coberto de novo, para protegê-lo do frio do outono.

Mas o toque em Ariane era diferente naquela noite. Depois de beber dos lábios masculinos toda a medicina, a jovem tinha mudado. Tinha desaparecido a lassidão que fazia com que todas as suas forças se concentrassem em sobreviver, e embora ainda estivesse calma, seu corpo e sua mente pareciam estar desfazendo-se das drogas e remédios que a mantinham naquele estado de sonho reparador.

As elegantes curvas da cintura e dos quadris de Ariane tinham sofrido mudanças sutis. Era como se hovesse se entregue ao contato de seu marido, transformando o ritual de purificação em algo muito mais sensual.

Agora, enquanto a banhava, seus seios o incitavam como o canto de uma sereia, como suas longas e torneadas pernas. Os cachos cor da meia-noite que protegiam sua feminilidade o obrigavam a conter a respiração. Teve que obrigar-se a afastar o olhar daquela perigosa tentação para evitar tocá-la como amante, em vez de curandeiro.

—É absurdo! Vi muitas mulheres nuas e nunca havia sentido isto.

Simon respirou profundamente e terminou o trabalho com rapidez, esforçando-se para vê-la como uma paciente.

Mesmo assim, decidiu cobrir parcialmente Ariane, antes de lubrificar com bálsamo aromático cada centímetro do corpo feminino, de seus delicados pés a graciosa nuca. Em todo o caso, o bálsamo cheirava muito bem para ser medicinal, embora Cassandra tivesse insistido que era imprescindível para a cura de Ariane.

Simon começou a subir com rapidez o vestido pelas pernas da jovem. Mas não importava o quanto rápido se movesse, o pouco que tocava faziam sentí-la de foma diferente. As pernas de Ariane estavam mais vivas. Mais vitais. Seu corpo estava ruborizado pelo tipo de febre feminina que só conhece um padre.

—Maldição —resmungou Simon— Que diabos está acontecendo para desejar uma mulher que não está em condições de decidir se me quer ou não em sua cama? É minha esposa.

—Não seria justo para ela —murmurou, colocando o vestido com inusitada urgência ao chegar aos quadris.

Seu corpo segue meu contato como se me desejasse.

—Não está acordada!

Seu corpo o está! Posso vê-lo, posso senti-lo. E se saboreasse o centro de seu prazer, com minha língua, poderia comprová-lo.

Aquele pensamento provocou dolorosas sensações em seu poderoso membro, seguidas de uma tentação tão forte que sacudiu seu corpo, como um trovão.

Simon deixou de lado sua discussão interna e se concentrou em cobrir o máximo possível de Ariane, antes de lubrificar ungüento medicinal em sua ferida. Mas as largas mangas do vestido pareciam pensar por si mesmas, enroscavam-se, retorciam-se, eram tão evasivas como a fumaça, frustrando cada tentativa.

Cada vez que o guerreiro levantava Ariane para tentar cobrí-la de novo, seus seios oscilavam e roçavam os braços, as mãos de Simon. Numa das vezes, sua bochecha conheceu a calidez e suavidade femininas.

Ela sorriu, em sonhos, ante a carícia e o quarto se encheu de sussurradas maldições sarracenas. Simon soltou Ariane, recolheu uma manga e a observou com atenção.

O tecido se curvou brandamente, ao redor de seus dedos, e desprendeu um sutil perfume de rosas selvagens. A essência de Ariane. A essência do bálsamo aromatizado que Simon não se atrevia a usar. O bálsamo que, segundo Cassandra, era vital para a total recuperação de Ariane.

Fechando os olhos, Simon emitiu um gemido tão rouco que ninguém poderia ouvir. Devagar, seus contraídos dedos se abriram e o tecido ametista deslizou de sua mão, com um som similar a um suspiro.

Confuso, Simon agarrou um dos pequenos potes da cesta que havia junto à cama de Ariane. O aroma do ungüento era refrescante, revitalizador. Medicinal, não passional.

Com semblante sombrio, Simon afundou seu dedo indicador no ungüento e começou a aplicá-lo com cuidado, sobre a cicatriz escarlate entre as costelas de Ariane, que estava muito quieta, respirando brandamente, não de todo adormecida. Um ligeiro sorriso a embelezou tanto, que Simon sentiu como seu coração se encolhia.

Seu corpo me deseja, rouxinol. Desejou-me desde a primeira vez que nos vimos, quando ainda era a prometida de Duncan. E lutou tanto como eu contra esse desejo. Não lute mais. Já não é a prometida de outro. Eu sou seu marido; você é minha mulher. Seu sorriso enfeitiça minha alma.

Quando Simon levantou sua mão da ferida de Ariane, a jovem se virou de lado para ele, apanhando seus dedos em uma sensual armadilha entre seus seios. Simon se sentiu arder dos pés a cabeça, e sua grossa ereção ameaçou explodir, oprimida contra as calças. Podia contar cada dolorosa contração de seu duro membro.

Respirando longa e profundamente, o guerreiro se obrigou a separar-se da doce armadilha. Ao afastar-se, seus dedos roçaram um dos mamilos de Ariane, que endureceu.

—Deus, isto é demais —gemeu, apertando os dentes.

Pensou que temia ter que levantar-se e separar-se dela, e pensava fazer exatamente isso, mas as traidoras mangas do vestido violeta se cruzaram em seu colo, prendendo-o.

Simon deixou o ungüento medicinal na cesta e agarrou o pote de bálsamo aromatizado que Cassandra havia feito especialmente para Ariane. O pote estava quente, suave, do tamanho e peso de um seio aninhado em sua mão.

A essência de rosas encheu o quarto, quando Simon abriu o pote. Respirou profundamente o perfume que, como o vestido, realçava a essência de Ariane. Lentamente, inundou a ponta dos dedos no bálsamo. Era quente, cremoso, acetinado; estava imbuído de tudo o que era feminino. E queimava como o seu desejo.

***

CAPíTULO 16

Durante nove dias, Simon tinha cuidado de Ariane como se fosse um bebê. Durante nove dias, havia dito a si mesmo que não via o encanto feminino de seus seios e coxas, que não lhe produzia prazer sensual algum lubrificar cada centímetro de sua pele com o suave bálsamo aromatizado, que não desejava fazer sua a jovem, nem afundar-se em sua suavidade para formar parte dela. Durante nove dias, tinha mentido.

Maldição!

No que pensava Cassandra quando me ordenou aplicar o bálsamo aromatizado por cada centímetro de Ariane? Acaso acredita que sou de pedra?

Ariane voltou a cabeça de um lado para outro no travesseiro, e seus brilhantes e negros cachos deslizaram sobre seus seios. Suas mãos se moviam lânguidas e, entretanto, quase impacientes, procurando... algo.

—Ariane —murmurou Simon.

A jovem voltou o rosto para sua voz, embora seus olhos permanecesem fechados. Deliberadamente, Simon passou o dorso de seus dedos pela bochecha feminina. Ariane elevou então a mão e segurou os fortes dedos do guerreiro contra seu rosto. Voltou-se ainda mais para ele e aceitou por completo seu contato. Não desejando, mas exigindo.

—Oxalá me atrevesse a te despertar —sussurrou Simon.

Mas Cassandra o tinha proibido terminantemente. Disse que quando Ariane estivesse bem, despertaria por si mesma. Até então, deveria dormir. Acelerar seu despertar só retardaria sua recuperação.

Quando Simon começou a aplicar o bálsamo aromatizado, a cálida respiração de Ariane fluiu sobre ele. Pensou que não estava fazendo nada diferente de outros dias, nada novo e, certamente, nada sensual…

Mas não podia evitar ver, como se fosse a primeira vez, a graça das negras e longas pestanas que descansavam sobre as bochechas. A linha reta de seu nariz; as delicadas e sombreadas curvas de suas maçãs do rosto, que tentavam os dedos masculinos.

O aroma do bálsamo se intensificava com o calor corporal de Ariane. O perfume acariciou de modo invisível Simon, com cada contato de pele contra pele e respirou a essência de novo, para encher seus pulmões com ela enquanto um calor sensual lhe queimava as entranhas.

Exalou e seu fôlego acariciou apenas o tecido violeta que ocultava os quadris e as pernas de Ariane, fazendo com que a malha escorregasse com a facilidade com que flui a água, deixando a jovem nua.

Com cuidado de não movê-la muito, Simon levantou Ariane e a virou sobre o lado que não estava ferido, fingindo que suas mãos não se detiveram na curva de seu quadril e que tampouco tinha amoldado sua mão à perna feminina, curvando seus dedos para roçar os escuros cachos ocultos entre suas coxas.

Um som abafado saiu da garganta de Simon, quando seu membro ereto reclamou a liberação. Era como se nunca houvesse ficado assim com uma mulher, como se nunca tivesse conhecido a essência do desejo feminino, como se nunca antes tivesse beijado suaves e rosados lábios e se perdido neles. De repente, retirou suas mãos, como se as tivesse mantido muito tempo em uma chama. Isto é uma loucura. Tanto a parte racional como a parte descontrolada e apaixonada de Simon coincidiam naquele ponto.

Fechou os olhos e molhou seus dedos no pequeno pote de bálsamo. Começou a acariciar lentamente as costas de Ariane com ele e, ao chegar ao calor de suas nádegas, parou.

A jovem se agitou, inquieta, e o movimento levou seu quadril até a palma de Simon.

Os fortes dedos do guerreiro se flexionaram, em sensual resposta, comprovando a textura da carne feminina. Quando percebeu o que tinha feito,

ficou petrificado, temendo tirar Ariane de seu reparador sono. Depois de respirar profundamente, relaxou, pouco a pouco. Ariane não tinha despertado. Mas tampouco se separou dos largos dedos que envolviam seu quadril.

Muito devagar, Simon ergueu a mão. Tomou mais bálsamo e seguiu a linha da espinha dorsal até sua base. Sem realmente pretender, roçou a escura fenda que se perdia entre as nádegas.

O fogo lambeu seus dedos, arrasou seu braço e se concentrou em seu ventre. Resistente, elevou a mão enquanto ainda podia confiar em ser capaz de fazê-lo.

Simon desejava dar de presente a Ariane algo mais que uma carícia que morria, antes de começar. Desejava percorrer por completo a curva de seu traseiro até que sua palma estivesse presa entre as coxas femininas, abrigada em sua suavidade, ao mesmo tempo que seus dedos penetravam nos perfumados e escuros segredos de seu corpo.

Então se retiraria com suavidade, levando a umidade do desejo feminino com ele, e voltaria a deslizar em seu interior, penetrando-a profundamente, retrocedendo, estendendo a essência de seu desejo entre as aveludadas dobras de sua feminilidade.

Não posso. Não está acordada. Mas eu sim. Deus, desejo tanto fazê-la minha...

Simon teria deixado escapar uma maldição, mas lhe faltava o fôlego, sentia-se poderoso e cheio de vida, seu sangue bombeava com força em suas veias e aumentava sua já grossa ereção.

Um profundo, quase inaudível gemido, escapou entre os apertados dentes do guerreiro. Tratando de deixar a mente em branco, aplicou o ungüento aromático descendo pelas largas e curvilíneas pernas de Ariane acabando no bem formado arco de seus pés.

Suspirando, a jovem virou de costas como se seu corpo tivesse memorizado a rotina de bálsamo e carícias. Ao virar-se, seu longo cabelo

negro pousou sobre seus seios e seu ventre e repousou na união entre suas coxas.

Como em transe, Simon estendeu o braço e, devagar, muito devagar, libertou o cabelo de Ariane. A tentação de abrir suas coxas só com a ponta do dedo e procurar o calor oculto de seu interior era tão forte que a poderosa mão masculina tremeu. Não devo. Da mesma forma como pensou que era errado, outra parte de si mesmo se rebelou.

Por que não? Está suspirando de desejo. Seus seios erguidos desejam minhas carícias e seus mamilos precisam ser acariciados. Com o cenho franzido, Simon silenciou sua discussão interna, inundando a ponta de seus dedos no cremoso ungüento. Logo massageou os ombros de Ariane, seus braços, suas mãos.

Desejando que aquela loucura terminasse de uma vez, mas ao mesmo tempo agradecido de que não fosse assim, Simon afundou de novo os dedos no pote, tirou uma grande quantidade de bálsamo e o esfregou entre as mãos, disposto a terminar a tarefa o mais rápido possível.

Os seios de Ariane estavam mais cheios do que Simon recordava, vibrantes, inchados. Mesmo ao fechar os olhos, podia ver a imagem da jovem gravada a fogo em sua mente. Aquela pele, pálida e suave, era comparável à pérola mais valiosa de um sultão. Seus seios pareciam clamar pela umidade da língua masculina, para alcançar a perfeição.

Sem perceber o que fazia, sem pensar, Simón aproximou sua cabeça do seio de Ariane. Os seios da jovem conheceram a carícia do guerreiro, sua bochecha, seus lábios. Então, Simon abriu a boca e roçou com a língua um dos delicados mamilos. Tinha sabor de rosas.

Com um som inaudível, o guerreiro desenhou a auréola daquele seio, saboreando sua calidez e as mudanças de texturas da pele de pêssego.

—Seda —murmurou, ao acariciar com sua língua o pálido inchaço de seu seio.

Ariane gemeu e virou de lado. O movimento levou um dos duros mamilos de Ariane até os lábios de Simon.

—Veludo —suspirou ele, saboreando-o com suavidade.

Ela se arqueou, como presa em um sonho erótico, e seu ereto e rosado mamilo incitou ainda mais os lábios masculinos.

—Não posso suportar —murmurou Simon.

Tomou o seio de Ariane em sua boca e a amou como tinha quis fazer desde o momento em que a viu de pé, orgulhosa e assustada, esperando que um homem que não conhecia reclamasse seu corpo e usasse seu ventre para conceber herdeiros.

O úmido e ardente prazer da boca de Simon sobre seu seio acelerou o pulso da jovem. Com um murmúrio sonolento, levantou um joelho.

Ou era a mão de Simon que deslizou sob o joelho, abrindo-a como faria um amante?

Não. Está sob meus cuidados, ainda não posso fazê-la minha. Então devo curá-la. Por inteiro.

Mas...

O desejo que nublava a mente de Simon ignorou a cautela aprendida a alto custo, muito tempo atrás.

Não é isso o que disse Cassandra? Cada centímetro de sua pele deve ser massageado com o bálsamo.

Aquilo era razão suficiente. Cassandra tinha repetido várias vezes, como se o bálsamo fosse a parte mais importante do ritual de cura.

Realmente, posso confiar em mim mesmo o suficiente para tocar de um modo tão íntimo? Sem possui-la? Deus, é possível?

Simon fechou os olhos e se obrigou a não mover-se, já que não podia determinar se seu próximo movimento seria para aproximar-se ou afastar-se de Ariane.

E aproximando-se, não estava seguro de onde terminaria o ato de curar e começaria o ato de amar.

—Rouxinol —sussurrou com voz rouca— Se estivesse acordada.

Ariane emitiu um som baixo e ansioso. Seu corpo estava mais desperto e suas pernas se moviam, inquietas, como se tentassem correr atrás de algo e sua debilidade o impedisse. Um de seus braços ergueu-se no ar e se chocou contra a coxa de Simon.

Assim que a jovem sentiu a poderosa presença masculina, deixou escapar um longo suspiro e se acalmou. Aos poucos, sua mão relaxou e escorregou da musculosa coxa à colcha do leito, mas o dorso de seus dedos seguia em contato com ele.

O contato não era acidental, já que quando Simon se separou um pouco, a mão de Ariane voltou a procurar o consolo de sua pele contra a sua. A pele masculina. O desejo feminino.

—Estava certo, pequena? —murmurou Simon— Olhava-me com mais aprovação e menos desagrado do que a outros homens?

A única resposta que recebeu foi a mão de Ariane pressionada contra sua coxa.

—Vi em você desejo por mim? —inclinou-se para ela uma vez mais— O saboreei em seus beijos?

Simon percorreu com suas fortes mãos o corpo de Ariane, desde seus seios ao escuro triângulo de cachos entre suas coxas, pelo qual renunciaria a sua própria vida. Suas enormes mãos desprendiam o aroma do bálsamo.

—A primeira vez que me viu abriu os olhos com surpresa — continuou Simon— Faz menos de um mês? Parece toda uma vida. Você pertencia a outro, e eu mal podia permitir-me te olhar. Seus dedos percorreram a parte interna da perna flexionada de Ariane, passando o bálsamo e deixando um pouco mais a descoberto da beleza da jovem, com cada lenta pressão.

—O sol poente arrancava fogo ametista de seus olhos —prosseguiu em voz muito baixa— E sua boca... Deus, ver sua língua umedecer seu lábio inferior fez com que o sangue corresse como lava por minhas veias.

Um estremecimento o percorreu ao recordar, e, sem ser consciente disso, começou a beijá-la brandamente no ventre, demorando-se para provar a covinha de seu umbigo com a língua.

—Não queria desejar nenhuma mulher — justificou Simon em um sussurro— Não deste modo. Não como se estivesse marcada a fogo em minha própria alma.

O quente fôlego de Simon fazia arder a pele de Ariane, enquanto suas mãos e boca seguiam acariciando-a, curandeiro e amante misturados.

—Percebia como acelerava seu pulso cada vez que me aproximava. Poderia ter sido medo, mas sempre que pensava que eu não percebia, observava-me.

Sua mão deslizou pelo corpo de Ariane até sentir o suave e sensual triângulo de pêlos negros contra a palma. Acariciou-o com a delicadeza de um suspiro, brincando com o montículo, cujo calor clamava por seu contato. Um som emergiu de Ariane; metade gemido, metade sussurro. Em vez de afastar-se de Simon, arqueou-se contra ele. A própria respiração do guerreiro se tornou áspera. Desejava despertá-la, tomá-la, ver seus olhos brilharem de paixão, enquanto ele a fazia sua por completo. Sentia como se a tivesse desejado toda sua vida.

Simon lubrificou seus dedos de bálsamo uma última vez e, com extremo cuidado, estendeu a cremosa mescla do umbigo às coxas. As pernas da jovem se abriram ainda mais, fazendo com que seus quadris se elevassem.

Foi suficiente. Simon roçou com a ponta dos dedos a tenra carne escondidas entre as coxas femininas, provocando em Ariane um murmúrio de prazer.

Com suavidade, Simon abriu as úmidas dobras de sua feminilidade, explorando e percorrendo sua sensual suavidade. Assombrado e satisfeito, sentiu a onda de prazer que percorria a jovem, escutou-a em seu suspiro entrecortado, viu-a no lânguido movimento de seus quadris.

—O que sonha, rouxinol? —perguntou, com voz rouca— Me deseja agora como eu te desejei desde a primeira vez que a vi?

Com uma delicadeza imprópria de um guerreiro, Simon acariciou a escura entrada de seu corpo e foi recompensado pela úmida resposta que evidenciava o desejo da jovem. Com o coração desenfreado, retirou-se da tentação e deslizou um dedo entre as quentes e aveludadas dobras, acariciando-a e abrindo-a de novo.

Ao final da carícia, Simon descobriu o palpitante e oculto centro do prazer da jovem. Estava cheio, firme. Quando a úmida ponta de seu dedo o rodeou, Ariane suspirou, entrecortadamente, e seus quadris se moveram luxuriosos, procurando mais.

Simon retirou a mão, temeroso de perder o controle, rompendo todo contato com o corpo de Ariane. Ela protestou e começou a mover a cabeça para os lados, com uma intranqüilidade lânguida, que falava com eloqüência tanto de seu desejo como de sua escravidão ao sono curativo.

Tal e como Cassandra tinha advertido.

Ariane despertará sentindo que dormiu profundamente, e dentro do sonho, também sentirá profundamente. Como você.

—O que sente, rouxinol?—murmurou Simon— Te desagrada?

Deslizou uma vez mais a ponta de seus dedos pela parte interna da coxa de Ariane, que se arqueou para ele procurando um contato mais profundo; cada movimento era um sensual reflexo de seus sonhos.

—Não, não é repulsão o que sente —sussurrou o guerreiro— Me deseja? Entrega-se para mim sabendo que sou eu que te acaricia?

As pontas de seus dedos acariciaram de novo as dobras, já não tão fechadas. Estavam inchadas, quentes, úmidas com o desejo de Ariane.

Simon respirou quase dolorosamente.

—Poderia comprovar a profundidade de seu ardor —murmurou—, mas não posso confiar em me contentar sentindo sua virgindade contra meu dedo. Seria muito fácil te abrir mais, e mais, até possuí-la por inteiro.

Fechando os olhos, Simon lutou contra o desejo que torturava todo seu ser.

—Pergunto-me como seria observar enquanto nossos corações se despejam e nossos corpos se unem até que não saibamos onde começa um e termina o outro?

Ariane não despertou para responder a pergunta, embora o movimento de seu corpo sob as delicadas carícias, era uma resposta em si mesmo. Estava ardendo, como uma febre.

Mas o que queimava as pontas dos dedos do guerreiro não era um calor seco e doentio, mas o calor líquido de uma mulher que responde, apaixonada, ao contato de seu amante.

Simon abriu os olhos e mediu a excitação de Ariane, os lentos e voluptuosos movimentos de seus quadris, a paixão que tingia seus lábios e mamilos de um rosa escuro. Imóvel, sentado ao seu lado no leito, lutou consigo mesmo com cada respiração entrecortada, sabendo que devia levantar-se e separar-se da jovem, que não podia aceitá-lo ou rechaçá-lo.

Posso escolher por ela. Aquele pensamento era uma agonia.

—Deseja realmente me sentir dentro de ti? —perguntou, em um sussurro fraco.

A resposta de Ariane foi tão silenciosa como inconfundível. Seu corpo já não estava lânguido, mas tenso, vibrante, aberto, embriagado de espera. A essência do aroma que deixava patente seu desejo inundou os sentidos de seu marido, excitando-o até o ponto da dor.

Sob a doce tortura, o guerreiro emitiu um gemido pesaroso. Deus, o que está acontecendo? Por que não posso me levantar e partir ?

Mas mesmo enquanto aquelas palavras ressoavam em sua mente, os batimentos de seu próprio coração as silenciavam. Sem a confiança necessária para tocar Ariane de novo com suas mãos, mas incapaz de afastar-se de sua sensual e tentadora beleza, inclinou-se sobre ela, de novo.

A jovem murmurou, entre sonhos, ao sentir a carícia da áspera bochecha masculina contra suas coxas, e Simon respirou profundamente, enchendo os

pulmões com o aroma do desejo de Ariane, como se estivesse sob o fluxo de um feitiço de paixão.

Beijou a cremosa carne com infinita delicadeza, em consonância com os adormecidos movimentos femininos. Quando Simon sugou com suavidade, criando uma rajada de calor sob sua clara pele, Ariane respirou entrecortadamente e mudou de posição para lhe oferecer melhor acesso entre suas coxas.

Cure-me.

Simon murmurou o nome de sua esposa, enquanto saboreava a úmida essência de lua o cheiro de rosas de sua feminilidade, a selvagem mas controlada tormenta que explodia entre ambos, unindo-os com correntes invisíveis.

Uma lenta e profunda labareda percorreu Ariane por completo, respondendo ao lento avanço de seu marido.

—O fogo me queima.

—Posso saboreá-lo.

—Sim, faça.

Agoniado, sucumbindo por completo à escravidão do sonho, Simon só foi consciente do sabor de Ariane, de seu calor lhe queimando a pele até que só pôde respirar uma perturbadora mescla de fogo e essência feminina.

—Estou queimando.

—Sim.

—Queime comigo.

—Sempre.

—Somos um.

—Ardendo.

CAPíTULO 17

Cauteloso, Simon esquadrinhou o pote de bálsamo fresco que Cassandra oferecia. Abriu-o e o cheirou.

Um estremecimento de paixão o percorreu, uma combinação de lembrança e desejo.

—Ariane —murmurou com voz rouca.

—É obvio —afirmou a Iniciada.

Sem mais palavras, Simon voltou a pôr a tampa no pote com rápidos movimentos e se voltou para a cama de Ariane.

—Desagrada-te o bálsamo? —interessou-se Cassandra.

Uma onda de lembranças e sonhos entrelaçados percorreu o corpo masculino. Simon tinha tentado não pensar na noite anterior, quando despertou no meio da noite, com sua esposa completamente nua, dormindo entre seus braços... e a fragrância do bálsamo emanando de ambos os corpos.

Não queria refletir sobre o que tinha ocorrido entre ele e sua esposa, porque não tinha sentido. Não tinha razão, nem lógica. Não podia pesar ou medir. Não acreditava. Não posso ter compartilhado sua cura. Não posso tê-la feito arder. Mas ele tinha ardido. Como ela.

—Três vezes — recordou Cassandra.

Simon se sobressaltou, perguntando-se se a anciã saberia o que tinha ocorrido.

—O que?

—Até que Ariane desperte, terá que continuar aplicando o bálsamo três vezes ao dia —repetiu a Iniciada, paciente.

Apesar da expressão neutra de Cassandra, pareceu que Simon detectou um brilho divertido em seus olhos chapeados.

—Sim, já me explicou isso várias vezes — replicou.

Agora estava certo que a mulher sorria.

—Olhou sua ferida esta manhã? —inquiriu Cassandra.

—Ainda não.

O tom de Simon era cortante. Não tinha vontades de explicar que não confiava o bastante em si mesmo para despir de novo sua esposa, e muito menos passar ou cobrir sua pele com o fragrante bálsamo, até que não houvesse nada entre eles exceto desejo, uma tormenta distante, e um fogo que os consumisse lentamente. Respirou fundo, tentando controlar a selvagem resposta de seu corpo. É somente um sonho, nada mais. Dormi, e sonhei. Deus, rogo poder ter esses sonhos acordado! E que Ariane sonhe comigo... Simon amaldiçoou em silêncio, foi para o leito e começou a despir sua esposa. Quando terminou com o vestido e a bandagem, conteve a respiração. A cicatriz quase tinha desaparecido e nem sequer havia o mínimo rastro das manchas roxas sobre a cremosa pele.

—Logo despertará —afirmou Cassandra com satisfação— A cura está chegando ao fim.

—Quanto falta? —perguntou Simon.

—Saberemos quando despertar.

Depois desse crítico comentário, Cassandra se voltou e abandonou o quarto.

No silêncio que seguiu, Simon percebeu o grito de outra tormenta, silenciada pelos grossos muros. Tomou o pote de ungüento medicinal e se sentou junto a sua esposa, como tantas outras vezes desde que a feriram.

—Foi melhor que Meg e Dominic tenham partido para Blackthorne dias atrás —explicou a Ariane, enquanto aplicava a pomada na pequena cicatriz—. face à determinação de Meg, teria sofrido durante a fria e tormentosa cavalgada para casa.

O guerreiro falava com voz tranqüila, como tinha feito durante todos os dias em que permaneceu sentado junto a Ariane sobre a cama, esperando que a cor voltasse para seu rosto. Tinha descoberto que sua voz tinha um efeito calmante sobre a jovem.

—Dominic teria perdido o controle antes que chegássemos à fortaleza de Blackthorne —acrescentou— Não suporta que a mulher que ama sofra o mais leve incômodo.

Simon sorriu ligeiramente, recordando as jóias que adornavam sua cunhada.

—Sabe? Sinto falta do som dessas diminutas jóias que a cobrem, e da risada de Meg... também sinto falta dela.

Do piso de baixo chegou, de repente, o som de uma risada masculina, seguido de uma feminina instantes depois.

—Mas, em seu lugar, estão as risadas de Duncan e Amber —refletiu Simon— Parecem felizes com o fato de poderem estar juntos.

Enquanto falava, voltou-se para empapar a bandagem na terrina de água com ervas adstringentes. Escorreu o tecido ametista, sacudiu-o com força, e comprovou que estava seco, com o mesmo assombro que nos dias anteriores.

—Um bom trabalho, como diria Duncan.

Olhou a bandagem e logo a linha rosa pálida entre as costelas de Ariane.

—Acredito que não te enfaixarei —disse deixando de lado a tira de tecido— As feridas muito profundas precisam de ar.

Sem importar o assunto, Simon sempre falava em voz baixa e tranqüila. Tinha aprendido, enquanto devolvia à vida Dominic que uma voz calma atuava como um tônico em qualquer parte da mente do doente. Além disso, também acalmava a ele.

O primeiro pensamento que teve Ariane ao despertar foi que estava segura em braços fortes. O contato era tão quente e delicado como o tecido que deslizava por seus braços para cobri-los. Imediatamente, Ariane soube que o

vestido era seu traje de bodas. Também soube que eram a respiração e a barba de Simon que roçavam seus seios.

O prazer percorreu a jovem como uma cascata. Por um instante perguntou-se teria sido Simon quem tinha ateado o estremecedor fogo de seus sonhos.

Não, não pode ser. É loucura pensar nisso! Estava indefesa, presa em um sonho. Sei muito bem o que faz um homem com uma mulher indefesa. Meus pesadelos me recordam isso. O desolador pensamento apagou as sensações que a tinham feito sentir-se viva, de um modo até então desconhecido, exceto em uma ocasião: nos braços de Simon, quando a beijou na noite de bodas. Saboreei seus lábios. Ou foi ele quem me saboreou ?

O fogo se deslocou de seus seios para seu ventre, sobressaltando-a com sua intensidade. Confusa, apertou as pálpebras, perguntando-se o que lhe ocorria.

Simon tentava, por todos os meios, não olhar o atraente corpo de Ariane enquanto a vestia, os cremosos seios cujas cúpulas endureceram, formando aveludados bicos rosados com o acidental contato de sua mão.

E, é obvio, não estava recordando o tato, a essência e o sabor daqueles seios.

Com uma severa eficiência, Simon voltou a colocar as largas mangas em seu lugar e começou a amarrar os laços do vestido ametista. No instante em que os tocava, os laços pareciam ter vida e tornavam impossível passar pelas muitas e diminutas casas bordadas que iam das coxas de Ariane até a suave cavidade de sua garganta.

—Maldito seja —rugiu Simon— Não importa quanto tentadores sejam seus seios, devem ser cobertos.

Um dos laços escapou de sua mão e foi cair sobre a tenra pele do abdômen da jovem. Por um segundo, o laço permaneceu aninhado no triângulo de cachos negros que o vestido entreaberto deixava ver. Antes de Simon poder recuperá-lo, deslizou entre as pernas de sua esposa. Sentir os dedos de

Simon aprofundando entre suas coxas fez com que Ariane se erguesse, com brutalidade, e que o pesadelo voltasse novamente.

—Não! —gritou rouca, cravando suas unhas nos braços de Simon—Só um monstro abusaria assim de uma mulher indefesa!

O guerreiro levantou a cabeça, de repente. Os selvagens olhos ametista de Ariane o atravessavam; mas não foram seus olhos que Simon viu , mas o medo e a repulsa em seu rosto.

E o que esperava? Um milagre? Perguntou-se mordaz. É o que era antes de ser ferida. Fria.

—Bom dia, esposa — saudou sarcástico— Acredito que nove dias de sonho tenham conseguido que se recuperesse.

O gelo na voz de Simon fez com que um calafrio percorresse Ariane por inteiro. Voltou a respirar entrecortadamente e se concentrou em seu marido, em lugar de seu sonho.

—Se afastar suas unhas de meus braços —resmungou ele— seguirei vestindo-a. Ou prefere que continue te tocando?

Enquanto falava, Simon flexionou deliberadamente sua mão, apertando seus dedos contra Ariane e acariciando as suaves dobras de sua feminilidade, que tinha saboreado com os lábios, os dentes e a língua. Sonhei com isso? Posso ter sonhado? Ariane ofegou, por causa das conflituosas sensações que a estremeciam. A primeira era medo; a segunda era um prazer devastador. E a segunda era muito mais aterradora que a primeira.

—Por favor —sussurrou com voz fraca— Não. Não posso... Não posso suportar.

O aborrecimento consigo mesmo surgiu como bílis na garganta de Simon, fazendo com que sacudisse a mão para libertá-la do suave confinamento.

—Então, tenha a gentileza de recuperar seu próprio laço, milady —espetou entre dentes.

Ariane o olhou, desconcertada.

—O laço prateado — explicou ele, direto— Estava amarrando o vestido, quando o laço se soltou.

Ariane olhou para baixo. A frente de seu vestido estava completamente aberta até as coxas. Exceto pelas dobras de tecido ametista que mostravam mais do que ocultavam, estava quase nua.

—Minha regata... — Ariane sentiu a garganta se fechar e não pôde continuar falando.

Simon esperou que terminasse.

Molhando os secos lábios, a jovem voltou a tentar.

—Não uso nada além de meu vestido —conseguiu dizer, com voz rouca.

—Sou bem consciente disso.

E de muito mais. Deus, como pode uma mulher cujo corpo está tão predisposto à paixão, retroceder ante ela com repugnância?

Ou, possivelmente, apesar de suas negativas, sou eu quem a repele, não a paixão. Sim, tem que ser isso. Nenhuma mulher sem paixão teria correspondido como fez ela, ontem à noite.

Foi um sonho. Só um sonho.

Ariane ruborizou dos seios às têmporas, ao observar sua própria nudez.

—Geralmente uso...

Falhou a voz e voltou a umedecer os lábios. Ver a elegante língua rosada de Ariane foi tão excitante para Simon como se tivesse tomado sua ereção entre os lábios.

—Maldita seja! —jurou com ferocidade.

Ficou em pé, encheu uma taça de água da jarra que estava sobre a arca e voltou para a cama.

—Beba isto — ordenou— Se voltar a passar a língua pelos lábios, ficarão em carne viva.

Ariane levantou uns dedos trêmulos para a taça. Simon dirigiu-lhe um olhar impaciente e afastou as mãos femininas para um lado.

—Logo que tenha forças —balbuciou.

Sustentou a taça contra os lábios de Ariane e se inclinou. Ela se engasgou com a água que transbordou pelos lábios, até chegar ao queixo.

—Maldita seja —grunhiu Simon, baixando a taça— Era mais fácil quando estava inconsciente.

—O que...? —Ariane tossiu — O que quer dizer?

—Quando estava inconsciente, alimentava-a de meus próprios lábios. A jovem abriu a boca surpresa.

—Perdão?

Simon bebeu da taça, inclinou-se sobre Ariane e fez com que bebesse como tantas vezes tinha feito, enquanto ela permanecia perdida na cura Iniciada.

O gesto foi tão rápido que a jovem não teve tempo de protestar. E embora quisesse fazer, teria que engolir antes de falar.

—Mais?—perguntou Simon, segurando a taça contra seus lábios.

Ariane abriu a boca assombrada ao compreender como seu marido tinha cuidado dela. E voltou a beber e a inclinar-se sobre sua boca.

A jovem o observava, com sobressaltados olhos ametista. Vê-lo inclinar-se sobre ela produzia sensações estranhas, que se irradiavam por todo seu corpo.

—Faz com tanta... naturalidade —conseguiu dizer.

—Tive quase dez dias para praticar —resmungou Simon.

Ariane voltou a ficar boquiaberta, mas se apressou a fechar os lábios quando Simon ergueu a taça uma vez mais.

—Você? —sussurrou— Você cuidou de mim?

O guerreiro assentiu.

—Por que?

—Cassandra exigiu.

Ariane piscou.

—Cassandra —repetiu devagar, como se nunca tivesse ouvido aquele nome— E por que, em nome de tudo o que é sagrado, exigiu semelhante coisa?

—Por que um Iniciado faz certas coisas? —replicou Simon— E já que estamos perguntando, por que não galopou para o castelo, quando teve a oportunidade?

—O castelo?

—Quando nos atacaram.

De repente, Ariane recordou tudo; o grito de Simon, os cavalheiros atacando, e a compreensão de que ele havia ficado para defendê-la, quando poderia ter fugido sem dificuldade.

—Você ficou— limitou-se a dizer.

—O que?

—Defendeu-me, apesar de ser melhor para você deixar que os renegados me apanhassem.

—Que tipo de animal acha que sou? —cuspiu Simon em tom gelado.

Então recordou sua resposta, ante a sensualidade do bálsamo e empalideceu.

—Posso ser um animal quando se trata do quarto —disse em tom neutro—, mas não sou um covarde, que permita que uma jovem seja manchada por uns bastardos, vestidos como cavalheiros.

—Simon —sussurrou Ariane, sabendo que o tinha ferido, sem pretender.

Olhou para ele e os dedos frágeis que, a seu modo silencioso rogaram, repousaram em seu poderoso antebraço.

— Simon, o Leal — continuou Ariane, com voz trêmula — Ficou, mesmo sabendo que lhe custaria a vida. Ficou, quando muitos outros homens teriam me traído.

A respiração dele acelerou, ao olhar nos profundo olhos ametista da jovem.

Muito poucos homens lhe teriam dado as costas — assegurou— E nenhum cavalheiro teria feito algo tão covarde.

O sorriso de Ariane era tão desolador como sua experiência com os homens.

—Está equivocado, Simon. Fui traída muitas vezes, e nunca conheci um homem, cavalheiro ou servo, que pusesse meu bem-estar acima do dele.

—Ariane, a traída —murmurou Simon— Quem foi, rouxinol? Quem te traiu, e como?

Ariane ignorou a pergunta de seu marido. Em seu lugar, tentou explicar algo que ela mesma começava a entender.

—Quando te vi ali, na metade do caminho, soube imediatamente que seu cavalo era suficientemente veloz para te colocar a salvo.

—Sua égua não.

—Por isso, permaneceu imóvel, disposto a dar sua vida para que eu pudesse viver —sussurrou Ariane.

—Estava disposto a matar os renegados.

—Armados e com cavalos de guerra que, além disso, superavam-lhe em número...

—Deveria ter fugido quando te pedi — interrompeu Simon.

—Não!—gritou erguendo-se— Prefiro morrer a viver um só dia sabendo que traí o único homem que me foi leal!

Simon olhou o ruborizado rosto e os ardentes olhos de Ariane e desejou, mais do que tudo, poder saborear a paixão que tão visivelmente corria pelas veias da jovem.

—Entretanto, recua ao meu contato — recordou ele.

Ariane fechou os olhos.

—Não é você, Simon, é algo que me ocorreu no passado.

—Foi minha culpa?

Ela negou com a cabeça. Mechas soltas do cabelo negro escorregaram, ocultando parcialmente a pálida pele que aparecia através de seu vestido entreaberto.

—Eu... —Sua voz enfraqueceu.

Simon pousou, com suavidade, sua mão sobre a de Ariane. Em lugar de retirar sua mão, a jovem entrelaçou seus dedos com os de seu marido e os apertou, com uma força surpreendente para uma jovem de aspecto tão delicado.

—Uma vez —sussurrou Ariane—, conheci a filha de um barão. Era jovem, ingênua...

Engoliu em seco e fechou os olhos.

Simon beijou os pálidos dedos, apertados aos seus.

—Ia casar-se com um cavalheiro que não conhecia —continuou Ariane, com voz rouca—, mas seu pai encontrou um partido melhor para ela, e o cavalheiro...

A jovem respirou com dificuldade, os pulmões doíam. Os tremores sacudiam seu corpo, violentamente.

—Pequena — interrompeu Simon—Pode me contar isso quando estiver mais forte.

—Não —negou, feroz— Se não contar agora, não terei forças para fazer.

—Nenhuma mulher disposta a entrar desarmada em um combate carece de coragem. De bom senso, talvez, mas não de coragem.

—Aquilo foi mais fácil.

A tensão do corpo feminino irradiou até Simon.

—O cavalheiro rechaçado —disse Ariane entrecortadamente— decidiu que se deitaria com a jovem, assim o outro cavalheiro a repudiaria. Forçou-a e depois foi até o pai da jovem e disse que ela o tinha seduzido, mas que seria um cavalheiro e a desposaria.

Simon amaldiçoou enfurecido, entre dentes.

—O pai se dirigiu ao quarto da jovem e a encontrou nua, sobre a cama, com o sangue de sua virgindade perdida ainda secando sobre suas pernas, e não acreditou em seus gritos de inocência. Chamou-a de rameira e voltou-lhe as costas.

—Ela lhe contou isso? —perguntou Simon com suavidade.

—Ela?

—A moça.

Ariane tomou ar, entrecortadamente.

—Sim —respondeu— Contou-me tudo isso, cada cruel e abominável coisa que o cavalheiro fez.

—E depois disso, te aterroriza o fato de se unir a um homem.

Ariane estremeceu convulsivamente.

—Mais tarde, lhe darei banho. Ninguém mais vai te tocar.

Simon emitiu um ruidoso suspiro. Havia visto muitas guerras e saques para saber o que os inocentes olhos de Ariane tinham visto, ao falar de sua amiga.

—Chorei e gritei, pedi e rogei clemência, enquanto me abriam as pernas à força e um homem golpeia dentro de ti, te rasgando ao mesmo tempo que baba e...

Simon tampou a boca de Ariane com a mão, cortando as palavras que se cravavam em ambos, como adagas.

—Tranqüila, rouxinol —sussurrou— Não será assim entre nós. Jamais. Preferiria morrer que tomá-la pela força, enquanto roga clemência.

Ariane observou, esperançosa, os escuros olhos de Simon, desejando que suas palavras fossem verdadeiras. Mas sabia que era absurdo ter esperança.

E, entretanto...

—Lutou por mim —sussurrou.

—Você também lutou por mim —rebateu ele.

—Foi leal. —Ariane suspirou, estremecendo— Assim que me recuperar de novo...

Simon esperou paciente que ela terminasse de falar.

—Farei tudo o que desejar... Tudo —murmurou, finalmente a jovem— Por ti, meu leal cavalheiro. Só por ti.

—Não quero que se entregue à mim por obrigação.

—Darei a você tudo o que tenho.

Simon fechou os olhos. Não podia pedir mais, e sabia. Mas necessitava muito mais, e também sabia.

CAPÍTULO 18

A pavimentação do pátio de armas do castelo do Círculo de Pedra rangia com o gelo. Os cavalos bufavam, enquanto esperavam, pacientes no pátio. Os esbeltos e enormes cães lobo de Erik estavam deitados perto do portão, esperando o sinal para partir. Os soldados falavam entre eles, as vezes, comendo carne fria e gabando-se do que ocorreria se fossem eles que enfrentassem o cavalheiro renegado.

Os aromas de lenha queimando e pão cozido se mesclava com a essência do campo e do estábulo. Meninos pequenos corriam e perseguiam-se entre os animais de carga, provocando os rapazes do estábulo para que os perseguissem. Suas agudas vozes se elevavam e mesclavam-se com a áspera respiração dos cavalos, carregados com o peso dos presentes que o senhor do castelo do Círculo de Pedra tinha dado a Simon e sua esposa.

Os cascos ressoavam como maças, contra a pavimentação, enquanto o corcel de Simon esperava. Simon montou e ocupou seu lugar na frente da comitiva. Musculoso, rebelde, a cota de malha cintilando, o cavalo de batalha de cor aço era uma visão aterradora.

Um escudeiro se aproximou do animal, segurando-o firmemente pela boca, quando, de repente, um insensato moço decidiu arriscar-se e tentou acariciar o enorme cavalo. Antes que pudesse se aproximar bastante para tocá-lo, um soldado o agarrou pelo pescoço, sacudiu-o pela nuca como um cachorrinho travesso e o devolveu ao seu lugar, entre seus amigos, com uma reprimenda.

O escudeiro disse algo em voz baixa e segurou a boca de Shield com firmeza. O corcel farejou o ar em busca de um sinal de perigo e, ao não

encontrar nenhum, bufou e sacudiu a cabeça, quase lançando pelos ares o escudeiro.

Uma moço saiu dos estábulos, conduzindo um formoso cavalo de cor chocolate e longas patas. Era a montaria que Simon estava acostumado a usar para caçar, mas naquele dia ia equipado com uma pequena sela drapeada com um tecido cor de ouro. Os cascos do animal ressoavam tão claramente sobre a pavimentação, como os de qualquer cavalo de batalha; Simon tinha fiscalizado pessoalmente a montaria de Ariane.

A esposa de Simon jamais voltaria a estar em perigo, pelo fato de seu cavalo não ser veloz . A agitação se estendeu pelo pátio quando três pessoas desceram os degraus que levavam ao pátio. Um vento forte e frio sacudia os coloridos mantos, empurrando o capuz de Ariane para trás e deixando descoberto seu cabelo.

A capa carmesim de Erik se levantou, revelando os brocados do forro. Uma cota de malha brilhou sob o manto. Seu cabelo, comprido até os ombros, brilhou sob o sol outonal quando levantou a cabeça para chamar seu falcão. Um claro e misterioso assobio saiu de seus lábios invadindo o céu.

O vento aumentou de novo. O vestido de Ariane ondulava e brilhava como água ametista, e, como água, acariciava a cota de malha de Simon, tentando introduzir-se pelas pequenas brechas.

Os objetos de couro que o guerreiro usava sob a armadura eram azul marinho, uma cor tão escura que quase parecia negra.

Mesmo através do aço, Simon sentia como o vestido se aderia a ele. Tirou uma manopla e recolheu o errante tecido, com tanta delicadeza como se fosse um gatinho, tendo cuidado em não enroscar o vestido em sua armadura, antes de soltá-lo, acariciando-o com as pontas dos dedos e a sedutora textura da malha devolveu a carícia. Durante um segundo, ficou aceso em sua mão; deslizou resistente de seus dedos e voltou a formar redemoinhos ao redor dos tornozelos de Ariane.

Quando Simon levantou os olhos, encontrou-se com os curiosos olhos de Ariane. Com os lábios abertos, os olhos entrecerrados e a respiração irregular, parecia uma mulher que acabava de receber uma carícia secreta. Ou que desejasse recebê-la. E o desejo atravessou Simon como uma lança. Nos sete dias transcorridos desde que Ariane despertara, tinha tido muito cuidado de não tocá-la de nenhum outro modo, que não fosse por pura casualidade. Tinha fiscalizado sua comida, mas não lhe tinha dado os remédios de seus próprios lábios, nem tinha passado o dia banhando-a em seu quarto.

Tampouco tinha passado as noites com ela, nem sequer quando a jovem tinha reunido coragem suficiente para convidá-lo a fazer isso.

Economize seu sacrifício e estoicismo para a viagem, esposa. Você vai necessitá-los , eu não.

Simon era consciente de que a raiva que sentia pela falta de paixão de Ariane não era razoável, mas a raiva seguia alí, minando sua força de vontade. Até estar seguro de seu controle naquele sentido, não pensava em tocar Ariane, mais do que o costume e a educação exigissem.

Enquanto Ariane permanecia em seus aposentos, recuperando suas forças, Simon e Erik, freqüentemente acompanhados por Amber e Duncan, tinham abastecido a despensa do castelo do Círculo de Pedra com caça. Quando não se dedicavam à falcoaria, Simon, Erik e Duncan tentavam encontrar os renegados, mas qualquer rastro daqueles bastardos parecia ter desaparecido com as geladas chuvas do outono.

Erik não permitiu que a busca se estendesse até a área conhecida como Silverfells, e dado que a misteriosa montanha estava nas terras de sua casa, e não nas do castelo do Círculo de Pedra, Simon teve que aceitar ,reticente, o decreto do feiticeiro.

Como se entendesse a frustração de Simon, Erik se ofereceu para ser seu competidor nos treinamentos de luta que Dominic, e agora Duncan, exigiam de seus homens. Quando os dois musculosos, loiros e assombrosamente

ágeis cavalheiros se enfrentavam com a espada e o escudo, o resto dos homens observava, com um respeito próximo ao medo, murmurando temerosos sobre o duelo entre tão temíveis guerreiros.

Entretanto, nem as vigorosas caçadas, nem as extenuantes práticas com Erik tinham dado a Simon a paz mental que procurava de noite. Ainda sonhava com o aromático bálsamo e a cálida e tenra pele de sua esposa; e cada manhã despertava faminto de desejo.

A única coisa que o separava do leito de Ariane era o orgulho... e o medo a não poder controlar um desejo tão forte que poderia obrigá-lo a aceitar a mínima farsa de paixão que a jovem lhe oferecesse.

Era muito consciente de que se odiaria por ter sido tão fraco. Outra vez. Não importa. Ariane ainda não está restabelecida para que a faça minha por completo. Ou está?

Simon não entendia como podia ter se recuperado com tanta rapidez. Jamais tinha visto alguém que recuperasse tão rápido de uma ferida tão profunda.

Certamente não se curou, não de todo. Pode ter alguma ferida interna e é muita orgulhosa e insensata para reconhecê-lo.

Pensar em causar ainda mais dor em Ariane gelava seu sangue, como pensar que sua esposa poderia voltar a rechaçá-lo, apesar de sua promessa.

Já está completamente curada, rouxinol? Se for ao seu leito, vai me receber? Recorda o ardente feitiço do bálsamo, quando reclamava minhas carícias? Noite após noite, aquelas perguntas ressoavam na mente de Simon no ritmo dos batimentos de seu coração. Não sabia o que podia chegar a fazer se o exuberante corpo de Ariane lhe fosse devotado, só para ser negado no último momento, quando a repulsa da jovem fosse mais forte que a promessa que tinha feito.

Farei tudo o que desejar... Tudo. Por ti. Simon não desejava uma aceitação relutante de Ariane. Desejava o oculto calor de sua paixão envolvendo-o. Desejava inclinar-se sobre ela e saborear o desejo que a consumia. Desejava

o sonho que o despertava cada noite, suando e estremecendo, a necessidade de voltar a sentir a delatora umidade de sua paixão, consumindo-o. Darei a você tudo o que tenho.

Durante os dias que tinha estado sob os cuidados de Simon, Ariane tinha sido a encarnação da paixão, mas agora, o guerreiro temia que só poderia provocar em sua esposa uma fria obrigação e um ainda mais frio rechaço.

Não sabia o que faria, se aquilo ocorresse, mas estava certo de que não queria descobrir.

O agudo lamento de um falcão cruzou o ar como uma flecha, tirando-o de seus sombrios pensamentos. Uns momentos depois, Winter se lançava de um céu safira para o braço estendido de Erik. As garras se afundaram na manopla de couro e as asas cinzentas brilharam um momento. O falcão e o feiticeiro de olhos dourados assobiaram um para o outro.

—Não encontrou rastro algum de homens armados no caminho que seguiremos —informou Erik.

Ariane expulsou o ar que tinha estado contendo sem perceber. Simon grunhiu e se manteve em silêncio. Erik não era o primeiro cavalheiro que pretendia entender a mente de seu falcão, mas era o primeiro que Simon conhecia que, de fato, parecia fazê-lo. Embora Simon não entendesse como se comunicavam homem e falcão, era bastante pragmático para aceitar que ocorria e que aquilo tinha salvado sua vida no dia em que foram atacados pelos renegados.

—Graças a Deus —murmurou Ariane.

Simon se calou.

—Não parece convencido —comentou Erik com calma— Deseja interrogar Winter você mesmo?

—Não sou um Iniciado.

—Permita que duvide disso.

—Não sou — assegurou Simon secamente.

—É um não Iniciado um tanto estranho — zombou Erik.

—A que se refere?

O feiticeiro assinalou com a cabeça as pernas de Simon, que olhou para baixo e viu que o vestido de Ariane tornava a enroscar-se em sua cota de malha.

—Maldita seja —resmungou— O tecido desse vestido se adere mais que um gato.

—Só ocorre com você —afirmou Erik.

Simon levantou os olhos de para olhar ao feiticeiro. Também olhou Ariane, que tentava inutilmente libertar o vestido, sem rasgar a preciosa malha.

—O que quer dizer? —perguntou Simon.

Erik colocou o falcão em seu ombro, tirou uma manopla e se dispôs a agarrar o vestido.

Uma sutil brisa deslocou a malha para fora de seu alcance, fazendo com que Erik sorrisse.

—Vê? —indicou— Evita-me.

—É o vento —replicou Simon, enquanto afastava o vestido.

Assim que conseguiu libertar um pedaço de tecido, outra parte ficou presa em sua armadura. Erik se limitou a observar e ocultou um sorriso, atrás de sua mão. Ariane se inclinou para ajudar seu marido. Quando seus dedos nus roçaram os de Simon, uma onda de prazer a afligiu. O prazer era tão intenso e desconcertante que cortou sua respiração e ela retirou os dedos, como se houvesse tocado em fogo, em vez de pele.

Simon apertou os lábios, ante a nova evidência de que sua esposa rechaçava até o mínimo contato com ele. Entretanto, além da dura linha que formaram seus lábios, nada revelou sua fúria. Seus dedos seguiam, pacientes, lutando com o formoso e teimoso objeto.

—Sinto muito —se desculpou Ariane— Deve ser o vento que faz com que o tecido se prenda, vou trocar de vestido.

—Não é necessário —resmungou Simon, sem olhá-la— Deveríamos ter partido depois da missa. Se nos demorarmos mais, nós não partiremos nunca.

Antes que Ariane pudesse dizer que só levaria um momento para trocar-se, Erik se aproximou dela.

Simon se deu conta, mas não disse nada, apesar do muito que lhe desgostava que sua esposa estivesse tão perto do atraente feiticeiro loiro.

—Seria amável me ajudar a demonstrar a natureza especial da malha de Serena, milady? —pediu Erik.

Simon olhou, de soslaio. Nada na expressão ou no tom de voz de Erik indicava emoção alguma, mas seus dourados olhos brilhavam de diversão.

—É obvio, milorde. Como posso ajudá-lo?

—Tome uma dobra do tecido e tentem enroscá-lo em minha cota de malha.

—Eu o farei —interveio Simon, direto.

Sua voz dizia muito mais. Dizia que não tinha o menor desejo de que Ariane tocasse no musculoso e jovem feiticeiro com nada, nem sequer com uma dobra de seu vestido.

Simon esticou a mão com rapidez, agarrou um pedaço de tecido e o passou pela cota de malha de Erik. Nem se enroscou, nem ficou preso.

Tampouco houve o mínimo sinal de que se aderisse.

—Tem um armeiro extraordinário — limitou-se a dizer Simon.

—Nenhum armeiro poderia eliminar as pancadas, entalhes e cortes que sua espada produziu em minha cota, na última semana —refutou Erik em tom seco.

Simon entrecerrou os olhos. Com uma velocidade surpreendente, inclinou-se e voltou a passar o material ametista entre as ranhuras da cota de Erik. O tecido deslizou então como a luz solar sobre o metal. Não vacilou, nem ficou preso.

—Maldita seja —rugiu Simon, admitindo.

Olhou para malha em seu punho e logo para Erik. Sem uma palavra, soltou o tecido, que deslizou até sua própria coxa... e se aderiu a ele. Simon retrocedeu, como se fosse queimado, mas o objeto ametista o seguiu, até que Ariane apertou o tecido e o sacudiu para colocá-lo, de novo, ao redor de seus tornozelos.

—Vê? —perguntou Erik a Simon.

Ariane e seu marido trocaram um olhar carregado de ansiedade.

—Essa é a razão pela qual pôde rasgar uma tira do vestido —explicou o feiticeiro—, Qualquer outro teria que lutar com o tecido e com sua própria repulsão ao material, para poder fazer uma bandagem. E inclusive assim, teria necessitado de uma faca.

—Não o entendo —sussurrou Ariane.

Simon não estava seguro de querer fazê-lo.

—Os tecidos do clã Silverfell podem chegar a ser um tipo de armadura — esclareceu Erik — Quem usa a malha pode fazer o que quiser com o objeto, inclusive rasgá-la.Isso quer dizer que Ariane confia em você.

Um olhar sombrio foi a única resposta de Simon.

—O tecido agrada você —disse Erik.

Não era uma pergunta, mas Simon assentiu, impulsionado pela intensidade que ardia sob a calma superfície do jovem feiticeiro.

— Sim, o vestido me agrada. — As palavras saíram de Simon como se as arrancassem — Bruxaria.

Mas não havia crítica em sua voz; o vestido tinha salvado a vida de Ariane.

— Iniciação, não bruxaria —corrigiu Erik—.Tem um dom para isso, não importa quanto lute ou negue. E Ariane também. Se não fosse normanda, juraria que por suas veias corre sangue dos antigos druidas.

—Assim é —admitiu Ariane.

Sua voz foi tão suave que os homens levaram um momento para dar-se conta de que tinha falado.

—O que disse? —interessou-se Erik, transpassando-a com olhos de falcão.

—Murmuravam que os antepassados de minha mãe eram feiticeiros — respondeu sem rodeios— Não era verdade. Se os cortavam, sangravam igual a qualquer outro. Se atravessassem seu coração com uma faca, morriam. Não lançavam encantamentos, nem mantinham relações com o diabo. Usavam a cruz sagrada e eram fiéis cristãos.

—Mas, mesmo assim, alguns de seus ancestrais eram diferentes — terminou Erik.

Uma vez mais, não era exatamente uma pergunta.

—Diferentes, não maléficos —especificou Ariane imediatamente.

—Sim—concordou Erik— Embora,para alguns homens, é difícil aceitar que essas diferenças não são maléficas.

Simon não disse nada, mas seu silêncio era gélido.

—Não tema —disse Ariane, voltando-se para seu marido— Meu dom de encontrar coisas não sobreviveu a mi... enfermidade.

—A navalhada? —inquiriu Simon.

—Não, uma enfermida de que padeci na Normandia.

Erik olhou a jovem com frieza, procurando em sua mente respostas que encaixassem com o que sabia de Ariane. Só encontrou uma resposta, que o fez temer pela paz nas terras da fronteira.

—Enfermidade?—interessou-se com suavidade— Quando?

Em um instante, o corpo de Simon estava preparado para a batalha. A suavidade na voz do feiticeiro era mais perigosa que o som de uma espada sendo desembainhada.

Também Ariane percebeu a mudança de tom na voz de Erik. Era o herdeiro de lorde Robert do Norte, um homem cuja riqueza rivalizava com a do rei dos escoceses.

—Caí doente, pouco antes de deixar a Normandia —explicou a jovem.

—Que tipo de enfermidade? —exigiu saber o feiticeiro.

Ariane ruborizou vivamente e depois empalideceu, desejando não ter tocado no assunto. Não tinha intenção de contar a Erik as circunstâncias que tinham feito com que perdesse seu dom.

—Minha esposa —declarou Simon — só responde ante mim, ante seu rei e ante Deus.

Por um momento pareceu que Erik ia ignorar a provocação implícita nas palavras de Simon, mas então o Iniciado mudou e voltou a ser o agradável companheiro de caça.

— Desculpe-me —disse Erik a Ariane— Não pretendia ser grosseiro.

A jovem normanda assentiu, aliviada.

—Mas se, em algum momento, desejar recuperar seu dom — sussurrou brandamente— peça a Cassandra, ou venha a mim.

Ariane respondeu antes de Simon poder falar.

—Meu dom jamais poderá ser recuperado.

A certeza de sua voz encerrou o assunto, de forma cortante.

—Melhor assim—resmungou Simon, rompendo o incômodo silêncio que se produziu depois das palavras de sua esposa— Não sinto nenhuma estima pela bruxaria.

—E o que sente com respeito à Iniciação? —desafiou-lhe Erik com suavidade.

—As terras da fronteira necessitam dos Iniciados. Eu só necessito de minha arma.

Tirou sua espada, com assombrosa velocidade e a escurecida longitude da lâmina brilhou à luz do dia.

—Ah, sua famosa espada negra —murmurou Erik olhando a arma com aberta curiosidade. Era a primeira vez que a via de perto, já que Simon sempre usava uma espada diferente, menos afiada, nos treinamentos.

Havia algo na espada negra que intrigava Erik.

—Posso? —pediu, estendendo a mão.

Embora o feiticeiro Iniciado podia irritar muito Simon, este não albergava dúvidas sobre sua lealdade, assim lhe deu à espada .

O punho era tão negro como a lâmina austera; não tinha nenhum adorno. Erik tomou a pesada espada, com cuidado, e ergueu o punho para a luz. Ao girar a lâmina, o sol fez brilhar o escuro metal, revelando que tinha sido trabalhado de novo.

—Justo o que pensava —assinalou o feiticeiro— Em algum momento este punho luziu jóias e incrustações de ouro.

—Assim é —confirmou Simon.

Algo no tom de seu amigo e aliado fez com que Erik levantasse a vista da espada.

— Despojos de guerra? —perguntou, com voz neutra.

—Sim.

—Uma pena que tenham destroçado o punho.

—Destroçado? —riu Simon com brutalidade— A falta de adornos não afeta absolutamente o equilíbrio, nem o fio da lâmina. A vida de Dominic valia muito mais que o punhado de pedras que extraí do punho.

—Resgate? —quis saber Erik.

—Sim.

—Um antigo costume sarraceno.

—Também a traição é —replicou Simon.

Os lábios de Erik se distenderam, em um sorriso cruel.

—A traição não é exclusiva de um clã ou uma raça específica. É uma herança comum da humanidade.

O sorriso que Simon lhe devolveu era uma réplica do sorriso de Erik.

—No final, libertamos Dominc pela força. Derrubamos o palácio do sultão pedra por pedra, e não deixamos nem rastro dele no deserto.

Depois de dizer aquilo, Simon recuperou a espada e a embainhou com um suave e rápido movimento.

—Ela está chegando —disse Erik de repente.

Simon e o feiticeiro se voltaram para ver como Amber e Duncan se apressavam a cruzar o pátio de armas, para desejar a seus convidados uma boa viagem.

A aparição de Duncan era um sinal. O rapaz dos estábulos se aproximou correndo da área das cavalariças, guiando duas montarias. A primeira era a corpulenta égua que Ariane tinha montado, durante sua estadia no castelo do Círculo de Pedra. A segunda era uma potranca de robusta compleição muscular e olhos claros.

— Talvez a égua não seja muito veloz —disse Duncan para Simon—, mas tem a coragem de um cavalo de guerra. Tome, cruze-a com seu semental, e que seus filhos levem os teus à batalha e os tragam de volta, sãs e salvos.

—Duncan... —A voz de Simon morreu durante um instante antes de continuar— É muito generoso. Já me tem dado presentes para encher um castelo e nem sequer possuo um.

—Poderia te dar tudo o que tenho e ainda continuaria em dívida contigo — se limitou a dizer o senhor do castelo do Círculo de Pedra— Sim, se não tivesse ocupado meu lugar junto a Ariane, onde hoje há paz e vida haveria caos, sangue e morte.

Duncan abraçou breve e firmemente seu amigo, enquanto suas mulheres trocavam frases de despedida.

—Sentirei sua falta, Simon o Leal —disse em voz baixa.

—E eu a sua —respondeu Simon, devolvendo o abraço.

Quando se afastou, dirigiu a Duncan um sorriso irônico.

—E pensar que nos conhecemos nas bodas de meu irmão, quando ergui minha adaga entre suas coxas, para garantir sua boa conduta.

—Tenho sorte de que possua um pulso firme. —Duncan soltou uma gargalhada.

—E eu também —interveio Amber.

Sorrindo, Simon se voltou para Ariane e ofereceu sua mão.

—Permitá-me ajudá-la —disse— Devemos partir antes que se formem mas nuvens.

Sem dar oportunidade a jovem de falar, Simon tomou-a em seus braços e a depositou sobre o lombo do veloz cavalo. O animal soprou, em protesto, e seus cascos repicaram contra a pavimentação.

Ariane submeteu o fogoso animal com uma facilidade que fez Simon sorrir, enquanto se voltava para sua montaria e saltava sobre a sela.

Entre despedidas, o estrépito dos cascos e os ansiosos latidos dos cães, Simon, Ariane, Erik, e seus serventes, partiram do castelo do Círculo de Pedra. Muito em breve, as terras sumiram a suas costas, substituídas por uma extensão de bosque, coberta por estranhas aldeias e ainda mais estranhos círculos nos quais as antigas pedras irregulares se elevavam para o sol.

As inoportunas tormentas tinham arrancado a maioria das folhas das árvores, deixando escuros ramos nus contra um céu recheado de nuvens. As folhas formavam redemoinhos com cada rajada de vento, empilhando-se contra rochas e pedras sagradas.

Quanto mais se aproximavam do Círculo de Pedra, mais intranqüilo ficava Simon. Possivelmente só se devesse aos ramos nus das árvores, mas tinha a impressão de que havia mais ruínas de pedras desgastadas do que havia da última vez que tinha tomado aquele caminho.

Ariane também observava com atenção, como se compartilhasse a sensação de seu marido de que algo tinha mudado na própria natureza da terra.

Quando chegaram ao Círculo de Pedra, a intranqüilidade de Simon voltou fortemente. Não queria olhar o único anel rochoso e, entretanto, não podia afastar os olhos.

—Alguma sinal de perigo? —perguntou a Erik.

—Nada que eu possa ver. Possivelmente Winter e Stagkiller possam me dizer algo.

Erik deteve seu cavalo na bifurcação de caminhos. Para o sul estava a fortaleza de Blackthorne; para o oeste, sua casa.

Stagkiller emergiu do bosque e subiu o penhasco em direção a seu amo. Momentos mais tarde, Winter apareceu atrás de uma nuvem, lançando-se para seu suporte na sela de Erik.

Distraído, Simon mal percebeu a chegada dos animais; quanto mais esperava na bifurcação de caminhos, mais seguro estava de que alguém os observava.

—O atalho que leva a Blackthome está limpo —informou Erik a Simon— Não devem ter problemas com proscritos.

Simon grunhiu.

—Algo está errado? —preocupou-se o feiticeiro.

Quase com impaciência, Simon jogou outro olhar ao bosque. Mesmo prestando atenção, não via nada exceto musgo e liqúens, pedras sagradas e ramos nus.

Não havia nada que temer proveniente do Círculo de Pedra.

Estava bastante certo disso. As únicas sombras que via eram as que projetava o sol de forma natural. Não havia névoas para obscurecer o interior do círculo.

Entretanto, quando Simon voltou as costas aos antigos monólitos para falar com Erik, seguia sentindo-se incômodo.

—Não —respondeu— Tudo está bem, ou ao menos parece.

—Sente algo? —inquiriu Erik.

—Um vento frio.

O feiticeiro olhou de soslaio para Simon e este se voltou para Ariane.

—E você, milady? Estão tranqüila?

—Parece que há mais pedras do que antes —respondeu Ariane dúbia.

Erik a observou atentamente.

—O que querem dizer?

Ela encolheu os ombros.

—Só isso. Que vejo mais pedras do que vi a última vez que passei por aqui.

—A última vez que passou por aqui — recordou Simon cortante— estava ferida e incosciente.

Enquanto falava, voltou a escrutinar os arredores. Seus olhos se estreitaram, protegendo-se da luz solar que se infiltrava entre as nuvens. Mas por mais que se esforçasse, não via nada que justificasse o estranho formigamento que ardia sob sua pele.

—O que sente? —perguntou Erik de novo.

—Um frio...

—Vento — interrompeu Erik impaciente— Eu também sinto. Que mais?

Simon olhou o jovem feiticeiro. Os olhos dourados que lhe devolviam o olhar eram claros, penetrantes, tão insondáveis como ele.

—Sinto um formigamento sob a pele —admitiu Simon.

—Perigo?

—Não exatamente, mas tampouco segurança.

—Ariane? —interrogou Erik voltando-se para ela.

—Sim, um formigamento. É... estranho.

—Excelente. —O feiticeiro assentiu satisfeito.

—Não para mim —repôs Simon seco— É como se nos observassem.

—Assim é, mas a maioria das pessoas não se dá conta.

O aço sussurrou ao deslizar por sua capa, quando Simon tirou sua espada, com assombrosa rapidez.

—Sabia que esses renegados não ficariam em Silverfells — resmungou.

—Tranqüilo —disse Erik— É somente o carvalho.

—O que?

O feiticeiro assinalou com a cabeça para o Círculo de Pedra.

—O carvalho sagrado espera.

—O que? —interessou-se Ariane.

—Nem sequer os druidas sabiam —respondeu Erik— Só sabiam que esperava.

—São só superstições —zombou Simon, voltando a embainhar a espada com um único movimento.

Erik lançou uma gargalhada inquietante e virou sua montaria em direção a casa. O semental se elevou sobre as patas traseiras e lutou em protesto por abandonar os outros cavalos, mas o feiticeiro o controlou com facilidade.

—Boa viagem —desejou a Ariane e Simon— Se necessitarem de algo, enviem um mensageiro. Se estiver em mãos dos Iniciados, ajudaremo. Têm nossa palavra.

Por um momento, Simon esteve muito surpreso para dizer nada.

—Os Iniciados? Por que? —perguntou sem rodeios.

—Cassandra consultou as runas de prata.

Simon esperou em um silêncio tenso. Tinha a impressão de que não ia gostar do que diria a seguir, e tinha razão.

—Seu destino é também o dos Iniciados —sentenciou Erik— Gostando ou não, devemos seguir o mesmo caminho.

—Possivelmente —replicou Simon em um tom que dizia que não acreditava absolutamente.

—Não se prenda muito tempo a sua cegueira. —Os olhos de Erik entrecerraram-se — O preço por ver a verdade muito tarde é excessivamente alto para todos, sobretudo para ti.

***

CAPíTULO 19

Os relâmpagos estouravam das montanhas através da planície com um ruído ensurdecedor. Atrás deles vinha uma enfurecida cortina de água. O ar era frio e estava impregnado com os aromas do bosque e da pradaria.

Simon decidiu acampar nas ruínas de um antigo forte romano, de onde podia ver as colinas, os bosques e a pradaria. O próprio forte romano tinha sido construído sobre uma fortificação mais antiga. Embora o teto estivesse parcialmente destruído, a metade que permanecia em pé proporcionava refúgio a Ariane. O calor vinha de uma fogueira que flamejava selvagem sob uma abertura entre as vigas do teto.

Outro fogo piscava do outro lado dos muros internos do forte, onde o escudeiro de Simon e três soldados tinham estabelecido seu próprio acampamento. As chamas mais altas de sua fogueira ficavam à vista. O aroma de carne e verduras fervendo no fogo lento se dispersava com a fumaça no chuvoso crepúsculo.

Os homens falavam entre eles, compartilhando piadas grosseiras e risadas. A voz de Blanche se entretecia brandamente entre os tons mais profundos dos soldados. Ria, ofegante e brincalhona.

Simon não tinha a mínima dúvida de que Blanche ia divertir-se naquela noite com os soldados. Embora tivesse passado todo o dia choramingando sobre a falta de luxo e as muitas horas de viagem, mostrava-se muito generosa com seus favores.

Para Simon era uma bênção. Se Blanche estivesse brincando com os homens, ou se tivesse ido com um, zombando dos outros, criaria o tipo de ambiente hostil que Enjoe criou entre os guerreiros de Dominic, durante a

Cruzada. Mas, pelo jeito, aquele tipo de jogos não satisfazia Blanche. Ter o calor de um homem entre suas pernas, sim.

Sua risada juvenil se ouvia claramente no crepúsculo, seguida de gritos masculinos, enquanto ela lançava uma antiga moeda ao ar e eles faziam sua eleição.

—Cara!

—Coroa!

—Cara!

A moeda brilhou girando quase prazerosamente acima do todo ruído do muro , refletindo as chamas próximas. Os pálidos e sujos dedos de Blanche se elevaram para apanhar a moeda no ar e ocultar depois da parede, depositando com um golpe a moeda contra sua coxa nua.

—Saiu cara —informou Blanche.

Ouviu-se uma ronda de gemidos. Agora os homens deveriam esperar para descobrir quem iria primeiro.

—Tranqüilos—disse a moça entre risadas— Há lugar para todos. Oh! Esquentem as mãos antes de me tocar!

Ocultando um sorriso, Simon se voltou para o fogo. Blanche podia ser promíscua, mas não causaria problemas entre os homens.

Só esperava que Ariane não entendesse o significado dos grunhidos, as risadinhas e os ofegos que teriam ouviria, a poucos metros. O muro só proporcionava a ilusão de privacidade, nada mais.

—Está segura de que não tem frio? —preocupou-se Simon.

Ariane o olhou e pôde ver que, à luz do fogo, os olhos de seu marido adquiriam um estranho tom dourado. Sua armadura brilhava com cada movimento de seu corpo.

Consciente de que ele esperava uma resposta, assentiu confirmando em silêncio que estava bem.

O movimento de sua cabeça fez com que seu cabelo, solto, refulgisse com as chamas que o acariciavam como as mãos de um amante.

—Seguro? —insistiu Simon— Estava fria até os ossos.

Tinha razões para duvidar. Tinha despido a uma trêmula Ariane até que tão somente ficou coberta por uma regata. O resto de sua roupa secava, em lanças cravadas nos ocos no chão de pedra.

Uma vez mais, Ariane assentiu. Não se atreveu a relaxar a mandíbula para falar; já que sabia que seus dentes bateriam, delatando-a.

Simon se inclinou e envolveu ainda mais sua esposa com sua capa revestida de pele. Ao erguer suas mãos, seus polegares percorreram a linha da mandíbula feminina. Um estremecimento que não tinha nada a ver com a temperatura, sacudiu Ariane.

—Está gelada —afirmou Simon imediatamente.

—N... não. É você quem não leva nada mais que frio metal. Co... agarre seu manto e se esquente.

—Deus Santo.

Impaciente, Simon abriu sua cota de malha e a deixou de lado com uma facilidade que contradizia o verdadeiro peso da armadura. Com ajuda de seu escudeiro teria demorado menos, mas Edward estava ocupado.

Mesmo se o moço estivesse esperando para poder ajudá-lo, não o teria chamado. Não queria que ninguém visse Ariane daquela forma.

—Amanhã porá o vestido ametista —resmungou Simon, enquanto tirava a vestimenta de couro— Ignoro porque, mas o certo é que repele a água.

Ariane o olhou com um brilho de rebeldia nos olhos. Não tinha usado o vestido ametista desde que percebeu que era mais do que parecia ser.

De qualquer forma, pensar na flexível e quente malha deslizando sobre a pele de Simon era desconcertante. Fazia com que a jovem se perguntasse o que sentiria se fosse sua mão que o acariciasse, em lugar do vestido.

—Colocarei o que quiser —replicou finalmente.

Simon amaldiçoou entre dentes, jogou mais lenha no fogo e se aproximou de sua esposa.

As folhas que os soldados tinham reunido formavam uma cama surpreendentemente cômoda. O tecido estendido sobre as folhas estava seco, como o manto que os Iniciados tinham dado a Simon. O forro repelia a água e, quando chovia, o guerreiro só tinha que virar o manto.

Entretanto, o manto de Ariane não possuía aquela qualidade e estava completamente empapado. Tudo isso fumegava junto ao fogo, pendurando pelas lanças como empapadas insígnias.

—Como queira, milady —respondeu Simon sardônico.

Tomou o manto de pele de mãos de sua esposa e cobriu os ombros nus enquanto se sentava. Levantou Ariane e esta lançou um gemido assustado, ao sentir que a colocava em seu colo.

—O que aconteceu? —perguntou ele, em tom neutro, envolvendo ambos com o quente manto.

—Eu.., é tão rápido. Às vezes, me esqueço de que também é muito forte.

—E você parece um gato empapado. Às vezes, me esqueço de que ainda tem garras e de que é muito orgulhosa.

—Pelo menos, não soltou o cabelo —sussurrou a jovem.

Simon lançou uma gargalhada. Durante algum tempo só se escutou o crepitar do fogo, o murmúrio da chuva e ruídos surdos do outro lado do muro. Lentamente, os calafrios que tinham sacudido Ariane foram parando. À medida que o calor do fogo e de Simon penetrava em sua fria pele, a jovem suspirava e relaxava um pouco mais contra o sedutor calor do guerreiro.

Quando sua bochecha descansou sobre o musculoso ombro, Ariane recordou que Simon não usava camisa. Exceto pelas flexíveis calças de couro, estava nu.

Aquele pensamento lhe provocou uma sensação estranha. Não era medo, mas certamente tampouco tranqüilidade.

Mais à frente do muro, chegou de repente um gemido feminino.

— Acha que Blanche está cômoda e quente? —inquiriu Ariane um momento depois.

Sob sua bochecha, o peito de Simon estremeceu com uma risada silenciosa.

—Mais quente que você — assegurou.

—Como pode ser?

—Está deitada com, pelo menos, dois soldados robustos.

Ariane ofegou, devido à surpresa.

—Dois? —perguntou segundos depois.

Simon respondeu com um grunhido, que bem podia ser de assentimento ou o agradável ronronar de um enorme gato.

—De uma vez? —insistiu Ariane.

—Sim.

—É isso... cômodo?

—Em que sentido? —zombou Simon.

Ariane não podia ver a risada nos entrecerrados olhos de seu marido, mas podia senti-la com clareza.

—Deve ser bastante, né, íntimo —disse Ariane, com cuidado.

—Eu diria que sim.

—Você dorme assim?

—É obvio que não.

Suspirando, Ariane se reclinou de novo.

—Eu gosto mais de me esquentar com mulheres que com soldados — concluiu Simon com suavidade.

Ariane abriu a boca surpresa, e as bochechas ruborizaram, ao dar-se conta de que seu marido zombava dela. Ao menos, parecia. Simon riu ao ver as expressões que cruzavam o rosto de Ariane, e se convenceu de que sua esposa era realmente inocente nas relações entre homens e mulheres. Exceto em seus sonhos. O desejo rasgou o guerreiro à medida que os ecos de um inexplicável e impossível sonho cruzavam sua mente. As lembranças o

enfeitiçavam e reprimiam. Durante a Cruzada, tinha aprendido que sua intensa sensualidade era uma arma que podia ser utilizada contra ele. Mas, em seus sonhos, Ariane encaixava à perfeição com sua sensualidade. Se é que tinha sido um sonho... Não poder distinguir a realidade do feitiço era um gole amargo para Simon, que só acreditava naquilo que podia ser pesado, medido e contado. Precisava saber se Ariane era tão fria como parecia ou tão ardente como em seu sonho.

—Não se preocupe por sua donzela — tranqüilizou-a, respirando a perfumada umidade do cabelo da jovem— É a pessoa mais a vontade de todo neste miserável acampamento.

—Mas...

—Ouviu queixar-se? —interrompeu-a Simon.

Ariane piscou.

—Só ouvi sua risada.

—Então deve estar bem, ao contrário de você, Blanche nunca deixou de queixar-se das coisas das quais não gosta. Deveria ter nascido rica.

—É certo.

Ariane suspirou de novo e, inconscientemente, se encostou contra o calor de Simon. As incessantes queixa de Blanche nos últimos três dias do caminho, tinham posto a prova todo mundo; mas sobretudo Ariane, a quem se supunha que devia atender. A maioria das vezes tinha sido justamente o contrário.

—É muito gentil por parte dos homens preocupar-se que Blanche não passe frio —refletiu Ariane ao cabo de uns segundos— Deve ser muito incômodo para eles.

Simon deixou escapar um som que poderia ter sido uma gargalhada sufocada ou uma pergunta sem palavras.

—Por que? —inquiriu, cuidadoso.

—A roupa de Blanche estava mais molhada que a minha — explicou Ariane— Deve ser frio e úmido para os homens que lhe dão calor.

—Não acredito.

—Não?

—Não. A última vez que a vi, Blanche estava completamente nua.

Ariane se sentou de repente, quase golpeando o queixo de Simon.

—O que fazia olhando minha donzela nua? —exigiu saber. O brilho de seus olhos era um fiel reflexo da acidez de sua voz. A dama não estava contente. Simon sorriu vagamente, satisfeito com o fogo que ardia nos olhos de sua esposa.

—Teve relações carnais com Blanche? —insistiu Ariane com brutalidade.

Simon levantou as sobrancelhas.

—Quando poderia tê-lo feito?

—Enquanto eu estava doente.

—Entre banhá-la, aplicar o bálsamo e medicá-la mal tinha tempo para comer, e muito menos para me aproximar de moças que não me atraem.

Ariane abriu a boca surpresa e logo a fechou.

—Blanche não te atrai? —perguntou com suavidade, um momento depois.

—É o que estou dizendo.

—Tem um cabelo loiro precioso e seus olhos são de um azul muito claro —apontou Ariane.

—Prefiro o cabelo da cor da meia-noite e olhos que, em comparação, fazem empalidecer às ametistas.

Ariane observou os escuros e intensos olhos de Simon e se perguntou como podia ter pensado que eram frios ou severos. Eram extraordinariamente formosos.

—Está seguro de que Blanche não o atrai? É... amável com os homens.

—Também os cães são.

Ariane sorriu, logo recostou sua cabeça contra o ombro de Simon e riu até ficar sem ar.

Uma onda de prazer invadiu o guerreiro ao sentir o relaxamento do corpo da jovem contra o seu. Ela não se mostrou tão confortável com ele desde que despertou de seus sonhos curativos.

Aquilo lhe dava esperanças e acendia seu sangue. Simon mudou seu peso ligeiramente, aproximando-se de Ariane ainda mais. Como sempre, seu corpo respondeu à presença feminina tornando-se mais sensível, mais alerta. Seu mero aroma lhe acelerava o pulso. Naquele momento já estava tenso como a corda de um harpa.

Perguntava-se o que faria Ariane quando descobrisse sua ereção.

Possivelmente, uma parte inconsciente dela se lembrasse do acontecido no sonho e não o recusasse.

Pensar que Ariane podia achar seu corpo atraente lhe provocou um estremecimento de menosprezo pelo desejo que sentia.

—Tem frio? —perguntou ela imediatamente.

—Sempre que me toca, tenho calor.

A jovem pensou sobre aquilo, durante uns segundos.

—Não posso cobrir suas costas —disse, séria—, e só posso cobrir parte de seu peito.

—O manto mantém quentes minhas costas.

—E na frente?

—Poderia esfregar com as mãos.

Ariane levantou imediatamente as mãos para dar calor a Simon, esfregando sua pele, mas descobriu que sentada sobre seu colo isso não era uma tarefa fácil. Moveu-se tentando encontrar uma posição melhor.

Simon ofegou quando o traseiro e as coxas de Ariane encostaram em seu grosso membro.

—Sinto— desculpou-se a jovem com voz fina.

O bom senso dizia a Simon que não devia fazer o que estava pensando, mas a tentação foi muito grande.

—Permita-me —sussurrou.

Ariane ofegou de surpresa quando os braços de Simon a levantaram e viraram, para deixá-la escarranchada sobre seu colo.

—Cômoda? —perguntou ele em tom neutro.

—Eu...

—Pensa em mim como pensaria em seu cavalo.

Ariane mordeu o lábio, com um sorriso nervoso. A parte de sua mente que ainda estava presa ao pesadelo, gritava que não estava a salvo. Entretanto, a parte que tinha conhecido o feitiço curativo do bálsamo e as ternas carícias de Simon, estava mais que disposta a sucumbir à tentação.

—Você... não tem sela —murmurou.

—Minhas calças são de couro —rebateu Simon— Pense nelas como em sua sela.

—E os estribos, para me manter erguida?

No tom de Ariane havia mais diversão que reticência. Ao ser consciente disso, o coração de Simon acelerou, o que aumentou a grossura de sua ereção contra as flexíveis calças.

—Não a deixarei cair —assegurou— E prometo obedecer suas rédeas.

Quando Ariane se deu conta do que seu marido queria dizer, seus olhos se abriram.

—Simon?

—Tive a oportunidade de conhecer os segredos de seu corpo enquanto cuidava de ti —sussurrou— Cuidará de mim agora que está bem?

—Eu... —Ariane não pôde seguir falando, e seus frias mãos tremeram de desejo e medo quando as pousou sobre o peito de Simon.

—Sou tão desagradável para você? —perguntou ele, sem rodeios.

—Não! É só que...

Simon esperou, com a mandíbula apertada por sua imperiosa necessidade de receber uma só carícia de sua esposa.

—Estou nervosa —confessou Ariane, em um sussurro.

As mãos femininas percorreram o amplo peito masculino até chegar aos braços.

—E há tanto de você —acrescentou murmurando.

Com um sorriso um tanto feroz, Simon lutou contra a necessidade de enterrar-se na suavidade que agora se abria para ele entre as coxas de Ariane.

—Duncan e Dominic são mais robustos que eu —apontou Simon em voz baixa.

—Poderia me romper em duas.

—Não, a devoraria; e você a mim.Saboreamos um ao outro durante o sonho curativo.

Ariane conteve a respiração Quando um estranho estremecimento ergueu-se dentro de seu corpo.

Simon sentiu-a estremer e amaldiçoou, em silêncio.

—Interpreta mal minhas palavras — murmurou— Não sentiria dor, só sentiria prazer.

—Disse o lobo ao cordeiro.

Surpreso, Simon soltou uma gargalhada.

—Onde está o bálsamo? —perguntou Ariane com um sorriso.

O guerreiro piscou.

—O bálsamo?

—Sim, o bálsamo que utilizou para me curar. Como, se eu não conhecer seu corpo, você conhecerá o meu?

Ao recordar o modo como tinha conhecido o corpo de sua esposa naquela última noite antes que despertasse, temeu perder o controle.

Não sabe o que está dizendo. É impossível que estivesse acordada. Ou sim?

CAPíTULO 20

A possibilidade de que Ariane tivesse compartilhado seu sonho fez com que Simon sentisse seu sangue ferver de tal modo que temeu romper a magia do momento com palavras. Com uma mão mediu o leito, procurando a bolsa de remédios que Cassandra tinha dado, e seus dedos encontraram quase imediatamente a familiar forma do pote de bálsamo.

—Aqui está—ofereceu Simon com voz rouca— Use isto.

Ariane abriu o pote e molhou dois dedos no cremoso bálsamo.

—Que fragrância tão agradável —murmurou.

—Cheira a você. Amanhecer de lua, rosas e uma tormenta distante.

Ariane sorriu levemente e negou com a cabeça.

—Eu não cheiro assim.

—Cheira melhor do que posso explicar. Poderia me embriagar com seu aroma.

O olhar nos olhos masculinos provocou uma onda de inquietação em Ariane, fazendo aflorar seus nervos.

—Sinto ter que dar puxões nas rédeas —murmurou.

—Confia em que não me rebelarei contigo? —inquiriu o guerreiro.

Ariane conteve a respiração, suspirou e assentiu, começando a aplicar o bálsamo.

—Obrigado —disse Simon.

—Pelo bálsamo?

—Por confiar em mim. —Sorriu levemente— Embora também aprecio o bálsamo. Não importa o quanto seja bem fabricada , uma cota de malha sempre roça e irrita.

Vacilante a princípio e depois com mais segurança, Ariane esfregou sua palmas cobertas de bálsamo sobre o peito nú de Simon.

Uma vez superado o acanhamento, descobriu que tocá-lo era muito agradável, inclusive intrigante. Fazia com que tremesse de prazer, embora no fundo de sua mente o pesadelo de seu passado lhe advertia que tomasse cuidado.

—Tem a pele tão quente... — sussurrou a jovem.

—Queimo onde me toca.

Ariane soube que seu marido dizia a verdade, ao olhar naqueles olhos de pesadas pálpebras, e outro estranho estremecimento correu por seu corpo. Sem pensar nos efeitos que poderia causar, flexionou os dedos e pressionou as unhas contra os poderosos músculos que o faziam tao diferente dela.

Respirou com dificuldade, zombando, e a jovem se apressou a retirar as mãos.

—Sinto muito —se desculpou Ariane — Não queria machucá-lo.

—Então faça outra vez, rouxinol.

—Não dói?

—Só quando pára.

Tremendo, Ariane voltou a pousar suas mãos sobre a pele de Simon.

—Não tema —sussurrou ele — Ponha-me a prova.

Os dedos da jovem se flexionaram de novo e suas unhas marcaram levemente a pele masculina.

A respiração de Simon acelerou-se à medida que a excitação o percorria, contraindo seu ventre.

—Está certo de que você gosta? —perguntou Ariane surpresa.

—Sim, e também você gostará algum dia.

O enrouquecimento de sua voz intrigou a jovem.

—Algum dia? —murmurou.

—Quando já não a desagradar meu contato.

—Você não me desagrada — assegurou Ariane.

—Só em meus sonhos —resmungou Simon.

—O que?

—Se não a desagrado — desafiou com suavidade— por que não me beija, enquanto me toca?

—Assim?

A calidez da boca e da língua de Ariane em seu ombro arrancou de Simon um grunhido, entre dentes.

Ao ouvi-lo, a jovem se incorporou rapidamente.

—Não é o que queria?

—É exatamente o que queria, e mais do que esperava — confessou, em um sussurro.

—Quer que repita?

—Uma e outra vez, e... —Simon segurou suas famintas palavras— Sim, eu gostaria de voltar a sentir sua boca sobre mim.

Com um suspiro que acariciou o peito do guerreiro, Ariane inclinou a cabeça e o acariciou de novo com seus lábios. Enquanto suas mãos percorriam a pele masculina e se enroscavam, com suavidade, no pêlo de seu peito, sua boca o explorava com uma crescente urgência que a jovem não questionou.

A bronzeada pele de Simon, tensa sobre os flexíveis músculos, intrigava Ariane, como também o fazia o tenso tendão que subia por seu pescoço. Pensou que sua barba era feita para ser acariciada com o nariz e ligeiramente mordiscada, como fez no lóbulo de sua orelha.

Deixando-se guiar pelo instinto, a jovem fechou os dentes sobre o suave lóbulo e mordeu-o, com delicadeza.

A risada sensual que acompanhou sua carícia e o fato de Simon não a forçar de modo algum, fez com que ela se sentisse mais segura em sua exploração. Logo se encontrou traçando os contornos de sua orelha com a úmida ponta da língua, seguindo suas curvas em ambos os sentidos e torturando-o sem saber.

Ariane desfrutava dos tremores que percorriam seu próprio corpo, ao mesmo tempo que descobria o de Simon. Enquanto o percorria com os lábios, seus dedos voltaram para os pequenos mamilos masculinos que havia

sentido endurecerem quando acariciou o encaracolado pêlo de seu peito, pela primeira vez. Sugando seu pescoço, Ariane apanhou seus mamilos com a ponta dos dedos e brincou com eles.

—Quem te ensinou? —gemeu Simon, acreditando que explodiria.

Reticente, Ariane afastou a cabeça do quente contato do pescoço masculino.

—Me ensinou o quê? —murmurou.

—Isto.

Simon retirou o cabelo de Ariane e, com os dentes e a língua, acariciou sua orelha até que a jovem estremeceu e afundou suas unhas, inconscientemente, nos poderosos ombros. Com a ponta dos dedos, Simon traçou delicados círculos nas auréolas de seus seios e os mamilos se ergueram, orgulhosos, reclamando atenção.

Ariane deixou escapar um suave gemido e cobriu as mãos do guerreiro com as suas. Simon se deteve em seco, esperando que sua esposa o afastasse. Em lugar disso, a jovem se retorceu, sutilmente, contra ele, presa no sensual transe de seu contato.

—Quem a ensinou? —insistiu Simon em seu ouvido.

A língua masculina afundou na orelha de Ariane e a explosão de sensações que percorreu a jovem tornou impossível pensar, muito menos falar.

—Sonhei... que... me faziam—murmurou isso.

Uma onda de desejo atravessou Simon, ao pensar que Ariane poderia ter compartilhado seu sensual sonho.

—Sentiu-se mal ao sonhar? —perguntou ele em um sussurro.

—Deus… não.

—E agora? —Apanhou as aveludadas e duras pontas dos seios de Ariane e as apertou, fazendo-as rolar entre seus dedos — Te desagrada isto?

—Não.

Ariane emitiu um gemido fraco, quando a língua e os lábios de Simon voltaram a acariciar o lóbulo de sua orelha. Perdida em uma prazerosa

bruma, percebeu que as mãos do guerreiro estavam em seus seios, embalando-os e apertando com suavidade seus mamilos, conduzindo-a a um mundo de sensações desconhecidas.

Sem poder conter-se, ele inclinou a cabeça e apanhou entre seus lábios um dos duros bicos rosados. Turvada, Ariane jogou a cabeça para trás e estremeceu, enquanto a boca masculina sugava.

—Tem medo? —perguntou Simon em um sussurro.

—Sim. Não. Eu... não sei. Sinto-me estranha e... trêmula. Como se estivesse a beira de... algo.

O guerreiro respirou fundo para acalmar-se e se ergueu, até que pôde ver o rosto de sua esposa. Os olhos da jovem refletiam sensualidade e medo, presos entre sonho e pesadelo.

—Que mais sonhou? —inquiriu Simon em voz baixa— Conte-me o sonho, como se passou— pediu, sorrindo contra sua orelha.

—Não posso! —balbuciou Ariane.

O calor de seu rubor chegou até Simón através do tecido fino da regata, a única coisa que usava.

—Então, mostre-me - pediu, sorrindo contra sua orelha.

Ela sacudiu a cabeça.

—Você não gostaria, acredite.

—Se a desgostar, peça-me para parar.

Que ele pudesse manter o senso de humor naquela situação a desarmou, assim continuou massageando o corpo de Simon com o bálsamo.

Quando os dedos femininos passaram por cima de seus mamilos, ele gemeu. A jovem repetiu a carícia, excitada com a sensação de poder que lhe produziam as reações do guerreiro diante de seu contato.

— Conte-me seu sonho —insistiu Simon, com voz rouca.

—Está me tentando, milorde.

—Como é possível? São suas mãos que levam as rédeas, não as minhas.

Recordá-lo fez Ariane tremer, fazendo com que seus medos voltassem.

—Tenta a sorte, rouxinol. Compartilha o sonho que a faz ruborizar.

Com delicadeza, Simon ainda pegou nos mamilos de Ariane, que se erguiam famintos entre seus dedos. O guerreiro voltou a sentir o calor que irradiava daqueles seios e, devagar, libertou os mamilos do frágil tecido que os segurava.

Ela suspirou, entrecortadamente, e apoiou-se contra o ombro de Simon. As pontas de seus seios roçaram o peito masculino e aquilo a fez sentir uma estranha mescla de calma e inquietação.

—Em meu sonho... —murmurou Ariane.

—Sim? —respirou-a.

—Não posso dizer.

—Mostre-me mais .

—Em seu corpo? —inquiriu a jovem.

—Seria mais fácil desse modo?

—Não sei. Simon...

—Sim?

—Não gosta que o toque?

—Você? Nunca.

—Quero dizer... —Ariane respirou fundo, reuniu força, e deslizou suas mãos até a palpitante ereção masculina— Aqui.

—Deus... —resmungou Simon com os dentes apertados.

A jovem afastou as mãos, de repente.

—Sinto muito —disse aflita— Avisei que te desagradaria, mas não me escutou.

Simon recuperou o fôlego com dificuldade.

—Não é …que... você está entendendo — ofegou entrecortadamente.

—Não, é você quem não entende!

Simon apoiou-se contra Ariane.

—Outra vez, rouxinol.

—O que?

—Me toque de novo.

—Aí?

—Sim.

—Está certo?

—Por Deus, sim.

Tremendo, Ariane deslizou uma vez mais as mãos pela cintura de Simon, roçando por cima de seu abdômen até chegar ao erguido membro e seus dedos percorreram a grossa carne que avolumava suas calças.

—Está muito duro —sussurrou a jovem.

—Como sabe? —tentou-a com voz rouca— Seu tato é tão ligeiro como o de uma mariposa.

Quando Ariane deslizou suas mãos sobre Simon de novo, ele gemeu e se moveu com urgência contra sua palmas.

O medo a invadiu, uma dura advertência da lição aprendida no passado: um homem dominado pela lascívia era um animal.

—Simon? —sussurrou.

—Faça outra vez, rouxinol. Ou a... desagrado?

Ariane respirou entre ofegos, sentindo que o sonho e o pesadelo lutavam sedentos em seu interior. Simon não parecia cruel, mas tampouco Geoffrey tinha parecido, até aquela noite em que a violou, desonrando-a ante os olhos da Igreja e de sua família.

Meu Deus, o que posso fazer? Apesar do bom senso, apesar da dor do passado, desejava que Simon a possuísse. Mas quando o fizer, odiará-me como fez meu pai. Rameira. Bruxa.

—Ariane?

—Não me desagrada, mas estou… assustada.

—Por quê?

Os perturbadores pensamentos de Ariane eram muito complexos para ordená-los, de modo que escolheu dizer a verdade, mais singela e poderosa.

—Assusta-me —murmurou deslizando seus dedos pela ereção de Simon— Serve para rasgar uma mulher.

—Não é verdade. Serve para agradar uma mulher.

—Nunca ouvi nenhuma mulher descrevê-lo assim —replicou Ariane sombria.

Simon teria discutido se o contato feminino não o tivesse submerso em um tortura de intensa e quase dolorosa paixão.

—Acaricie-me com o bálsamo —sugeriu com voz enrouquecida— Isso me ajudará e será um modo para aprender que nem todos os homens se convertem em animais quando se excitam.

Tomou o lábio inferior de Ariane entre seus dentes e o mordiscou, com suavidade, passando sua língua sobre ele. A jovem deixou escapar um gemido, estremeceu e se moveu sedutoramente.

—Toque-me —murmurou o guerreiro— Conheça-me. É você quem controla, a situação... desta vez.

Nem sequer Ariane sabia se era medo ou excitação o que fazia tremer suas mãos ao descer pelo poderoso corpo, mais uma vez. Depois de umas poucas carícias indecisas, pressionou com mais firmeza.

Depois se deteve, curiosa ao perceber sob seus dedos os contornos do grosso membro de Simon.

—Sente isto? —murmurou Ariane, enquanto descrevia círculos com seus curiosos dedos.

—Deus —zombou Simon— tanto que dói.

Ariane se deteve, sobressaltada.

—Não queria te deixar com dor, seriamente. Eu...

—Pode me curar —disse ele interrompendo a rápida desculpa.

—Como?

—As calças me apertam muito. Desabotoa-as.

Ariane observou os ardentes olhos de Simon.

Toque-me, conheça-me. É você quem controla a situação... desta vez. Com dedos trêmulos, Ariane obedeceu e desabotoou a calça até que a ereção de Simon descansou, quente e dura, entre suas mãos.

—Melhor assim? —perguntou, preocupada, acariciando-o com terno cuidado.

Simon gemeu e sufocou uma maldição. O suor cobriu todo seu corpo e seu rosto pareceu contrair-se de dor à luz do fogo.

—Dói tanto? —sussurrou Ariane.

—Deus —rugiu.

—Ajudaria o bálsamo?

Um estremecimento sacudiu Simon.

—Sim. Oh! Deus. Sim —resmungou entre dentes— Cure-,me, rouxinol.

A ardente pele de Simon desprendia a fragrância do bálsamo, enquanto Ariane o acariciava com suavidade.

—Algum dia a acariciarei assim —prometeu ele com voz rouca.

—Meu corpo é diferente do seu.

—Sei. Não conheci nada tão suave.

As pontas dos dedos de Ariane encontraram a ponta redonda do membro de Simon e o exploraram, com delicadeza.

—Desejo que essa suavidade se abra para mim, saboreá-la, me banhar em sua úmida calidez, te encher, te fazer minha por completo —sussurrou ele.

Aquelas palavras açoitaram Ariane como uma vara de fogo e fizeram arder sua pele, roubando sua respiração. Suas mãos deslizaram mais abaixo e encontraram os tensos e doloridos testículos.

Curiosa, a jovem os explorou. Simon a olhou. A expressão de Ariane ficava oculta por um véu de cabelo cor da meia-noite, e as chamas da fogueira cobriam seu rosto com mais sombras que luzes. Não podia saber se a jovem correspondia aquela intimidade com paixão, frieza ou, simplesmente, resignação.

O guerreiro fechou os olhos e deixou de fazer perguntas sem resposta. Tudo o que importava era o aqui e o agora, e tanto ele como Ariane estavam ardendo.

—Seus dedos são como fogo sobre minha pele —conseguiu sussurrar— Deus, está-me matando.

—Não —murmurou Ariane assustada pela evidente tensão na voz de Simon — Queria aliviar sua dor, não piorá-la.

—Então, alivie-me.

—Pode fazer sem... —Sua voz morreu.

Oh!, Deus, já é bastante ruim que Geoffrey me ensinasse a temer o que outras mulheres parecem desfrutar, mas é ainda pior que me arrancasse a virgindade que deveria ter sido meu presente para Simon.

Não poderia suportar olhar meu marido e ver negação em seus olhos. Como meu pai. Como meu sacerdote, acreditando que sou uma rameira. Como poderia Simon pensar diferente? Não posso deixar de tocá-lo, de acariciá-lo, de desejar estar mais e mais perto dele.

Seduz-me em vez de me repugnar. Prova-me em vez de me forçar.

—Que se pode fazer sem chegar a unir nossos corpos por completo? — terminou Simon por ela— É isso o que pergunta?

—Sim —murmurou.

—Sim, pode ser feito. Não é comparável ao que sentiríamos ao fazer amor, mas é melhor que nada.

As palavras de Simon não fizeram muito sentido para Ariane, que só entendeu que havia algo que ela podia fazer para aliviar a tensão que rasgava o duro e palpitante corpo de Simon.

— Diga-me como fazer — urgiu Ariane— Deixe-me aliviá-lo.

Como única resposta, Simon rodeou com suas palmas as frágeis mãos da jovem que envolvia sua ereção, ensinando quando acariciar e quando parar, quando provocar e quando deixar de fazê-lo. De repente, Ariane sentiu os tremores que convulsionavam Simon, ouviu seu gemido e sentiu derramar-se

algo sedoso como o sangue entre seus dedos. Olhou para baixo assustada, mas só viu o manto e o corpo em sombras do guerreiro.

—Simon? —disse preocupada— Está bem? notei... sangue.

Simon quase sorriu, apesar dos espasmos de prazer que o percorrian cada vez que ela passava as pontas de seus dedos por seu membro ainda ereto.

—Não, rouxinol.

—Mas notei —insistiu ela— Era muito espesso para ser outra coisa que sangue…

—O que não faz sentido são os filhos que nunca teremos, enquanto não alcance o êxtase com nossos corpos unidos.

Ao ouvir aquilo, os olhos de Ariane se converteram em misteriosos lagos de escuridão. Aturdida, tomou consciência de si mesma de um modo desconhecido até então. Seus seios estavam tensos e extremamente sensíveis, e uma úmida e feroz chama de excitação ardia em seu ventre.

Devagar, com infinito cuidado, Ariane acariciou o ainda inchado membro de Simon, pensando em acalmá-lo, já que estremecia em cada respiração. A calidez e o aroma do bálsamo entrelaçado com o aroma da almiscarada essência masculina encheram os sentidos da jovem.

Então, algo que era mais que um sonho e menos que uma lembrança floresceu em seu interior.

Luz do fogo e essência de rosas. Bálsamo aromático aplicado sobre todo meu corpo, penetrando em mim. Por toda parte.

—Cuidou assim de mim, enquanto estava ferida? —perguntou Ariane severa.

A acusação na voz da jovem surpreendeu Simon. Ela acabava de lhe dar de presente uma doce liberação, suas mãos ainda seguiam provocando novas necessidades nele, excitando-o de novo e olhava-o como se fosse um perigoso estranho.

Furioso, apertou os dentes e lutou para recuperar o controle. Não teve êxito. Ariane estava muito perto, suas mãos eram muito suaves e o aroma do êxtase os rodeava.

—Só uma vez —confessou, com voz baixa e áspera.

—Quando?

—Pouco antes de que despertasse. Recorda?

—Eu...

Ariane conteve a respiração ao recuperar traços de sua memória. Recordava ter estado em um transe, mas não na escuridão e cólera de seu pesadelo. As mãos e a boca que acariciavam seu corpo eram delicadas, não ásperas; a voz sedutora, não embriagada; a respiração doce, não rançosa pela cerveja.

—Tocou-me —sussurrou.

—Sim.

—Inclusive...

Sua voz morreu, mas Simon a entendeu.

—Sim —admitiu, pondo brandamente sua mão entre as coxas de Ariane— Inclusive aqui.

Ariane ofegou e retrocedeu, como se o guerreiro a tivesse açoitado. Apesar de sua mente a assegurar que Simon jamais a trataria com a brutalidade de Geoffrey, os ecos da dor e da humilhação nublaram sua mente.

Amaldiçoando sua própria falta de controle e a falta de desejo de Ariane, Simon retirou a mão com brutalidade.

—Foi menos fria quando estava curando-a — espetou, seco.

—Não estava acordada.

—Nem dormindo.

—Não recordo —gemeu Ariane.

—Eu sim. Quando a toquei assim, seu corpo me rogou que seguisse acariciando-o!

Com os olhos muito abertos, Ariane observou Simon. O fogo transformava seu cabelo e sua barba em um halo de luz dourada. Seus negros olhos eram como a própria noite, clara, profunda, salpicada de estrelas.

—Entende agora? —perguntou ele em um sussurro áspero.

Ariane negou com a cabeça, tão forte que seu cabelo se agitou como negras chamas.

Simon afastou o manto, revelando ao frio ar e à luz do fogo tudo o que tinha sido oculto.

— Olhe para nós— disse feroz— Está quase nua, sentada sobre mim.

Ariane estremeceu.

—Pensa como está próximo de que a faça minha —rugiu Simon em voz baixa e implacável— Pensa em quanto está aberta e vulnerável diante de mim.

Ela olhou para baixo e um som esmigalhado emergiu do mais profundo de sua garganta.

Se me possuir agora, descobrirá que foi enganado. Então, já não haverá amabilidade, nem gentileza, nada… salvo a dor.

—Não! —sussurrou Ariane.

Quando foi afastar-se, as mãos de Simon apertaram suas coxas e a mantiveram cativa. Aberta.

—Teme que a viole? —inquiriu sarcástico— Durante nove longos dias e noites, ficou deitada indefesa ao meu lado. Acaso a violei?

Ariane escutava. Tudo o que sabia era que não podia mover-se, nem escapar, e que devia fazê-lo.

— Solte-me? —soluçou, cravando inutilmente suas unhas nas mãos de Simon.

A angústia na voz de Ariane gelou o sangue do guerreiro, como nenhuma outra coisa poderia havê-lo feito. Uma gélida fúria provocada por sua própria debilidade e a frieza de sua esposa tomou conta dele.

Cheio de ira, afastou Ariane com tanta rapidez que ela caiu de costas sobre o leito. Logo se levantou, cobriu-a com o manto, e durante uns segundos permaneceu de pé, olhando-a com olhos mais escuros que qualquer pesadelo passado.

—Dorme bem, esposa minha. Não terá que voltar a sofrer jamais o contato que não deseja.

CAPíTULO 21

O grande salão da fortaleza de Blackthome era espaçoso e luxuoso. As tapeçarias que cobriam as paredes, em tons variados, em verde, jade e lapislázuli tinham fios entrelaçados de metais preciosos, como luzes cativas.

As tapeçarias vinham da Terra Santa, como os tapetes que cobriam o chão. O limpo aroma de ervas e especiarias estava em todas partes, já que era de grande ajuda para os trabalhos de curandeira de Meg.

Também agradava Ariane, face aos quase dez dias transcorridos no castelo, os aromas que a seguiam. Respirou fundo uma vez, duas, saboreando a complexa interação de fragrâncias.

Seus dedos se moviam sobre as cordas da harpa, enquanto tentava acoplar sua música a um aposento masculino em tamanho e decoração, mas com a fragrância de um jardim feminino.

Os sons que Ariane arrancava de sua harpa foram convertendo-se em acordes. As trêmulas harmonias se elevavam e formavam redemoinhos até que as próprias notas pareciam estremecer no ar, descrevendo um tempo e um lugar onde homem e mulher eram companheiros... e estavam unidos pelo amor que sentiam.

Quando a jovem se deteve para contemplar a beleza do aposento em que se encontrava, ouviu um musical toque de campainha que se aproximava do grande salão.

Voltou-se e ficou em pé, sabendo que era Meg quem entrava no lugar. Só a senhora de Blackthome usava aquelas jóias que emitiam um doce tinido.

—Bom dia, lady Margaret —saudou Ariane.

—Bom dia —respondeu Meg— dormiu bem?

Devagar, a boca de Ariane se curvou, para formar algo muito triste para ser um sorriso.

—Sim —respondeu com voz fina.

O que a jovem normanda não disse foi que dormir havia se tornado mais difícil cada noite. Durante a viagem, tinha compartilhado o leito de Simon tanto por necessidade como porque ele assim o desejava. Uma vez na fortaleza de Blackthorne, Ariane tinha presumido que teria aposentos próprios, já que tinha ficado bem claro que seu marido não tinha intenção de consumar o matrimônio.

Dorme bem, esposa minha. Não terá que voltar a sofrer jamais o contato que não deseja. Mas a fortaleza de Blackthorne não dispunha de aposentos suficientes para poder dispensar dois a um casal e os tinham colocado em um quarto perto da sala de banhos. A estadia tinha pertencido a Meg, antes de se casar com Dominic o Sabre. O resto dos aposentos dessa planta do castelo estavam sendo mudadas para possíveis futuros filhos.

Simon poderia ter dormido nos barracões, com o resto de dos soldados que defendiam o castelo, mas a área estava completamente lotada. Dominic tinha recrutado cavalheiros que voltavam da Guerra Santa, assim como soldados, escudeiros, e serventes suficientes para suportar o crescente número de habitantes que viviam no castelo.

Embora Ariane entendesse a necessidade de compartilhar o quarto, ficava muito difícil dormir junto a um homem cuja simples respiração enviava cálidas ondas de excitação por todo seu corpo. Um homem que a visitava em sonhos,

consumindo-a. Um homem em cuja capacidade de contenção ela confiava. Um homem adorado pelos gatos do castelo. Um homem cuja presença acelerava seu coração, mas não de medo.

Como podia temer um homem cuja cota de malha servia de diversão aos filhotes de gato?

A resposta era tão evidente como inevitável.

Temo o que acontecerá quando Simon descobrir que um bastardo me tomou à força.

Encontrarei, por fim, a morte que um dia procurei?

Um dia, mas não agora. Agora, Ariane desejava a vida que via ao seu alcance.

De algum modo, enquanto dormia no transe induzido pela medicina iniciada e bálsamos aromáticos, a ferida que tinha aberta em sua alma, a violação drenou-se, permitindo que começasse outro tipo de cura. Os pesadelos raras vezes a visitavam, a não ser que se sentisse inquieta e nervosa, como ocorreu quando estava sentada no colo de Simon e descobriu que algumas coisas queimam muito mais que o fogo.

Apertou até mais os lábios, quando recordou como tinha gritado e fincado as unhas nas mãos. O orgulho e a fúria do guerreiro ante seu rechaço tinham sido quase tangíveis.

Simon não teria como saber que ela rechaçava um pesadelo passado, não a ele. Devo dizer. Ariane ergueu os ombros e deixou escapar um suspiro. Seus dedos se moveram inquietos sobre as cordas da harpa, o que arrancou do instrumento notas aflitas.

Logo. Esta noite? Um calafrio percorreu as costas da jovem normanda ao pensar em como reagiria Simon. Ele merecia algo melhor que uma esposa cujas emoções e cujo corpo tinham sido torturados. Do mesmo modo que a própria Ariane tinha merecido algo melhor que violação e a traição pelos mesmos homens que deveriam tê-la amado, honrado e protegido.

Não posso contar a verdade, ainda não. Não esta noite.

Se Simon chegar a me conhecer melhor, possivelmente chegue a acreditar que fui violada e não seduzida. Mas nem sequer meu pai acreditou.

—Lady Ariane? —chamou Meg com amabilidade, interrompendo seus escuros pensamentos— Está muito pálida.

Ariane ergueu os ombros e deixou escapar um suspiro que não percebeu que estava contendo. Seus dedos se moveram inquietos sobre as cordas da harpa e o que arrancou ao instrumento foi mais uma aflição rasgada que uma conclusão.

—Estou bem —respondeu em tom neutro— Os remédios que utilizaram Cassandra e você me curaram.

—Não de todo.

—O que quer dizer?

—Escute sua própria música —assinalou Meg— É mais escura que os olhos de Simon.

—Traída até por minha própria harpa.

A jovem normanda pretendia que suas palavras não fossem mais que um comentário insignificante, mas saíram como uma desoladora aceitação dos fatos.

—Acabou a caçada? —perguntou Ariane rapidamente.

—Sim, acabamos de voltar.

Devagar, Ariane assimilou o fato que Meg tinha despertado para sair com os falcões, naquele glorioso amanhecer, e que não a haviam convidado.

Não deveria doer, mas doía.

Simon disse que tinha dormido mau e que não devíamos lhe incomodar —explicou Meg.

Uma onda de notas discordantes foi a única resposta de Ariane.

—Foi boa a caça? —interessou-se educadamente, enquanto as cordas ainda vibravam.

—Sim, o falcão de Dominic derrubou suficientes presas para assegurar um banquete, como o de Simon. Os falcões caçaram tanto que no final da manhã mal podiam voar.

Ariane forçou um sorriso.

—Skylance é um magnífico falcão; está à altura de meu marido em todos os aspectos.

O tom na voz de Ariane dizia muito mais; implicava em outras coisas, como sua mulher, não estavam à altura de um guerreiro como Simon.

Os verdes olhos de Meg aumentaram. Olhou para Ariane com olhos glendruid, e o que viu tornou-se perturbador. A jovem normanda pensava realmente que Simon tinha sido enganado com o acordo de matrimônio.

Quanto a Simon... Meg não necessitava de seus olhos de glendruid para saber que seu cunhado estava sofrendo.

—Lady Ariane —disse— Posso te ajudar de algum modo?

A jovem normanda olhou à curandeira glendruid com curiosidade.

—Deveria ser eu quem te ajudasse —replicou— Você é a senhora do castelo e está grávida. Eu só somente uma convidada.

—Não. —A resposta de Meg foi imediata e sincera— Você e seu casamento com Simon são muito importantes para Blackthorne e as terras da fronteira.

Ariane assentiu, enquanto seus dedos rasgavam a harpa sem um propósito definido.

—Sem seu casamento —seguiu Meg— a guerra teria voltado para este território.

Ariane voltou a assentir.

—Embora temo que não é suficiente que Simon e você estejam unidos ante os olhos de Deus e dos homens — acrescentou a jovem com voz tensa— tive sonhos inquietantes.

Ariane ficou imóvel.

—O que quer dizer?

—Sonhei com duas teimosas metades que negam-se a se converter em uma. Com traição. Com corvos tirando os olhos de meu filho não nascido.

Um som horrorizado foi tudo o que Ariane pôde emitir. Sua garganta se fechou ao redor dos protestos e perguntas inúteis. Não podia dizer nada que pudesse tranqüilizar Meg.

—O que tenho que fazer? —perguntou.A voz da jovem normanda era amarga, aflita, apenas um sussurro.

—Cure o que estiver afetando a sua relação —respondeu Meg sem rodeios— Vocês são as duas teimosas metades que ameaçam todo o castelo e as terras da fronteira.

—E Simon? —replicou Ariane—Não tem sua parte nesta cura?

Os lábios normalmente quentes de Meg se transformaram em uma linha reta.

—Simon diz que tem feito todo o possível, e eu acredito.

Ariane baixou o olhar para sua harpa e não disse nada.

—Conheço o irmão de meu marido —acrescentou a curandeira com voz calma— Simon é orgulhoso, obstinado, e seu gênio é tão rápido como sua espada, mas também é o homem mais leal que eu já conheci.

—Sim —murmurou Ariane— Ter a bênção de contar com tanta lealdade por parte de outro...

Não pôde acabar. Com os olhos fechados, temendo respirar, a jovem normanda esperou que a armadilha se fechasse ao seu redor.

Outra vez.

—Simon faria o que fosse por seu irmão —afirmou Meg.

Ariane assentiu, lutando contra o inesperado nó que se formou em sua garganta ao pensar na lealdade de Simon para com Dominic. Com cada pulsar de seu coração, o nó de sua garganta crescia, fazendo-lhe temer chorar. Uma terrível angústia ardia em seu interior, esperando ser aplacada com lágrimas.

Mas aquilo era impossível.

Não tinha chorado na sua violação e não choraria agora. As lágrimas de uma mulher só serviam para conjurar o desprezo de sacerdotes, pais e cavalheiros.

—Assim —continuou Meg implacável— você é a culpada de que sua relação não funcione, não Simon.

—Sei —sussurrou Ariane.

Meg esperou, mas o silêncio se estendeu até encher o lugar, de um modo sufocante.

—Pergunto de novo. Como posso ajudá-la, lady Ariane?

Era mais uma exigência do que um oferecimento de ajuda.

—Pode mudar a natureza dos homens, as mulheres e a traição? —inquiriu Ariane.

—Não.

—Então não pode fazer nada para melhorar o matrimônio de Simon.

—Também é seu matrimônio —apontou Meg, tensa.

—Sim.

—Deita com Simon de noite, mas existe uma enorme distancia entre vocês.

Ariane olhou de soslaio para Meg.

—Ver o distanciamento entre você e seu marido não requer técnicas glendruid. As pessoas do castelo não falam de outra coisa — informou a curandeira — Por Deus, o que acontece com vocês?

—Nada que possa arrumar.

Meg piscou e logo ficou imóvel.

—O que quer dizer? Fale claramente.

— Acha que nosso matrimônio poderia melhorar se Simon e eu consumássemos nossa união — explicou Ariane, remarcando cada palavra—, e eu te digo que isso resultaria o mesmo desastre que tenta evitar.

Um detestável silêncio reinou entre elas, enquanto Meg assimilava as inesperadas palavras da jovem normanda.

—Acredito que não entendo —disse a curandeira, finalmente.

—É afortunada. Eu entendo todos os cruéis aspectos da traição, e esse conhecimento é uma maldição que não desejaria nunca para Simon.

—Não faça jogos de palavras comigo — rugiu Meg— É meu filho que está em jogo!

Sobressaltada, Ariane observou os ardentes olhos verdes daquela mulher, menor que ela mesma, e entendeu pela primeira vez que os curaneiros glendruid possuíam uma ferocidade comparável a da natureza.

—Não pretendia faltar com respeito —disse com voz fina.

—Então me diga o que devo saber!

Ariane fechou os olhos e agarrou com força a harpa. O silêncio só era interrompido pelo crepitar do fogo e o estranho zumbido de cordas de harpa muito tensas.

—Diga-me, curandeira, pode arrumar o que está quebrado?

—Não.

—Sabendo isso, por que se preocupa tanto com os detalhes de como, quando, onde e por que teve lugar a ruptura?

—Fale mais claro —impacientou-se Meg.

—Sou uma posse transferida primeiro a um homem, e logo a outro. Sou um peão no jogo masculino do orgulho e do poder. Sou a teimosa metade que não pode formar um todo.

Ariane libertou as cordas abruptamente e estas gemeram, como se as tivessem esmigalhado.

—Simon sabe a causa de sua obstinação? —inquiriu Meg.

—Não.

—Conte-me.

—Se soubesse o que... —começou Ariane.

—Mas não sei — interrompeu Meg feroz—Conte a Simon. Ele fará o que for para ajudar Dominic.

—Pede muito a Simon. Não é justo.

—Os curandeiros não sabem de justiça quando se trata de curar.

Antes que Ariane pudesse seguir discutindo, ouviram os passos de Dominic e Simon aproximando-se do grande salão, rindo e comparando a habilidade de seus falcões.

—Diga …— insistiu Meg em voz baixa para que só Ariane pudesse ouvi-la— Ou eu farei.

—Agora? Não! É particular!

—Também a morte —replicou Meg. Depois, deixou escapar um suspiro— Tem até manhã, nada mais. O horror de meus sonhos cresce a cada dia.

—Não posso, necessito de mais tempo.

—Deve fazê-lo, não resta muito tempo.

—É muito pouco —sussurrou Ariane.

—Não —negou Meg terminante— Temo que já é muito tarde!

A jovem normanda viu a determinação que brilhava nos olhos da senhora de Blackthome e soube que não havia possibilidade de esquivar-se de suas exigências.

Cheia de angústia, Ariane observou Simon e Dominic entrarem no grande salão. Ambos cheiravam a luz do sol, erva seca e ar fresco e frio. Seus mantos formavam redemoinhos e flamejavam com cada movimento de seus musculosos corpos, e os orgulhosos e encapuzados falcões estavam em seus braços, protegidos por manoplas.

Quando Dominic apressou seu falcão para que subisse no poleiro que estava atrás da enorme cadeira do senhor do castelo, olhou primeiro para Meg e depois para Ariane. Naquele instante, a jovem normanda intuiu que Dominic sabia que sua mulher tinha planejado uma conversa privada com a resistente mulher de Simon.

Sem dúvida, Dominic também sabia o que se discutiu. Ver o distanciamento entre ela e seu marido não requeria técnicas glendruid. As pessoas do castelo não falavam de outra coisa. A idéia de que o distanciamento entre ela e seu marido fosse motivo de falatórios para os habitantes do castelo enfurecia e envergonhava Ariane.

Falarão muito mais quando souberem que contribuí com um bom dote, mas nenhuma virgindade a meu matrimônio.

O amargo pensamento não reconfortou Ariane. Sofreria sua desonra apesar de ter sido submetida contra sua vontade.

Aturdidas, suas mãos se esticaram sobre a serena e suave madeira da harpa. Desenhou umas notas suaves, doces em suas cordas, tentando tranqüilizar-se.

—Bom dia, lady Ariane —saudou Dominic com um sorriso— Que sons mais agradáveis. Suponho que esta manhã sinta-se bem.

—Sim, milorde. Sua hospitalidade não tem limites.

—Comeu?

—Sim.

— Blanche contou-lhe os últimos rumores? —inquiriu Dominic.

—Né..., não.

—Estão dizendo que seu pai está na Inglaterra.

Os dedos de Ariane sobressaltaram-se, disseminando notas no silêncio como folhas ao vento.

—Está seguro?

Dominic percebeu a consternação de Ariane, olhou para Simon de soslaio, e voltou a falar.

—É tão seguro como qualquer rumor —assinalou, encolhendo os ombros— Simon pensou que possivelmente tinha esquecido de nos dizer que seu pai planejava visitá-la.

—Meu pai nunca diz a ninguém o que planeja — afirmou Ariane.

A falta de emoção em sua voz expressava tanto como o brusco dedilhar de seus dedos nas cordas.

—O nobre de que falamos leva consigo um grande séquito. Seu pai costuma viajar assim? —perguntou Dominic.

—Meu pai não vai a nenhum lugar sem seus companheiros de falcoaria, de caçada e de diversão.

—Também são cavalheiros?

Ariane fez uma careta. As notas que arrancou da harpa eram uma brincadeira.

—Assim se fazem chamar —respondeu.

—Não gosta muito deles —apontou Dominic.

Ariane encolheu os ombros.

—Não sinto admiração por nenhum homem que passe a maior parte do dia bebendo.

Dominic se voltou para Meg.

—Parece que teremos que nos preparar para uma visita inesperada do barão Deguerre e seus cavalheiros.

—Quantos acha que são?

—Os rumores falam de vinte a trinta e cinco homens, segundo Sven —apontou Simon— Foi em sua busca para confirmar tanto o número, como a identidade dos cavalheiros.

Meg franziu o cenho e começou a confeccionar uma lista mental do que devia fazer.

Simon colocou Skylance em um poleiro próximo ao outro falcão.

Com uma indiferente inclinação de cabeça em direção a Ariane, caminhou para o fogo tirando a manopla e as flexíveis luvas. O branco forro de seu manto brilhou ao tirar o objeto, com um movimento de ombros.

De repente, Ariane recordou o instante em que Simon a tinha descido de seu colo, pôs-se em pé com um salto e havia tirado o manto, elevou-se imponente sobre ela, com seus olhos frios como o gelo, feroz e excitado apesar de sua recente ejaculação.

Simon tinha mantido o amargo juramento que tinha feito naquela noite. Não havia tornado a tocá-la, nem sequer do modo mais casual. Nenhuma só vez.

Sabem todos os servos e criadas que meu marido dorme no chão para garantir que não me toca, enquanto dorme?

—Estive considerando o futuro de Simon —disse Dominic sem dirigir-se a ninguém em particular.

Seu irmão levantou rapidamente os olhos do fogo.

—Não mencionou nada enquanto caçávamos.

—Com o generoso dote do barão Deguerre —continuou Dominic sorrindo—, e com os presentes de Duncan, é óbvio que terão suficientes meios para defender seu próprio castelo.

—Sou feliz servindo você — limitou-se a dizer Simon.

—E isso me honra, mas sou seu irmão antes de ser seu senhor, e sei que seu sonho era o mesmo que o meu. Terras de sua propriedade, uma esposa nobre, e filhos.

Por baixo da rala barba, a mandíbula de Simon se contraiu, como se tivesse apertado os dentes.

—Tem uma esposa nobre —prosseguiu Dominic—, os filhos estão nas mãos de Deus, e as terras, nas minhas.

—Irmão —começou Simon.

—Não, deixe-me falar.

Embora o sorriso do Dominic fosse cálido, a cabeça de lobo que segurava seu negro manto brilhava como um singelo aviso do poder do senhor de Blackthome.

—O senhorio de Carlysle está em parte em minhas terras e em parte nas terras que reclama Robert do Norte, o pai de Erik —explicou Dominic— Com o consentimento de Erik e de Duncan de Maxwell, o senhorio e todas suas terras são bastante seguras, agora.

Simon permaneceu imóvel enquanto escutava seu irmão.

—Mas se Erik e seu pai discutem... —Dominic encolheu os ombros— Você o que diz, Simon?

—Erik e Robert do Norte não parecem pai e filho.

—Meg? —perguntou Dominic.

—Simon tem razão —conveio Meg— Erik é um Iniciado e Robert despreza a Iniciação.

—Erik acredita na união entre as terras e sua gente —acrescentou Simon— Robert acredita em afogar seus servos com impostos, antes de alimentar outro filho seja mais uma maldição que uma bênção.

Dominic olhou a sua cunhada em silenciosa consulta.

—Lady Ariane? Tem alguma opinião?

—Erik é um guerreiro —respondeu a jovem normanda—, mas seu pai é um conspirador. Na Normandia, o chamamos Robert o Susurrador.

Os olhos de Dominic se estreitaram, com repentino e intenso interesse pelas palavras da jovem normanda.

—Inclusive tentou estabelecer alianças secretas com meu pai contra os desejos do rei dos escoceses. O rei dos ingleses é o mais rico de todos os barões normandos —prosseguiu Ariane.

—Seu pai fez alguma aliança? —perguntou Dominic imediatamente.

Ariane fez uma pausa, pesando suas palavras. Seus dedos se moveram pelas cordas da harpa, emitindo acordes aleatórios. Os sons eram extranhamente reflexivos, como se o instrumento tomasse parte nos pensamentos ocultos de sua proprietária.

Meg suspeitava que aquilo era exatamente o que estava acontecendo. Também suspeitava que Ariane não sabia quanto dizia sua música sobre os sentimentos que negava ter.

—Lorde Robert e meu pai medem-se continuamente, para saber até onde podem chegar —disse por fim.

—Agora entendo por que os Iniciados gostam de mim. —O sorriso de Simon era cruel— Erik sabe que o fato de Ariane estar casada comigo frustrará as ambições de Deguerre nas terras da fronteira.

—O que acha que ocorrerá entre Robert e seu pai? —perguntou Meg dirigindo-se a Ariane.

—Depende de qual deles mostre o primeiro sinal de debilidade —respondeu a jovem— E não esqueça que os reis de ambos também conspiram a suas costas.

Dominic assentiu, ausente, pensando no que havia dito Simon sobre ser apreciado pelos Iniciados. Aquilo explicava a boa disposição de Erik a converter-se em aliado do lobo dos glendruid, a quem o rei dos escoceses desejava ver desaparecer das terras da fronteira. O pai de Erik era um fiel vassalo daquele rei.

A harpa verteu uma cascata de notas, fazendo com que Dominic voltasse a prestar atenção em Ariane.

—Se eu fosse um homem e possuísse uma fortaleza nestas terras —disse Ariane—, treinaria meus guerreiros dia e noite.

Dominic se pôs a rir.

—Alegro-me que Simon se oferecesse a ser seu marido, lady Ariane. É tão inteligente como ele.

O sorriso da jovem normanda se desvaneceu.

—É muito amável, milorde.

—Sim —conveio Simon sarcástico— Muito amável, de fato.

Dominic sorriu como um lobo.

—As palavras de Ariane afiançam minha decisão.

Simon levantou as sobrancelhas e esperou.

—Para manter o senhorio de Carlysle —continuou Dominic— seria necessário que eu separasse Meg de sua amada Blackthorne e que construísse outra fortaleza onde está o torreão de Carlysle. Então, Carlysle passaria a ser nossa residência principal.

Meg deixou escapar um gemido rapidamente sufocado, mas o lobo dos glendruid o ouviu e embalou o rosto de sua esposa entre as mãos.

—Não se preocupe, meu amor — tranquizou Dominic, com uma ternura que não mostrava a ninguém mais— Sei que lhe unem laços muito especiais com o povo de Blackthorne.

—Se for necessário, mas…—começou a dizer Meg.

—Não, não é necessário — irrompeu seu marido com suavidade — Simon tomará conta daquele território por mim, e o dote de Ariane pagará a fortificação de Carlysle contra invasores, cavalheiros renegados e reis ambiciosos.

Dominic se virou então para Simon.

—Venha, irmão. É hora de examinar a riqueza que o barão Deguerre enviou com sua filha.

Simon não se moveu.

—O que houve? — inquiriu o lobo dos glendruid— Não lhe interessam seus próprios bens?

—Dou-lhes de presente —replicou Simon— Para Blackthorne. Para Meg. Pela segurança de seu filho não nascido. Porque está claro que eu não terei nada com o que me preocupar.

***

CAPíTULO 22

O senhor de Blackthome lançou um olhar a Meg que negou com a cabeça.

—O número de filhos que terá decidirá Deus —afirmou Dominic— E eu dito quem dentre meus cavalheiros defenderá os feudos para mim... e quem possuirá a terra, não me devendo nada, exceto a lealdade de um bom aliado.

O sorriso que Dominic dedicou a Simon quase fez Ariane chorar. O amor entre ambos irmãos era mais que evidente e a jovem entendeu por que seu marido era tão leal aquele homem, senhor, irmão e amigo.

—O senhorio de Carlysle —anunciou Dominic— se converterá no castelo de Carlysle. E você, irmão, será o senhor e único proprietário de todas sua terras.

A respiração de Simon tornou-se um som audível.

— Teria feito isso antes —desculpou-se Dominic—, mas não tinha suficiente riqueza para dividi-la entre dois castelos. Como marido de Ariane, agora tem o mesmo poder que eu.

—É muito —protestou Simon em voz baixa— Não mereço.

—Não há outro homem sobre a terra que mereça mais que você, Simon o Leal —afirmou Dominic rindo e abraçando com força seu irmão.

—Mas...

—Se não tivesse reagrupado os cavalheiros —insistiu o senhor de Blackthome, ignorando a interrupção— eu teria morrido na prisão do sultão.

—Não fiz nada! Você pagou meu resgate com seu próprio corpo!

—Se não fosse por você —acrescentou Dominic voltando a ignorar seu irmão—, estaria me preparando para uma guerra derivada do rechaço da filha de Deguerre.

—Sim, mas...

— Venha — insistiu, agarrando Simon pelo braço— vamos comprovar a generosidade de Deguerre e logo falaremos sobre o que necessitará para fazer de Carlysle um castelo seguro e rentável.

Um pouco aturdido, Simon permitiu que um satisfeito Dominic o guiasse para a armería da fortaleza. Sorrindo, Meg esperou que Ariane os acompanhasse.

A jovem normanda deixou a harpa sobre uma mesa. Ao voltar-se para Meg, a luz de um candelabro próximo dançou e titilou sobre a manga da adaga cheias de jóias que levava no cinturão, que rodeava seus quadris. Um brilho de ametistas respondeu, resplandecendo no braço e o pescoço femininos.

Ambas as mulheres se apressaram a sair do salão e suas largas saias sussurraram sobre o chão do castelo. As jóias de ouro tangiam com suavidade a cada passo que Meg dava.

À medida que a curandeira e Ariane desciam pelas escadas, a luz dos candelabros era substituída por tochas colocadas em seus correspondentes suportes, ao longo dos muros. Uma pequena brisa fazia oscilar e dançar as chamas das tochas, projetando inquietantes sombras que deslizavam sobre as pedras.

A armería estava perto dos barracões, já que os soldados protegiam tanto as caras armas, como o poço que proporcionava água ao castelo. Em Blackthome, a armería, com sua porta de ferro e seus inexpugnáveis muros de pedra, também servia para guardar as riquezas da fortaleza.

Como era freqüente, Enjoe, viúva de Robert o Cornudo, estava perto. Sir Thomas, o cavalheiro que cuidava da armería, era seu favorito entre os guerreiros do castelo. À exceção, é obvio, de Dominic e Simon.

—Milorde —saudou Enjoe inclinando-se diante de Dominic, em uma reverência ao estilo sarraceno— Vejo-o muito pouco.

A luz sensual nos escuros olhos e o enrouquecimento da voz feminina tinham como missão fazer saber a Dominic que, se cansasse de sua esposa glendruid, Enjoe estaria disposta a satisfazer qualquer um de seus desejos.

Meg sorriu, com genuína diversão. Ela e Enjoe tinham alcançado um acordo: Enjoe deixaria de espreitar Dominic e reservaria suas artimanhas de harém para homens solteiros, ou Meg se asseguraria de que a jovem acabasse por ser rameira em Londres.

—Você também, Simon —murmurou Enjoe, sorrindo sob suas largas e negras pestanas— É triste que um homem tão generosamente dotado nos honre tão pouco com sua... presença.

Seus lábios vermelhos fizeram uma pequena careta, só para transformar-se depois em um sensual sorriso dedicado a Simon. Sem vacilar, Enjoe se aproximou dele, ergueu-se na ponta dos pés e o beijou nos lábios.

Em um primeiro instante, Simon se esticou, como se tivesse levado uma bofetada, logo relaxou as mãos e aceitou o beijo de Enjoe, com uma naturalidade que implicava grande familiaridade.

Ariane observou a cena, enquanto pensava no quanto ficaria formosa sua adaga no peito daquela rameira.

—Parabéns por seu excelente matrimônio, milorde — disse Enjoe, com um matiz na voz claramente sensual, quando Simon pôs fim ao beijo.

Sorrindo, a ardilosa mulher deixou que suas pequenas mãos deslizassem pelo sutiã de seu vestido, para deter-se em seus quadris, fazendo com que a seda vermelha, um presente de despedida de Dominic, resplandecesse com força à luz das tochas.

—Obrigado —respondeu Simon, afastando-se dela.

Para Ariane, não pareceu que houvesse muita distância entre eles. Cada vez que Enjoe respirava fundo, e dava a impressão de que não respirava de outro modo, seus seios quase roçavam Simon.

—Espero que não esqueçam os velhos amigos que compartilharam... tudo... com você na Guerra Santa — tentou Enjoe.

—Não esquecemos nada —afirmou Simon com suavidade.

Enjoe baixou as pestanas, um momento, ocultando seus olhos.

Quando voltou a olhar para Simon, seus lábios brilhavam, úmidos, e tinha os olhos entrecerrados. Endurecidos, os bicos de seus seios eram evidentes, através da seda vermelha.

—Eu tampouco —murmurou Enjoe.

—Enjoe —interveio Meg cortante— Recorda nosso acordo?

—Sim, lady Margaret.

—Simon também está casado.

—Sim, milady. —Enjoe sorriu e olhou de soslaio para Ariane, antes de falar— Mas todo mundo sabe que sua esposa não se importa com quem esquente sua cama, contanto que não tenha que ser ela.

—Isso não é verdade —negou Ariane .

O sorriso de Enjoe dizia que não acreditava.

—Alegro-me —murmurou, dirigindo-se a Simon— É uma pena desperdiçar um corpo tão forte e poderoso.

Sem prévio aviso, os dedos de Enjoe foram diretamente dos laços do pescoço da camisa de Simon para suas calças. Mas a mão de Simon emergiu com uma rapidez assombrosa, evitando que os inquietos dedos femininos alcançassem seu objetivo.

—Ah, Simon —suspirou Enjoe com voz rouca, inclinando-se para ele—, alegro-me que esteja satisfeito com seu matrimônio. É o melhor homem que tive.

Antes que Ariane pudesse falar, Simon disse.

—Thomas —disse, em tom neutro.

—Sim? —respondeu o aludido com um sorriso.

Simon olhou a hábil rameira, cujos dedos deslizavam agora por seu braço, acariciando a sensível pele como se fosse seu amante, não um homem cuja paciência estava a ponto de esgotar-se.

Seus lábios se distenderam, em um lento sorriso, mas só Enjoe estava bastante perto para ver que seus negros olhos careciam por completo de calidez ou humor.

—Leve sua amante daqui —ordenou Simon a Thomas com voz tranqüila—, antes que minha esposa resolva lhe cravar a adaga que tem na mão.

Ariane olhou sua mão direita. O punho com ametistas da adaga brilhava entre seus dedos. A lâmina estava brilhante, resplandecente e visivelmente afiada.

Não recordava ter tirado a adaga de seu revestimento.

—Possivelmente —propôs Meg, divertida—, Enjoe faria bem em aceitar um pacto com Ariane, como o meu.

Enjoe olhou para a adaga e logo para Ariane. Surpreendentemente, pôs-se a rir.

—Sim —concordou Enjoe— Possivelmente deveria.

—Que acordo é esse? —perguntaram Dominic e Simon em uníssono.

Enjoe piscou um olho a Dominic, olhou de soslaio para Simon e logo se voltou para Ariane.

—Deixarei de provocar seu marido —prometeu.

Rígida, Ariane assentiu.

—Mas —esclareceu Enjoe—, devo minha lealdade a lorde Dominic e a seu irmão. Se qualquer um deles me desejar, em qualquer momento, serei sua todo o tempo que possa reter sua atenção.

Dominic e Simon trocaram um breve olhar.

—Está na natureza dos homens cansar-se de uma só mulher —explicou Enjoe, como se tratasse de um fato— Quando Dominic e Simon me reclamarem, nem as maldições glendruid nem as adagas com joias me manterão afastada de seus leitos. Eles são os senhores, não eu, nem tampouco lady Margaret ou lady Ariane.

—Enjoe —interveio Dominic com suavidade— Quando seu marido morreu na Terra Santa, jurei te proteger até sua morte; mas não te dou permissão para que incomode às senhoras do castelo.

Enjoe fez uma grande reverência ante as duas mulheres.

—Se lhes ofendi, desculpo-me. Criei-me em um harém e vejo o mundo de um modo diferente.

—Thomas —chamou Dominic.

—Sim, milorde! —O cavalheiro era robusto como um carvalho, pouco reflexivo, de temperamento afável, e célebre por sua energia entre as coxas de uma mulher.

—Use sua força para satisfazer Enjoe — ordenou Dominic.

—Agora, milorde?

—Agora.

—Será um prazer, milorde.

Uma das enormes mãos de Thomas desceu sobre as nádegas de Enjoe, dando-lhe uma sonora palmada de camaradagem. Logo, de pé atrás dela, pressionou com delicadeza suas nádegas com os dedos.

Enjoe respirou fundo e se virou lentamente para seu amante, aproveitando para esfregar o traseiro contra ele. O sorriso que o cavalheiro lhe dirigiu era a de um homem que antecipava o que ia ocorrer.

Sem uma palavra, Thomas levantou Enjoe com um grosso braço e ela rodeou os musculosos quadris do guerreiro com as pernas. A posição parecia familiar a ambos, porque Thomas se afastou da armería, sem vacilar.

Enjoe se recostou contra ele, arranhou seu pescoço, e pôs suas mãos a trabalhar em todos os fechos ao seu alcance.

Muito em breve, o casal desapareceu da vista de todos, deixando atrás só a aguda, estranha e doce risada de Enjoe percorrendo a passagem de pedra. Depois desapareceu também, como se um beijo tivesse posto fim.

—Que Deus guarde Thomas —murmurou Dominic.

—Assim seja —respondeu Simon, antes de voltar-se para olhar sua esposa de um modo intenso e enigmático.

Ser consciente de que Ariane sentia ciúmes de Enjoe lhe satisfazia enormemente; mais que o fato de que a jovem investisse com sua pequena e forte égua contra um cavalo de guerra por ele.

Ariane quase tinha morrido para salvar a vida de Simon e agora se mostrou disposta a usar a adaga contra uma prostituta que o desejava.

Clamava por suas carícias quando ele a visitava em seus sonhos.

Mas acordada, entretanto, rechaçava-o.

Distante, Simon se perguntou se teria existido alguma vez algum homem que compreendesse às mulheres.

Mesmo um homem Iniciado.

—Pode guardar a adaga, rouxinol.

Os olhos de Ariane aumentaram ao olhar seu marido. Uma corrente de calor a percorreu por ouvir o apelido carinhoso e ao ver o brilho especulador nos olhos de Simon.

—Ou me pensa cravar isso ? —perguntou, educado.

A face da jovem ardeu e embainhou a arma, com um rápido movimento.

—Excelente —aprovou Simon— Estamos progredindo, acredito.

Com uma risada afogada, Dominic voltou-se para enfrentar o enorme cadeado que fechava a armería. Momentos depois, a fechadura cedeu com o chiar estrondoso do ferro. Enquanto a porta se abria, um delicado aroma de especiarias se pulverizou pelo ar.

—Tochas —ordenou Dominic.

Simon tomou duas de seus suportes nos muros e ofereceu uma a Dominic enquanto entrava na escura armería. Depois fez um gesto para que as mulheres os seguissem. Primeiro entrou Meg, e logo Ariane.

Quando passava ao seu lado, Simon se moveu com rapidez, de modo que Ariane tivesse que roçar seu corpo. Era um movimento inesperado, desconcertante, e a jovem se afastou antes de saber o que tinha feito. O sorriso que Simon lhe dirigiu foi de um homem que tinha feito uma aposta consigo mesmo... e que tinha ganhado. Seus olhos diziam que não desfrutava ganhando esse jogo em particular. Ariane estendeu a mão de forma instintiva para tocar seu braço, mas Simon se afastou, deliberadamente.

—Prefiro a honestidade de sua primeira resposta —sussurrou muito baixo para que outros o ouvissem.

—É tão malditamente rápido! Sobressaltou-me, isso é tudo.

—Não acredito.

—Simon, onde está? —inquiriu impaciente Dominic, sem olhar para trás.

—Aqui.

—Não parece ansioso para ver suas riquezas,

—Não preciso vê-las; posso cheirá-las —respondeu Simon.

Dominic se pôs-se a rir.

—É certo, sobretudo a pimenta.

Meg farejou o ar, respirou profundamente, e logo franziu o cenho.

—O que houve? —perguntou Dominic imediatamente.

A curandeira hesitou, voltou a respirar fundo e moveu a cabeça, confusa.

—O aroma é muito tênue para a quantidade de especiarias que deveriam conter estes cofres—respondeu por fim— Embora possivelmente se deva a estarem bem fechados.

—Possivelmente as especiarias estejam guardadas há muitos anos —sugeriu Dominic— O aroma desaparece com o tempo.

—São frescas —indicou Ariane— O administrador não deixava de queixar-se sobre o custo de enviar especiarias da melhor qualidade a estas terras tão incivilizadas.

—Que estranho —comentou Dominic.

—Absolutamente —replicou Ariane em tom seco— O barão Deguerre só mostra-se generoso com seus cavalheiros, e mesmo assim se queixa do quanto custam. Para meu pai ,não sou mais que uma filha obrigada a casar-se com um estrangeiro que ele não escolheu.

—Então deveria lhe agradar o fato de que a tenha casado com um normando —aduziu Dominic.

—Agradado? Por sua filha? —Ariane riu sem humor— Seria a primeira vez, milorde.

Dominic varreu com a tocha toda a armería. A chama se refletiu nas incontáveis armas penduradas dos muros, nas cotas de malha em seus suportes de madeira e nos elmos e manoplas empilhados em ordem nas estantes.

Em uma esquina havia dezessete cofres ordenados por tamanho. O ar do mar e o abandono tinham deixado opacas suas juntas de latão, mas as fechaduras ainda brilhavam.

Dominic deixou a tocha em um suporte, procurou sob seu manto e tirou uma grande bolsa que continha diferentes chaves e um pergaminho enrolado. O manuscrito detalhava o conteúdo das arcas do dote, assim como outros aspectos do contrato nupcial. O grosso selo de cera que figurava ao final do documento se repetia nas tampas de todas as arcas, de modo que fosse impossível abrir a arca sem romper o selo.

—Primeiro as sedas —disse Dominic— Viu-as, Ariane?

—Sim, milorde. São de grande qualidade e de cores que rivalizam com o arco íris. Algumas são quase transparentes e outras têm bordados tão magníficos que parecem ter vida própria.

—Boas sedas, certamente —murmurou Dominic.

—Se Simon estiver de acordo —continuou Ariane— eu gostaria de dar de presente algumas a lady Amber , por sua amabilidade comigo, e há uma verde que combinaria com perfeição com os olhos de lady Margaret.

—Feito —concedeu Simon imediatamente.

—Não é necessário —replicou Meg.

—Obrigado —disse Dominic, interrompendo as palavras de sua esposa— Eu gosto de ver Meg vestida de verde.

—Temo que o tecido é muito fino para um uso cotidiano —advertiu Ariane— Pelo que pude ouvir de uma conversa de meu pai com seus cavalheiros, é mais adequada para um harém, do que para um frio castelo inglês.

Um sorriso sensual distendeu as severas linhas do semblante de Dominic.

—Espero com ânsia esse tecido em particular —comentou— As concubinas do sultão usavam roupas muito... mmm... intrigantes.

Sacudiu a bolsa das chaves enquanto falava, fazendo com que estas caíssem com estrondo e um repicar metálico sobre um suporte de pedra junto as manoplas de guerra. Selecionou uma e se dirigiu para a arca maior. Com muita dificuldade, a fechadura se abriu. O selo se rompeu um momento depois e, com um chiado de dobradiças de bronze, Dominic levantou a tampa e olhou no interior.

—Deus santo! O que é isto? —resmungou— Simon.

Ao ouvir seu nome, Simon se aproximou de Dominic e olhou à arca. A luz da tocha mostrava sacos de um grosso material. Com uma velocidade que fez piscar Ariane, seu marido tirou sua adaga e abriu um dos sacos, derramando farinha grosseiramente moída. Tomou um punhado, fez com que deslizasse entre seus dedos e a farejou. Com um grunhido de desagrado, abriu a mão e deixou que seu conteúdo se derramasse sobre o chão de pedra da armería.

—Está podre — limitou-se a dizer.

—A seda? —perguntou Ariane. As amplas costas de Simon impediam de ver o conteúdo da arca.

—Farinha —corrigiu Simon.

—E a seda? —inquiriu Ariane, assombrada.

—Não há seda neste cofre —respondeu Dominic, erguendo o resto dos sacos contendo terra em lugar de farinha.

Com um som fraco, Ariane abriu caminho entre os dois homens e olhou o selo quebrado, antes de observar com atenção a arca.

—Estava intacto o selo?

—Sim —confirmou Dominic.

—Não entendo. Vi como o administrador de meu pai enchia as arcas.

—As arcas se parecem muito umas com as outras —assinalou Dominic.

—Possivelmente, houve um engano.

Simon não disse nada, só tomou uma chave do monte e procurou a fechadura correta, que pertencia a um arca menor. Inseriu a chave, rompeu o selo e levantou a tampa. O aroma de canela e prego flutuou no ar.

Ao ver o conteúdo, Simon permaneceu em silêncio.

—E ? —quis saber Ariane.

—Areia —respondeu Dominic, seco.

—Como diz? —perguntou.

—Areia —repetiu Dominic.

—Mas antes havia canela —disse Simon— E prego. A madeira está impregnada desses aromas.

—Não entendo —murmurou Ariane. Mas seu tom indicava que, em realidade, temia, e muito, entender.

Em meio a um detestável silêncio, Dominic e Simon abriram o resto das arcas. O chiar de uma tampa vinha seguido de uma única e concisa palavra para descrever o conteúdo sem valor que substituíam pedras, ouro, prata e sedas, peles e especiarias.

—Pedras.

—Areia.

A cada maldição em sarraceno, seguia uma descrição mais inteligível do conteúdo do arca.

—Farinha podre.

—Rochas.

—Terra.

Ariane balançava e tapava os ouvidos para não ter que ouvir a terrível verdade. Traída.

Quando a última arca foi aberta, Dominic examinou com olhar carrancudo o conteúdo: rochas de lastro que ainda cheiravam a mar. Seus olhos se assemelhavam a prata líquida e a cabeça de lobo de seu manto parecia grunhir. quando se voltou para enfrentar Ariane.

—Parece que há discrepâncias entre o dote prometido pelo barão Deguerre e o recebido —assinalou com suavidade.

—Assim é —concordou Ariane em tom ferido.

Embora Dominic esperasse, a jovem não acrescentou nada mais.

—O que têm para nos dizer, lady Ariane? —insistiu o senhor de Blackthorne com brutalidade.

—Fui traída de novo.

A desolação de Ariane comoveu Dominic apesar de seu aborrecimento, como também ver os trêmulos dedos femininos procurando a harpa que tinha deixado para trás.

—Dá a impressão de que o barão tenta provocar uma guerra —refletiu.

Se Ariane ouviu, não respondeu.

—Sim —interveio Meg tensa, com suas pequenas mãos convertidas em punhos— Mas com um ato tão desonroso?

—Ver-se livre de uma aliança que nunca procurou —respondeu Dominic.

—Mas tem quebrado seus votos —insistiu Meg— Sabemos que a desonra ante olhos de seus pares custa mais que umas quantas arcas de especiarias e ouro.

—Como eu, o administrador fiscalizou que essas arcas enchessem, fossem seladas e ficassem sob o amparo dos melhores cavalheiros de meu pai —interveio Ariane sem emoção na voz— Os mesmos cavalheiros que custodiaram o dote até a fortaleza de Blackthorne.

—Em outras palavras, se reclamar que não houve dote, estarei declarando a guerra —resumiu Simon.

—Uma guerra que Deguerre estaria em posição de ganhar, porque acreditava que, sem o dote, Duncan de Maxwell não teria recursos para pagar seus cavalheiros —aventurou-se Meg.

—E o rei Henry não se mostraria disposto a entrar em guerra por umas posses que alguns acreditam que pertencem ao pai de Erik —concluiu Dominic, voltou-se para Ariane.

— Seu pai aposta para ganhar uma batalha em que não interviria o rei Henry.

—Seria muito próprio de meu pai —admitiu Ariane, sua voz baixa, sem emoção— É muito hábil encontrando debilidades onde outros só vêem força. Por isso o chamam Charles o Ardiloso.

—Então, não diremos nada —decidiu Simon.

—O quê? —rugiu Dominic— Não podemos...

—Não tenho queixa do dote de minha esposa —assegurou Simon cortante.

O silêncio se apropriou da armería.

O amargo sorriso de Ariane brilhou um instante à luz da tocha. As lágrimas que não tinha derramado quando despertou, envergonhada e desonrada nas mãos Geoffrey, ameaçavam agora sufocá-la.

—Simon —sussurrou—, teria sido melhor que me matasse quando te dei a possibilidade.

Os olhos do guerreiro se entrecerraram, mas não disse nada.

—Foi traídos através de mim —afirmou Ariane— Não importa o quanto lutemos; o barão Deguerre ganhará.

—Explique-se — urgiu Dominic— E faça com muito cuidado.

—Meu pai antecipou debilidade e a divisão, mas não a lealdade.

Dominic olhou de soslaio ao seu irmão, que observava Ariane com escuros olhos, carentes de emoção.

—Ele acreditava que eu morreria em minha noite de bodas —sussurrou a jovem normanda.

—Maldita seja. O que quer dizer? — exigiu saber Dominic.

Ariane se voltou para Meg.

—Esta é a verdade que tanto procurava, lady Margaret, espero que a agrade.

—Não —suplicou Meg, tentado deter Ariane.

Cheia de angústia, a jovem normanda seguiu falando, surpresa de poder sentir ainda dor.

—Meu pai vem à fortaleza de Blackthome esperando começar uma guerra com o pretexto de vingar minha morte nas mãos de meu marido.

—Então terá uma decepção —assinalou Simon em tom neutro— Está viva.

—Sim, mas continuarei viva quando descobrir que cheguei desonrada a seu leito?

Simon ficou paralisado.

—Sabia, irmão? —inquiriu Dominic, tenso.

—Nosso matrimônio não se consumou —disse Ariane—, e eu jurarei ante um sacerdote. Uma anulação...

—Não — interrompeu Simon— Não tenho queixa do meu casamento, assim não há razão para uma anulação, nem para uma guerra.

—Maldição —bramou Dominic— e o que houve com sua honra?

—Perdi minha honra no momento em que deitei com a mulher de outro homem na Terra Santa.

—Enjoe? —perguntou Dominic.

—Sim. Foi a mim que o marido de Enjoe viu sair às escondidas de sua tenda. Por isso Robert chegou aquele pacto com o sultão. Eu sou a razão de que fôssemos traídos e de te encerrarem em uma masmorra.

—Simon, não foi você —resmungou Dominic— Foi Robert!

—Eu me faço responsável, e Deus também.

—Isso não é verdade.

—Sim é. Não vê o castigo que Deus me preparou?

—Não vejo nada, exceto...

Simon seguiu falando, desejando que seu irmão entendesse que o ocorrido na Terra Santa estava, por fim, saldado. Não tinha nada que objetar naquele pagamento.

—Casei-me procurando fortuna, uma mulher bela e herdeiros — explicou com calma— A fortuna não existia, os herdeiros jamais serão concebidos, e, por seu desejo, Ariane dorme sozinha cada noite. Sim, sem dúvida minha esposa é um castigo adequado para meus pecados de luxúria e adultério.

—Mas...

—Se tivesse sido o contrário, se tivesse cedido à sedução de Enjoe e como conseqüência, eu tivesse sido torturado nas mãos do sultão... —sussurrou Simon para que só seu irmão pudesse ouvi-lo—, não se sentiria como eu?

Dominic abriu a boca para falar, mas a fechou e assentiu pesaroso, consciente de que seus sentimentos seriam os mesmos.

—É meu irmão —disse com suavidade—, e o quero.

—Como eu a ti, Dominic.

Os lábios de Simon desenharam uma amarga careta, reflexo de toda a dor acumulada desde que seu desejo por uma mulher casada quase custou a vida de seu irmão.

—Ao menos, quando morrer, não terei que passar muito tempo no inferno —acrescentou— Meu inferno chegou em vida e seu nome é Ariane.

***

CAPíTULO 23

Ariane passou o resto do dia sentada em seus aposentos, esperando atemorizada que Simon exigisse uma explicação. Não o fez. Simon continuou com suas obrigações como tenente de Dominic sem sequer olhar em sua direção. As arcas foram fechadas outra vez, as chaves ficaram aos cuidados de Dominic, e ninguém falou do dote desaparecido diante de Ariane.

De fato, era como se não existisse. Como se para Simon não importasse que ela chegasse desonrada ao casamento. Como se não o importasse sua mulher, absolutamente.

E por que deveria se importar? pensou Ariane, sombria. Sou seu castigo. Seu inferno.

Ariane estremeceu, ao mesmo tempo que arrancava uma série de notas discordantes da harpa que sustentava em seu colo. Olhou-a absorta, mas eram seus escuros pensamentos que via, não a intrincada madeira de formosas incrustações.

Sem rumo, caminhou pelo quarto, rasgando sua harpa, sem ver o luxo que a rodeava. De fato, sentia-se mais como uma prisioneira do que como uma dama da nobreza.

Mas a prisão era obra dela. Nem por um momento, o senhor ou a senhora de Blackthorne tinham dado a entender que Ariane já não fosse uma convidada apreciada em sua casa.

Pesarosa, a jovem olhou pela janela situada em uma lateral de seu quarto. Apoiada na gelada pedra, podia ver o sinuoso rio de Blackthorne.

Durante o último lance da cavalgada para a volta da fortaleza que agora era sua prisão, Ariane tinha desfrutado, observando a paisagem. Tinha recordado seu próprio lar e o rio, que tinha sido sua companhia durante muitos dias

quentes do verão. Sentou-se em suas bordas e tocou com sua harpa, adaptando sua música segundo seus próprios pensamentos, os gorjeios dos pássaros, o vento ou as distantes chamadas dos pastores.

Agora parece um sonho. Era tão inocente, tão insensata. Confiei… Muito.

Um grito chegou do pátio de armas, seguido pelo som do grosso portão de entrada da muralha abrindo-se. Os cascos de um cavalo ressoaram na ponte levadiça para logo repicar sobre a pavimentação do pátio.

Ariane se dirigiu a outra janela, bem a tempo de ver Simon sair do castelo e percorrer o pátio para o cavalheiro que acabava de chegar. O pálido resplendor do cabelo do recém chegado e sua agilidade ao desmontar indicaram a Ariane que Sven, o espião do lobo dos glendruid, tinha voltado para a fortaleza de Blackthome.

A saudação de Simon se perdeu no vento que açoitava o castelo. Juntos, os dois guerreiros se encaminharam para os degraus que conduziam ao castelo.

De repente, um gato cor de chocolate cruzou o pátio e se lançou para Simon. Sem perder o passo, o guerreiro agarrou o animal e, o colocando ao redor do pescoço, começou a acariciá-lo, enquanto escutava o que Sven tinha descoberto.

Ariane pareceu escutar o satisfeito ronronar do gato apesar de achar-se a muitos metros de distância.

Disse a si mesma que não sentia inveja das carícias que o gato estava recebendo, mas, um segundo depois, admitiu que mentia.

Apesar do brutal abuso ao qual tinha sido submetida, Ariane tinha aprendido a apreciar o contato de um homem, as carícias de um homem, as mãos de um homem deslizando com suavidade sobre seu corpo. Só de um. O homem que a considerava seu castigo. Meu inferno chegou em vida, e seu nome é Ariane.

Ariane desejava explicar a Simon que tinha sido violada, mas temia que não acreditasse. Ninguém mais o tinha feito. Necessito que acredite em mim! Não

sou uma rameira. Forjaram-me, rasgaram-me por dentro, traíram-me. E não acreditaram em mim.

Por que deveria acreditarem agora? Inclusive você, Simon, que me deixa louca, como ninguém nunca o fez. Especialmente você.

O esmigalhado lamento da harpa a tirou de seus pensamentos e de repente escutou passos que se aproximavam da escada.

Ariane olhou ao sua redor frenética, procurando uma saída que na realidade não desejava. Os passos se detiveram em sua porta.

Simon? Por fim, veio para mim? Vai me fazer sua esta noite? Os passos se dirigiram a outro quarto, deixando-a sozinha, exceto por seus sombrios pensamentos.

Desesperada, a jovem soube que temia sair do quarto ou gritar sua angústia de modo que todo o castelo pudesse ouvi-lo. Não queria voltar a olhar Simon e ver que se sentia traído.

Ariane a Traída se converteu em Ariane a Traidora.

Com um pequeno lamento, começou a desamarrar os laços e tirar o vestido lavanda, um dos poucos que havia trazido da Normandia. Não queria que nada de sua terra anterior a tocasse. Não queria que a tocasse nada, exceto Simon.

Sem perceber ou ser consciente disso, Ariane escolheu o vestido que lhe tinham dado os Iniciados. Não o tinha posto desde que descobriu que tinha qualidades que escapavam à razão. Mas naquele momento, a jovem não importava se o vestido estava enfeitiçado ou não. Só desejava deixar de sentir frio, sentir-se apreciada, livrar-se de seu passado e das conseqüências da brutalidade de Geoffrey. Desejava...

Simon.

O vestido deslizou pelo corpo de Ariane como uma carícia aveludada, tranqüilizando seu corpo, seu sangue, sua alma também. O tecido se aderia a ela como um gato ,que tivesse sentido falta de seus mimos e, como a um gato, Ariane acariciou-o.

Os laços prateados resplandeciam com força unindo a frente do vestido e os pontos de prata percorriam o material ametista como relâmpagos únicos nas mangas, fazendo com que brilhassem com cada movimento de seus braços.

Como o eco de um secreto relâmpago de prata, duas figuras humanas do mesmo negro profundo e transparente dos olhos de Simon, se contorciam e ondulavam, sinuosas, no tecido. Não importava para onde olhasse, as figuras estavam ali, cativando-a com a única coisa que desejava e nunca teria. O tecido formava redemoinhos ao redor dos tornozelos femininos, persuadindo Ariane que olhasse as sombras prateadas e negras, exigindo que visse o homem e a mulher perdidos no prazer, dentro dos próprios fios da malha.

—Por favor, basta —murmurou.

O tecido de Serena só responde aos sonhos, e sem esperança não há sonhos.

O eco das palavras da Cassandra na mente de Ariane fez em pedacinhos o pouco autocontrole que restava nela. Resmungando uma maldição, agarrou seu manto e o passou pelos ombros, escondendo o vestido de seus olhos.

Movendo-se como se a perseguisse o diabo, guardou a harpa em sua bolsa de viagem e a pendurou no ombro. No caminho para a porta de seu quarto de hóspede, agarrou a cesta com sua costura e, sem se importar com as delicadas agulhas e os frágeis fios de seda, esvaziou seu conteúdo sobre uma mesa.

Com a cesta em uma mão e sem se preocupar que alguém a visse, Ariane apressou o passo e desceu as escadas em direção à porta principal do castelo. Uma vez ali, um guardião a olhou surpreso, mas permaneceu em silêncio e a deixou passar.

O vento do pátio de armas a reanimou. Tão selvagem como seus próprios pensamentos, seria uma companhia agradável e deixou que a empurrasse pela pavimentação até a pequena portinhola que se abria na muralha.

Ali, um homem conhecido como Harry o Aleijado olhou com estranheza para Ariane e sorriu. Seus olhos viram tanto as brancas linhas de tensão ao redor dos lábios femininos, como a tensão dos dedos que se agarravam à cesta.

—É uma tarde muito fria para recolher ervas, lady Ariane.

—Eu gosto do frio; e algumas ervas se colhem melhor a esta hora.

—Isso diz lady Margaret

—Está no jardim de ervas agora?

—Acredito que sim.

—Obrigado.

Harry tocou a fronte com os dedo, como uma breve saudação, antes de abrir a portinhola para que Ariane saísse.

A jovem deixou para trás a muralha com passos tão velozes como o vento. Quando chegou à bifurcação do caminho, tomou o caminho que levava ao jardim de ervas, e até que não esteve fora dos olhos de Harry não se virou, tomando um estreito caminho que levava ao rio Blackthome. Não tinha o menor desejo de enfrentar os verdes olhos glendruid da senhora da fortaleza de Blackthome.

Ariane não era a única que se sentia atraída pelo rio. Alguém não tinha se preocupado de abrir um atalho através das samambaias, douradas pela crueldade de um outono convertido em inverno. O abrupto lugar em que terminava o caminho estava povoado por elegantes bétulas e carvalhos.

As árvores ainda conservavam algumas de suas folhas, embora a maioria estava no chão. Mais folhas flutuavam no rio e ficavam presas entre os caules que beiravam as margens. Ariane passeou pela dourada paisagem até descobrir um banco natural de rocha que não era visível do caminho. O brilho da superfície da pedra sugeria que a pessoa observava o fluxo da água desde que o rio Blackthorne caminhasse de volta para o mar.

Com um suspiro cansado, Ariane se acomodou na pedra polida pelo tempo. A cesta vazia caiu de seus dedos. Por um instante só existiram o som do rio

formando redemoinhos graciosamente sobre as pedras e o vento jogando com os ramos nus.

Devagar, tirou a harpa e começou a tocar. Os sons que criava harmonizavam-se com o vento, o rio e o outono, formosos mas desolados pela certeza da cercania do inverno.

Pouco a pouco, os pensamentos de Ariane voltaram para o pesadelo que não tinha terminado ao chegar o fim do dia, o pesadelo que não tinha fim, o pesadelo de não entender o que tinha acontecido, e quando e como pôde desaparecer seu dote.

Com os olhos fechados, deixou que a harpa expressasse por ela as dolorosas traições às quais tinha sido submetida e que possivelmente a seguiriam até a tumba ou ainda mais à frente.

—Estava certo de que tinha que ser você que tocava a harpa, embora sua música é muito mais triste que antes. Sentiu minha falta, Ariane?

A música cessou de repente como interrompida por uma espada, Geoffrey, Meu Deus, não pode ser!

Os olhos de Ariane se abriram de repente. Seu pesadelo estava, efetivamente, ante ela: um enorme cavalheiro, com o manto jogado para trás para revelar a armadura que o protegia.

Geoffrey o Justo.

Alto, forte, com um rosto incrivelmente belo, amado por servas e damas da nobreza , e um lutador mortal, capaz de enfrentar três inimigos de uma vez. Seu estômago deu um pulo ao ver seu violador ali, de pé, orgulhoso frente a ela. A bílis obstruiu sua garganta e um suor gelado cobriu sua pele.

—Pensava que tinha me libertado de você —respondeu com sinceridade.

Geoffrey sorriu, como se Ariane houvesse dito que o amava e deixou que seus olhos azuis admirassem o brilhante negro de seu cabelo, a incomparável beleza de seus olhos violeta e a pronunciada curva de seus lábios.

—Nem sequer sabe quanto te desejo, o muito que desejo voltar a morder essa boca —disse Geoffrey— Sonhei te ouvir gemer e ver você sangrar, enquanto lambo o sangue como um cão faminto.

A jovem lutou contra as náuseas. Sabia que devia utilizar a inteligência para poder defender-se dele, já que ninguém mais o faria.

Não importava o que ocorresse, desta vez gritaria e amaldiçoaria, e suas unhas rasgariam o sorridente rosto de Geoffrey.

—O que quer? —espetou Ariane.

—A você.

—Eu não.

Geoffrey riu.

—Já vejo que continua sendo pudica.

—Estou casada.

O cavalheiro encolheu os ombros, fazendo com que a cota de malha se movesse e brilhasse sob a rica luz outonal.

—Seriamente? E de quem é amante?

—Ao contrário de você — atacou Ariane— eu tenho honra.

—Seriamente? Então, por que chegou desonrada ao seu marido?

—Porque você me violou!

O sorriso que Geoffrey dedicou-lhe era o mesmo que Ariane tinha achado encantador tempos atrás. Mas agora não. Agora lhe revolvia o estômago que um homem pudesse parecer tão agradável, e entretanto ter a alma e a sensibilidade de um porco.

—Te violar? Não — provocou Geoffrey, esfregando as mãos cobertas por manoplas— Seduziu-me com sua beleza. Deitei-me aturdido pelo vinho e despertei com suas mãos em minhas calças.

— Mentiras!

—Não é necessário que tente parecer inocente. Estamos sozinhos.

—Por que então se incomoda em mentir? —perguntou Ariane, mordaz.

—Mentir? Eu só digo a verdade. Sou eu que despertou sob seu corpo faminto de mi...

—Mentiras de novo! —gritou.

—Ah, faço suas bochechas ruborizem.

—Não, faz com que me dê vontade de vomitar.

Geoffrey lançou uma gargalhada.

—Manterei sua boca ocupada para que isso não aconteça.

De repente, Ariane se deu conta de que atormentá-la divertia e excitava Geoffrey. As náuseas voltaram a invadi-la com mais urgência. Saber que aquele bastardo desfrutava de seus inúteis esforços de livrar-se dele tinha sido uma das piores parte do pesadelo de Ariane.

—Como? Não vai protestar mais? —zombou Geoffrey— Significa que quer...?

— Perdê-lo de vista? Sim, fervorosamente. Vai a pé? Se for assim, proporcionarei um cavalo, se prometer se afastar de meus olhos.

Não havia emoção na voz de Ariane, como tampouco em seu rosto, exceto a embargada ira que tingia suas bochechas de vermelho.

—Deixei meu cavalo no bosque para investigar o som de uma harpa que acreditei não voltar a ouvir nunca.

—Então volte. Prometo não seguí-lo.

—Fere-me com suas palavras — zombou Geoffrey, colocando a mão no coração— Venho reclamá-la assim que me curo de minha enfermidade, e agora me rechaça.

—Simon já me reclamou.

—Esse covarde —bramou ele, desdenhando Simon com uma careta de seus lábios.

Ariane inspirou, incrédula ante o desdém impresso na voz e na expressão de Geoffrey.

—Meu marido é o cavalheiro mais valente que conheci — defendeu-o, recordando como Simon enfrentou cinco renegados para que ela pudesse escapar.

—É? E por que não mata sua infiel esposa e atira ao mar?

—Nunca fui infiel!

—Sério? Chegou a ele desonrada por outro homem. E os rumores dizem que nega-se a entregar seu corpo seu marido porque ainda deseja seu primeiro amante.

—Desejo ver os abutres devorá-lo até os ossos!

—Sabendo que não é virgem e que rechaça seu marido, quem vai acreditar que não segue sendo minha amante? —perguntou com um sorriso angélico.

Se Ariane já estava pálida, as palavras de Geoffrey a deixaram lívida. Com uma calma fingida, guardou a harpa, jogou a capa nas costas e se levantou. Lamentava com cada pulsar de seu coração não ter levado consigo a adaga.

É uma lástima que o tecido Iniciado não previsse a necessidade de levar uma arma com este vestido, lamentou-se com pesar. Trocaria a harpa por minha adaga. Dirigiu-se para o atalho com passos decididos, mas Geoffrey permaneceu imóvel , bloqueando a saída.

—Está no meio do meu caminho —assinalou tranqüila.

—E não me moverei, até ter conseguido o que quero, percorri um longo caminho para voltar a ver suas coxas abertas.

—Antes, terá que me matar.

Geoffrey rompeu a rir, mas sua risada se desvaneceu ao ver a segurança nos selvagens olhos ametista da jovem.

— Disse a seu marido? —perguntou, cruel.

—Que me violou?

—Que estive entre suas pernas, até que fiquei muito fraco para voltar a me levantar.

—Se minha memória não me engana, suou como um porco para te levantar sequer uma vez. Não entendo como pode se gabar tanto dessa penosa parte de seu corpo que mal pode utilizar.

A branca pele de Geoffrey se tornou avermelhada e seus sorridentes lábios se transformaram em uma careta.

—Mas claro, o que poderia esperar de um covarde que primeiro droga e logo viola uma virgem? —continuou Ariane com suavidade— Nem sequer merece chamar-se homem.

Geoffrey levantou a mão e Ariane sorriu, como a feiticeira que foi uma vez.

—Põe a prova minha paciência —resmungou, ele entre dentes.

—Você põe a prova meu estômago.

—Tanto deseja voltar a sentir meus punhos?

—O que de verdade desejo é ver-te no inferno.

Erguida, com um brilho de desafio no olhar, Ariane aguardou que Geoffrey perdesse a paciência, como fazia sempre que se sentia frustrado.

Mas, em algum lugar entre a Normandia e as terras da fronteira, aquele bastardo tinha aprendido a ser cauteloso. Olhou com atenção para Ariane, como se tivesse esperado encontrar algo muito diferente.

E, certamente, assim era. A chorosa e desolada moça de suas lembranças quase se fundiu com a sela, para evitar que Geoffrey percebesse sua presença durante a viagem da Normandia a Inglaterra. Tinha falado com tão pouca freqüência, que os cavalheiros tinham começado a apostar sobre quando diria uma palavra.

—É uma lástima que tenha recuperado sua língua ferina — lamentou Geoffrey— Nunca gostei dessa parte de você.

—Obrigado.

—Seu pai está aqui? —exigiu saber— Por isso tem tanta coragem?

Ariane piscou, perplexa com a mudança de direção da conversa. Geoffrey sempre estava melhor informado que ela sobre os movimentos de seu pai.

—Por que me pergunta isso ? —replicou.

—Responda-me, ou me aproximarei do castelo e contarei ao seu marido que hoje veio me ver, para suplicar que a transformasse em minha amante! —ameaçou-a.

—Simon não...

—Acreditaria em mim? —interrompeu Geoffrey zombando— Já tentou com seu pai, o homem que melhor te conhecia. Ele acreditou em você?

Ariane fechou os olhos e se balançou, como se a tivessem golpeado. A voz de Geoffrey estava impregnada de sinceridade e preocupação, e só ela tinha descoberto, a um alto preço, que não era mais que um hábil mentiroso.

—Não —prosseguiu Geoffrey com voz suave— Seu pai acreditou em mim , a pobre vítima de sua promíscua filha. O frasco com a poção amorosa, que você mesma jogou em meu vinho, ainda estava entre seus lençóis manchados de sangue, esperando que seu pai e o sacerdote o vissem. E o fizeram, verdade?

Geoffrey riu , com a malícia que reservava para as rameiras e os servos.

Ariane desejava tapar os ouvidos, mas não daria aquela satisfação aquele desafortunado. Ambos sabiam muito bem em quem tinham acreditado, e quem tinha sido traída. Simon acreditaria em minha inocência? Você, que odeia qualquer tipo de bruxaria? Você, que fala com tanta crueldade sobre estar escravizado por uma mulher? Especialmente uma feiticeira. E se acreditasse em mim... Então o quê? Desafiaria Geoffrey para determinar quem diz a verdade e quem mente?

A idéia a cobriu de novo de um suor frio. No passado tinha pensado muitas vezes em vingar-se de seu violador, mas já não acreditava que a verdade fosse um escudo útil contra as mentiras, especialmente aquelas proferidas por um cavalheiro como Geoffrey, que tinha matado muitos homens. Desfrutava vendo sua espada coberta de sangue e procurava a morte de seus inimigos com um anseio difícil de determinar.

Não importava o quanto seu marido fosse hábil, Geoffrey lhe ultrapassava em peso e altura; e o que era mais importante ainda, Simon carecia da sede de sangue do cavalheiro normando.

—Os rumores dizem que o barão Deguerre está na Inglaterra —disse Ariane sem emoção alguma na voz.

—Então, se dirige à fortaleza de Blackthorne.

—Ninguém me informou diretamente.

—Por que ia ser assim? Seu pai não te quer.

Ariane guardou silêncio ante aquela verdade. Se seu pai a quis alguma vez, já não era assim. As últimas palavras que lhe tinha dirigido deixavam bem claro. Rameira. Se me atrevesse a te matar, eu o faria!

—É evidente que não faria uma viagem tão longa para ver a filha que o desonrou —assinalou Geoffrey como se lesse a mente de Ariane.

—Possivelmente, procura uma aliança com o rei inglês em lugar de com o rei dos escoceses.

—É mais provável que seu pai tenha cheirado debilidade em algum lugar —aventurou-se Geoffrey, enquanto um lento e cruel sorriso curvava seus lábios.

Ao notar que já não era seu centro de atenção, Ariane começou a rodeá-lo procurando manter-se fora de seu alcance.

—É obvio —concluiu Geoffrey— Você.

—Acha que, por fim, acredita em mim? —inquiriu Ariane, surpresa.

—Acha, quer dizer, que me drogou e que deitou sob meu corpo.

Mordendo a língua para controlar a raiva que ameaçava transbordar, Ariane se afastou um pouco mais do alcance de Geoffrey.

—Você é a debilidade que ele fareja.

—Está louco.

—Não, simplesmente sou mais inteligente que outros homens — afirmou cortante— O barão sabe que a casou desonrada; entretanto, não houve protesto público algum.

Geoffrey refletiu durante uns instantes, ao mesmo tempo que brincava com seu lábio inferior com o polegar e o indicador, e logo rompeu a rir com a mesma crueldade com que tinha sorrido.

—O lobo dos glendruid e seu fiel cachorrinho devem ser mais fracos do que aparentam —acrescentou em voz baixa— Pode estar segura de que seu velho e ardiloso pai sabe, e que se aproveitará disso.

Ariane olhou ao chão, temerosa de que Geoffrey visse a verdade confirmada em seus olhos. De fato, era evidente que a Dominic preocupava seu controle sobre as terras da fronteira, ou não teria sacrificado seu leal irmão, mediante um matrimônio que tampouco procurava.

Merece uma esposa melhor que esta fria herdeira normanda. Mas a resposta de Simon a Dominic tinha sido rápida e dolorosamente pragmática. Blacktborne merece algo melhor que a guerra, irmão. E você também. Estou seguro de que o casamento não pode ser pior que o inferno que teve que suportar nas mãos do sultão, para me resgatar.

Ariane procurou ver o movimento da mão de Geoffrey pelo canto de seus olhos entreabertos, mas já era muito tarde.

Antes que pudesse afastar-se, o cavalheiro normando atirou-se com força contra a jovem e se aproximou tanto que sua armadura não a deixava respirar. O fedor a vinho rançoso obrigou-a a respirar com dificuldade. Muito perto, podia ver que a bebida e o que quer que corroesse sua alma, esvaiam lentamente a beleza angélica do rosto de Geoffrey. Sua pele estavam rasgadas , os vasos sangüíneos tinham arrebentado em seu nariz, deixando traços vermelhos, e seu fôlego cheirava pior que um esgoto.

— A Inglaterra não o tratou bem —disse Ariane entre dentes— Volte para a Normandia, onde existe pessoas que ainda acreditam em suas mentiras.

—Tenho os olhos postos em uma viúva nobre.

—Então, solte-me e vá cortejá-la.

Geoffrey sorriu.

—O cortejo terminou; o que ainda falta é a viuvez. Mas não demorará muito e Carlysle será meu, e você com ele. Será como seu pai sempre quis.

—Se desafiar Simon e ele morrer, o lobo dos glendruid o matará.

—Eu sobreviverei, mas será Simon que me desafiará. Lorde Dominic não poderá reclamar vingança!

—Volte para a Normandia —repetiu Ariane— Simon nunca o desafiará; o lobo dos glendruid não permitiria.

—Não terá nenhuma outra opção. Você se assegurará disso.

—Eu? Nunca!

—Seriamente? Por fim, vai admitir que não a violei?

Sorrindo, Geoffrey se despojou de uma manopla e colocou a mão por debaixo do manto de Ariane, afundando seus dedos entre as coxas femininas. O sorriso de seus lábios se converteu imediatamente em uma careta de surpresa e dor. Retirou sua mão e soltou a jovem tão rápido que ela cambaleou.

—Deus! —Geoffrey esfregou as mãos com aspereza sobre a cota de malha— Desde quando usa cilício e urtigas? Maldita rameira, provoca-me bolhas nos dedos!

Ao ver-se livre, Ariane recuperou o equilíbrio e pôs-se a correr para o castelo antes que Geoffrey pudesse reagir.

—Volte aqui! —gritou ele furioso.

A jovem recolheu as saias e correu ainda mais rápido, sentindo que a harpa golpeava suas costas em cada passo.

Amaldiçoando e lambendo a mão, Geoffrey correu para o seu cavalo que tinha amarrado e escondido em uma arvoredo próximo. Sabia que alcançaria a sua presa antes que chegasse ao castelo. Ariane também.

Assim que a jovem chegou a um matagal de samambaias, sarças e carvalhos, olhou por cima do ombro para ver se Geoffrey a seguia.

Não era assim. O cavalheiro normando dava as costas e corria para o arvoredo do qual os soldados do castelo tiravam a maior parte da madeira.

Tal e como Ariane esperava, Geoffrey tinha preferido persegui-la a cavalo, já que a pé ficaria mais lento pela armadura, o elmo e a espada.

Com cuidado de não ser vista, desviou-se do caminho e entrou no bosque. Os arbustos atravessavam o manto e arranhavam o vestido, mas não se enganchavam. O resistente tecido agüentou mesmo os espinhos mais afiados.

Quando esteve segura de que ninguém podia vê-la no caminho que levava ao castelo, deixou-se cair de joelhos e lutou para respirar.

Grossas mechas negras caíam sobre os olhos devido a corrida.

Impaciente, retirou o cabelo do rosto e apertou com força o flanco, que lhe doía terrivelmente.

Assustada de que pudesse ter aberto a ferida, desabotoou o vestido até que pôde ver a cicatriz, sob seu seio.

Não havia sangue. De fato, a cicatriz era uma pálida linha contra a suavidade de sua pele. Suspirando, Ariane se recostou um instante sem dar-se conta de que o leito de folhas e terra úmida manchava seu manto.

Logo a jovem pôde ouvir algo mais que os batimentos de seu coração e sua respiração entrecortada, e ficou um pouco mais cômoda, à espera de escutar os gritos das almenas de Blackthome quando os sentinelas vissem Geoffrey.

O murmúrio do rio ficava baixo pelas chamadas dos pássaros que se agrupavam para passar a noite. Uma carreta, cujo eixo precisava ser engrachado, chiava no caminho, mas mesmo assim, os gritos dos sentinelas de Blackthome se escutavam por cima do maltratado veículo.

Ariane inclinou a cabeça para ouvir melhor. Um vento caprichoso levou o significado das palavras do sentinela, trazendo-as de novo. Geoffrey tinha sido avistado, o que significava que não tinha outra opção que dirigir-se abertamente para a muralha.

Estava a salvo. Geoffrey era muito inteligente para maltratá-la em público, e ela se ocuparia de que nunca pudesse encontrá-la a sós.

Com um suspiro de alívio, Ariane se levantou e se envolveu na capa. Sacudiu o tecido, com impaciência e, aconchegou-se ainda mais no manto, partindo para o castelo.

***

CAPíTULO 24

Sentindo que havia alguém a suas costas, Simon afastou a vista do estranho cavalheiro que galopava para a ponte levadiça e se voltou. Dentre as sombras da soleira, surgiu o rosto de fortes ossos de Sven e o brilho de seus olhos.

—Ouvi que se aproxima um cavalheiro —disse Sven.

—Sim. Um sentinela o avistou saindo do arvoredo do rio.

Em silêncio, ambos os homens aguardaram de pé para poder ver melhor o cavalheiro. Enquanto esperava, Simon acariciava ausente o queixo de Outono, a enorme gata tricolor que rodeava seu pescoço. O lombo do animal parecia um mosaico branco, laranja e negro.

O cavalheiro se aproximava do castelo a trote. Montava um cavalo de guerra e estava completamente armado, embora não trouxesse escudeiros. Sua lança levava uma puída insígnia e seu escudo parecia golpeado e escurecido pelo uso.

A gata levantou a cabeça e o observou aproximar-se com uns atentos olhos laranjas. Os olhos do próprio Simon se estreitaram, como se pressentisse um perigo iminente.

—Pode ser que seja um dos cavalheiros do barão Deguerre, que vem nos avisar da visita de seu senhor —comentou com voz tranqüila.

—Não ouvi falar de nenhum cavalheiro desse tamanho —respondeu Sven— exceto do renegado que escapou de Erik e de você, entrando nas terras do clã dos Silverfelk.

Simon grunhiu.

—Assemelha-se bastante, mas leva as cores de seu senhor no escudo e na insígnia.

A cruz do escudo estava imprecisa e muito desfigurada, entretanto, ainda estava ali, à vista de todos.

—É certo —conveio Sven.

O cavalheiro virou-se para o caminho de carretas que levava diretamente ao fosso de Blackthome. Embora a ponte levadiça estivesse baixada, a entrada no pátio de armas se achava fechada. Só a portinhola estava aberta, e era muito pequena para permitir a entrada de qualquer um.

—São as cores de Deguerre —assinalou Simon.

—Certo, uma cruz branca sobre um fundo negro.

Simon olhou por cima do ombro para o pátio de armas. A pelagem de Outono roçou sua bochecha, e ele devolveu a carícia. O grave ronronar do animal retumbava na garganta do guerreiro.

Embora um número incomum de habitantes do castelo tinha encontrado uma desculpa para sair ao pátio para contemplar o estranho cavalheiro, Simon não conseguiu ver Ariane. Olhou para a parte alta do castelo. As venezianas da jovem estavam entreabertas.

Sven seguiu o olhar de Simon.

—Sua esposa está recolhendo ervas — informou.

Simon girou a cabeça de repente para olhar seu amigo, cujos traços evidenciavam sua herança viking. Depois do próprio Simon, era o cavalheiro de maior confiança de Dominic.

—Está seguro? —perguntou.

—Sim, Harry mencionou isso.

—Que estranho —murmurou Simon— É a primeira vez que minha esposa mostra interesse pelo jardim.

Levantou uma mão e começou a acariciar Outono de novo. As garras emergiam e se ocultavam em um êxtase rítmico, embora os olhos da gata não se separassem do cavalheiro que se aproximava.

—Por isso Harry comentou —aduziu Sven— Disse que a sentiu muito tensa.

Simon não respondeu.

—Mas não é de estranhar, considerando o ocorrido na armería — disse Sven, com um sussurro.

Simon dirigiu um olhar de advertência a seu amigo. Dominic tinha exigido que só Sven soubesse a verdade sobre o dote e a desonra de Ariane, mas Simon sabia que os rumores podiam correr como a pólvora.

Não se tratava de que seu amigo fosse falar demais. Sven guardava muitos segredos, relacionados com Dominic e jamais o tinha traído. Aquela era uma das razões pelas quais o cavalheiro era tão valioso para o lobo dos glendruid.

Com o grave ronronar da gata contra seu pescoço, Simon voltou a observar o estranho cavaleiro solitário, através da portinhola aberta. Agora estava bastante perto para distinguir detalhes de sua cota de malha e de suas armas.

—Tenho a sensação de tê-lo visto antes —disse com suavidade.

—Os cavalos de guerra cinzentos são muito freqüentes nestas terras.

—Pergunto-me onde estarão seus escudeiros —refletiu Simon— É evidente que lutou recentemente, mas não parece que careça de recursos. Com certeza, tem servos.

—Possivelmente seu escudeiro forme parte do séquito de Deguerre.

—O dever de um escudeiro é permanecer junto a seu cavalheiro.

—Possivelmente este cavalheiro e seu escudeiro fossem parte da escolta de lady Ariane — limitou-se a dizer Sven— Não foram muitos que sobreviveram.

—E os que o fizeram careciam de maneiras —analisou Simon— Deixaram Ariane e a sua donzela no pátio de armas de Blackthome e partiram, sem ficar nem para comer um pedaço de pão.

—Deveram sentir-se pouco merecedores de ajudar a abrir as arcas do dote —apontou Sven em tom neutro.

Simon soltou uma maldição em sarraceno que atraiu um olhar de soslaio de seu amigo.

A gata movia sua larga cauda em sinal descontente, lhe indicando a seu dono que não a estava acariciando como devia.

—Sim, possivelmente fora isso —conveio Simon— É uma lástima. Tivesse-me gostado de discutir com eles sua falta de cortesia.

—Aqui tem sua oportunidade —disse Sven fazendo um gesto para o homem que freava o cavalo no fosso defensivo— É um cavalheiro grande e robusto a cavalo. Poderia interrogá-lo com sua espada até que se cansasse de fazer exercício.

—Uma perda de tempo.

—A esgrima? —disse Sven, horrorizado.

—Não, interrogar a um caipira desse tamanho. A experiência me diz que o cérebro e a força estranha vez cavalgam juntos, à exceção de meu irmão.

—Sua mente é inclusive mais rápida que a do lobo dos glendruid.

—Mas meu corpo não é tão forte.

—Oxalá todos nossos cavalheiros tivessem sua força e velocidade —desejou Sven.

Simon sorriu. Era apenas uns centímetros mais baixo que seu irmão, e sabia bem.

—Vou receber ao cavalheiro? —perguntou Sven.

—Não, faremos juntos.

Sven olhou de esguelha a seu amigo com uns olhos azuis tão claros que quase pareciam incolores. Embora os dedos de Simon seguiam mimando ao

gato, seu escuro olhar estava concentrado por completo no estranho cavalheiro.

—Memoriza seus rasgos até que possa chegar a reconhecê-lo a cinqüenta metros na escuridão —ordenou Simon em um tom que só Sven pôde ouvir.

—Sim, milorde.

—E Sven.

—Sim?

—Se lhe permitimos entrar no castelo, não o perca de vista em nenhum momento.

—O que ocorre? —murmurou Sven em voz baixa— O que vê que eu não vejo?

—Nada. É uma sensação.

Sven riu brandamente.

—Uma sensação? Tome cuidado, Simon.

—Por que diz isso?

—Vive com bruxas. Sempre o vejo acompanhado por gatos e agora tem sensações. Logo terá premonições.

—Que estupi…!

Simon se interrompeu de repente ao dar-se conta de que ia pronunciar as mesmas palavras que Ariane tinha usado ao referir-se ao amor.

Um sombrio sorriso deformou os lábios de Simon. Duvidava que sua esposa sentisse amor pelo homem que a tinha desonrado.

Casou-se com outra, Ariane? É por isso pelo que lhe traíram! Entregou seu corpo pensando que estava apaixonada?

Fazendo um esforço, Simon centrou seus pensamentos no cavalheiro que se impacientava por momentos pela falta de uma saudação hospitalar.

—Não abra a porta principal até que dê o sinal —ordenou Simon a Harry, que permanecia esperando a uns metros de distância— Então, abre só um portão, depois de tudo, só há um cavalheiro.

—Que vejamos —murmurou Sven.

—Sim, milorde! —gritou Harry.

—Se lhe deixamos entrar —assinalou Sven com suavidade— descobrirá que não dispomos de suficientes cavalheiros.

E se não lhe deixamos entrar, insultaremos a meu sogro. Sven grunhiu.

—Tranqüilo —disse Simon— É bom ter ao inimigo perto.

Sven soltou uma gargalhada e seguiu Simon através da portinhola. Caminharam juntos um ao outro e cruzaram a ponte para receber o estranho cavalheiro cuja cota de malha brilhava sob o pesado manto.

A gata, com seus sábios olhos laranja muito abertos, permanecia acoplada nos ombros de seu dono. Apesar que as mãos de Simón tinham deixado de acariciar a Outono e repousavam sobre a espada, o felino não protestou, limitava-se a observar fixamente ao estranho cavalheiro como se fosse sua próxima presa.

—Como o chamam? —perguntou Simon do lado da ponte levadiça mais próxima ao castelo. Sua voz era educada, sem mais.

Tivesse preferido que nenhum desconhecido entrasse na fortaleza de Blackthorne até que Dominic dispusera de mais cavalheiros e mais bem treinados.

—Geoffrey o Justo, vassalo do barão Deguerre —respondeu o enorme cavalheiro. Seu sorriso era visível do outro lado da ponte— É esta a legendária fortaleza de Blackthorne, lar do lobo dos glendruid?

A admiração no tom de Geoffrey teria desarmado à maioria dos homens, mas Sven não se deixou enganar. A adulação era uma das ferramentas mais úteis de um espião.

Simon tampouco se deixou enganar, embora a razão era que Geoffrey lhe desagradava profundamente. Não poderia haver dito por que, só sabia que lhe desagradava com tanta segurança como sabia que Outono já não ronronava atrás de seu pescoço.

—Sim, esta é a fortaleza de Blackthorne e eu sou Simon, o irmão de Dominic O Sabre. O cavalheiro que me acompanha é Sven, um de nossos melhores guerreiros.

—É uma honra os saudar —respondeu Geoffrey.

—Está seu senhor muito longe? —inquiriu Simon.

—Não estou seguro.

—Quantas pessoas formam seu séquito? Devemos informar à cozinha, ao falcoeiro e ao guarda-florestal de quantos convidados deveremos alimentar.

—Tampouco sei —respondeu Geoffrey esfregando o rosto com a mão em um gesto de profundo cansaço— Perdoem minha falta de informação —se desculpou em tom grave— Pertencia à escolta de lady Ariane em sua viagem desde a Normandia. A enfermidade...

—Ouvimos falar disso.

—Muito recentemente que me recuperei —seguiu Geoffrey— cavalguei duro para chegar a este castelo e me perdi duas vezes.

—Seriamente?

—Sim, mas tropecei com um mascate a quatro dias daqui em direção norte, ou possivelmente foram cinco dias ou seis, e pode que não se tratasse do norte...

Sven e Simon trocaram um olhar e Geoffrey sacudiu a cabeça para esclarecer as idéias.

—Sinto muito. Aquela maldita enfermidade quase acabou comigo, e ainda estou débil. É um alívio ter encontrado por fim a fortaleza de Blackthorne.

Sven e Simon se olharam de novo.

—Está lady Ariane aqui? —perguntou Geoffrey rompendo o incômodo silêncio que se instalou entre os três homens— Ela comprovará minha identidade. Somos velhos amigos.

O fugaz sorriso de Geoffrey ao pronunciar a palavra «amigos» não ajudou a melhorar o rechaço de Simon para o inoportuno cavalheiro.

Por outro lado, não seria inteligente ofender ao barão Deguerre lhe negando hospitalidade a um de seus cavalheiros, em especial a um doente. Desejava deixar fora das muralhas de Blackthorne ao vassalo do pai de Ariane, pois ninguém conhecia a vulnerabilidade de Dominic melhor que Simon.

Por essa razão me ofereci como substituto de Duncan no altar. Necessidade, não desejo.

Entretanto, Simon sabia que aquilo era só a metade da verdade, e a metade menos importante. Inclusive quando Ariane ainda estava prometida a Duncan, Simon a tinha desejado até o ponto de despertar suando, dolorosamente excitado e com os dentes apertados para controlar um gemido de necessidade. Ainda o fazia.

Com um gesto brusco, Simon deu o sinal para que deixassem passar o cavalheiro normando.

—Obrigado, milorde —correspondeu Geoffrey apressando seu cavalo para diante— O barão se sentirá agradado com sua hospitalidade, já que me tem em muita estima.

Enquanto as ferraduras do cavalo ressonavam ocas contra a madeira, Sven deu um breve golpe na mão de Simon; um sinal silencioso que utilizavam em Terra Santa para caçar sarracenos de noite.

—Vem alguém mais —indicou em voz baixa, Simon entrecerrou os olhos para protegê-los do mortiço sol e distinguiu uma silhueta feminina que se aproximava do castelo de um caminho pouco transitado.

—Ariane —murmurou ao ver a elegância dos movimentos da mulher.

—O jardim de ervas está em outra direção.

—Sei.

Uma moço de quadra se apressou a encarregar-se do cavalo de Geoffrey, mas o cavalheiro o ignorou ao divisar a figura que se aproximava da ponte levadiça.

—Ariane! —exclamou remarcando cada sílaba—Por fim!

Desmontou com incrível agilidade e sorriu como se sentisse uma grande alegria. Não foi até que viu os frios olhos de Simon que pareceu recordar que Ariane estava casada com ele.

—Me perdoem —se desculpou Geoffrey apagando seu sorriso— Devo lhes confessar que Ariane é a razão de que viesse a Blackthome antes de ir procurar ao barão. Gosto muito de sua companhia.

—Então, por que não se dirigiu ao castelo do Círculo de Pedra? —interrogou-o Simon— Ali é onde reside Duncan de Maxwell.

Geoffrey ficou em branco um instante.

—Mas... né... —esclareceu-se garganta e seguiu falando— O mascate me assegurou que Ariane havia se casado com outro cavalheiro porque Duncan tinha sido enfeitiçado.

—Isso dizem —reconheceu Simon.

—Vocês deveriam saber — espetou Geoffrey.

—Por que?

—Se for o irmão do lobo dos glendruid, foi você quem se casou com Ariane!

—Encontraram um vendedor muito bem informado —se limitou a dizer Simon.

—Dou-lhes o parabéns, milorde.

—Pode mudar a menos… a menos — disse Geoffrey jovial — sou suspeito — continuou — a não ser que Ariane tenha saudades de casa ou de seu primeiro amante, a ponto de ser incapaz de suportar o toque de outro homem.

—Poucos homens têm a boa fortuna de casar-se com uma mulher tão bela, rica e apaixonada —acrescentou Geoffrey ignorando a qualidade de Simon— É um milagre que possam lhes pôr em pé atrás para passar toda a noite entre seus...

Geoffrey pareceu voltar a dar-se conta tarde do rumo que tomavam suas palavras. Tossiu, encolheu os ombros e dedicou um falso sorriso a Simon.

—Não tenho queixa alguma de minha esposa —disse Simon em tom neutro.

—É obvio que não. É justo o que lhe disse ao dono da estalagem onde passei a noite quando me falou de um matrimônio frio e arrumado apressadamente —continuou Geoffrey em tom pesaroso— Uma mulher tão apaixonada como Ariane não seria capaz de manter-se afastada do leito de seu marido.

Apesar de que Simon permaneceu impertubável ante as imprudentes palavras de Geoffrey, Sven começou a calcular mentalmente as medidas do ataúde do cavalheiro.

—A não ser, é obvio —continuou Geoffrey jovial— que Ariane tenha saudades a seu primeiro amante até o ponto de não poder suportar que outro homem a toque.

—Não tinha conhecido nunca a ninguém que falasse tanto —interveio Sven.

—Isso é algo que a morte pode corrigir —assinalou Simon.

—Ofendi-lhes? —Geoffrey fingiu surpreender— Lhes asseguro que só tenho dito o que penso.

O sorriso de Simon era tão gélido como o inverno.

—Não pretendia o ofender —afirmou Geoffrey despreocupado— Se minhas torpes palavras sobre a natureza sensual de sua esposa o incomodam, procurarei estar mais atinar com meus elogios no futuro.

Sven lançou uma breve olhada para Simon, procurando um sinal de como dirigir ao cavalheiro cuja língua cumprida era pior que qualquer insulto, e, apenas um segundo depois, os dedos de seu amigo roçaram casualmente sua espada lhe indicando que deviam estar prevenidos.

—Boa noite, Ariane —saudou Simon olhando além de Geoffrey— desfrutaste do jardim de ervas?

—Ah, minha querida amiga —disse Geoffrey voltando-se com rapidez. Se soubesse o muito que te quero bem, e o que fiz. Não morreria por pouco se soubesse que inconstante de vê-la nunca mais.

—Se isso fosse certo —replicou Ariane apressando-se a colocar-se entre Simon e Sven— encerraria-me em meu quarto até que morresse.

—Suas palavras me feririam se não conhecesse a verdade. — Geoffrey sorriu amplamente— Uma mulher casada é uma mulher cautelosa, sobre tudo em presença de seu marido, não é assim?

—Decidi tocar a harpa junto ao rio —informou Ariane a Simon, ignorando Geoffrey.

—Ah, isso o explica —refletiu Geoffrey assinalando as folhas e ramitas aderidas ao manto da jovem— Deveria tomar cuidado. Um marido ciumento pensaria que te adentrasse no bosque em busca de seu amante.

Ariane empalideceu e olhou para Simon horrorizada. O sangue gelou em suas veias ao ver o rosto de seu marido; jamais o tinha visto tão furioso, nem tão distante.

—Simon é um homem inteligente e não se deixa levar pelas emoções — afirmou a jovem em voz baixa.

—É bom que o conheça tão bem —comentou Geoffrey em tom sério— Alguns pensariam que é a covardia, e não a inteligência, a que guia a seu marido.

Sven pronunciou algo em sua arruda língua materna.

—Este amável cavalheiro —disse Simon dirigindo-se a Ariane— acredita que seu pai o tem em grande estima. É certo?

—Sim —respondeu a jovem sem tentar ocultar a amargura de sua voz.

—Em quanta estima?

—Toda a que é capaz de sentir.

—É uma lástima — resignou Simon— Preferiria que os porcos se alimentassem dele que alimentá-lo a ele com um de nossos porcos esta noite.

—Estão-me insultando? —exigiu saber Geoffrey.

—Por que insultaria um homem como eu a um cavalheiro como você? — perguntou Simon.

—Porque suspeitam que sua esposa está apaixonada por mim. Porque…

—Não! —negou Ariane com voz quebrada.

—...suspeitam que sou o amante de sua esposa. Porque suspeitam...

Ariane proferiu um som que era tanto o nome de Geoffrey como uma feroz maldição.

—...que ela é fria com você —continuou Geoffrey elevando a voz por cima das interrupções—, porque não pode suportar que outro homem a toque depois de me haver conhecido!

Um detestável silêncio caiu sobre o pátio de armas atrás daquelas palavras.

Quão único evitou que Ariane cravasse suas unhas no sorridente semblante do Geoffrey foram as mãos de seu marido a segurando por ambos os braços por debaixo do manto. Embora lutasse, não tinha esperanças de poder liberar-se para causar do dano que desejava fazer. E tampouco podia desfazer o dano que já tinha sido feito.

—Se na verdade conhecem minha esposa como dizem —se limitou a dizer Simon—, é um milagre que não renegasse por completo os homens e decidisse ingressar em um convento.

Antes que Geoffrey pudesse responder, Simon se voltou para Sven.

—Guia a nosso convidado até o estábulo —ordenou que— Pode alojar-se ali com seu cavalo.

—Sim, milorde —respondeu Sven— por aqui.

Quando Geoffrey começou a protestar pelo incômodo alojamento, Sven cortou suas palavras.

—Se apresse —disse, seco— Temos tantos cavalheiros que a palha limpa desaparece logo.

Geoffrey duvidou um instante, logo encolheu os ombros e partiu atrás de Sven.

Ariane deixou escapar então um comprido e entrecortado suspiro. Desesperada, olhou para Simon desejando lhe explicar que Geoffrey tinha mentido, que... Mas as palavras morreram em seus lábios ao enfrentar à negra ferocidade dos olhos de seu marido.

—Me escute —lhe advertiu Simon— Me escute com muita atenção. O que quer que aconteça com nosso casamento é algo que não se pode mudar, mas se descobrir que me é infiel...

—Juro a você que Geoffrey mente!

—...foge antes de que o descubra. Corre rápido e vai para bem longe de Blackthome, ou te encontrarei e passaremos a eternidade juntos no inferno. Expliquei-me com claridade?

Ariane queria falar, mas a única palavra que conseguia atravessar o nó de sua garganta era o nome de seu marido.

—Já vejo que me entendeste. —Simon libertou os braços da jovem de repente e deu um passo atrás. Ela respirou entrecortadamente, sabendo que depois da fria cólera do guerreiro havia algo mais, muito pior, algo que ela também tinha conhecido: o cruel e destrutivo sabor da traição.

—Simon —murmurou dando um passo para ele.

—Feche o vestido —a interrompeu Simon cortante, afastando-se de seu contato— Não dê lugar a mais comentários e risadas do que já o tem feito entre as pessoas deste castelo.

Ao olhar Ariane para baixo e ver que os laços de seu sutiã entreaberto apareciam através da abertura do manto, sentiu que seu rosto se ruborizava intensamente.

—Não é o que pensa! — assegurou angustiada.

—O que penso é que tem muita sorte que o lobo dos glendruid valorize mais a paz que a guerra, e que eu valorize a meu irmão por cima de qualquer outra coisa.

—Doía-me a ferida —soluçou Ariane— Desabotoei o vestido para ver se tinha me machucado de novo!

—Também te doía a cabeça? —perguntou Simon com perigosa suavidade.

—A cabeça? —repetiu Ariane, surpreendida.

—Sim —respondeu ele, dando-a volta e afastando-se com fria determinação— Seu cabelo está mais desarrumado inclusive que o vestido.

CAPíTULO 25

Ariane abandonou a mesa do jantar e retirou-se a seus aposentos murmurando que estava cansada. Na realidade, não era capaz de seguir suportando as insinuações que Geoffrey lançava contra o orgulho de Simon frente aos cavalheiros do castelo.

Desolada, perguntou-se seu marido ainda pensaria que o casamento não era pior que o cativeiro que Dominic teve que suportar nas mãos do sultão.

A comida enfiada na bandeja que Blanche lhe tinha levado a seu quarto enquanto ela permanecia sentada com o olhar perdido, podia-se ouvir o ir e vir de passos no corredor que levava ao banho, mas a jovem não os escutava.

Nem sequer a harpa lhe servia de consolo. Resultava-lhe mais difícil suportar a dor e a humilhação de Simon que seus próprios sentimentos; não era responsável por sua própria agonia, mas sim era a causador da de Simon.

Quando bateram na porta, Ariane desviou a atenção de seus negros pensamentos.

—Quem? —perguntou.

—Sou Blanche.

—Entra —disse Ariane em tom monótono.

Quando a donzela entrou na estadia, bastou-lhe uma rápida olhada para saber que nada tinha mudado desde que se foi.

—Ainda não terminastes de comer, milady? —inquiriu um tanto impaciente.

—Não tenho apetite.

—E seu banho?

—Meu banho?

—Sim, milady—disse Blanche irritada— Lhes preparei o banho tal como solicitou e tirei sua camisola para dormir. Todos os serventes estão já

deitados. Com expressão ausente, Ariane desviou a vista de seu jantar sem tocar e olhou para sua donzela.

—Pedi que me preparasse um banho? —perguntou franzindo o cenho.

—Sim, milady. Explicaram-me que queria se banhar imediatamente depois de terminar de comer. Me disse que não podiam suportar que alguém ou algo lhes houvesse posto a mão na pele, e que devia se lavar sem importar o tarde que fosse.

—Ah.

Blanche esperou uns segundos, mas Ariane não disse mais nada.

—Milady?

—Desejas ir dormir?

—Se não se importar...

—Pode ir então.

—Obrigado, milady!

Com as bochechas ruborizadas e os olhos brilhantes de espera, Blanche se apressou a sair do quarto recordando que deveria fechar a porta atrás dela.

Ariane perguntou-se o novo amante de sua donzela, fora quem fosse, saberia que sua amante já estava grávida de outro homem. Possivelmente não se importasse. Possivelmente era suficiente compartilhar a risada reprimida de Blanche na escuridão, acariciá-la e ser acariciado em resposta, abraçar outro corpo e escutar o êxtase em cada lamento quebrado.

A jovem se levantou bruscamente e se despiu, tirando também os passadores do cabelo. Ao sacudir a cabeça, a seda negra de seu cabelo caiu como uma cascata por suas costas até os quadris.

Recolheu-o e começou a trançá-lo para o banho, mas perdeu o interesse atrás de uns quantos giros de sua mão. Assim que a soltou, a trança começou a soltar-se.

Estirou a mão para agarrar a camisola, entretanto, seus dedos procuraram os laços de prata do vestido Iniciado como se este a chamasse. Custava-lhe deixar atrás o vestido inclusive quando ia banhar-se.

Não sabia por que, só que era assim. Como esperando encontrar a resposta nele, Ariane olhou o vestido atentamente. Imediatamente, pôde ver a figura de uma mulher apaixonada pela cabeça o arremesso para trás e o cabelo caindo livre por suas costas, com os lábios abertos em um grito de incrível prazer. Enfeitiçada-a.

Sobre o tecido também aparecia um guerreiro tão disciplinado como apaixonado, todo seu ser centrado no momento. O feiticeiro.

Ele se inclinava sobre ela, bebendo seus gemidos e lhe provocando um intenso prazer. Seu poderoso corpo sobre o da mulher, esperando, estremecendo com uma voracidade sensual tão forte como sua capacidade de contenção. Simon!

Ariane o reconheceu com a mesma claridade com que se reconheceu a si mesma nas profundidades do tecido ametista.

—Meu Deus —sussurrou, aturdida.

Estremeceu e olhou a seu redor, como se esperasse encontrar Simon ali. Entretanto, a única coisa que viu foi o fogo quase consumido, uma cama preparada para que a usasse, e as mantas de repouso empilhadas aos pés do colchão. Umas mantas que serviriam de leito a seu marido quando fosse a seu quarto, se é que fosse.

Voltou a olhar o vestido ametista, e o fechou enquanto passeava inquieta peloquarto. O profundo silêncio do castelo por fim chegou até seus ouvidos. Então, os sentinelas cantaram a hora.

Simon já deveria estar ali. Sempre se deitava logo, já que se levantava ao despontar do dia para passear pelas almenas e comprovar o bem-estar dos campos e da gente do castelo. Dominic passeava com ele, embora Simon nunca tinha reclamado a presença de seu irmão. Enjoe. Simon está com ela. O pensamento lhe congelou o sangue nas veias. Sem se deter para pensar, acendeu uma vela e abandonou o quarto com tanta pressa que a chama quase se apagou. Com uma exclamação impaciente, Ariane se deteve o suficiente para que a chama se recuperasse.

Protegendo a frágil chama com a mão, a jovem dirigiu-se a toda pressa para o lado oposto do castelo, onde Enjoe e Blanche compartilhavam o quarto.

Os serventes não dispunham de porta, só de uma simples cortina que podia retirar-se durante o dia.

—Sou lady Ariane —disse a jovem normanda da soleira.

—Milady —respondeu Enjoe— Por favor, entre.

Ariane deslizou entre o tecido e a entrada antes que Enjoe tivesse terminado de falar. Seus olhos cor ametista percorreram a habitação com rapidez, e logo mais devagar.

—Está sozinha.

Ariane não surpreendeu em ver que Blanche não estava ali, mas sim em encontrar Enjoe sozinha. A mulher de olhos escuros tinha suas úteis agulhas de costura no regaço e uma expressão de curiosidade no rosto.

—Sim, estou sozinha —confirmou Enjoe— Necessita algo, milady?

—A Simon.

—Então terão que buscá-lo em outro sítio. Simon não foi a meu leito desde...

Sem terminar a frase, encolheu os ombros e começou a costurar de novo com uma velocidade assombrosa.

—Desde quando? —interessou-se Ariane.

—Desde que Robert, meu marido, viu-o sair às escondidas de minha loja e pensou que se tratava de lorde Dominic. Robert perdeu o julgamento e traiu ao atual senhor de Blackthorne fazendo que seu exército caísse em uma emboscada do sultão.

—Meu Deus —murmurou Ariane sem fôlego.

Os pequenos dentes de Enjoe brilharam à luz da vela quando os utilizou para cortar um fio que tinha atado.

—Os homens do sultão capturaram à maioria dos cavalos —continuou ao mesmo tempo que enfiava uma agulha nova.

—Era Simon um deles?

—Sim, mas o sultão não ficou satisfeito.

—Por que?

—O sultão só estava interessado em um cavalheiro, um que não tinha conseguido capturar —explicou Enjoe.

—Dominic O Sabre? —aventurou Ariane.

—Sim.

—Por que estava tão interessado em Dominic?

—O sultão adorava torturar, e lorde Dominic era conhecido por ser um homem que não se inclinava ante ninguém. O sultão jurou destrui-lo.

—O que ocorreu?

—Lorde Dominic se ofereceu em troca da liberdade de todos seus cavalheiros.

—Os cavalheiros foram liberados?

—Sim.

—E logo liberaram o Dominic? —perguntou Ariane.

—Sim, depois de um tempo.

—Então... por que...?

—por que me odeia Simon? —terminou Enjoe por ela.

Ariane assentiu.

—Simon estava perto de meu marido quando este caiu mortalmente ferido durante a emboscada —seguiu relatando Enjoe com calma— antes de morrer, confessou a Simon o que tinha feito a lorde Dominic, e porque.

—Mas Simon sabia que Dominic era inocente.

—Sim —conveio Enjoe— Foi Simon, não seu irmão, quem esteve comigo depois de meu matrimônio. Desde que ouviu a confissão de meu marido, não tornou a me tocar. culpa-se a si mesmo do que ocorreu a lorde Dominic.

—Acreditei que havia dito que Dominic foi liberado.

—Foi, mas não antes de ser torturado até um ponto que poucos homens agüentariam e sobrevivesse.

Ariane tentou falar. Em um primeiro momento não conseguiu dizer nada, assim tragou saliva e o tentou de novo.

—Simon a beijou na armería —conseguiu dizer finalmente.

Em silêncio, Enjoe sacudiu o tecido que estava costurando, arrancou um fio rebelde e olhou à mulher que só devia ter um ou dois anos menos que ela, mas que tão longe estava de sua experiência.

—Está equivocada. Fui eu quem lhe beijei a contradisse— Suspeitava que estava bastante furioso com você como para que não se importasse ou se zangasse um pouco sua vez, assim que o beijei. Simón não me tocou mais e ficou meio doido por causa da própria da confissão de Robert.

—Alguma vez?

—Não.

—Mas a Santa Cruzada foi faz anos!

—E passarão muitos mais antes de que esqueça... ou me perdoe.

—A amava —murmurou Ariane com voz quebrada.

—Amor?

Enjoe riu e acariciou o brocado que estava costurando. Um sorriso de diversão curvou seus lábios enquanto atava o fio, mordia-o, e suavizava o nó até fazê-lo quase imperceptível. Depois, agarrou a agulha e a enfiou de novo.

—Simon nunca me amou —afirmou, costurando com rapidez— Simplesmente, fui a primeira mulher que fez muito mais que dietar-se de costas enquanto mantínhamos relações. Minhas habilidades sexuais só o escravizaram um tempo. Ariane não podia dissimular seu assombro ante a sinceridade da outra mulher, o qual divertia ainda mais Enjoe.

—Devem ter tido a infância de uma monja— aventurou Enjoe.

—Equivoca-te. Meu pai forçava a minha mãe porque era o único modo em que podia tê-la. Era uma mulher de... dons pouco comuns.

—Uma bruxa?

—Alguns a chamavam assim, mas suspeito que aqui a chamariam Iniciada.

—Uma bruxa —resumiu Enjoe— Herdou seus dons?

—Só durante um tempo.

Enjoe lançou um agudo olhar para Ariane e voltou para sua costura. Uma só olhada lhe tinha bastado para saber que a jovem não seguiria falando do assunto de seus dons perdidos.

—Quando era uma menina me roubaram de meus pais normandos e venderam a um harém —contou enquanto costurava— Quando os homens de Dominic me libertaram, tinha muita experiência em agradar aos homens.

—Assim recompensou aos cavalheiros te convindando em seu...

—Rameira —terminou Enjoe sem envergonhar-se— Sim, é o que melhor sei fazer. É para o que me treinaram desde que tinha oito anos. Isso, e costurar.

Ariane piscou.

—Treinaram-lhe para dar prazer aos homens? Por que? Acreditava que tomar a uma mulher já era por natureza um prazer para os homens.

—Existe um prazer rude e tosco que só serve para acalmar uma fome passageira, mas também existe um prazer que consegue satisfazer inclusive aos paladares mais deliciosos.

Enjoe sacudiu o sutiã no que estava trabalhando, estirou um fio e reatou seu trabalho.

—Para homens com paladares deliciosos —continuou— uma mulher experimentada é a sala de espera do paraíso. Simon só tinha conhecido o primeiro tipo de prazer, de modo que, por um tempo, tive grande poder sobre ele. Ao final, entretanto, seu amor por seu irmão foi maior que a luxúria que sentia por mim.

—Isso é o que lamenta perder? —perguntou Ariane contra sua vontade— O poder?

—É obvio, por que outra razão se incomodaria uma mulher em aprender o que agrada a um homem?

—Simplesmente para lhe dar agradar —respondeu Ariane. De repente, recordou como havia elevado e acariciado a cálida e vibrante ereção de

Simon entre suas mãos, e o que tinha sentido ao fazê-lo— E porque desfrutava o agradar —acrescentou contendo apenas um sensual calafrio.

Sorrindo, movendo a cabeça ante a inocência de Ariane, Enjoe seguiu alinhavando com rapidez.

—Nunca controlará a seu marido se perder o controle sobre você mesma —lhe advertiu cortante— Para ter o controle, precisa-se saber quando beijar e quando morder, onde lamber e como sugar, onde cravar as unhas e quando acariciar, como tomá-lo na boca e quando introduzi-lo no corpo.

Atônita ante o direto resumo de Enjoe, Ariane não pôde pensar em nada que dizer.

—O êxtase é poder, milady —lhe assegurou Enjoe— É o único poder que as mulheres podem exercer sobre os homens. Em troca, eles possuem tudo o que merece a pena deste mundo, enquanto que nós não possuímos nada, nem sequer nossos corpos.

A fria valoração de Enjoe sobre a natureza do que ocorria entre homens e mulheres horrorizava Ariane, mas foi ainda pior entender que aquela mulher tinha destruído algo no interior de Simon com tanta certeza como Geoffrey tinha destruído algo nela.

Simon não pode entregar suas emoções a uma mulher, igual a eu que não posso entregar meu corpo a um homem.

Entretanto, devo fazê-lo. É necessário que deixe para traz o passado de uma vez e em frente à vida que me espera.

É necessário. Enjoe levantou os olhos e suspirou ao ver a expressão de Ariane.

—Não importa, milady. Não têm o temperamento para controlar Simon mediante truques de harém. São muito sensual.

—Eu? —disse Ariane surpreendida.

—Está em sua música —lhe explicou Enjoe— A prova está em seduzir você mesma, mas sou consciente de que só têm olhos para Simon... e Simon é um

dos poucos homens que conheci que merece a pena temer, como esse estúpido do Geoffrey possivelmente descubra.

—Geoffrey. —Um sombrio pensamento assaltou de repente Ariane— Por que não o seduz?

—Não acreditei que lhes preocupasse o prazer de Geoffrey.

—Não pode imaginar quanto o desprezo.

—Ah —suspirou Enjoe com um sorriso cruel— entendo.

Atirou o nó final, sacudiu o sutiã e assentiu satisfeita.

—Quando Geoffrey se canse de sua donzela esta noite...

—Geoffrey está com Blanche? —perguntou Ariane, atônita.

—Se, mas só porque eu o rechacei sabendo da aversão que lhe tem Simon.

—É Geoffrey quem deixou a Blanche grávida?

—Provavelmente. É o bastante esperta para saber que o filho de um cavalheiro bem situado vale mais que o de um camponês —aduziu, encolhendo os ombros— Não obstante, não é rival para mim, como tampouco o é Geoffrey.

Ariane não o duvidou.

—Ensinarei a arrastar-se nu por uma pocilga para lamber o lugar em que eu me sentei—continuou Enjoe— Lhes devo ao menos isso.

—Por que? —quis saber Ariane um tanto horrorizada.

—Por sua música. Diz tudo o que eu não pude expressar desde que tinha oito anos. —Deixou a um lado sua cesta de costura e se levantou— Me desculpe, milady, tenho certos utensílios que preparar para a... mortificação do Geoffrey.

Ariane abriu a boca, mas não conseguiu articular palavra alguma. Enjoe sorriu.

—Não, nunca usei semelhantes brinquedos do harém com o Simon. Eu gostava dele muito.

—Não era isso o que ia perguntar.

—Se tivesse ocorrido antes ou depois, e determinado viver aqui. Nunca estive melhor desde que me seqüestraram. Que Deus lhes acompanhe em seus sonhos, milady.

—Obrigado —respondeu Ariane com voz fina.

Enjoe sorriu de novo.

—Não obstante, se desejarem outra companhia, seu marido está percorrendo as almenas.

Quase sem ser consciente disso, Ariane olhou para cima e conteve o fôlego, escutando. Não ouviu nada exceto o incessante sopro do vento. Então chegou o fraco tamborilar do granizo sobre as venezianas.

—Outra tormenta.

—Sim, faz muito mais frio na fortaleza de Blackthome que em Terra Santa.

—Faz muito frio para que Simon esteja aí acima, isso seguro —sussurrou Ariane— Pegará um resfriado.

—Vá e me diga.

—Farei-o —decidiu Ariane dando-a volta para ir-se.

—E quando o fizer, permaneçam o bastante perto dele para poder respirar seu fôlego, tão perto que seus mamilos roçem seu peito.

Ariane se deteve.

—Logo —a instruiu Enjoe com suavidade— coloque sua mão com cuidado sobre seu membro.

Ariane conteve a respiração.

—Acaricie até que ameace se quebra e, então, lhe afrouxe as calças e tome em sua boca. Simon desfrutará disso —Enjoe riu— E também o fará seu triste rouxinol.

***

CAPíTULO 26

A vela se apagou devido ao feroz vento que ululava ao redor de Ariane enquanto subia às almenas. Seu cabelo flutuava e se formava redemoinhos como estivesse vivo. Uma rajada de granito fez que a jovem estremecesse e que suas bochechas empalidecessem, mas se negou a retroceder. O vestido que lhe tinham sido dado de presente dos Iniciados mantinha grande parte do frio a sua volta. Quanto ao resto...

Os olhos ametista procuraram a silhueta de Simon percorrendo majestoso as almenas. No princípio, Ariane não pôde ver nada porque o vento lhe tinha enchido os olhos de lágrimas, mas então ouviu fragmentos de uma conversação e seguiu aquele som.

No meio caminho entre as almenas, dois guerreiros permaneciam de pé junto a um braseiro, esquentando as mãos na gélida noite.

A cada rajada de vento saltavam faíscas que recortavam as silhuetas dos homens contra a escuridão da noite.

Sem deter-se ou pensar como ia explicar sua presença nas almenas naquela hora, a jovem se dirigiu para os homens, justo antes de chegar ao braseiro, Simon se voltou como se sentisse sua presença e o outro homem se afastou.

—Ariane! —exclamou, surpreso— O que faz aqui? Meg não se encontra bem? Dominic...?

—Tenho que falar contigo —conseguiu dizer a jovem cortando as atropeladas palavras de seu marido.

Simon se afastou do braseiro, tomou Ariane pelo braço e a guiou até a escada, onde o vento parecia amortecer.

Ali estremecia e dançava caprichosa uma tocha que iluminava o caminho para o guarda seguinte.

A frágil chama da tocha fazia com que os olhos de Ariane tivessem um aspecto selvagem. Não usava nenhum manto, nada exceto o vestido ametista cuja textura enfeitiçava os sonhos de seu marido. A jovem estremecia visivelmente, embora não parecesse sentir frio.

Olhava para Simon com uma intensidade que, em qualquer outra mulher, ele teria tomado por paixão.

Mas não em Ariane, a mulher que sempre o rechaçava.

—O que ocorre? —exigiu saber Simon.

—Nada.

—Nada? Maldita seja! Está em frente a mim, tiritando no meio da noite e diz que não ocorre nada?

Enquanto o faz, permaneça bastante perto dele para poder respirar seu fôlego, tão perto que seus mamilos rocem seu peito.

Ariane deixou cair a imprestável vela que segurava na mão e se aproximou vacilante de Simon.

—Cubra-me com seu manto —pediu com voz estremecida.

Ao ver que o guerreiro hesitava, Ariane conteve um lamento.

—Por favor, Simon, necessito.

Ele abriu o manto e recolocou o cinto que segurava sua espada, de modo que a lâmina ficasse a suas costas. Sem esperar que Simon terminasse, a jovem se aproximou tanto quanto pôde dele.

Quando o guerreiro voltou a fechar o manto, Ariane percebeu claramente o poderoso corpo masculino apertando-se contra ela, tocando-a, seduzindo-a com sua calidez. sentia-se como em seus sonhos: amada, ardente, cheia de sensualidade.

—Ahhh... —gemeu a jovem entrecortadamente— Sempre gosto de seu aroma. E seu calor... É mais quente que o próprio fogo. Simon respirou profundamente ao captar a essência que pertencia a Ariane e só a ela. Misturado com a meia-noite e as rosas havia traços da almiscarada excitação feminina.

Ser consciente disso precipitou uma maré de lava abrasadora pelas veias de Simon. Nem sequer as lembranças de Ariane enfeitiçada pelo bálsamo aromático foram tão vividas como os seios da jovem pressionados contra seu peito naquele instante, excitando-o com cada fôlego que ela tomava.

A própria respiração que Simon exalou foi uma mescla de maldição e gemido. Para sua surpresa, Ariane inclinou a cabeça para trás e respirou fundo para saborear a cálida corrente e a urgência da necessidade masculina.

—Ariane? —perguntou Simon em voz baixa mas intensa— por que veio a mim esta noite?

Ela negou com a cabeça e se apertou ainda mais contra ele, entregando-se ao sonho que a tinha enfeitiçado desde que dormiu em seus sonhos curativos, aprendendo que as mãos de um homem podiam trazer alívio em lugar de medo, agradar em lugar de dor, êxtase em lugar de pesadelo.

Simon fechou os olhos e lutou contra o feroz despertar de seu desejo. Seus braços envolveram estreitamente a jovem e, um tanto sombrio, esperou que ela descobrisse o que pressionava seu ventre.

De repente, sentiu que sua esposa deslizava uma mão por seu torso até chegar a sua rígida ereção e tremeu de antecipação.

—Sonhei contigo, Simon, sonhou comigo?

A surpresa e o desejo sacudiram-no como um punho de ferro. Teria falado, mas Ariane o acariciava de uma forma tão tentadora que não podia pensar e muito menos falar. Quando ela começou a desabotoar suas calças, amaldiçoou entre dentes. Sabia que devia protestar, que devia deter Ariane antes que o arrastasse ao fio da razão com uma paixão saciada só pela metade, mas não podia obrigar-se a lhe afastar as mãos.

De alguma forma, ela conseguiu libertar seu duro membro das calças, acariciou-o de forma acetinada até a ponta grossa , e logo mais à frente, embalando seus doloridos testículos.

Simon ordenou a seus braços que empurrassem Ariane para afastá-la entretanto, em seu lugar, seguraram com força seus quadris, aproximando-a

ainda mais, envolvendo as coxas femininas ardentemente. A parte de sua mente que media e raciocinava esperava que Ariane lutasse contra a implícita sexualidade de seu abraço.

Mas contra o que esperava, Ariane se apertou contra ele movendo-se lentamente, acariciando-o com todo seu corpo e conseguindo com que o membro ereto que segurava com tanta suavidade, palpitasse com força entre suas mãos.

—Isto é uma loucura —disse Simon.

—Sei.

—Dê-me sua boca.

—Sim —sussurrou Ariane.

Simon se inclinou para reclamar os lábios da jovem, mas então, sentiu como ela se separava de seu abraço.

—Não —murmurou enrouquecido— Não te separe de mim.

—Tenho que fazê-lo —murmurou ela.

Apertando os dentes para não expressar sua frustração, Simon libertou por completo Ariane mantendo a grossa capa ao seu redor.

Imediatamente, ela deslizou para baixo, sem deixar de acariciá-lo, desaparecendo por completo sob o luxuoso manto.

—Ariane? Está bem…?

Aquela pergunta terminou com um ofego, quando as bochechas da jovem roçaram sua ereção. Sua pele estava fria, mas seu fôlego era tão quente como seu corpo e o acariciava como um sussurro, cada vez que ela virava a cabeça de lado a lado, torturando-o. Logo tomou-o entre suas mãos e o levou até sua boca.

—Meu Deus —resmungou Simon.

Seu corpo se esticou como um arco, e teria caido no chão se não estivesse apoiado no frio muro. A boca de Ariane era suave, úmida, acolhedora, e sua língua era imensamente curiosa.

O guerreiro agüentou o jogo amoroso o quanto pôde, logo afundou os dedos no cabelo de Ariane e, devagar, muito devagar, começou a afastar sua cabeça. Ela resistiu, e Simon temeu não poder controlar-se ao sentir a pressão de sua doce boca brincando com ele.

Ao final, a disciplina e a força do guerreiro venceram a sedutora carícia de Ariane, mas ambos estavam tremendo, quando Simon a levantou e tomou posse de sua boca com sua faminta língua.

O beijo se converteu imediatamente em um ardente duelo de línguas que os deixou sem respiração, quase incapazes de manter-se em pé. Entretanto, nenhum dos dois queria pôr fim aquela doce tortura e se agarravam um ao outro cada vez com mais força, aproximando-se, aprofundando em suas bocas, enquanto o vento convertia o cabelo de Ariane em uma enfurecida nuvem negra.

Sob o manto, Simon tirou as luvas e afrouxou os laços do vestido até que seus dedos puderam deslizar sob o sutiã para tocar os seios de Ariane. As pontas de seus dedos contra a cálida pele intensificaram a carícia e endureceram os mamilos da jovem com vertiginosa rapidez. Ela gemeu em resposta e se arqueou contra Simon, totalmente rendida ao que a fazia sentir.

Transcorreu muito tempo antes que o guerreiro pudesse obrigar-se a liberar a boca de Ariane, apoiando-se pesadamente contra o muro de pedra e respirando como se tivesse estado em uma batalha, acariciando tudo o que estava ao alcance de seus impaciente dedos.

—Simon?

—Desfaça o resto de seus laços para mim —sussurrou com voz rouca.

—Preferiria soltar o resto dos seus.

—Já fez.

—Os de sua camisa não —repôs Ariane.

Enquanto falava, voltou a desaparecer sob o manto e lambeu a pele do peito de Simon que os laços deixavam a descoberto. Logo começou a

deslizar por seu musculoso torso de novo, ávida dele de um modo que não podia explicar.

Simon a apanhou antes que sua boca voltasse a tomar sua grossa ereção. Todos seus músculos se esticaram ao levantá-la. Sob a tênue luz que emitia o braseiro, os olhos de Ariane eram grandes, escuros, e brilhavam, famintos, obrigando Simon a conter seu desejo. Sem prévio aviso, a língua feminina lambeu o lábio superior do guerreiro como se quisesse capturar uma gota de vinho.

—Deixe-me saboreá-lo de novo —protestou Ariane.

—Fará com que derrame minha semente —replicou Simon entre dentes.

—Desfruto fazendo-o.

—Adoro sentir suas mãos e sua boca sobre mim, mas preferiria te fazer minha por completo.

Ariane estremeceu, encontrando um momento depois a ereta carne em suas mãos. O guerreiro emitiu um selvagem ofego ante seu contato.

—Você não o deseja, verdade? —acrescentou Simon quando pôde falar— Não quer que te faça minha, por que? Se não é virgem...

—Não, não sou.

Tremendo, Ariane suspirou. Com uma mão começou a levantar a saia de seu vestido com lentidão. Com a outra, mantinha cativo Simon com incrível suavidade. O mágico tecido se levantava, como por vontade própria, escalando por suas coxas e formando redemoinhos em sua cintura para deixá-la completamente exposta ante ele.

—Recorda a amiga da qual te falei? —murmurou a jovem.

Para Simon era difícil concentrar-se, exceto no pulsar do desejo que o devorava e o tato do vestido de Ariane deslizando coxas acima.

—Amiga? —repetiu resmungando.

Seguindo um instinto tão antigo como o tempo, Ariane atraiu Simon para o interior de suas coxas, que a paixão tinha transformado em um doloroso vazio.

—Sim —sussurrou— Minha amiga, a que foi violada.

Ariane se moveu, apertando-se contra o rígido membro de Simon, umedecendo-o com seu desejo do mesmo modo que sua boca o tinha feito. Desejava muito mais, mas não estava segura de como obtê-lo. Tudo o que sabia era que queria sentir aquela ereção no mais profundo de seu corpo. O próximo movimento foi mais fácil, mais úmido, mais doce.

Simon gemeu ao sentir as aveludadas dobras da feminilidade de Ariane separarem-se e deslizarem sobre ele. Fazendo um grande esforço, lutou para controlar a necessidade que tinha cobrado vida própria, rasgando seu ventre.

—Sim —respondeu com voz entrecortada— Lembro... de... sua amiga.

Agarrando-se a Simon, sentindo apenas o vento frio, Ariane tremeu violentamente pelo intenso prazer que produzia senti-lo agasalhado entre suas coxas.

—Eu sou ela —confessou finalmente.

Por um momento, Simon não a entendeu. Quando a compreensão alcançou sua mente, olhou surpreso o rosto de sua esposa. A jovem era fogo e sombras, ardentes olhos entreabertos, a boca ainda avermelhada por seus beijos.

—Você? —perguntou Simon em um ofego.

—Sim. Minha primeira e única experiência com um homem me deixou rasgada, ensangüentada, golpeada. Traída.

—Rouxinol … Meu Deus...

Simon estremeceu ao mesmo tempo que se inclinava para beijar seus olhos, as bochechas, os lábios. Os beijos eram famintos e controlados ao mesmo tempo, fazendo com que a jovem se sentisse envolta por uma terna calidez.

—Acreditava que isto —acrescentou Ariane enquanto se movia contra a dura longitude de seu membro— só servia para castigar uma mulher.

Os músculos da mandíbula de Simon se esticaram, sob sua curta barba ao sentir a doce tortura de ser acariciado pela suavidade do sexo feminino, sabendo como sabia, que não encontraria consolo no interior de seu corpo.

Rasgada, ensangüentada, golpeada. Traída.

—Entendo —resignou-se com voz rouca.

—Essa é a razão pela qual me sobressaltava cada vez que tentava me tocar entre as coxas. Tinha medo de que voltassem a me ferir.

—Shh... cale-se. Agora entendo.

Simon a beijou com extrema suavidade nas pálpebras fechadas.

—Mas já não tenho medo —sussurrou Ariane.

O guerreiro se manteve em silêncio, temendo não ter ouvido suas palavras corretamente.

—Passe seu braço por baixo de meus quadris — pediu a jovem recordando como o soldado tinha levado Enjoe da armería.

Simon se inclinou e fez o que Ariane pedia, muito surpreso para perguntar por que. O contato do pequeno e escuro traseiro de Ariane contra o braço do guerreiro provocou descargas de sensualidade em ambos. Os joelhos da jovem cederam de repente, obrigando-a a agarrar-se com mais força aos poderosos ombros masculinos.

—Levante-me, Simon —sussurrou.

O vento levou quase todas suas palavras, mas ele não hesitou. O corpo de Ariane lhe dizia tudo o que precisava saber; muito mais do que jamais tinha acreditado poder obter de seu escuro rouxinol. Voltou as costas contra o vento e permitiu que a força do frio ar pregasse o manto em torno deles. Ao levantar Ariane, os braços da jovem rodearam seu pescoço e se agarraram a ele. Suas coxas se abriram e suas pernas lhe rodearam os quadris.

—Faça-me sua — suplicou em um suspiro contra seus lábios.

Com um som sufocado que era o nome da jovem, Simon começou a penetrá-la como o tinha feito em seus sonhos, pressionando com delicadeza

e logo mais forte, empurrando devagar, mais e mais profundo, sentindo-a ao seu redor, flexível, úmida, acolhendo-o.

Um longo suspiro escapou como uma onda de Ariane ao sentir Simon separando-a, abrindo caminho em seu interior, enchendo-a... mas não machucando-a. A maravilhosa sensação de ser possuída pelo homem que estava segura de amar, enviou cálidas labaredas de paixão pelas veias da jovem, fazendo com que todo seu ser tremesse de prazer antecipado.

Simon afogou um rugido e se afundou completamente nela, até sentir que jamais tinha estado mais unido a uma mulher. Ariane ofegou e se agarrou com tanta força a Simon que o guerreiro mal podia respirar, devido ao fogo que consumia seu ventre.

Não recordava nada tão prazeroso como sentir-se preso naquela doce e amorosa armadilha, mas, de repente, retornaram a sua mente as palavras que Ariane tinha pronunciado ao segurar seu nu e ereto membro entre as mãos. Acreditei que só servia para castigar uma mulher.

—Rouxinol —começou a dizer com voz rouca—Estou te fazendo mal?

A jovem abriu a boca para responder, entretanto, mal capaz de emitir um estranho e fraco gemido. Uma camada de suor cobriu Simon, que tentava lutar contra suas mais profundas necessidades. Ariane estava tão quente ao seu redor, tão escura, que parecia suplicar uma união ainda mais profunda. Sabia que devia tratá-la com delicadeza, mas só desejava afundar ainda mais, empurrar até perder-se nela. Mesmo assim, apelando aos últimos farrapos de seu controle, começou a retirar-se.

Incapaz de falar, Ariane se agarrou a Simon em protesto, tentando retê-lo em seu interior embora só por uns instantes.

—Ariane? É muito?

—Outra vez —conseguiu dizer a jovem, entrecortadamente.

Sem perceber o que fazia, cravou as unhas no pescoço de Simon e apertou as pernas ainda com mais força ao redor do corpo masculino, fazendo com que ele voltasse a entrar nela.

Sua força não era rival para o guerreiro, que a manteve afastada desejando assegurar-se de que não lhe estava fazendo mal.

Rasgada, ensangüentada, Simon apertou os dentes.

—Fale-me, rouxinol, diga-me o que deseja.

—Eu o... desejo, só a você.

—Assim?

Ariane conteve o fôlego ao sentir-se mais e mais expandida, enquanto Simon a penetrava devagar, uma vez mais. O nome do guerreiro se fez em pedacinhos nos lábios femininos.

—Faço mal? —perguntou Simon retirando-se.

Ela negou com a cabeça.

—Não… não.

—Gritou.

—Não foi de...foi para…

—Isto?

Simon a penetrou de novo, sem deixar de observar os olhos de Ariane, e daquela vez seguiu adiante até que sua carne pressionou o clitóris da jovem.

—Ariane?

—Meu Deus, sim, Simon.

O som de seu nome rompendo-se nos lábios de Ariane arrasou com seu autocontrole. Seus braços a envolveram com mais força, segurando-a contra ele enquanto investia uma e outra vez, bebendo os selvagens gritos que saíam de sua boca.

O clímax alcançou totalmente Ariane, que se arqueou violentamente sem poder controlar os selvagens estremecimentos de prazer que percorriam seu corpo. Simon, ao sentir que ela se contraía ritmicamente ao redor de seu grosso membro, lançou um rugido e ejaculou com ferocidade no interior da jovem.

Segurou-a, até que ambos puderam respirar de novo.

Gradualmente, o som do vento e as chicotadas desencaminhadas da fria chuva lhe recordaram que estavam nas almenas e que o sentinela podia chegar a qualquer momento.

Resistente, começou a levantar Ariane, mas ela bloqueou as pernas em torno de seus quadris, com surpreendente força.

—Devemos entrar —murmurou Simon.

Por única resposta, a jovem contraiu os músculos internos de seu corpo, o que rompeu a respiração do Simon... e a dela.

—Fique dentro de mim —suplicou Ariane contra os lábios de Simon— Me sinto... tão bem.

—Vence-me, rouxinol.

A jovem abriu a boca ao primeiro contato da língua de Simon. Durante um longo momento, ambos se saborearam mutuamente, em um sereno silêncio rodeado pelo vento. Finalmente, a contra gosto, Simon afastou sua boca.

—O sentinela poderia vir —explicou contra os lábios de Ariane.

—O sentinela?

—Sim.

Ariane se virou para ver se o soldado estava perto, e aquele movimento de torção teve um efeito assustador em Simon.

—Vem vindo —sussurrou a jovem, voltando-se de novo para ele.

—Ainda temos tempo.

—Sim.

—Posso te deixar no chão e podemos arrumar a roupa, antes que se dê conta.

—Está muito perto.

—Sim.

—Seus lábios se curvaram em um sorriso de diversão— Me segure forte.

Antes que Ariane pudesse perguntar o que queria dizer Simon, ele já estava descendo pela escada em caracol. As sensações que acompanharam aquele movimento arrancaram um gemido baixo e entrecortado da garganta da

jovem, que se agarrou a seu marido com cada músculo recém descoberto de seu corpo.

Uma vez fora do alcance da vista do sentinela, Simon parou.

—Já pode me soltar —disse o guerreiro com suavidade.

Ariane negou com a cabeça e se agarrou ainda mais a ele. Sob o manto, Simon moveu a mão até que pôde acariciar as acolhedoras dobras que tão ajustadamente o rodeavam.

Ariane abriu muito os olhos e respirou entrecortadamente ao sentir os invasores dedos de Simon deslizando sobre sua sensível pele, em uma doce tortura. O respiração logo se transformou em gemido e o êxtase a percorreu como uma cascata, fazendo com que derramasse a cálida evidência de sua excitação sobre ele.

—É deliciosa —afirmou o guerreiro com voz rouca, dando ligeiros golpes no pequeno nó de nervos que era o centro de prazer da jovem— Poderia tomá-la de novo agora mesmo, com todo o povo do castelo passando em fila, e você me deixaria fazê-lo, não é ? Deus, suplicaria por isso!

—S-Simon —balbuciou Ariane— o que está fazendo?

—Dói?

—Não mas... Oh, Deus!

As palavras de Ariane se perderam no silêncio quando se viu imersa de novo em uma prisão de prazer. Simon a acariciou devagar, observando-a com um sorriso. Quando a sentiu convulsionar devagar ao seu redor, levantou-a com cuidado até que estiveram separados, e logo voltou a acomodá-la ao redor de seus quadris.

—Agarre-se — indicou.

Ariane obedeceu e ele teve que conter um gemido. Sentir a vulnerável carne feminina contra suas calças abertas fez ferver o sangue de novo.

Desceu as escadas com rapidez e, a grandes passos, dirigiu-se a seus aposentos. Entrou no quarto e fechou a porta, dando uma pancada atrás deles, fazendo com que as chamas dos candelabros oscilassem com a

corrente gelada. O fogo da chaminé era pouco mais que brasas cobertas de cinza.

—Está tão frio como lá emcima —comentou Simon— mas não importa. O único fogo que preciso está entre suas coxas.

—Desabotoe o manto, rouxinol.

Ariane lutou com o grande broche de prata que segurava o manto de Simon em seu ombro esquerdo. Enquanto trabalhava, a boca do guerreiro se movia sobre suas mãos, as acariciando, as mordiscando, as lambendo, sua língua introduzindo-se entre os dedos femininos.

A sensual promessa das carícias acelerou o coração de Ariane, como ode Simon ao ver que aquelas mãos tremiam.

—Tem medo? —perguntou sabendo a resposta mas desejando saboreá-la dos lábios da jovem.

—Não, é só que... perturba-me.

A confissão sussurrada fez com que um escuro sorriso se desenhasse no rosto de Simon.

—Já acabei —murmurou Ariane ao desabotoar por fim o manto.

—Não, pequena, acaba de começar.

Simon atirou seu manto sobre a cama e o forro de pele branca reluziu sob a trêmula luz das velas. Depositou Ariane no meio, com delicioso cuidado, e se atrasou colocando suas largas mechas negras ao redor de sua cabeça.

Seus seios estavam nus, já que tanto o sutiã como a saia estavam à altura da cintura. achava-se completamente exposta e vulnerável ante Simon, que a olhou com uma abrasadora intensidade que fez que todo seu corpo se ruborizasse de vergonha.

Mesmo assim, não tentou cobrir-se, já que o poderoso membro masculino estava igualmente a descoberto, erguido e orgulhoso através da abertura das calças. Com um sorriso tão antigo como o mundo, Ariane esticou a mão e passou seus dedos com delicadeza por sua ereção.

O sorriso com que Simon respondeu era abrasador e muito masculino. Impaciente, tirou a espada e a deixou de lado enquanto os esbeltos dedos da jovem o percorriam de extremo a extremo.

—Esta parte de ti é... tão suave e... dura ao mesmo tempo — murmurou Ariane.

Suas palavras conseguiram fazer com que o palpitante membro de Simon engrossasse ainda mais.

—Enfeitiçou-me —afirmou enrouquecido— Jamais mulher alguma me tinha incitado da forma que você tem feito. Acabo de tomar e já preciso voltar a fazê-lo de novo.

—Estou aqui para ti.

Erguendo-se, Ariane roçou com a língua a ponta redonda de sua ereção, roubando a cálida e úmida gota de sémen que estava a ponto de derramar-se.

—Deus, seu sabor... —sussurrou— queima-me. Agora há fogo onde antes só havia escuridão.

Simon gemeu e lutou por controlar a urgência que o rasgava com doces garras. Quando pôde voltar a respirar, deslizou uma mão dos tornozelos de Ariane até o triângulo de cachos negros que culminava na união entre suas coxas.

—Simon? — Ariane ficou sem fôlego ao observar a intensidade que brilhava nos olhos do guerreiro.

—Deixe-me tocá-la.

Lentamente, a jovem obedeceu e moveu as pernas até que Simon pôde ajoelhar-se entre elas. Com delicadeza, seus fortes dedos separaram até que pôde acariciar as cheias e sensíveis dobras de sua feminilidade. Ariane ofegou ao sentir uma explosão de prazer que se estendeu por todo seu corpo e que fez com que ele voltasse a deleitar-se com a úmida prova de seu prazer.

—É mais apaixonada do que esperava —confessou Simon— Supera inclusive meus sonhos.

Dois dedos aprofundaram-se nela, abriram-na e entraram com força, enchendo-a.

—Sinto-o tão dentro de mim... —gemeu Ariane, dividida entre a surpresa e o desejo.

Simon inalou com dificuldade. O almiscarado aroma da excitação de ambos impregnava o ar do quarto, avivando ainda mais.

—Não guarde nada —disse com voz rouca— não oculte nada, se dê por inteiro.

Seu rígido controle se derrubava, mas já não importava. Ariane estremecia ante o prelúdio do êxtase com cada fôlego, tão ardente como os estremecimentos que seu contato provocava. A úmida e tangível prova de que não estava preso sozinho naquela tormenta sensual fez Simon sentir que era impossível conter-se mais.

—A próxima vez... —prometeu enquanto deslizava sua mão por debaixo dos joelhos de Ariane— a próxima vez te darei prazer da mesma forma que em meus sonhos.

—A próxima vez —continuou enquanto separava ainda mais as coxas da jovem, fazendo que dobrasse os joelhos— tomarei com minha boca e saborearei o sabor de seu prazer.

Ariane abriu muito os olhos quando as mãos de seu marido se moveram com suavidade, poderosas, abrindo-a por completo para ele e mantendo-a cativa segurando o seu quadril.

—Mas não desta vez —disse Simon— Não posso esperar mais para tê-la.

Sem mais, afundou-se nela, enchendo-a por completo, Ariane ofegou ao sentir que um incontido estalo de sensações a queimava por dentro. A completa união era tão enternecedora como incrivelmente prazentezora. Perdida em um mundo em que reinavam os sentidos, além dos pesadelos e as mentiras, gritou o nome de seu marido, incapaz de dizer mais nada.

—Não importa o que ocorreu no passado, rouxinol —sussurrou— Esta é a única verdade que importa. Entregou-se para mim como nenhuma outra mulher fez.

Simon começou a mover-se dentro de Ariane sem deixar de observar seus corpos unidos, escutando as suaves respirações entrecortadas que falavam de uma sensualidade sem freio, todo seu ser centrado na posse.

O clímax sobreveio a jovem devagar, impregnando o ar de essência feminina.

—Sim, me banhe em seu desejo —aprovou Simon, tenso— Não há necessidade de falar de uma violação passada. Nenhuma mulher sem experiência conheceria os truques que você empregaste comigo esta noite.

Ariane logo que ouviu as palavras, mas embora o tivesse feito, careceriam de significado para ela. As rítmicas investidas de Simon evitavam que se formasse qualquer pensamento em sua mente. Seu corpo se rasgava de prazer enquanto um gemido saía em feitas ondas desde suas vísceras.

—Sim, rouxinol, te deixe levar. Não importa o passado. Só importa isto.

Simon se retirava e voltava a afundar-se no úmido interior de Ariane sem piedade. Sorriu ao sentir a sedosa explosão de paixão de sua esposa e jurou senti-la uma e outra vez, até que finalmente conhecesse as profundidades da sensualidade de Ariane... e as suas próprias.

A jovem deixou de tentar falar, já não reconhecia seu próprio corpo. Um doce fogo a arrasava, transformando-a, torturando-a.

Estremeceu em uma selvagem culminação e se apertou contra o duro guerreiro que tão perfeitamente a enchia.

O sorriso de Simon foi tão primitivo como seus dentes contra o pescoço, os seios e os lóbulos de Ariane, e com cada delicada dentada, voltava a penetrá-la, a balançar seus quadris contra os seus, acoplando-se mais e mais profundamente a ela, bebendo seus gemidos enquanto o fogo fazia presa de seu corpo de novo.

Implacável, seguiu empurrando e levando-a mais alto, indo com ela, o suor brilhando sobre seus corpos como o fogo que a consumia, abrasando-a além do que era capaz de suportar.

Com um grito, Ariane arqueou-se para seu marido, a cabeça para trás e seu cabelo uma nuvem indômita caindo por suas costas. Ele a sustentou arqueada e selvagem, seu corpo imóvel, suspenso sobre o corpo feminino, esperando, estremecendo-se com uma voracidade sensual tão forte como sua capacidade de contenção.

Então Simon sentiu o feroz estalo de êxtase de Ariane, ouviu-o em seus quebrados gemidos. Investiu-a uma vez mais e se entregou, fundindo-se com a jovem com cada violento batimento do coração de sua liberação, derramando-se nela até que não teve passado, nem presente, nem mentiras, só a veracidade de um prazer tão entristecedor que pensou que poderia matá-la. E só era o começo. Estava tão seguro disso como de sua própria força.

Sem parar, com ternura e sem trégua, Simon começou a excitar Ariane mais uma vez.

Muito mais tarde, envoltos em uma completa escuridão, Simon estremecia com as seqüelas de um êxtase tão violento que tinha deixado Ariane chorando em seus braços, pronunciando seu nome com cada fôlego entrecortado. A beijou em suas úmidas pestanas, aproximou-a ainda mais para si, e pôs o manto sobre ambos.

—O que quer que ocorresse antes desta noite não importa —assegurou Simon contra a boca de Ariane— mas de hoje em diante é minha. Minha, rouxinol, só minha.

O enrouquecimento de sua voz não ocultava sua vontade de ferro mais do que sua intensa sensualidade tinha oculto a potência e total disciplina de seu corpo.

—Jamais poderia suportar o contato de outro homem —sussurrou Ariane— Te amo, Simon. Essa é a razão pela que superei meu medo para que me possuísse.

O guerreiro fechou os olhos.

—Não fale do passado de novo. Só pode fazer mal.

—Mas...

Ele a interrompeu beijando-a nos lábios com uma ternura dilaceradora.

—É tudo o que sempre sonhei —sussurrou Simon contra sua boca. Acomodou-a a seu flanco e se rendeu ao sonho tão completamente como se entregou a sua paixão compartilhada.

Ariane não dormiu tão rápido.Ficou acordada por um longo momento, exausta, a respiração contida, seu coração ferido pelo que havia dito, e o que não.

Seduzi Simon muito bem, pensou desconcertada. Aceitará-me porque nossos corpos desejam estar juntos. Mas não acredita em mim. Crê em Geoffrey. Simon não me ama como eu a ele. Não confia em mim.

Intumescida, Ariane se perguntou se alguma vez poderia escapar do pesadelo do passado.

***

CAPíTULO 27

—Cavaleiros!—gritou o sentinela. Sua premente voz chegou até o grande salão sem dificuldade porque estava fazendo guarda na almena mais próxima— A dez quilômetros de distância, na entrada do bosque! Não pude contá-los! Desapareceram muito rápido!

Simon e Dominic trocaram um breve olhar através dos livros de contas da colheita, empilhados entre eles sobre uma mesa de cavalete.

A mesa usada tanto para tomar o café da manhã como para trabalhar na contabilidade porque o grande salão era a estadia mais cálida de todo o castelo.

—O bosque? —resmungou Dominic— Não é a via de acesso utilizada normalmente.

—Mas sim é a mais difícil de vigiar das almenas —indicou Simon— Também é o caminho mais rápido do castelo do Círculo de Pedra. Espera Duncan?

—Não, a não ser que exista uma verdadeira emergência em seu castelo. Os picos estão cheios de neve e há gelo nas colinas mais altas. Não é tempo de viajar.

Dominic olhou em volta de um dos três escudeiros que remendavam objetos de couro para usar sob as túnicas de cota de malha.

—Bobbie, lhe diga a sir Thomas que faça soar o alarme.

—Sim, milorde!

O jovem escudeiro deixou de lado a costura e saiu do grande salão à carreira.

—Edward, me acompanhe a armería —ordenou Simon.

—Sim, milorde!

—John —disse Dominic.

Não houve necessidade de dizer mais nada. Embora fazia pouco tempo que tinha selecionado John, o filho de Harry o Aleijado conhecia bem suas obrigações como escudeiro do lobo dos glendruid. Harry tinha sido um dos cavalheiros mais fiéis à fortaleza de Blackthorne até que o feriram gravemente em uma batalha.

Simon e Dominic se apressaram para a armería, seguidos pelos dois enxutos escudeiros que logo que tinham idade suficiente para deixar crescer a barba.

Um sino rugiu premente sobre os campos de Blackthome, chamando todo mundo para refugiar-se no pátio de armas. As vozes dos cavalheiros, escudeiros e soldados que corriam para a armería ressoavam por todo o castelo.

Embora Simon e Dominic se vestissem com a velocidade de homens acostumados aos pesados e intrincados atavios de guerra, a armería estava abarrotada quando os dois irmãos aceitaram suas espadas dos escudeiros.

Os movimentos de Dominic e Simon, enquanto ajustavam as armas eram os mesmos: certeiros, peritos, tranqüilos. Como sempre, Simon era o mais rápido. Enquanto Dominic ainda estava colocando a espada ao redor dos quadris, Simon já estava tomando seu pesado manto de inverno das mãos de Edward e fechando ao redor dos ombros.

Simon sorriu para si mesmo, ao ver o forro de pele branco. Nunca poderia voltar a olhá-lo sem ver Ariane deitada sobre ele, na primeira vez em que se entregou a ele, seu corpo quase nu, sua pele ruborizada, os olhos ametista refulgindo, enquanto ele a possuía.

Após, Ariane ia para ele cada noite, tão ofegante como ele ia para ela, e também o buscava ao amanhecer. Em certa ocasião, a tinha surpreendido no banheiro e descobriram que fazer amor ali era uma experiência única. Simon planejava surpreendê-la de novo naquele lugar, e logo.

—Fazia muito que não o via sorrir assim —comentou Dominic sorrindo por sua vez de um modo estranho— Tão desejoso está de entrar em batalha?

—Não. Pensava em... outra coisa.

—A chegada da noite? —perguntou Dominic zombador.

Simon lançou a seu irmão um olhar agudo.

—Achou que ninguém se daria conta de que Ariane e você passam muito tempo na cama? — Dominic sorriu.

—Na cama? Não —refutou Simon com gravidade— No chão, na mesa, na poltrona...

Dominic soltou uma gargalhada que fez com que o resto de cavalheiros o olhassem. O que viram foram as mãos cheias de cicatrizes, fixando o manto negro com o grande broche glendruid. Os olhos de cristal do lobo refulgiam ameaçadores sob a inquieta luz da tocha, observando tudo, prometendo um horrível castigo ao que ousasse despertar à besta da guerra.

Um a um, os homens desviaram a vista e voltaram para suas tarefas de preparação para a batalha.

Simon e Dominic se dirigiram a passo rápido para as almenas, fazendo ressonar sua cota de malha ao andar. Depois deles, levando os elmos que só se usariam se a batalha fosse iminente, os escudeiros aguardavam ansiosos e não estavam tranqüilos. Embora os servos tinham estado trabalhando duro, o muro que rodeava a fortaleza de Blackthorne ainda tinha uma abertura protegida só por paliçadas de madeira.

O sentinela saudou Dominic, mas não tinha novidades. Os cavaleiros só voltariam a ser visíveis quando chegassem ao caminho aberto entre os campos de cultivo.

Sob um céu cinza e ameaçador, Simon e Dominic permaneceram de pé no centro das almenas, seu cabelo descoberto penteado pelo feroz e selvagem vento, seus largos mantos açoitando seus tornozelos, e sua armadura de cota da cor de uma tormenta.

—Acredita que será Deguerre? —perguntou Simon. Dominic encolheu os ombros.

—Não pararam de chegar notícias dele desde que esse bastardo do Geoffrey cruzou as muralhas de Blackthorne. A mensagem não variou uma só vez.

—O que significa que Deguerre permaneceu os últimos dez dias avançando lentamente, recrutando cavalheiros, soldados e renegados pelo caminho.

—E prostitutas —acrescentou Dominic.

—Como quem deve ir à guerra.

—Assegura reunir homens para uma nova cruzada em Terra Santa.

—Ninguém pode acreditar nisso.

Dominic deu de ombros.

—Ninguém enfrentou a ele para chamá-lo de mentiroso.

—Ainda. Em qualquer caso, não vai encontrar razão alguma para entrar em guerra com as terras da fronteira —afirmou Simon.

Dominic se manteve em silêncio.

—Apesar das ardilosas manobras do enviado de Deguerre, o rei aceitou meu matrimônio com Ariane —raciocinou Simon— E o duque da Normandia também se acalmará ao receber a notícia de nosso matrimônio e... os presentes.

—O duque prefere ser chamado de rei —assinalou Dominic cortante.

—Rei, duque ou caipira, agradará meu matrimônio com Ariane —replicou Simon— Eu já estou satisfeito, assim não há motivo para uma disputa com o barão Deguerre. Reuniu cavalheiros em vão.

—Seriamente? Ou possivelmente só espera receber notícias de que Geoffrey morreu nas suas mãos por falar muito?

—Então Deguerre terá que esperar até que se congele o inferno — assegurou Simon.

Dominic olhou aos escudeiros e fez um gesto brusco para que os deixassem sozinhos. Os moços se afastaram e se refugiaram no oco da escada.

—Irmão... —começou Dominic lançando um suspiro— Por Deus, esperava que este momento não chegasse.

Tenso, Simon esperou, adivinhando o que preocupava ao lobo dos glendruid.

—Me deixe mandar procurar lady Amber —pediu por fim Dominic— Ela adivinhará a verdade ou falsidade das acusações de Geoffrey. Então poderemos pôr fim aos problemas que está causando.

—Não.

A plaina negação de Simon surpreendeu tanto Dominic que levou um momento para responder.

—Por que não? —exigiu saber.

—Não desejo submeter Ariane nem Amber à agonia da adivinhação da Iniciada.

Só era a metade da verdade, mas era a única metade que Simon estava disposto a discutir.

—Maldito seja —grunhiu Dominic— Amber poria fim às mentiras do Geoffrey.

—Que mentiras? —limitou-se a perguntar Simon.

O lobo dos glendruid não pôde ocultar sua consternação.

—Geoffrey diz que Ariane é sua amante!

—Não, só insinua.

—Mas...

—Você ou qualquer um viu sinal algum de que Ariane não me tenha sido fiel?

Dominic amaldiçoou entre dentes e golpeou o parapeito de pedra com a mão protegida pela manopla.

—Me diga que viu? —insistiu Simon com frieza.

—Claro que não! —resmungou Dominic. — Desde que esse porco chegou, não tenho dúvidas de onde e como passou cada minuto que esteve acordado.

—Com Sven como uma constante e invisível sombra.

—Sim.

Simon encolheu os ombros.

—Então, não há problema.

—Não se faça de estúpido comigo — advertiu Dominic furioso— Sei perfeitamente que sua mente é mais rápida que sua espada.

Simon não respondeu.

—Geoffrey se gaba, acima de tudo no castelo, das almenas até no pátio de armas, de que deitou com Ariane — indignou-se Dominic.

— Sim, aconteceu.

Dominic ficou paralisado ao ouvir aquilo.

—Minha esposa e eu falamos uma vez, e só uma vez, do passado — admitiu Simon— Não permiti que voltasse a mencioná-lo, desde aquela noite.

—Ariane te disse que Geoffrey foi seu amante?

—Disse-me que Geoffrey a forçou, na Normandia.

—Violou-a?

—Sim.

—E o barão Deguerre ainda pensa em Geoffrey como um filho?—perguntou Dominic incrédulo.

—Sim.

—Não informaram ao barão?

—Disseram —indicou Simon em tom neutro.

—E?

—Ocorreu na noite em que Ariane foi informada que se casaria com Duncan de Maxwell, em vez de com Geoffrey —informou Simon— Geoffrey diz que

ela o convidou à sala de estar de seus aposentos, para compartilharem uma última taça de vinho e que ela o seduziu.

Os olhos do Dominic se entrecerraram.

—Acreditaram?

—Sim.

—Por que? —exigiu saber Dominic sem rodeios.

—Havia restos de uma poção amorosa no frasco de perfume de Ariane. Encontraram o recipiente em sua cama, junto com o sangue de sua virgindade perdida.

—Ariane te contou isso?

— Ela só me disse que Geoffrey a violou. Os detalhes vêm de Geoffrey. Recorda aquela noite com grandes detalhes.

Dominic pronunciou uma maldição, consciente de que Geoffrey gozava provocando Simon.

—O que tem dito Ariane de suas acusações?

—Jamais falamos do passado.

—Deus, este assunto não é confiável! O que você acha que se passou realmente entre Geoffrey e Ariane?

Simon não disse nenhuma só palavra.

—Você... acredita em Geoffrey —disse Dominic em voz baixa.

Durante longos e tensos momentos, Dominic procurou o rosto de Simon com intensos olhos cinzentos, muito parecidos com os do broche glendruid. Depois, amaldiçoou amargamente e afastou seu olhar.

—Matar Geoffrey não mudará o fato de que não fui o primeiro homem de Ariane —alegou Simon em tom monótono— E não estou disposto a arriscar o futuro da fortaleza de Blackthome por um passado, que não se pode mudar.

Durante tensos segundos só se escutou o ruído do vento e as aleatórias vozes dos cavalheiros que ocupavam suas posições defensivas por todo o castelo.

—Aceita? —perguntou por fim Dominic.

Simon fechou os olhos durante algum tempo.

Quando voltou a abri-los, eram negros e inescrutáveis como a noite.

—Não terei outra esposa que não seja Ariane —afirmou.

Os lábios de Dominic se estreitaram formando uma linha dura.

—Meg disse o mesmo.

Simon fez uma careta.

—Olhos glendruid.

—Sim. Viu sua aceitação de Ariane tal como é hoje, não a donzela inocente que tinha todo o direito de reclamar como esposa.

Essa é a razão pela qual não mandei procurar Amber e não te obriguei a escutar sua verdade.

—Obrigado. Eu não gostaria de envergonhar Ariane diante de todo o castelo.

—E você? O que acontece com seu orgulho?

— Já levou golpes piores.

—Seriamente?

—Sim, quando minha luxúria por uma rameira casada quase te custou a vida.

Com uma careta, Dominic olhou por cima dos nus campos do castelo e as colinas cobertas de névoa.

—O que fará quando Geoffrey acusar Ariane de adultério? — inquiriu— Sabe que o fará. Está decidido a te obrigar a desafiá-lo.

—Sven impugnará suas mentiras.

—Sven só seguiu esse bastardo desde que chegou ao castelo. Tenho entendido que é possível que Ariane e Geoffrey se encontrassem antes.

—Sven deveria cuidar de suas palavras —replicou Simon com uma claridade mortal— A ele sim posso matar, sem causar uma guerra.

—É seu amigo.

—Ariane é minha esposa.

Dominic olhou seu irmão e voltou a afastar os olhos.

—Se Blackthorne fosse bastante forte para resistir a uma guerra com o barão Deguerre, onde estaria Geoffrey? —inquiriu.

—Morto há dez dias —disse Simon sucinto.

Com os olhos entrecerrados contra o vento e uma emoção que lhe rasgava a garganta, Dominic esperou até que se sentiu capaz de falar.

—Controla sua espada e humilha seu orgulho por lealdade a mim — murmurou.

—E por Meg, por seu filho não nascido. Pelos filhos que agora espero ter algum dia.

—NaTerra Santa não o teria feito.

—Na Terra Santa era um insensato que só obedecia à paixão. Agora a paixão já não me governa; eu governo a ela.

Dominic golpeou o parapeito com o punho, lutando contra a necessidade do sacrifício de Simon. Mas este tinha razão em suas afirmações sobre a vulnerabilidade de Blackthorne. Não poderiam resistir ao ataque coordenado de um exército como o que Deguerre estava reunindo.

Durante um longo tempo, o lobo dos glendruid fechou os olhos e inclinou a cabeça como se rezasse, mas, finalmente, ergueu-se e olhou o irmão a que amava como ninguém, exceto a sua esposa.

—Estou em dívida contigo. —Seus olhos brilhavam pela emoção— E não acredito poder pagar jamais tal dívida.

—Não —refutou Simon— Sou eu quem está em dívida contigo.

Mas Dominic já tinha dado a volta e se dirigia com passos decididos para o sentinela. Só o vento ouviu o protesto de seu irmão.

— Posso vê-los, milorde! —gritou o sentinela— Vêm a toda velocidade!

Dominic se inclinou contra o vento enquanto Simon se reunia com ele.

O sentinela tinha razão. Os cavaleiros se aproximavam muito rápido.

—Cavalos de guerra —assinalou Simon— Olhe! É Amber!

—Está seguro?

—Sim. A primeira vez que a vi foi assim, com seu cabelo açoitado pelo vento. E Erik está com ela! Vê Stagkiller junto ao cavalo?

—Tem razão —interveio Sven, atrás deles— E esse corcel marrom é o de Duncan. Conheço-o bem de quando tive que trazer o de volta a Blackthome o verão passado.

—Graças a Deus —exalou Dominic.

Voltou-se e fez um gesto para John, que veio à carreira.

—Dá o sinal de que os serventes podem voltar para suas tarefas domésticas—ordenou Dominic— E se assegure de que informem a lady Margaret do número de convidados.

—Sim, milorde —respondeu John, que se virou e pôs-se a correr para a escada.

—Os receberemos na entrada —disse Dominic. Olhou ao Sven e lhe perguntou—: Onde está Geoffrey?

—Deixei de vigiá-lo quando soou o alarme.

—Estava deitado?

—Não .

Dominic grunhiu.

—Já se recuperou?

—Infelizmente, sim.

—Do que? —quis saber Simon, Dominic e Sven trocaram um estranho olhar.

—Encontraram Geoffrey na pocilga ontem pela manhã — informou seu irmão em tom neutro.

—O quê?

Dominic e Sven voltaram a olhar-se.

—Alguém o despiu por completo e o deixou de barriga para baixo no esterco dos porcos —se limitou a dizer Sven.

Simon olhou a ambos os homens, que por sua vez o observavam em espectativa.

—Oxalá tivesse sido eu —resmungou Simon— mas não fui eu.

Quem deu esse castigo a tão ilustre cavalheiro?

Sem responder, Dominic voltou-se e começou a andar para a escada com a perita coordenação de um guerreiro bem treinado.

Simon e Sven o seguiram acompanhando seus passos aos dele.

—Posso tratar de adivinhar quem deixou Geoffrey arrastando-se pelo esterco —comentou Sven enquanto entravam no edifício principal— eu apostaria em Enjoe.

—Não estava ali? —perguntou Simon.

—Estou aborrecido de vê-lo grunhir e suar em cima ou debaixo dela, pelas noites. Quando Enjoe está com ele, eu espero no pátio de armas até que a vejo sair.

—Por que o deixaria nu na pocilga? —perguntou Simon, sorrindo ante aquele pensamento— Ultimamente, andava sempre atrás dela.

Sven encolheu os ombros.

—Enjoe é uma mulher. Quem sabe que pensamentos cruzam por sua mente?

—Passa muito tempo em companhia de Erik —assinalou Simon sarcástico— Começa a falar como ele.

—Um homem de conhecimentos pouco comuns — concordou Sven, sorrindo.

—Acredito que Sven tem razão a respeito de Enjoe —interveio Dominic— Quando fui ver Geoffrey na pocilga, reconheci algumas das marcas em seu corpo de minha estadia na maldita prisão do sultão.

—Geoffrey tinha sido torturado? —interessou-se Simon.

Dominic sorriu mordaz.

—Poderia chamá-lo assim, ou poderia dizer que foi extenuado por uma cruel moça de harém.

—Enjoe —disse Simon— Nunca usou esses truques com nós três, mas o resto dos cavalheiros aprenderam em suas mãos o perto que podia estar a dor do prazer.

—Assim é —assentiu Dominic.

—Mas, por que Geoffrey? —insistiu Simon, enquanto desciam as escadas de entrada ao grande salão— O que tem feito para que Enjoe queira vingar-se?

—Pergunte a sua mulher —sugeriu Sven.

—O que tem a ver Ariane com Enjoe?

—Não sei. Só sei que seu escudeiro a viu dirigir-se ao quarto de Enjoe, bem tarde, há umas dez noites.

—Dez noites...?

Simon amaldiçoou entre dentes, detendo-se no centro do prédio.

—Sim— confirmou Dominic detendo-se com seu irmão— O escudeiro ouviu o que tinha passado na armería, quando Ariane empunhou sua adaga, e a seguiu.

—Terei que ensinar Thomas a manter a boca fechada.

—Poderia ter sido Enjoe.

—É muito discreta para falar do ocorrido.

Dominic sorriu, como um lobo.

—Seu escudeiro temia que Enjoe pudesse fazer algo a Ariane.

—Ou viceversa —murmurou Sven.

—E quando não pôde encontrá-lo, correu para Sven —explicou Dominic.

—Cheguei bem a tempo de ver Ariane subir as escadas das almenas —disse Sven com cuidado de não olhar para Simon.

Um rubor que pouco tinha a ver com o calor, tingiu as bochechas de Simon.

Sven desatou a rir, bateu no seu amigo com força nas costas e não mencionou mais do ocorrido entre Ariane e Simon nas almenas.

—Sabendo que Ariane estava a salvo, voltei a vigiar Geoffrey —seguiu Sven— Enjoe apareceu de repente no estábulo no qual ele dorme e abriu as

calças dele antes que o cavalheiro soubesse o que estava se passando, e foi assim noite após noite.

—Não admira que pareça tão cansado —zombou Simon.

—Enjoe tem algumas técnicas e ferramentas interessantes, mas no final é o mesmo —reconheceu Sven.

—Como acabou Geoffrey no esterco? —quis saber Simon.

—Não sei. As últimas três noites, quando Enjoe ia ver Geoffrey, ia ao barraco do guarda e dormia, sabendo que esse bastardo não se meteria em problemas até bem depois do amanhecer.

Simon moveu a cabeça em silenciosa compaixão ante as largas e frias vigílias de seu amigo.

—Ontem, ao amanhecer —concluiu Sven— o cuidador dos porcos encontrou Geoffrey no esterco, e disse a Harry, que foi para mim. E eu fui em busca de Dominic.

—O que fez? —perguntou Simon a seu irmão.

—Geoffrey parecia estar em casa —aduziu Dominic com um sorriso mordaz— assim, o deixei ali.

Simon riu as gargalhadas, mas um momento depois, teve um pensamento que devolveu a seriedade a seu rosto.

—E se Deguerre protestar? —perguntou Simon— Pelo que disse Ariane, Geoffrey é como um filho para ele.

—E você é meu irmão. Se Deguerre tiver alguma objeção sobre o alojamento de Geoffrey, poderia ensiná-lo a não comportar-se como um porco.

Simon fez uma careta.

—Não, não é sua culpa. Não deveria carregar a fúria de Deguerre.

—Então permita que Amber use seu dom. Pode fazer em particular.

Simon fechou os olhos. Sua parte passional, a parte que nunca se submeteu voluntariamente à lógica, queria acreditar que Ariane tinha sido violada, não seduzida. E, entretanto...

Por um momento, a mente de Simon voltou para a noite em que sua esposa tinha subido para buscá-lo nas almenas, quando o tinha tomado em sua boca. É impossível que se tratasse de uma virgem violada. Não me importa. É suficiente que me deseje como nenhuma outra mulher o tinha feito.

Simon estremeceu de excitação, ao pensar na abandonada resposta de Ariane a suas carícias. Poderia passar toda a vida com aquele fogo.

Não é como Enjoe, que só obtém prazer controlando um homem. Sou eu quem controla a sensualidade de Ariane, não ela que controla a minha.

—Simon? —perguntou Dominic.

—Deixe estar — pediu seu irmão— Aceito a minha esposa tal como é. Nada do que Amber tenha para dizer do passado me interessa.

O lobo dos glendruid elevou uma sobrancelha como uma interrogação e seus olhos prateados se estreitaram, fugazmente.

Simon devolveu aquele olhar com a mesma árida frieza com que lhe tinha chegado.

—O que há no presente? —resmungou Dominic.

—Você é o perito em estratégia —replicou Simon— Diga-me, irmão, o que é melhor para Blackthome? Que aceite a uma esposa que perdeu a virgindade por vontade própria ou que vingue uma donzela violada por um traidor?

Embora nenhum dos dois falasse em voz alta, ambos recordaram o que Amber havia dito tempo atrás, sobre as emoções negras de Ariane: Um grito impronunciado. Uma traição tão profunda que quase destrói sua alma. Era muito melhor para Blackthorne se a traição que tinha sofrido Ariane fosse do tipo habitual, uma donzela seduzida e logo abandonada. Não requeria vingança alguma por isso. Só mera aceitação. E Simon aceitava Ariane.

Dominic deixou escapar um suspiro que era mais uma maldição.

—Vejo que começa a entender —assinalou Simon com frieza— É melhor não conhecer algumas verdades.

Dominic soltava frases sarracenas, amaldiçoando a armadilha da qual nem sequer seu brilhantismo e tática poderiam tirá-los.

—Sim —ratificou Simon com amargura— Aceite, lobo dos glendruid. Deixe estar.

Carrancudo e silencioso, Dominic voltou-se e se dirigiu para o portão da entrada da muralha, seguido de perto por seu irmão e Sven.

A pavimentação era traiçoeira, com gelo nas zonas sombrias e brilhante de umidade a tênue luz do dia. O vento formava redemoinhos trazendo aroma de neve, e o ensurdecedor som dos cascos dos cavalos sobre a ponte de madeira e a pavimentação do pátio retumbava por todo o castelo.

Erik foi o primeiro a desmontar. Seu olhar pousou primeiro em Dominic, logo em Simon e depois percorreu o pátio de armas.

—Tudo parece normal —comentou o jovem feiticeiro.

—Estava, até que o sentinela divisou sua comitiva no bosque —replicou Dominic sardônico.

Erik tirou o elmo e o capuz de cota de malha, revelando seu cabelo, brilhante como o sol, e os olhos dourados de um lobo. Jogou a cabeça para traz e emitiu um assobio agudo, que recebeu por resposta o grasnido de um falcão Iniciado.

Winter se lançou das nuvens baixas, pousando sobre a manopla do antebraço de seu senhor.

—Agradecemos por tudo estar em perfeita calma —disse Erik— O tempo é muito tormentoso para poder usar Winter como explorador.

—Também é muito tormentoso para viajar —assinalou Sven— Deveria ter esperado que a tormenta cessasse.

—Cassandra temia que não houvesse tempo suficiente —explicou Duncan desmontando.

—Para que? —perguntaram Dominic e Simon juntos.

Erik e Duncan olharam para Amber.

—Para averiguar a verdade, antes de que seja muito tarde— respondeu Amber.

—Que verdade? —inquiriu Simon.

A nua fúria de sua voz sobressaltou Amber, recordando que pouco tempo atrás Simon a tinha chamado de bruxa do inferno. Respirou profundamente e enfrentou o homem que a observava, com olhos negros como a noite.

—Cassandra disse que você saberia.

CAPíTULO 28

Logo que chegou a comitiva dos castelos do Círculo de Pedra, o granito começou a repicar contra os muros da fortaleza de Blackthorne, empilhando-se em montículos congelados nos cantos do pátio. Os homens de Erik e Duncan se acomodaram para dormir em qualquer lugar resguardados do vento e da neve, como seus cavalos.

Para a hora do jantar, o castelo estava completamente cheio. Os cavalheiros dos três castelos se sentavam, cotovelo com cotovelo, nas enormes mesas, ocupando toda a longitude do grande salão e molhando as últimas gotas do suco da carne em grandes pedaços de pão fresco.

Só Geoffrey sentava-se sozinho. Estava no extremo mais afastado de uma das mesas de cavalete, o mais longe possível da mesa do senhor. Nenhum escudeiro o atendia. A separação entre ele e outros era o suficientemente grande para que Geoffrey tivesse que levantar-se para conseguir sua própria comida, já que ninguém a oferecia. Nem sequer Sven, que se sentava a uns metros dele.

Era patente a hostilidade dos cavalheiros das terras da fronteira para Geoffrey, o que tinha feito o lobo dos glendruid decretar que não se podiam levar espadas ao interior do grande salão. Dominic também tinha considerado

a possibilidade de proibir as adagas, mas finalmente tinha decidido não fazê-lo. Os escudeiros já tinham muitos afazeres durante as comidas sem ter que cortar a carne para os cavalheiros, como se fossem refinadas damas de alta linhagem.

Erik sentou-se na mesa do senhor, na parte frontal do salão, de onde observava Geoffrey com olhos cor de fogo. Suas mãos seguravam uma adaga de prata que brilhava cada vez que girava a lâmina com lentidão, quase reverente. O falcão, atrás de sua cadeira, parecia furioso, suas plumas estavam encrespadas e movia as patas tão freqüentemente que suas correntes de ouro e prata tangiam, incessantes. Os malignos olhos do falcão não se separavam de Geoffrey, como tampouco o fazia o dourada olhar de Stagkiller. A luz das tochas brilhava nas presas do enorme cão lobo enquanto lambia as suas patas e grunhia, solicitando permissão para ir à caça.

—Erik—disse Amber em voz baixa— tranqüilize seus animais. Incomodará Geoffrey.

—Um homem que dorme em esterco de porco não merece nossa preocupação.

Os cavalheiros que estavam perto para escutar o comentário do feiticeiro, riram. A história que Geoffrey tinha sido encontrado nu na pocilga tinha percorrido o castelo com tanta velocidade como o vento de uma tormenta.

Amber olhou para Dominic procurando ajuda para refrear a seu irmão e viu que o lobo dos glendruid observava Erik com tanta atenção como este o fazia com Geoffrey.

—Disse a Cassandra que devia vir conosco —murmurou Amber— Erik está pensando em cortar a língua de Geoffrey.

Dominic emitiu um som de aprovação.

—Não é de grande ajuda —protestou Amber— Onde está Meg? Poderíamos usar uma de suas infusões calmantes.

—Ela e Ariane estão em nosso salão particular — informou Dominic— Meg não se encontrava com vontade de comer aqui.

Algo no tom do lobo dos glendruid obrigou Erik, Simon e Duncan a olhá-lo.

—Está perto o momento? —perguntou Duncan com a familiaridade de um velho amigo.

—Não, ainda temos que esperar umas semanas mais, mas ambos estamos impacientes para ver nosso filho.

Como em resposta à preocupação de Duncan, Meg e Ariane entraram no grande salão. A jovem normanda se aproximou de Simon, ignorando o resto dos presentes no salão, e pousou uma mão sobre seu ombro, solicitando em silêncio, sua atenção. Ao seu lado, Meg se inclinou e murmurou algo no ouvido de Dominic.

Simon não viu a feroz expressão de alerta que assaltou Dominic, já que Ariane tinha tomado sua mão e pressionava sua bochecha contra a palma.

—O que ocorreu, rouxinol? —inquiriu Simon.

—Nada. Só desejava tocá-lo. O beijaria, se não estivéssemos à vista de todo o castelo.

—Escandalize o castelo e me beije.

Seduzido pela deliciosa suavidade da pele de sua esposa, Simon rodeou com uma mão, o pescoço de Ariane e aproximou-se para beijá-la, ocultando a carícia atrás da seda ametista do véu que cobria o cabelo da jovem.

Enquanto isso, Meg se aproximou de Duncan, falou de modo que ninguém mais pudesse ouvir e se dirigiu a Amber. Enquanto a curandeira se inclinava para sussurrar algo a Amber e Erik, Duncan se levantou e se colocou atrás de Simon, que não percebeu o que ocorria, porque o vestido de Ariane se estendeu sobre suas pernas, acariciando suas coxas sob a mesa. Os lábios femininos se abriram e sua língua tentou-o.

Erik se levantou com movimentos ágeis, percorreu a longitude do salão junto a Amber, e se detiveram perto de Geoffrey.

Depois de uma olhada nos olhos de Erik, Sven deixou seu pão e se separou da mesa. Em questão de um momento, fundiu-se com o resto dos

cavalheiros. Logo estava ao lado de Dominic, disposto a obedecer as possíveis ordens de seu senhor.

—Tudo está preparado —anunciou Meg em voz alta.

—Amo você, Simon —murmurou Ariane contra sua boca— Logo poderá acreditar em mim e me amar também.

As palavras surpreenderam Simon. Ariane não tinha falado de amor desde a primeira e selvagem noite em que, por fim, se consumou seu matrimônio. Até aquele instante não se deu conta do muito que tinha desejado voltar a ouví-la dizer que o amava.

O prazer e a dor rasgaram Simon por igual, consciente de que Ariane esperava que o amor fosse recíproco. Mas ele não podia amá-la. Jamais voltaria a permitir que uma mulher tivesse tanto controle sobre ele, nem sequer Ariane.

—Rouxinol —sussurrou Simon.

Ariane se afastou, antes que seu marido pudesse alcançá-la. Deu a volta e percorreu com rapidez as mesas nas quais os cavalheiros já não comiam, mas sim olhavam à bruxa de âmbar, que sacudia a cabeça para soltar seu longo e dourado cabelo.

Simon recordou de repente que era costume das mulheres Iniciadas soltar seu cabelo quando procuravam conhecimento... ou vingança.

—Ariane! —gritou Simon.

Ela se voltou e dedicou a seu marido um olhar tão doce como feroz.

—É muito tarde, meu amor —disse Ariane.

—Não!

Simon teria se levantado de um salto, mas Duncan apoiava suas mãos com firmeza sobre seus ombros, obrigando-o a permanecer sentado.

—Maldição! Solte-me! —rugiu Simon lutando— Tenho que detê-la!

Duncan grunhiu e empurrou com ambas as mãos, cravando seu amigo na cadeira.

—Se comporte ou terei que pôr uma adaga entre suas coxas, como fez você uma vez! —ameaçou Duncan, entre dentes.

—Fique quieto —ordenou Dominic a Simon— Ariane tem direito a fazê-lo. Já é hora de se conhecer a verdade.

—Não se dá conta? —bramou Simon retorcendo-se, tentando livrar-se de Duncan— Se esse bastardo filho de uma rameira e um cuidador de porcos violou Ariane, matarei-o! E ao inferno com a paz de Blackthome.

—Sei —admitiu Dominic com semblante sombrio— E desejaria seriamente poder permitir que lhe fatiasse o pescoço, mas não posso.

As poderosas mãos de Duncan se fecharam dolorosamente sobre Simon, era impossível que se libertasse. Ele tentou levantar-se uma vez mais, duas... e logo ficou quieto, guardando sua força para quando seu captor estivesse menos atento.

—Sinto muito, irmão — desculpou-se Dominic, tocando o antebraço de Simon com afeto.

Não houve tempo para mais desculpas ou lamentações. Meg reclamou a atenção dos presentes e com o exigente tom de uma feiticeira glendruid e o salão ficou tão em silêncio, que o delicado tangido de suas jóias de ouro podia ser ouvido com claridade.

—Sir Geoffrey insultou a honra de lady Ariane. Entretanto, ela solicitou expressa e contundentemente que este assunto não se resolva mediante as armas, dado que isso só poria fim a paz que o lobo dos glendruid tanto se esforçou para manter.

Um murmúrio se estendeu entre os cavalheiros reunidos. Todos sabiam qual era aquele assunto, e todos se perguntaram por que Simon não tinha matado Geoffrey. Agora sabiam.

—Em seu lugar —continuou Meg— Ariane solicitou que sir Geoffrey se submeta a um interrogatório ao modo Iniciado, e lady Amber aceitou.

—O que significa tudo isto? —exigiu saber Geoffrey, golpeando sua jarra de cerveja vazia contra a mesa— Todo mundo conhece a verdade: lady Ariane é mi...

As palavras de Geoffrey morreram quando a lâmina de uma adaga pressionou sua boca, provocando finas linhas de sangue em ambas bordas.

—Lorde Dominic o prefere vivo —resmungou Erik com suavidade letal— Eu não. E deve saber que Dominic não é meu senhor.

Geoffrey tentou afastar-se, mas a lâmina do feiticeiro o seguiu, extraindo mais sangue.

—Manterá o decoro — ameaçou Erik, em tom suave— ou cortarei sua língua, Entendeu?

—Sim —disse Geoffrey, com voz rouca.

Entretanto, seus olhos diziam que mataria Erik na primeira oportunidade. Os olhos do feiticeiro arderam em resposta enquanto seu falcão grasnava e tentava livrar-se de sua prisão.

—Lorde Erik — chamou Dominic— Preferiria tê-lo ao meu lado.

Devagar, relutante, o feiticeiro baixou a adaga e voltou para seu lugar na mesa do senhor. Não o fez só por ser o convidado de Dominic; os interrogatórios Iniciados não permitiam o uso da força, a não ser que a pessoa interrogada lutasse, e Geoffrey já não mostrava sinais de que iria resistir.

—Começe quando estiver preparada —pediu Dominic a Amber.

Meg dedicou um olhar compassivo a Amber, consciente do que a jovem estava a ponto de suportar. Amber não se deu conta. Só tinha olhos para Ariane.

—Está preparada? —perguntou.

—Sim —respondeu Ariane— Mas, está segura de que não prefere me interrogar?

—Sim. É importante que saibamos cada uma das verdades de Geoffrey.

—Então, estamos perdidos —replicou Ariane cortante— Geoffrey não carrega verdade alguma.

Geoffrey começou a falar, mas pensou melhor quando Erik se adiantou, ameaçador.

—Ariane terá a oportunidade de ser interrogada, se assim o desejar —decretou Meg.

Amber respirou fundo, preparando-se. Depois pousou a ponta de um dedo na bochecha de Geoffrey, acima do sangue derramado pela faca de Erik.

Imediatamente, a jovem empalideceu e apertou os dentes para não gritar. O suor brotou em sua pele e seus olhos se dilataram-se, até parecerem quase negros.

Fosse o que fosse o que Amber sentiu ao tocar em Geoffrey, era evidente que lhe causava uma intensa dor. Mas era o único modo de conhecer as verdades daquele bastardo. Ou suas mentiras.

Um visível estremecimento percorreu Amber, enquanto utilizava seu conhecimento como Iniciada para controlar sua resposta ante o contato de Geoffrey.

Na mesa do senhor, Duncan cravou seus dedos em Simon, como um silencioso protesto pelo sofrimento de sua esposa.

—Eu não queria que Amber ou Ariane passassem por isso —disse Simon.

—Sei —disse Duncan afrouxando um pouco a pressão— Tampouco Amber queria que Deus lhe desse a habilidade de ver a verdade. Simplesmente é assim, e deve ser sofrido.

—Por que permitiu? —exigiu saber Simon, dirigindo-se a Dominic.

—Era o direito de Ariane.

—Ser envergonhada diante de todo o castelo?—rugiu Simon feroz—. Por Deus, não merece isto!

—Foi ela quem pediu —assinalou Dominic, com voz calma—Temo que a ofendeu, Simon.

—Isso é passado! —bramou Simon— Violada ou seduzida, não me importa!

—A Ariane importa, sim.

Amo você, Simon. Logo poderá acreditar em mim e me amar também.

Simon deixou de lutar ao sentir que uma aguda dor lhe atravessava as vísceras. Ariane realmente acreditava que ele poderia amá-la, se demonstrasse que a tinham forçado, em lugar de seduzido.

—Comece —indicou Amber sem expressão na voz, dirigindo-se a Ariane.

A jovem normanda se voltou então para Geoffrey, olhando-o pela primeira vez desde que entrou no grande salão.

—A manhã em que meu pai me contou que tinha me prometido a outro cavalheiro —começou com voz clara— veio para mim em particular e me rogou que fugisse contigo?

—Não, foi você quem...

—Não minta —disse Amber.

Sua voz era tão inexpressiva como seu rosto.

—Quem são vocês para dizer que minto? — estalou Geoffrey.

—Silêncio.—Embora tranqüila, a voz de Meg era temível, igual ao brilho de seus olhos— O dom de Amber é bem conhecido nas terras da fronteira.

—Não tem direito de me julgar! —protestou Geoffrey.

—Verdade —disse Amber.

Uma expressão de surpresa assaltou o rosto de Geoffrey.

—Entende agora? —perguntou Meg— Quando Amber o toca, descobre a veracidade ou falsidade de suas respostas. Você pensa que não temos direito a lhes julgar, por isso Amber perceberá se sua resposta é ou não sincera.

—Bruxaria —acusou Geoffrey fazendo o sinal da cruz.

Sem uma palavra, Amber colocou sua mão livre na túnica e tirou uma cruz de prata. O âmbar de cor vermelho sangue brilhava em cinco pontos da cruz que repousava em sua mão. Os dedos da bruxa de âmbar fecharam-se ao redor da cruz durante um longo instante, voltando a abrir-se depois para mostrar que não tinha marcas de nenhum tipo. Não havia sinaiss de que a cruz tivesse ardido em protesto por estar sobre sua pele.

Geoffrey olhou para a mesa do senhor, onde se sentava o capelão de Blackthorne, e gritou:

—O que diz você, capelão?

—Não deve temer a presença de Satã neste castelo — respondeu o aludido, assegurando-se de que sua voz chegasse à totalidade do grande salão— Lady Amber, como lady Margaret, foi abençoada por Deus de um modo estranho.

Aturdido, Geoffrey olhou de novo a cruz de Amber.

—Veio a meus aposentos naquela noite —perguntou Ariane interrompendo o silêncio— e me deu vinho?

—Sim —respondeu Geoffrey, sem prestar atenção, ainda preso pela visão da cruz repousando serena na mão de Amber.

—Diz a verdade —confirmou Amber.

—Pôs uma poção em meu vinho? —interrogou Ariane.

Geoffrey voltou a cabeça de repente para enfrentar a sua acusadora. O vestido ametista que usava a jovem se agitava, em silêncio, fazendo brilhar intensamente os bordados de prata que cruzavam o objeto como raios velados, e as jóias de seu cabelo reluziam com a mesma frieza dos olhos violetas.

—Não —respondeu Geoffrey.

—Não minta —disse Amber.

Um murmúrio se estendeu entre os cavalheiros reunidos.

—Essa poção, fez com que minha mente se aturdisse e que meu corpo ficasse incapacitado para lutar? —inquiriu Ariane.

—Não!

—Não minta!.

O murmúrio cresceu, falando da grave afronta que tinha sofrido Ariane. Cauteloso, Duncan olhou para Simon, e ao ver que estava calmo e em pleno controle de si mesmo, afrouxou um pouco sua pressão, com um suspiro de alívio não exteriorizado.

Simon não se moveu para tirar partido daquela situação, por isso a sujeição de Duncan logo se suavizou ainda mais.

—Levou-me a minha cama? —perguntou Ariane.

Silêncio.

—Sim.

—Diz a verdade.

Ariane respirou fundo para temperar um ódio e um desprezo que a faziam estremecer.

Um grito impronunciado.

—Ali me violou, e quando por fim chegou a manhã...

—Não!

— Não minta.

Uma traição tão profunda que quase matou sua alma.

—...trouxe meu pai para que me visse estendida e nua nos ensangüentados lençóis...

—Jamais!

—Mentira.

—... e lhe contou que eu tinha te seduzido, usando uma poção.

—Não! Você…

— Não minta.

Ariane, a traída.

Um murmúrio com seu nome e a traição sofrida percorreu o grande salão como o vento de uma tormenta, mostrando a Geoffrey que Ariane tinha vencido.

—Então você... —começou Ariane.

Geoffrey ficou em pé de um salto e fechou seus dedos ao redor do pescoço da jovem, como se quisesse sufocar a verdade, e Ariane com ela.

Com um feroz grito de raiva, Simon se libertou de Duncan e derrubou a mesa do senhor, jogando caras taças e pratos em todas as direções.

Imediatamente, como se se tratasse de um, Duncan, Dominic e Erik saltaram por cima da mesa, atrás de Simon.

Não foram suficientemente rápidos. Simon mal tocava o chão, enquanto corria. Os cavalheiros presentes lançaram uma olhada ao negro inferno de seus olhos e se apressaram a afastar-se de seu caminho.

De repente, o agudo grito de Geoffrey cobriu o salão. As largas mangas de Ariane tinham flagelado seu rosto, deixando marcas de um vivo vermelho onde o vestido havia estado em contato com sua pele nua.

— Mandarei você ao inferno, bruxa! —bramou Geoffrey, tirando uma adaga debaixo de seu manto e levantando a lâmina— Oxalá, pudesse matar você e seu maldito marido, quando os ataquei nas terras da fronteira!

No instante em que o cavalheiro renegado se dispunha a baixar sua arma, a adaga de Simon voou riscando uma imprecisa linha entre as mesas e afundando-se em seu ombro e, antes que alguém pudesse sequer respirar, Geoffrey caía e Simon estava sobre ele.

Sem perder um segundo, Simon arrancou de Geoffrey a adaga que ainda segurava e cravou a lâmina entre as costelas, no ponto exato em que Ariane tinha sido ferida. Quando a arma não pôde aprofundar mais, Simon virou a faca sem compaixão.

—Oxalá, passe a eternidade no inferno — desejou em voz baixa. Geoffrey morreu imediatamente.

Elevando-se sobre seu inimigo morto, Simón escutou na distância as palavras dos cavalheiros que ocupavam o grande salão, Geoffrey o Justo. Um cavalheiro renegado. O protegido de Deguerre. Morto. Simon o Leal por fim vingou Ariane a Traída. Um calafrio rasgou Simon quando a mão de Dominic pousou, com suavidade, em seu ombro. A raiva retrocedeu, deixando lugar à prudência, e de repente tomou consciência do que tinha feito.

Odiando a si mesmo por não ter se controlado, Simon deu as costas ao corpo de Geoffrey, para enfrentar o lobo dos glendruid.

—Tornei a traí-lo —declarou com a voz áspera, devido ao esforço para manter seu controle.

—Defendeu a honra e a vida de sua esposa —replicou Dominic tranqüilo— Não há traição nisso.

—Poderia não ter matado Geoffrey, mas o fiz. Ainda pior, se pudesse voltar atrás, sei que faria o mesmo... mas mais devagar, com mais dor, até que suplicasse aos gritos que pusesse fim a seu sofrimento.

Virou-se e se dirigiu para Amber, estendendo a mão.

—Lady Amber, por favor, poderia... ?

Amber hesitou um instante, antes de tocar Simon. Seus dedos se agitaram uma vez e logo se tranqüilizaram. Respirou fundo e observou o guerreiro com seus olhos dourados, esperando que falasse.

—Diga a minha esposa —começou Simon sem olhar para Ariane— que se Blackthome fosse mais forte, teria silenciado esse filho de uma cadela muito antes.

—Verdade.

—Diga a minha esposa que não duvido de sua fidelidade.

—Verdade.

—E, finalmente —acrescentou Simon— Diga a minha esposa que a certeza de sua inocência faz com que a tenha em maior estima.

—Verdade.

—Lamento a dor que te causei, milady —desculpou-se Simon ao mesmo tempo que retrocedia, para afastar-se de Amber.

—Não houve dor.

—É tão gentil como formosa.

Simon voltou-se com rapidez e olhou para Ariane.

—Rouxinol —disse com suavidade— já está em paz?

Ariane não pode falar. As lágrimas apertavam sua garganta e embaçavam seus olhos. Tinha ouvido tudo o que Simon não havia dito. Sua irrefletida

determinação por demonstrar sua inocência tinha feito com que seu marido traísse a seu irmão, ao qual amava mais que tudo na vida.

Por defender Ariane, Simon tinha aniquilado a paz de Blackthome com tanta segurança como tinha aniquilado Geoffrey.

As palavras de Enjoe sobre a traição e a Terra Santa ressoaram em sua mente, como um negro presságio.

Passarão muitos anos antes que esqueça... ou me perdoe. Ariane temia que acontecesse o mesmo com ela.

CAPíTULO 29

—Milady? —chamou-a Blanche.

—O que aconteceu?

Ariane sobressaltou-se por ouvir sua própria voz. A morte de Geoffrey naquele mesmo dia já era tensão suficiente para qualquer um, mas o mensageiro do barão Deguerre anunciando a iminente chegada de seu senhor tinha sido a gota que tinha transbordado o copo. A fortaleza de Blackthome estava tensa como as cordas mais agudas de uma harpa, e seu povo esperava para descobrir o momento preciso da chegada do normando e, ainda mais importante quantos guerreiros o acompanhavam.

—Não posso encontrar seu pente favorito —reconheceu Blanche com tristeza.

Ariane apenas a escutou. Estava segura de ter ouvido o sentinela por cima do lamento do vento.

—Milady?

—Está sob a cama, na janela mais próxima — se limitou a responder.

Blanche estava a meio caminho da cama quando parou e se voltou de repente para Ariane.

—Recuperou seu dom!

As palavras passaram através da preocupação de Ariane, que olhou a sua donzela impaciente.

—Não, devo tê-lo visto antes.

Blanche se ajoelhou junto à cama e afastou os cortinados.

—Deve ter uma vista muito aguda —ironizou— Eu mal posso encontrar essa maldita coisa com ambas as mãos.

—Disse algo? —perguntou Ariane.

—Não —murmurou Blanche.

Enquanto lutava para voltar a ficar em pé, a donzela se alegrou de que a bruxa de âmbar não andasse perto para pilhá-la em uma mentira.

Ariane apenas se deu conta que Blanche a penteava e prendia o seu cabelo. Só pensava na noite que estava por chegar, quando Simon terminasse sua ronda pelas almenas. Perguntava-se se o guerreiro estaria tão furioso com ela como tinha estado, há tempos com Enjoe... ou se voltaria para o leito conjugal na escuridão, para lhe ensinar que o êxtase era sempre novo, sempre abrasador.

Rouxinol, já está em paz? As lágrimas ardiam nos olhos de Ariane. Não estava em paz. Tinha arriscado muito ao interrogar Geoffrey à maneira Iniciada, só para descobrir que sua verdade não significava nada para Simon. Mas essa mesma verdade o tinha obrigado a voltar a trair seu irmão.

Simon não amava Ariane antes, e não a amaria agora.

—Quando acha que virá? —perguntou Blanche.

—Simon? —inquiriu Ariane com voz enrouquecida.

—Não, seu pai.

—Logo, muito em breve.

—Esta noite? —quis saber Blanche, sobressaltada— Já é muito tarde.

—Seria muito próprio dele chegar quando ninguém o espera.

—Quantos guerreiros trará?

—Muitos.

Um gritou chegou das gélidas almenas. Ariane escutou, imóvel, e ouviu o sentinela anunciar a chegada do barão Deguerre através da escuridão e da tormenta.

—Meu vestido Iniciado —ordenou Ariane— Rápido.

Blanche levou o vestido e se retirou, agradecida por não ter que seguir tocando aquele tecido.

Enquanto os dedos de Ariane voavam sobre os laços, Dominic, Simon, Erik e Duncan foram de um lado para outro do castelo, dando ordens aos soldados.

—Um cavalheiro de bom berço teria esperado até amanhã para vir ao castelo —resmungou Simon— quando a maioria de nós não estivesse deitado.

—Deguerre espera encontrar nossos cavalheiros aturdidos pela cerveja, e nós com eles —assegurou Dominic.

—Sempre o estrategista —assinalou Simon.

—Deguerre ou Dominic? —perguntou Duncan cortante.

—Deguerre —indicou Dominic.

—Dominic —repôs Simon.

O lobo dos glendruid sorriu sardônico. Quando os quatro homens entraram no pátio de armas, o gelo que cobria a pavimentação brilhava taciturno à agitada luz das tochas.

—Erik —disse Dominic de repente— rogo-te que oculte seu engenho. Deixa que Deguerre pense que é...

—Estúpido? —sugeriu o aludido.

—Isso seria esperar muito —replicou Dominic— Deguerre é famoso por sua inteligência, mas se permanecer em silêncio, ao menos teremos a oportunidade de surpreendê-lo com sua astúcia.

Erik sorriu como um lobo.

—Acreditava que não tinha se dado conta.

Simon conteve uma gargalhada enquanto abria caminho com dificuldade pela escorregadia pavimentação. A habilidade de Erik para ver padrões onde outros só viam caos, tinha feito com que o lobo dos glendruid e o feiticeiro Iniciado discutissem em mais de uma ocasião.

Para Dominic, Erik era uma espada de dois gumes; entretanto, não podia evitar respeitar sua coragem e sua privilegiada memória.

Quando os quatro homens se aproximaram da guarita do guardião da entrada, Harry abriu a porta de um empurrão. Dentro, o fogo do braseiro lutava contra o frio invernal.

—Acha que Deguerre permitirá que lhe despojemos de suas armas? —perguntou Duncan enquanto entrava na guarita.

—Por que não? —respondeu Simon— Tanto Erik como você o têm feito e nenhum de vocês deve lealdade a Dominic.

Especialmente o feiticeiro.

—Certo —concordou Erik, em um tom apenas audível— O lobo dos glendruid não me deu mais que problemas.

—Obrigado —murmurou Dominic— Acreditava que não tinha se dado conta.

—E se Deguerre não aceitar a proibição de levar armas dentro da fortaleza? —inquiriu Erik ignorando Dominic.

—Então não permitiremos a entrada e dormirá lá fora — respondeu Simon.

—Por seu tom, diria que a perspectiva o agrada —disse Dominic.

—Preferiria que o barão dormisse no inferno, junto com o bastardo de seu protegido do que nas terras da fortaleza de Blackthorne —esclareceu Simon.

Dominic dirigiu um olhar receoso a seu irmão.

—Não tema — tranqüilizou Simon— Obedecerei suas ordens, sempre e quando não reforçarem o sofrimento de Ariane.

Duncan e Erik trocaram um olhar na oscilante luz de tochas. Era a primeira vez que Simon punha limites a sua lealdade para com o lobo dos glendruid.

—E se for necessário mais sofrimento? —perguntou Dominic.

—Então, irmão, me prenda melhor que da última vez. Parece que não posso me controlar com homens dispostos a atormentar um indefeso rouxinol.

—Não de todo indefeso —assinalou Dominic em tom seco— Já viu as marcas no rosto de Geoffrey.

—Sim—murmurou Duncan— Ao que parece, as unhas de lady Ariane são perigosas.

—As unhas não —corrigiu Erik— Um vestido da melhor malha que o clã dos Silverfells já produziu.

—O que quer dizer? —interessou-se Simon.

—A malha de Serena responde ante Ariane como se ela fosse um antigo guerreiro Iniciado com habilidades que nós perdemos faz décadas —respondeu Erik.

—Explique-se —exigiu Dominic.

—Para Ariane, o vestido é armadura e a arma, ao mesmo tempo. Pergunto-me se Cassandra o intuiu.

—E também se pergunta como pode utilizá-lo em seu próprio benefício —sentenciou Duncan carrancudo.

Dominic sentia grande apreciação pelo irmão de Amber, mas não tinha esquecido quem tinha iniciado os perigosos eventos que tinham acabado com Duncan rompendo seus votos para casar-se com uma mulher a qual não estava prometido.

—Para meu próprio benefício? —replicou Erik com suavidade— Não, para benefício das terras da fronteira. Como o lobo dos glendruid, prefiro a paz à guerra.

O som do numeroso grupo de cavalos fez com que os quatro homens se olhassem.

—Uma lástima que Deguerre não prefira também a paz —apontou Erik— Quantos guerreiros traz consigo?

—Saberei quando voltar Sven —respondeu Dominic.

—Seria muito útil um homem como ele —refletiu Erik— Nas terras da fronteira há lugares... fechados... para mim.

—Se conseguimos combater a ameaça de Deguerre, pode levar Sven com minhas bênções... e com as suas —disse Dominic, seco— A paz o aborrece.

—Milorde, aproxima-se um cavalheiro —avisou Harry.

—Sozinho?

—Sim.

Um calafrio percorreu Simon.

—Parece mais uma negociação entre inimigos que a visita de um pai político —assinalou Duncan.

—Simon, pode controlar seu temperamento o tempo suficiente para falar em meu nome? —exigiu saber Dominic.

—Sim.

—Então faça. —voltou-se para Erik e perguntou— É seu cão um... explorador... confiável?

—Sim.

—Pode enviá-lo ao outro lado da muralha e fazer com que patrulhe todos os lugares nos quais possa ocultar-se mais de um ou dois homens?

—Sim.

—Pois faça, por favor, e rápido.

O assobio de feiticeiro foi claro e cativante, e conseguiu que Stagkiller se materializasse imediatamente entre as sombras detrás da guarida. Erik lhe falou em uma língua antiga e o cão o olhou, com sobrenaturais olhos dourados, logo se voltou e sumiu na escuridão, para sair pela portinhola.

No outro lado do fosso, um corcel soprava e um cavalheiro falou abruptamente. A armadura completa e os enfeites da cota de malha chiaram quando o animal recuou.

—Vá — ordenou Dominic ao seu irmão.

Simon entrou no vento, que açoitou seu manto levantando-o e mostrando brilhos do seu luxuoso forro de pele.

Os arreios do cavalheiro sopraram de novo e deslocou-se lateralmente. Embora não possuísse a potência muscular de um corcel, parecia veloz. Sob a luz das tochas, a capa que cobria o animal era tão pálida como o forro do manto de Simon.

—Lorde Charles, barão de Deguerre —disse o cavalheiro elevando a voz— está a poucos metros. Receberá Dominic o Sabre, chamado o lobo dos glendruid, ao barão?

—Sim—respondeu Simon— Se o barão aceitar deixar todas as armas e cotas de malha de seus cavalheiros no exterior. Lorde Dominic não permite que se use armas na fortaleza de Blackthorne, a não ser que estejam guardadas sob chave na armería.

—Quem é você, para dar ordens ao barão Deguerre? —exigiu saber o cavalheiro, indignado.

—Sou o irmão e primeiro tenente de lorde Dominic — informou Simon cortante— Minhas palavras são as suas.

—É Simon, ao qual chamam o Leal?

—Sim.

—O marido de lady Ariane?

—Sim.

—Farei chegar a fria recepção de seu irmão ao barão. O mensageiro virou seu cavalo e o esporeou, perdendo-se na escuridão.

—O que acredita que fará o barão? —perguntou Dominic a Simon, quando este voltou a entrar.

—Deixei suficientes homens armados no outro lado, para iniciar um assédio.

—Erik? —inquiriu Dominic.

—Estou de acordo —concordou— O barão entrará com um pequeno grupo de espiões e assassinos. Quando tiver uma idéia de nossas forças, partirá.

—Vai nos pôr sob assédio? —perguntou Dominic.

Erik encolheu os ombros.

—Depende da debilidade que encontre e das desculpas que possa esgrimir para justificar uma batalha, se for isso o que busca.

—Alguma outra perspectiva, Iniciada ou não?

O feiticeiro entrecerrou os olhos até que não foram mais que duas resplandecentes frestas douradas refletindo as tochas.

Dominic esperou. Por muito que lhe impacientasse a presteza de Erik a correr riscos, respeitava as habilidades táticas do Iniciado. Terei que ser um grande estrategista para obter uma vitória do amor proibido entre Duncan e Amber, e um pouco de paz nas eternamentes agitadas terras da fronteira.

—Há muitas possibilidades —disse por fim Erik—.Muitas. O barão poderia aceitar que sua filha está casada com um guerreiro normando, ou poderia inclinar-se para a guerra, ou possivelmente optar por qualquer posição intermediária.

—Eu também acredito —reconheceu Dominic com suavidade.

—Como dorme sua esposa glendruid? —interessou-se Erik.

—Mau.

—Sonha?

—Sim.

—Mesmo de dia?

Dominic conteve a respiração.

—Na hora do jantar, sim.

As mãos de Erik se dirigiram ao quadril, em busca de uma espada que não estava ali. Flexionou os dedos e suspirou.

—Então, teremos problemas maiores que a morte de Geoffrey —sentenciou o feiticeiro.

—A que se refere? —exigiu saber Simon.

—Não sei —confessou Erik.

—Eu tampouco —disse Dominic— O que sei é que se tivermos algum ponto fraco, o barão Deguerre o encontrará.

O vento parou por um instante e os deixou escutar o som de cavalos aproximando-se a galope.

—Está vindo—murmurou Duncan.

—Sim —confirmou Dominic.

—Armado? —perguntou Simon.

O silêncio caiu entre eles, como uma rocha.

—Não —disse finalmente Dominic sacudindo a cabeça— O barão é, de fato, muito ardiloso. Espiará o castelo do interior antes de decidir se ofendeu-se com minha fria recepção.

Erik olhou breve e obliquamente para Dominic, entendendo de repente que o lobo dos glendruid tinha esperado que o barão Deguerre se ofendesse o suficiente para recusar-se a entrar no castelo.

—Muito sutil, lobo —reconheceu o feiticeiro.

—Mas infrutífero —replicou Dominic. — Agora teremos que encontrar os pontos fracos do barão, antes que ele encontre os nossos.

—Tão seguro está de que temos um? —inquiriu Simon.

—Sim —resmungou Dominic— Tão seguro como está Deguerre.

—Em nome de Deus, qual? —exigiu saber Duncan.

—Em nome de Deus, não sei.

CAPíTULO 30

Os quatro guerreiros permaneceram em silêncio enquanto o barão Deguerre cavalgava para o castelo.

—Baixem a ponte —ordenou Dominic.

Um instante depois, a ponte rangia ao baixar para cobrir o fosso. Deguerre avançou sem deter-se, seguido por cinco homens. Nenhum usava cota de malha ou espada.

—O barão Deguerre —disse um dos cavalheiros.

Simon observou os seis homens e soube imediatamente qual era o barão. Era igual a Geoffrey, Deguerre era tão atraente como um anjo caído, mas, ao contrário de seu protegido, seu rosto não refletia depravação, mas inteligência e crueldade.

—Lorde Dominic, senhor da fortaleza de Blackthome,— respondeu Simon sem emoção na voz. Era difícil acreditar que seu apaixonado rouxinol viesse da semente de um homem tão frio.

—Quem é lorde Dominic? —exigiu saber um dos cavalheiros.

—Quem é o barão Deguerre? —replicou Simon sardônico.

Um dos cavalheiros se adiantou até que seu cavalo ameaçou pisotear Simon contra as tábuas da ponte. Simon permaneceu de pé no meio da ponte, imóvel exceto pelas chicotadas do vento em seu manto.

—Eu sou o barão Deguerre —disse o homem que parecia um anjo.

Dominic avançou até ficar junto ao seu irmão. Naquela terrível noite, os olhos de cristal do broche glendruid refulgiram, sobrenaturais.

—Eu sou lorde Dominic.

—Por que nos exigiu que abandonássemos as armas antes de entrar na fortaleza? —exigiu saber o barão.

—O lobo dos glendruid —explicou Erik das sombras além das tochas— prefere a paz à guerra.

—Seriamente? —perguntou o barão mordaz— Que estranho. A maioria dos homens desfrutam provando as armas.

—Meu irmão deixa para outros o uso das armas —interveio Simon— assim dispõe de mais tempo para saborear suas vitórias.

—Mas quando algum insensato obriga lorde Dominic a entrar no campo de batalha —acrescentou Duncan da guarita da entrada— não existe cavalheiro mais desumano. Pergunte aos Reevers, se encontrar alguém que possa falar com os mortos.

O oculto olhar de Deguerre se deslocou dos dois irmãos a guarita, onde Erik e Duncan esperavam.

—Lamento não poder oferecer nada mais que o estábulo aos seus cavalheiros —desculpou-se Dominic. Não recebemos a notícia de sua chegada com antecipação suficiente.

—Seriamente? —murmurou o barão— Meu mensageiro deve ter se perdido.

Dominic sorriu ante aquela mentira tão evidente.

—É bastante fácil fazê-lo nestas terras —concordou— Como poderão comprovar, este é um lugar no qual o êxito reside mais em quanto somos aliados de nossa própria espada.

Dominic fez um gesto para que Erik e Duncan se aproximassem, até entrar na incerta luz.

—Estes são dois de meus aliados. Lorde Erik de Winterlance, e lorde Duncan do castelo do Círculo de Pedra. Sua presença e a de seus cavalheiros é a razão pela qual minha hospitalidade deve ser limitada.

Deguerre estudou os quatro homens que tinha a sua frente com olhos frios e calculistas, e seu olhar ficou preso ao antigo broche em forma de cabeça de lobo que prendia o manto de Dominic.

—Assim, por fim, foi encontrado —murmurou — Tinha ouvido rumores, mas... Bom, ainda ficam muitos outros tesouros antigos para encontrar.

O olhar de Deguerre atravessou o homem que levava o broche glendruid em forma de lobo, precavendo-se da estranha semelhança entre os olhos claros como o gelo de Dominic e os sobrenaturais olhos de cristal do lobo.

—Aceito sua amável hospitalidade —disse finalmente.

—Harry —ordenou Dominic com voz clara— abra o portão.

Momentos mais tarde, o barão e seus cinco acompanhantes cruzavam a cavalo o portão de entrada. Simon e Dominic flanquearam Deguerre assim que desmontou.

—Seus aposentos estão sendo preparados, se não tiver objeções a dormir em um quarto que está sendo remodelado como aposento para crianças — disse Dominic.

—Então é verdade que a bruxa glendruid está grávida — refletiu Deguerre olhando obliquamente ao lobo dos glendruid.

—Minha esposa e eu estamos esperando um filho — informou Dominic cortante.

O sorriso de Deguerre foi gélido.

—Não pretendia ofendê-lo. Eu também me casei com uma bruxa e tive filhos com ela.

A porta do prédio principal abriu-se, insinuando o calor e a luz do interior. Os serventes apressavam-se de um lado para outro, preparando um jantar frio, um vivo fogo e um vinho quente.

Os guerreiros cruzaram a grandes passos o grande salão e dirigiram-se para a comodidade do solar. A silhueta de uma mulher recortava-se contra as agitadas chamas da lareira. Seu cabelo estava solto, como era costume entre as Iniciadas, mas era negro como a noite, não dourado como o de Amber ou o ardente vermelho de Meg.

—Ariane — apressou-se a dizer Simon— Pensava que já tinha se deitado.

A jovem se voltou e estendeu a mão em busca do contato de seu marido.

—Ouvi dizer que o barão chegou — explicou Ariane.

Sua voz, como seu rosto, carecia de emoção; entretanto, o vestido ametista formava redemoinhos inquietos ao redor de seus tornozelos e o brocado de prata brilhava, como se estivesse vivo.

Deguerre observou os dedos de Simon entrelaçados, suave e firmemente com os de Ariane. Com uns olhos que não eram nem azuis nem cinzas, mas uma mescla de ambos, o barão avaliou a reação de sua filha ante seu marido, assim como a sutil aproximação de seu corpo ao dele.

—Assim também é certo —murmurou ao cabo de uns instantes.

—O que? —perguntou Dominic com suavidade.

—Que o matrimônio de minha filha é produto do amor e não dos interesses de reis ou famílias.

—Ambos estamos muito satisfeitos com nossa união —afirmou Simon, direto.

A sensual aprovação com que olhava a sua esposa dizia muito mais e fazia com que os olhos de Ariane brilhassem como pedras preciosas.

Deguerre deixou de olhar o casal e observou o aposento em que se encontravam. Embora os móveis fossem de muito boa qualidade, não competiam com os seus. Apesar de todo seu poder e suas vastas posses, o lobo dos glendruid não era tão rico como afirmavam os rumores, o que significava que não podia permitir-se custear os serviços dos mercenários necessários para manter seus domínios a salvo.

—Ouvi dizer que a lealdade de seu irmão para você não conhece limites — comentou o barão, olhando fixamente para Dominic.

—O afeto que Simon me professa é bem conhecido, como o meu por ele — admitiu o lobo dos glendruid— Podem estar seguro de que sua filha não poderia ter encontrado um marido melhor ou mais próximo a mim.

Com um grunhido, Deguerre retirou o capuz que tinha protegido sua cabeça da tormenta. Seu cabelo, da cor da prata, brilhava ao refletir a luz; suas

sobrancelhas eram muito negras, de arco pronunciado e de uma elegância estranha.

O tangido de diminutas correntes de ouro chamou a atenção do barão, que se virou com rapidez. Apesar de sua idade, possuía certa fluidez de movimento que indicava força e coordenação.

—Meg —disse Dominic surpreso— Acreditei que dormia.

A jovem se aproximou de seu marido com um murmúrio do tecido perfumado e um doce canto de diminutas correntes.

Deguerre estreitou os olhos, ante os evidentes sinais da gravidez de Meg. Ainda mais evidente era o estreito vínculo que unia o senhor da fortaleza e à curandeira glendruid; tão forte que quase podia ser visto.

—Barão Deguerre, lady Margaret —apresentou Dominic.

—Encantado, milady —disse Deguerre sorrindo e oferecendo sua mão.

O sorriso transformou o barão, fazendo-o parecer ainda mas atraente.

—Agrada-nos lhes dar as boas-vindas —respondeu Meg.

Se a surpreendente transformação do barão, de frio estrategista a sedutor, causou alguma impressão, Meg não percebeu. Manteve o contato com a mão masculina o menor tempo possível, mas dentro da cortesia exigida.

—Possue a beleza do fogo, lady Margaret — adulou o barão em voz baixa— E seus olhos dão inveja as esmeraldas.

Ariane esticou sua mão sobre a de Simon. Conhecia bem a habilidade de seu pai para a sedução. Tinha-a utilizado em numerosas ocasiões com as mulheres e filhas de seus inimigos.

Em silêncio, Simon levou a mão da jovem aos seus lábios e a beijou, tentando acalmá-la.

—Seus olhos são muito mais —replicou Dominic— Não existe um verde mais formoso que o dos olhos de minha esposa.

Embora Meg tivesse permanecido indiferente ante os cumprimentos do barão, as palavras de seu marido fizeram com que ruborizasse de prazer. O

casal se olhou por uns segundos, e durante esse tempo não existiu nada mais no salão.

—Comovedor —admitiu Deguerre sereno.

—Com efeito —interveio Simon— Todo mundo fala do amor entre o lobo e a curandeira. —Fez um gesto para a mesa— Querem comer ou beber?

Os serventes tinham estado muito ocupados trazendo e empilhando pratos até que a mesa se encheu da generosa comida.

Deguerre catalogou a comida, com uma só olhada.

—Enviou muito mais a seus homens —informou Simon— Espero que seja o suficiente, mas ninguém parece saber o número de pessoas que lhe acompanha.

—Não desejo diminuir suas provisões de inverno —aduziu o barão.

—Não há perigo algum —assegurou Meg, virando-se para seu convidado— Não houve uma colheita melhor desde que me lembro.

—E está tudo a salvo entre os muros do castelo —acrescentou Simon com suavidade.

—Tem sido afortunados —repôs o barão— Muitos castelos ao sul daqui sofreram chuvas inoportunas. Para eles, o inverno trará fome.

—Em Blackthome não teremos problemas —afirmou Dominic.

Deguerre grunhiu e Dominic esperou em silêncio o momento de esquivar-se da seguinte estocada do barão, procurando um ponto débil na fortaleza de Blackthome.

—Acreditei que encontraria um de meus cavalheiros aqui —comentou Deguerre, voltando-se para Simon.

O silêncio invadiu de repente o salão, embora o barão fingisse ignorá-lo.

—Além de meu protegido, é um grande amigo de minha filha - acrescentou, olhando de modo significativo para Ariane— Está nosso querido Geoffrey aqui, minha filha?

—Sim — respondeu Simon, antes que sua esposa pudesse responder.

—Pode pedir que venha? —perguntou o barão.

—Não. Enviei Geoffrey a sua última morada.

Os olhos de Deguerre se concentraram em Simon, com uma intensidade tangível.

—Explique-se! —exigiu.

Simon sorriu e guardou silêncio.

—É simples —interveio Dominic— Geoffrey está morto.

—Morto? Quando? Como? Não tinha ouvido nada a respeito!

Dominic limitou-se a encolher-se os ombros.

—Ouvi que uma enfermidade tinha acabado com grande parte do séquito de minha filha, mas Geoffrey... —murmurou Deguerre.

—Sim —confirmou Ariane— Houve uma enfermidade e só sobreviveu um punhado de homens.

—Onde estão? —quis saber o barão.

Simon sorriu com frieza.

—Suspeito que matei a dois deles nas terras da fronteira, e que feri outros. Possivelmente também morreram. Quanto a Geoffrey... morreu hoje nas minhas mãos.

—Tomam muita liberdade com a vida de meus cavalheiros —disse Deguerre, sem que seu rosto refletisse nenhuma emoção.

—Quando enfrentei seus cavalheiros, não eram mais que proscritos que não luziam as cores de senhor algum em seus escudos —afirmou Simon.

—E Geoffrey? —As negras sobrancelhas do Deguerre se elevaram um instante— Também era um proscrito?

—Tenho direito a fazê-lo. Admitiu antes de morrer, embora se preocupou de pintar de novo suas cores em seu escudo, quando se encaminhou para cá.

O silêncio reinou no salão durante uns segundos.

Finalmente, Deguerre fez uma careta, soltou algo para si mesmo e aceitou a perda de um aliado no interior do castelo.

—Uma pena — lamentou o barão— O moço prometia.

—Descansa tranqüilo, seguirá prometendo no inferno — assegurou Simon— E você, barão? Há alguma promessa que não tenham mantido?

—Nenhuma.

—Seriamente? —perguntou Dominic sarcástico— E o dote de Ariane?

—O que aconteceu com ele? — aludiu o barão.

—As arcas estavam cheias de rochas, terra e farinha em mal estado.

Deguerre ficou paralisado no ato de ajustar o manto.

—O que querem dizer?

Dominic e Simon se olharam mutuamente, e logo olharam para Duncan. Sombrio, Duncan abandonou o aposento, consciente de que necessitariam de sua esposa uma vez mais.

—É simples. —Os negros olhos de Simon se estreitaram, ao voltar a olhar a Deguerre— Quando abrimos as arcas, não continham nada de valor.

—Deixaram minhas terras contendo bens com o valor do resgate de uma princesa —replicou o barão.

—Essa é sua versão.

—Questionam minha palavra? —inquiriu Deguerre com a suavidade da seda.

—Não, só relato o que ocorreu ao abrir as arcas.

—O que disse Geoffrey quando viu as arcas vazias? —quis saber o barão.

—Não estava presente —disse Simon.

—Estava presente algum de meus homens?

—Não — informou Simon em tom sarcástico— Seus cavalheiros deixaram Ariane na fortaleza de Blackthorne e desapareceram sem ficar nem para comer alguma coisa.

—Uma conduta assombrosa —murmurou o barão— E os selos das arcas?

—Intactos —respondeu Dominic.

—Extraordinário — surpreendeu-se Deguerre abrindo muito os olhos— Mas só tenho a palavra dos cavalheiros de Blackthorne, que dizem que minhas

especiarias, sedas, pedras e ouro se transformaram em pedras e terra entre a Normandia e Inglaterra.

—Assim é.

—Muitos homens pensariam que aconteceu um engano.

—É muito provável —concordou Dominic.

Naquela ocasião, o sorriso do Deguerre foi diferente, frio e triunfal, seguro de que tinha encontrado a debilidade que procurava.

—Estão me acusando de ter faltado com minha palavra? —perguntou o barão afável.

—Não —negou Dominic— Nem tampouco exigimos pagamento algum de você... ainda.

Antes que Deguerre pudesse falar, Amber entrou no salão.

Vestia uma túnica escarlate, usava o cabelo solto, e o pendente de âmbar de seu pescoço brilhava como um lago de luz.

—Mandou me chamar, lorde Dominic? —perguntou a jovem.

—Sim, milady. Necessito um favor. Amber sorriu fracamente.

—É seu.

—O barão e eu temos um pequeno mistério que desejaríamos resolver. Poderia ver a verdade para nós?

Ao ouvir as palavras do lobo dos glendruid, o barão se voltou e examinou a recém chegada, com verdadeiro interesse.

—Amber é uma Iniciada —informou Dominic a Deguerre— Pode...

—Conheço os dons dos Iniciados — interrompeu o barão— dediquei grande parte de minha vida a estudar seus antigos ensinamentos. Tem esta dama o dom de discernir a verdade?

—Sim —afirmou Dominic. Deguerre suspirou com desalento.

—Então vocês não roubaram o dote — resignou-se o barão— ou nunca teriam trazido esta jovem a minha presença. Aqui tem minha mão, milady, toque e descubra se disse a verdade.

Amber respirou devagar para tranqüilizar-se e logo tocou a Deguerre. A jovem gritou e teria caído de joelhos, se Duncan não a tivesse segurado. Entretanto, apesar da dor que a rasgava, Amber não soltou a mão de Deguerre.

—Rápido —zombou Duncan.

—Enganou-nos com o dote de sua filha? —perguntou Dominic ao barão.

—Não.

—Diga a verdade. —Depois de dizer aquilo, Amber rompeu o contato imediatamente.

—Obrigado, milady. —Dominic inclinou levemente a cabeça ante a jovem.

Deguerre observava Amber com um interesse predatório; tinha percebido seu dom.

—Sua bruxa é uma arma útil, embora frágil —comentou— Uma que sempre desejei ter.

Duncan lançou um olhar assassino ao barão, que se limitou a sorrir.

—Acredito que agora eu que devo perguntar.

Surpreesa, Amber olhou o lobo dos glendruid.

—Tocaria também minha mão, milady? —solicitou Dominic relutante, estendendo o braço.

Embora Amber nunca tivesse tocado o lobo dos glendruid, tomou sua mão sem vacilar. Tremeu visivelmente, mas se controlou com rapidez.

—Havia algo de valor naquelas arcas, quando as abriram? — interrogou Deguerre a Dominic.

—Nada.

—Diga a verdade.

—Estavam os selos intactos? —perguntou o barão.

—Sim.

—Diga a verdade.

—Assombroso —murmurou Deguerre.

Dominic se separou de Amber e deixou cair o braço.

—Minhas desculpas —desculpou-se— Lamento haver causado dor.

—Não o fez. Há muito poder em ti, mas não crueldade.

Deguerre sorriu sarcástico ante o fato de que Amber não houvesse dito o mesmo dele.

—Parece que um de seus cavalheiros roubou o dote de Ariane —declarou Dominic, dirigindo-se ao barão.

—Um dos meus? Por que não um dos seus?

—Os selos estavam intactos. Seus selos, barão, não meus.

—Ah, é certo —reconheceu Deguerre, encolhendo os ombros— Suponho que foi sir Geoffrey o responsável. Era meu protegido, por isso tinha livre acesso a meus arquivos.

—E aos selos? —inquiriu Simon.

—Também.

—Agora Geoffrey está morto e o dote perdido —resumiu Simon.

—Perguntou a minha filha sobre isso?

—Por que deveríamos? Ela estava mais confusa que qualquer um de nós quando abrimos as arcas —respondeu Dominic— Se soubesse onde estava o dote, teria nos dito, imediatamente.

Deguerre se virou para olhar para Ariane.

—E bem, filha? Por que não o encontrou para eles?

—Perdi meu dom na noite que Geoffrey me violou.

—Violou, foi isso que contou a seu marido? —perguntou Deguerre, com um sorriso cruel.

—Sim —respondeu Ariane tranqüila— E também é o que lady Amber disse.

Uma ligeira surpresa invadiu os traços de Deguerre.

—De modo que realmente perdeu seu dom —disse o barão como se estivesse pensando em voz alta— Ocorreu o mesmo com sua mãe, quando a tomei em nossa noite de bodas. Ao que parece, as bruxas perdem seus poderes quando se unem a um homem.

—Está equivocado — contradisse Meg, com tranqüilidade.

Deguerre voltou a cabeça bruscamente e olhou à pequena mulher que tinha permanecido tão quieta que até suas jóias tinham guardado silêncio.

—A que se refere? —inquiriu o barão.

—A união com um homem pode realçar em lugar de destruir o poder de uma mulher —afirmou Meg— Depende da união, e do homem. Desde que sou a esposa do lobo dos glendruid, meus poderes aumentaram gradualmente.

—Fascinante.

Deguerre franziu o cenho. Logo encolheu os ombros e voltou para o assunto que mais lhe interessava: debilidade, não força.

—Parece que Geoffrey era um covarde desleal que destruiu o dom de Ariane em lugar de realçá-lo —admitiu com indiferença— É uma lástima que outros devam pagar por seus atos, mas assim funciona o mundo.

Simon se esticou. O barão irradiava uma espécie de prazer depravado que indicava claramente que, por fim, tinha encontrado a debilidade que procurava em Blackthorne.

—Quando concordei em conceder em matrimônio minha amada filha a um de seus cavalheiros —disse Deguerre dirigindo-se a Dominic— prometeram que seu marido governaria um castelo em seu nome, um castelo rico que se ajustasse à alta posição de lady Ariane na Normandia.

—Assim é —reconheceu Dominic sombrio.

—Digam-me, onde está o castelo de minha filha?

—Ao norte.

—Em que lugar exatamente?

—Carlysle.

—Por que não reside ali, como corresponde a uma dama com seu próprio castelo?

—Ainda estamos recrutando cavalheiros para a defesa —respondeu Simon com voz cortante.

—E também devemos terminar as fortificações —admitiu Dominic.

—Custa caro, os cavalheiros e as fortificações.

Deguerre olhou ao seu redor, com uma satisfação cruel.

—Irá ter muitas dificuldades para manter dois castelos, com independência, mesmo que tenha sido boa a colheita de Blackthorne este ano.

—Poderei fazê-lo —assegurou Dominic, tenso.

O sorriso de Deguerre era tão frio como a noite.

—E eu ficarei neste castelo até que o prometido a minha filha seja concedido.

Muito tempo depois que o barão Deguerre se acomodou com seus cavalheiros, Ariane esperava na solidão de seu quarto com a cabeça inclinada e a harpa em seu colo. Em silêncio, rogou que Simon viesse a ela.

Que a perdoasse. Deveria ter sabido que Simon é um homem muito orgulhoso para conhecer a violação de sua esposa e não vingá-la, independentemente do cuidado com que Meg e eu planejamos tudo para evitar isso.

Deveria ter sabido!

Mas só levei em conta minhas próprias necessidades, meu próprio orgulho, meu próprio desejo de que Simon me amasse como eu o amo.

Que estupidez.

Os elegantes dedos se moveram sobre as cordas da harpa, invocando uma canção sem palavras, um lamento tão profundo e premente como o amor de Ariane por um homem que não podia corresponder.

Como pude ser tão egoísta para pôr em perigo a fortaleza de Blackthorne? Meu marido não se permitirá nunca amar ninguém, da mesma forma como eu não confiava em nenhum homem.

Até que chegou Simon. Que me curou. Mas eu não posso curá-lo. Invocada pelos dedos de Ariane, uma música ondulante enfeitiçou o quarto do mesmo modo que todo o acontecido, e o que não aconteceria nunca, tinha enfeitiçado Ariane.

—Rouxinol?

A voz de Simon era tão inesperada, e tão desejada, que a jovem temia levantar a cabeça e descobrir que era um sonho.

—Simon? —sussurrou.

Uns fortes dedos acariciaram a bochecha feminina com ternura.

—Sim —confirmou Simon com voz rouca— Acreditava que estava dormindo.

—Não estava aqui.

O desejo e algo mais, uma paixão difícil de expressar, retorceu-se dentro de Simon ante aquelas palavras.

—Dominic precisava de mim — explicou.

—Sei, vai precisar muito no futuro.

Sem erguer os olhos, Ariane deixou sua harpa de lado.

—Meu pai não sairá daqui, até conseguir um castelo bem abastecido, e deixar Blackthorne empobrecido — assegurou— Temo que se conhecesse a verdade, destruiria seu irmão.

Ariane acreditava que seu marido estava de acordo com aquela afirmação, e que se afastaria, como tinha feito com Enjoe.

Em vez disso, Simon acariciou seu cabelo.

—Encontraremos um modo —a tranqüilizou.

—Quem?

—Duncan, Erik, Dominic e eu. Recrutaremos cavalheiros entre os castelos, se for necessário.

—Debilitando todas as fortificações.

Simon não respondeu.

—Meu pai pode ser aterradoramente paciente — acautelou Ariane, sem levantar os olhos de seus punhos fechados.

—Sei —admitiu o guerreiro.

—Tem suficiente riqueza para ficar aqui, até conseguir o que veio procurar: um ponto de apoio na Inglaterra.

O silêncio foi a única resposta de Simon.

—Não pode derrotar o barão Deguerre em seu próprio jogo — advertiu— A não ser que o rei inglês ou o pai de Erik lhe emprestem o dinheiro para levantar o castelo de Carlysle, meu pai destruirá a fortaleza de Blackthorne e seu irmão com ele.

—Os recursos do rei estão muito solicitados —assinalou Simon— A colheita foi pobre na maior parte da Inglaterra.

—E o pai de Erik?

—Ao que parece, odeia os Iniciados, inclusive seu próprio filho.

Ariane moveu a cabeça em silencioso desespero.

—Então, estamos perdidos —sentenciou, com um sussurro.

Ao mover a cabeça, algumas mechas de seu negro cabelo cobriram a mão do guerreiro. Algo muito parecido à dor atravessou Simon ao sentir aquela sedosa carícia.

—Tão furiosa está comigo que não suporta nem sequer me olhar? —perguntou, com voz suave.

Ariane levantou a cabeça, de repente. Seu marido estava ao seu lado com expressão aflita e a roupa meio desabotoada, como se estivesse tão cansado que tivesse desfeito os laços de sua camisa, enquanto subia as escadas até seu quarto.

CAPíTULO 31

—Eu? Furiosa com você? —A surpresa era evidente tanto em sua voz como em seus extraordinários olhos ametista.

—Furiosa porque traí sua verdade, não defendendo-a antes —confessou Simon com tristeza— Furiosa porque a verdade não faria diferença alguma. Furiosa porque não posso... amar.

O coração da jovem deu um salto ao ver a dor nos olhos do guerreiro.

—Nem sequer a você, rouxinol —murmurou Simon — A você, que tanto sofreu nas mãos dos homens, que me salvou a vida, que me ensinou o significado da verdadeira paixão. A você, que merece... mais do que eu posso dar.

A Ariane doía ver Simon sofrer. Suas lágrimas contidas brilhavam sobre as negras pestanas.

—Jamais me traiu, jamais — assegurou— Teria morrido para salvar minha vida quando eu não era mais que uma carga para ti, uma mulher com a qual se casou por lealdade a seu irmão.

—Nunca foi uma carga para mim. Desejei você desde o primeiro instante em que a vi. Jamais desejei nenhuma mulher deste modo, com um fogo mais ardente que qualquer dos que me aguardam no inferno.

O sorriso de Ariane era tão triste como as lágrimas que derramava por ele, como ela. Desejo. Paixão. Desejo. Não amor.

—Sei o muito que me desejava —reconheceu a jovem, estremecendo com a lembrança da intensa e abrasadora sensualidade de seu marido.

Simon percebeu a resposta de Ariane e sentiu arder seu próprio sangue, consumindo a dor de um passado que não podia ser mudado, só aceito.

—Desejava-me tanto que tremia —sussurrou ela— mas nunca me forçou. Foi amável, quando outros foram cruéis, apaixonado quando outros foram calculistas, generoso quando outros foram egoístas. Furiosa com você? Não, Simon. É uma bênção.

—Ariane...

Simon sentiu um nó em sua garganta. Não saberia a verdade de Ariane com mais clareza que se tivesse vivido no interior da alma da jovem.

Devagar, levantou as mãos e enterrou os dedos na beleza da meia-noite de seu cabelo. Fez com que erguesse o rosto e beijou com incrível suavidade as suaves bochechas, devastadas pelas lágrimas que tinha derramado por ele.

—Quando penso no que fez esse bastardo... —resmungou Simon com pesar.

Enquanto falava, seus lábios se moviam sobre a fronte da jovem, seu nariz, suas bochechas, suas pálpebras, sua boca, venerando-a com beijos tão suaves como a luz do fogo. Ela tremeu visivelmente e soluçou ao ver a desolação que enchia os olhos de seu marido.

—Não pense nisso —murmurou— Eu não faço, agora não. Não tem vez em meus sonhos.

—Abusaram de ti com crueldade, traíram-lhe de uma forma tão profunda que quase mata sua alma, e entretanto...

—Você me curou — interrompeu.

—...veio para mim nas almenas e me ensinou o que significa sentir-se amado.

Ariane tentou falar, mas a intensidade da expressão de Simon lhe roubou a voz.

—Tomei-a de pé, com as costas contra o gélido vento, e você...

As lembranças provocaram no guerreiro um estremecimento de desejo e algo mais, rompendo sua voz.

—...acolheu-me em seu corpo por completo com tanta calidez... — murmurou com voz enrouquecida — Entretanto, foi quase virgem quando chegou à mim.

—Eu adorei o que fizemos.

As palavras foram um sussurro contra os lábios de Simon, carícias tão delicadas como os beijos que dava.

—Sei o muito que você gostou de… —confessou ele com voz rouca— Estava tão preparada para mim. Tão úmida... O aroma de sua excitação cobriu meus sentidos.

Simon percebeu imediatamente o rubor que percorreu o corpo de Ariane.

—Não era minha intenção —desculpou-se a jovem— Simplesmente não podia... parar.

—Sei —sussurrou Simon, mordendo seus lábios com deliciosa ternura— eu tampouco queria que parasse, só queria ficar dentro de ti para sempre, com a gélida tormenta ao meu redor e sentindo seu úmido prazer sobre mim.

A língua do guerreiro roçou apenas a linha da boca de Ariane e ela gemeu o nome de seu marido.

—Tremia e gemia com cada carícia, com cada toque, me pedindo que entrasse ainda mais profundamente em ti, entretanto era quase virgem.

—Não pensava, só podia sentir.

—E quando terminou e nenhum dos dois era capaz sequer de respirar, agarrou-se em mim, me retendo em seu interior.

—Queria te reter dentro de mim.

—Seu corpo me disse —assentiu Simon—Se abriu para mim e me cobriu com a umidade de seu prazer. Nunca houve uma mulher que se entregasse a um homem de forma tão generosa, e entretanto, era quase virgem.

Um forte calafrio rasgou o guerreiro, fazendo com que a fina linha de sua boca se tornasse ainda mais dura.

—Simon? —sussurrou Ariane, sem compreender.

—Devi ir mais devagar, tratá-la com mais ternura — recriminou-se, com a voz carregada de arrependimento— Devia beijar brandamente seu cabelo, seu rosto, suas mãos.

Suas ações acompanhavam às palavras. Beijava com infinita ternura o cabelo, a face e as mãos de Ariane, que fechou os olhos ao sentir o prazer como uma maré correndo em suas veias, fazendo-a estremecer.

— Devia abrir suas roupas lentamente —continuou Simon em voz baixa.

Os laços prateados sussurravam ao soltar-se, e o tecido ametista deslizou enquanto os dedos masculinos se moviam sobre o vestido. O frio ar do quarto contrastava vivamente com o calor da boca do guerreiro sobre Ariane.

—Devia elogiar seus seios —murmurou contra seu pescoço— São perfeitos, sedosos, quentes, e imploram com tanta doçura o contato de minha boca.

Com extrema delicadeza, Simon beijou e acariciou com a língua a auréola de cada seio. Os mamilos endureceram e ficaram mais rosados com o mesmo tom que os lábios de Ariane.

—Simon... —A jovem não pôde dizer mais. Percorreu-a um lento e delicioso tremor que extinguiu sua voz.

As mãos do guerreiro deslizaram ao tirar o vestido ametista, desamarrando laços, e não pôde evitar de sorrir ao sentir o tecido roçando-o, com diminutos movimentos, intensificando a sensibilidade de sua pele.

—Devia tirar o vestido devagar —continuou— Devia demorar em cada novo e delicioso pedaço de pele exposta, até que suspirasse e me desse o que nenhum homem te pediu, só roubou.

Fechando os olhos, Simon traçou com seus dedos a elegante linha que formavam as pernas de Ariane, que se abriram para ele com o murmúrio e o suspiro do tecido deslizando.

—Está se entregando para mim? —quis saber Simon.

—Sim —sussurrou ela— Sempre.

Só então Simon abriu os olhos.

—Vi você assim na primeira noite —murmurou com voz rouca— e em lugar de lhe dizer quão formosa era, em vez de te excitar durante toda a noite antes de tomar, abri suas pernas e entrei em ti, como se tivéssemos sido amantes sempre.

Ariane tentou falar, mas Simon impediu e inclinando-se entre suas pernas, acariciando-a com suas mãos, suas palavras, sua boca.

A ponta de sua língua abriu caminho entre as aveludadas dobras que guardavam todos os segredos da feminilidade da jovem, provocando o prazer que atravessava Ariane como uma lança, lhe roubando o fôlego. Simon gemeu com voz grave e capturou com sua língua as cálidas gotas que evidenciavam sua paixão.

—Seu sabor, Ariane... Tão doce... foi criado unicamente para mim.

Uma ardente onda percorreu a jovem, que arqueou seu corpo em busca de mais carícias. Simon a tinha visto mover-se assim antes, devagar, elegante, suspensa no transe de um sonho reparador que ele também tinha partilhado.

—Sinto... —Abriu os olhos e os cravou na negra escuridão dos olhos de Simon— Sinto que... sonhei isto... antes. Exatamente isto. Mas nunca.. beijou-me assim.

—Sinto que já fiz —continuou ele com suavidade antes de desenhar círculos com a língua ao redor do clitóris da jovem. Ela suspirou e se arqueou de novo, lânguida, movendo-se tão sensualmente como no sonho.

—E você respondeu do mesmo modo —seguiu Simon— se erguendo para mim, me permitindo... permitindo tudo.

—Quando? —sussurrou ela, sabendo que era verdade, mas sem entendê-lo.

—Em um sonho —recordou de repente— Curou-me.

—Era um sonho Iniciado —explicou Simon— provocado pela mescla do bálsamo e de sua própria essência; rosas, meia-noite, a lua e uma selvagem promessa de tormenta.

Os dentes de Simon fecharam-se, com deliciosa delicadeza, no tenso clitóris da jovem, e uma lenta e profunda labareda renasceu no fundo de Ariane, concentrando-se e avivando-se em seu ventre.

—O fogo me ... queima —conseguiu dizer, com voz entrecortada.

—Assim foi também no sonho. Não pretendia tomá-la naquela noite, nem sequer deste modo, mas pretendo tomar hoje, e de todas as formas possíveis.

Um som grave saiu da garganta de Ariane quando todo seu corpo sucumbiu ao envolvente e torturante prazer que Simon provocava. Ele a segurou em suas poderosas mãos, sussurrando o quanto era formosa , imensamente valiosa para ele, beijando-a, saboreando-a, intensificando seu fogo até que se consumiu em silêncio, incapaz sequer de gemer.

Então Ariane olhou para Simon e entendeu o que significava sonhar dentro de um sonho.

—Sou tua —murmurou— Entreguei-me a você antes mesmo que eu soubesse. Agora que sei, entrego-me a você para sempre.

Simon deslizou a língua uma vez mais pela tenra carne que ocultavam as úmidas dobras da jovem, devagar, saboreando-a completamente, mordiscando-a e torturando-a.

—É minha —murmurou Simon— e tem sabor de fogo.

—Arde comigo —sussurrou ela— ficarei muito tempo só neste fogo.

Um estremecimento percorreu visivelmente Simon. Enquanto tirava as roupas, viu Ariane sorrir ante a palpitante ereção exposta diante dela.

—Só de vê-lo faz com que fique sem respiração —confessou a jovem acariciando seu grosso membro— Esta parte de ti é de seda e aço, e me dá... tanto prazer...

Outra onda de desejo rasgou as vísceras de Simon, fazendo-o estremer.

—Faz-me sentir como um deus —confessou com voz rouca.

Devagar, colocou-se sobre ela e a fez abrir mais as coxas. Ariane deu-lhe boas vindas envolvendo os quadris de Simon com suas pernas e oferecendo-se a ele, sem reservas. O guerreiro a penetrou devagar, pressionando cada vez mais profundamente, até que a fez sua por completo. A firme e úmida perfeição de sua união quase acaba com Simon.

—Faz-me arder —murmurou o guerreiro com uma mescla de angústia e prazer, sabendo que para Ariane ocorria o mesmo— Somos um...

Ardendo. E então nenhum dos dois pôde respirar, presos como estavam em um violento e selvagem êxtase. Quando finalmente acabou, depois de terem dado e recebido tudo, o guerreiro aconchegou Ariane junto a seu corpo e a abraçou, como se temesse que alguém pudesse arrancá-la de seus braços.

—Encontraremos um modo de vencer de Deguerre —jurou Simon feroz— Tem que haver. Uma dote perdido não merece tantas vidas.

Os braços de Ariane se agarraram com força ao seu marido e desejou, em silêncio, não ter perdido seu dom. Se somente aparecesse o dote. Uma visão explodiu, de repente, em seu interior, apanhando-a em um transe no qual o tempo deixou de ter sentido. Ficou imóvel, vendo só os monólitos[1] que formavam o sagrado Círculo de Pedras, erguidos contra o céu invernal. Mas naquela ocasião havia um segundo círculo dentro do primeiro.

Ariane piscou, estremeceu, e se encontrou abraçada entre os braços de seu marido que dormia. A euforia a invadiu, quando percebeu o que tinha ocorrido.

A curandeira glendruid tinha razão. A união com o homem adequado podia intensificar os poderes de uma mulher. Estou curada de verdade!

1. Obra ou monumento feito de uma só pedra de grandes dimensões.

Alvoroçada, Ariane virou-se para despertar Simon, mas se deteve antes de pronunciar uma só palavra.

Minha imprudência abriria uma brecha muito grande em Blackthorne, com meu pai esperando a mínima debilidade O que acontecerá se disser para Simon? A alegria abandonou Ariane. Seu marido insistiria em acompanhá-la em sua busca, e Dominic ordenaria que uma tropa de cavalheiros os escoltassem porque se seu pai chegasse a intuir que podia recuperar o dote, tentaria impedi-los.

O número de cavalheiros que defendiam Blackthorne já era insuficiente. Não podiam permitir-se perder nem sequer um por uma viagem rápida ao antigo círculo de monólitos[1]. O exército de Deguerre rodeava Blackthorne como se estivesse sob assédio.

Se acordar Simon, não me deixará partir porque não poderia vir comigo. Sabe que é necessário aqui e agora, e que deve permanecer junto a seu irmão e senhor. Mas eu não. Escaparei, encontrarei provas de que meu dote não está perdido, e as trarei de volta, para que Simon as jogue na cara de meu pai.

Aquele pensamento a fez sorrir. Produziria-lhe um enorme prazer demonstrar a seu pai que ela era tão valiosa como qualquer cavalheiro.

Uma sensação de justiça invadiu Ariane, uma certeza sobre o que devia fazer, e como.

Para partir em segredo, tenho que encontrar uma passagem que conduza ao exterior da fortaleza. Existirá? E se existir, onde estará escondida? Depois de respirar fundo várias vezes, formou-se uma visão em sua mente: tochas ardendo em um longo corredor no qual se abriam prateleiras de ambos os lados, tendas de comestíveis de manteiga e barris de pescado salgado, aves de curral e frutas, tanto frescas como dissecadas. Onde terminava o corredor, começava o herbário com prateleiras e mais prateleiras de ervas, secando. E depois da última prateleira, profundamente escavado na ladeira e escondido entre a escuridão e pilhas de cânhamo, havia uma pequena porta fechada.

Agora, o cavalo. Possivelmente, um dos cavalheiros de meu pai que aguardam , tem um escudeiro bêbado que tenha perdido um.

Desta vez, levou mais tempo, já que a perda era menos precisa, mas, pouco a pouco, foi condensando uma visão na escuridão... Um cavalo com adorno normando, sua ampla garupa contra o vento e a cabeça afundada em um montão de feno.

Com cuidado, Ariane se libertou dos braços de Simon. Quando ele murmurou um protesto, ela o beijou com suavidade e o afagou com a mão. O guerreiro suspirou e relaxou de novo.

—Dorme, meu amor —sussurrou Ariane— Tudo sairá bem. Sei onde está meu dote, e sei como salvar a fortaleza de Blackthorne.

1. Obra ou monumento feito de uma só pedra de grandes dimensões.

CAPíTULO 32

—Desaparecida? —rugiu Simon— Como assim, desapareceu?

Sven passeou seu olhar com apreensão de Dominic para Simon. Tinha estado com ambos os homens na Santa Cruzada, e não tinha o menor desejo de lutar contra nenhum dos dois. Simon tinha o aspecto de um homem a ponto de entrar em batalha, e Sven olhou de modo involuntariamente suplicante para Meg, que estava sentada à direita de seu senhor, na calidez dos aposentos senhoriais.

—Baixe a voz — indicou Meg a seu cunhado— O barão nunca está longe.

Os lábios de Simon se transformaram em uma dura linha, mas não protestou. Em seu lugar, afastou os restos de seu almoço e se aproximou de Sven, de forma ameaçadora.

—Explique-se —ordenou Simon, em um tom baixo e selvagem.

—Lady Ariane não estava no serviço matutino —murmurou Sven.

—Certo —confirmou Dominic atrás de seu irmão— Pensei que teria assistiria à missa que oficiava o capelão de seu pai.

—Que a chamou de promíscua e exigiu penitência por um pecado que não cometeu? —replicou Simon com desprezo, sem levantar a voz— Não, é impossível.

—Sua esposa não falou com nenhum dos capelões esta manhã —disse Sven— E tampouco estava tomando um banho, nem bordando, nem tocando sua harpa.

—Pode ser que esteja na cozinha —sugeriu Meg—Talvez esteja ensinando os serventes alguns truques para os guisados.

—O guarda de Dominic estava na entrada principal do castelo e disse que ninguém, exceto os servos, saíram ao pátio de armas — informou Sven.

Dominic sorriu e olhou sua esposa, que uma vez tinha conseguido passar diante dos sentinelas, vestida como uma servente.

Sven viu aquele olhar e sorriu com pesar.

—O sentinela é um dos soldados mais antigos da fortaleza de Blackthorne —assinalou— Conhece bem os serventes.

—Não acredito que Ariane tenha saído da fortaleza —apontou Meg— Poucas vezes vi uma tormenta tão terrível. É uma sorte que nos tenha dado tempo de guardar a colheita dentro dos muros do castelo.

—Mas lady Ariane não está na cisterna, nem nos barracões. Nem tampouco na armería, nem na dispensa, nem em nenhum outro maldito lugar em que a procurei.

—Então Deguerre a tem em seu poder —bramou Simon— Vou matá-lo!

—Onde poderia escondê-la? —inquiriu Sven em tom neutro— Também está dentro do castelo.

Dominic voltou a olhar para Meg.

—Pequeno falcão? —perguntou com suavidade— Como vão seus sonhos?

A jovem fechou os olhos. Quando os abriu, refletiam preocupação.

—Dormi bastante bem, antes da tormenta. Melhor que em muitas semanas. Como se algo se corrigisse.

—E agora, o que sente? —quis saber Dominic.

—Quando desabou a tormenta durante a missa, senti como se estivesse do outro lado dos muros de Blackthorne. —estremeceu com força— Faz muito frio lá fora. Um frio mortal.

—Sei muito bem —disse Simon— Estive na paliçada de madeira, reunindo e vigiando os servos que se encarregam da reparação da muralha.

—Está fechada a abertura? —perguntou Sven.

—Estará em poucos dias —afirmou Simon cortante— Mesmo que para isso tenha que carregar cada pedra eu mesmo. E pode ser que tenha que fazê-lo, já que a tormenta não mostra sinais de que irá parar.

—É certo —concordou Meg, franzindo o cenho— Não esperava uma tormenta tão dura, tão cedo.

—Vá para o herbário — pediu Dominic a sua esposa— Seu povo necessitará de bálsamos para o frio.

A curandeira começou a protestar, mas viu a determinação nos olhos de Dominic e entendeu que ele queria que abandonasse os aposentos senhoriais.

—É obvio —se resignou—, mas...

—Se necessitar de você — interrompeu Dominic— mandarei buscá-la.

—Está bem —aceitou ela, com voz fraca, enquanto se voltava para partir.

Quando o som das diminutas correntes de ouro de Meg se desvaneceu, Dominic se voltou para Sven.

—Espere um momento — indicou— Devo discutir um assunto particular com meu irmão.

Sven podia adivinhar que assunto era aquele, assim voltou-se e saiu do quarto com uma sensação de verdadeiro alívio. Não desejava estar perto quando os irmãos falassem sobre a jovem normanda.

—Discutiu com Ariane, por sua violação? —perguntou Dominic, sem rodeios.

—Não.

—Por seu pai?

—Não.

—Por qualquer outro motivo?

—Não havia aborrecimento algum entre nós, quando fomos dormir.

—Frieza?

Simon fechou os olhos, ao sentir que o percorria uma onda de ardentes lembranças.

—Não —respondeu com voz rouca— Ao contrário. Ariane é a mulher mais apaixonada que conheci.

Dominic suspirou e passou os dedos pelo cabelo.

—Não tem sentido! —grunhiu— por que se foi?

— Talvez não tenha feito.

—O castelo não é tão grande para que uma dama com um vestido ametista e prateado não seja vista —rebateu Dominic.

—Buscarei-a eu mesmo —replicou Simon, sabendo que o que seu irmão dizia era verdade.

—Não.

—Por que? —resmungou, cortante.

—Se percorrer o castelo aos gritos em busca de sua mulher, Deguerre aproveitará a oportunidade para correr até o rei e o duque, afirmando que matamos sua preciosa filha e que escondemos seu dote junto com seu corpo. Cairão sobre nós, antes que anoiteça!

—Serei discreto — zombou Simon.

—Agora mesmo parece tão discreto como um viking enlouquecido — amaldiçoou Dominic.

Simon mal conseguiu conter um violento protesto. Uma profunda intranqüilidade rasgava suas vísceras. Uma intranqüilidade que tinha começado enquanto ajudava na muralha e que havia aumentado com cada pedra colocada.

Então a tormenta tinha descido do norte, tornando impossível continuar colocando as pedras. Um frio mortal.

—Ponha Leaper e Stagkiller atrás de seu rastro —disse Simon.

—Fora do castelo? É inútil. A tormenta deve ter apagado qualquer rastro.

—Comece por dentro, nas zonas do castelo que Ariane menos freqüenta. Se o aroma for fresco...

Simon não teve que terminar. Dominic já estava chamando um escudeiro para que trouxesse Erik junto com seu cão lobo. Encontrar Leaper foi mais simples. O lobo dos glendruid emitiu um agudo assobio e a cadela cinzenta emergiu debaixo da mesa, onde estava procurando restos de comida.

—Tem algo em que só Ariane coloca as mãos? —perguntou Dominic.

—Sua harpa.

O rosto do senhor de Blackthorne mostrou seu assombro.

—Não a levou?

—Não. Está junto a nossa cama.

Pela primeira vez, Dominic pareceu realmente preocupado. Nunca tinha visto Ariane sem a harpa ao seu alcance.

—Agarre a harpa e dirija-se ao poço —ordenou, tenso— Começaremos por ali.

Quando Simon trouxe a harpa e chegou até o poço, Stagkiller e Erik já estavam esperando.

—Stagkiller não encontrou grupos de homens ocultos e nem fogueiras —informou Erik a Dominic— Faz muito frio.

—Sven disse o mesmo. Tampouco há homens de Deguerre no caminho para o castelo do Círculo de Pedra ou na casa de Erik.

—Lástima — lamentou Erik— Cassandra estaria preparando uma desagradável boas vindas, e nós teríamos menos inimigos com os quais lutar.

—É certo. Tanto suas estimativas como as de Sven apontam que Deguerre tem ao menos o dobro, provavelmente o triplo de guerreiros que nós.

—Se o barão estivesse fora dos muros, em lugar de alastrado na mesa do grande salão, diria que estamos sob assédio —murmurou Erik.

—Sei, maldito seja —reconheceu Dominic, seco.

—Quem começa, Leaper ou Stagkiller? —perguntou Simon, sem rodeios.

—Leaper —decidiu Dominic— Ela tem livre acesso a todo o castelo. Ninguém notará suas idas e vindas.

O lobo dos glendruid se inclinou sobre a magra cadela, deu-lhe uma ordem em voz baixa, e indicou a harpa que Simon segurava. Embora a maioria dos cães rastreadores só eram bons para correr atrás dos gamos uma vez que fossem levados a campo aberto pelos caçadores, Leaper tinha um nariz fino e muita vontade de usá-lo. Na maioria das vezes, era Leaper quem descobria o gamo, não os lentos escudeiros brandindo seus batedores. A cadela farejou a harpa várias vezes e logo olhou para Dominic. Um movimento de sua mão pôs a trabalhar o animal. Com a palma sobre a cabeça de Stagkiller, Erik

observou à magra cadela percorrer o lugar, em busca de um rastro fresco. Quando chegou à pétrea escada de caracol que ocupava uma curva do castelo, a cadela grunhiu.

Imediatamente, Dominic estava ao seu lado.

—Acima ou abaixo? —perguntou.

—Abaixo —decidiu Simon.

Outro sinal enviou Leaper escada abaixo e os homens a seguiram, com um ressoar de botas sobre a pedra, antes de chegar ao herbário, Meg apareceu na porta, com aspecto alarmado e sua mão ao redor do colar de couro de Leaper.

—O que faz Leap...? —começou Meg, só para ser interrompida.

—Solte-a—urgiu Simon.

A jovem soltou o colar sem dizer uma só palavra. Leaper passou junto à larga saia verde da curandeira e sumiu no interior do herbário, com Meg e os homens ao seu encalço. Simon agarrou o cantil que sua cunhada tinha usado e esperou para ver o que faria o animal.

Variados e fortes aromas do herbário confundiram Leaper, embora por pouco tempo. Voltou a farejar a harpa e seguiu procurando. Logo encontrou o rastro e desapareceu de novo, entrando cada vez mais nas escuras profundidades do herbário.

Meg e Dominic se deram conta, imediatamente, do destino final do animal. Dominic olhou brevemente para Erik, que encolheu os ombros, e decidiu que o feiticeiro Iniciado havia guardado segredos mais importantes que a localização da passagem secreta da fortaleza de Blackthorne.

O longo focinho de Leaper se mantinha fiel a uma linha no chão, como se estivesse atada com uma corrente. Finamente, abriu caminho com as patas através da pilhas de cânhamo e choramingou, ante a porta da passagem.

—Abra —disse Dominic, cortante.

Simon o fez e sustentou a tocha no alto. Só viu um escuro e estreito túnel. O ar que penetrava na pequena boca da passagem era glacial. Um fraco e

distante círculo de luz e o gemido do vento eram os únicos indícios de que o túnel tinha uma saída, Leaper tremia de frio e grunhia, impaciente por seguir o rastro do aroma. Dominic segurou uma corrente no colar de Leaper e se dispôs a entrar no túnel.

—Fique aqui — insistiu Simon, segurando seu irmão pelo braço — A fortaleza do Blackthorne necessita de você; de mim não.

Depois de um momento de dúvida, Dominic ofereceu a corrente e se colocou de lado. Simon entregou a harpa para seu irmão e logo se inclinou para seguir Leaper pela abertura. A escuridão do manto que lhe tinham dado de presente os Iniciados se fundiu, imediatamente, com a do túnel.

Homem e cão emergiram do outro lado da passagem em um arvoredo de salgueiros . Embora fosse quase meio-dia, o dia apresentava uma mortiça penumbra, e além do arvoredo, a neve formava redemoinhos, empurrada por um vento desumano.

Apesar de Simon não ver nenhum rastro, entrou na tormenta com feroz determinação. Ariane estava lá fora, em algum lugar debaixo daquela tormenta infernal. Leaper perdeu o rastro a tão somente uns metros do arvoredo. Gemeu e seguiu procurando, até que Simon afastou-se do magro e trêmulo cão, voltando a entrar no túnel.

—Leaper perdeu o rastro atrás do arvoredo —informou, conciso, ao emergir na aromatizada calma do herbário— Não há rastros.

Seus olhos diziam muito mais, ainda mais escuros e selvagens que a tormenta. Como Leaper, tremia devido às glaciais garras do vento.

Amaldiçoou em voz baixa e se voltou para Erik.

—Duvido que Stagkiller possa cheirar o que Leaper não pôde, mas é nossa melhor esperança.

Ninguém disse que era a única esperança, até que amainasse a tormenta e o falcão de Erik pudesse voar. Stagkiller farejou a harpa e entrou no túnel. O cão era tão grande que sua cabeça roçava o teto. Tensos, Meg e os homens esperaram. Logo, os insatisfeitos uivos do cão se elevaram sobre o vento.

—Perdeu o rastro —assinalou Erik, sucinto.

—Há algum outro rastro no túnel? —quis saber Dominic.

Erik assobiou uma ordem aguda e estridente. Os uivos de Stagkiller cessaram imediatamente e, pouco depois, o cão de espessa pelagem emergia da passagem. O feiticeiro tomou a enorme e feroz cabeça de Stagkiller entre suas mãos e falou em uma língua estranha.

O cão voltou a entrar no túnel e transcorreram uns minutos, antes que retornasse e fosse até seu dono.

—Nenhum outro rastro recente além de Ariane e Simon —informou Erik.

—Ariane estava sozinha quando se foi? —perguntou Simon, assombrado— Por que deixaria o castelo no meio de uma tormenta como esta?

—Possivelmente, não havia tormenta quando partiu —sugeriu Dominic.

—Possivelmente não se importasse se havia ou não —aduziu Meg— Uma mulher que marcha contra um cavalo de guerra como fez Ariane, não carece de coragem.

— Talvez, não tenha partido voluntariamente —apontou Erik.

—Estava sozinha —refutou Dominic— Seu próprio cão Iniciado pode testemunhá-lo.

—Sim, mas seu pai é um feiticeiro. Quem sabe que poderes terá.

Simon ficou paralisado.

—O que disse?

Erik encolheu os ombros.

—Esse maldito barão possui certa Iniciação. Posso senti-la. Mas é o tipo de Iniciação que uma vez separou druidas de druidas, clãs de clãs, e o homem de sua alma.

—Se Deguerre tiver ferido Ariane, é um homem morto —sentenciou Simon.

—Primeiro tem que encontrar sua filha e demonstrar que não lhe tem feito mal —assinalou Dominic.

—Por que Ariane partiria, se não a obrigassem? —perguntou Simon, feroz— Não há nenhuma razão para que se fosse.

O som de passos no corredor silenciou os homens.

—É somente Amber — apressou-se a esclarecer Meg— Pedi que me ajudasse.

A jovem de cabelo dourado apareceu na soleira do herbário, com um sorriso no rosto e um passador de âmbar vermelho no cabelo.

—O que fazem aqui? —perguntou ao ver os homens— Tenho certeza que têm coisas mais importantes que fazer do que bálsamo para as feridas.

—Viu Ariane? —limitou-se a perguntar Simon.

—Não desde esta manhã, muito cedo. Cruzei com ela no corredor e me disse que o passador que perdi há semanas estava sob o forro esmigalhado de sua arca de viagem.

Meg gemeu sobressaltada.

—Fui até a arca, e ali estava! —seguiu Amber— Não é maravilhoso que Ariane tenha recuperado seu dom?

Simon estava muito assombrado para falar. Erik não. Assim que Amber mencionou seu passador recuperado, o feiticeiro soube o que tinha acontecido.

—Ariane foi atrás de seu dote —afirmou.

—Isso é impossível —resmungou Simon— Vai a pé, em uma tormenta invernal! O maldito dote pode estar em qualquer lugar aqui ou na Normandia!

Os dourados olhos de Erik se estreitaram, enquanto reconsiderava as possibilidades, que tinham torturado Ariane, desde que soube que seu dote tinha sido roubado.

Simon começou a falar, mas um seco gesto de Dominic o deteve.

—Acredito —aventurou-se o feiticeiro devagar— que Geoffrey trouxe consigo o dote às terras da fronteira. Se for assim, o dote está em algum lugar entre o Círculo de Pedra e Silverfells.

—Teria me dito isso —protestou Simon.

—Não teria permitido que fosse lá, sozinha —assinalou Meg.

Ninguém disse o que todos sabiam: Ariane havia partido só para não ter que pedir a Simon que abandonasse o lobo dos glendruid, em um momento de necessidade.

—Faça com que preparem dois cavalos —pediu Dominic a Simon— Deverá alcançá-la rápido. Erik, acompanhará meu irmão?

—Será um prazer.

—O que dirá a Deguerre? —perguntou Simon a Dominic.

—Nada. Ariane esteve evitando seu pai, sempre que possível. Com sorte, nem sequer saberá que se foi.

—E se não tiver sorte?

—Cavalgue sem descanso, Simon. Eu gostaria que minha mulher voltasse a dormir bem.

***

CAPíTULO 33

Simon e Erik cavalgaram como se os perseguisse o diabo, mas mesmo assim, não encontraram Ariane. Dirigiram-se para o norte, para o senhorio de Carlysle e, temendo havê-la ultrapassado durante a noite, na tormenta, passaram um par de angustiosas horas na torre, tentando dormir enquanto Stagkiller percorria os campos ao redor, em busca de qualquer sinal que indicasse que a jovem tivesse acampado.

Entretanto, a única coisa que o cão obteve foram coágulos de gelo em suas patas. Simon tinha levantado muito antes do amanhecer, para grande assombro do pessoal do senhorio. Tinha pouco interesse em tomar o café da manhã e seguia pensando em Ariane, lá fora, na tormenta.

—Tem que ter se perdido — resmungou, seco.

Erik cortou uma fatia de carne fria com sua adaga, agarrou um pedaço de queijo e uma fatia de pão e deixou tudo na frente de Simon.

—Possui o dom de achar aquilo que está perdido — replicou o feiticeiro em tom lacônico— Não existe a mínima possibilidade de que se perca.

—Por que não a alcançamos, então? — bramou Simon.

Erik não tinha uma resposta que pudesse acalmar a dor de seu amigo. Tudo o que tinha era um pressentimento, que se tornava mais sombrio a cada hora que a tormenta aumentava.

—Stagkiller não encontrou nada que indique que ultrapassamos Ariane — refletiu em voz alta— Tem que ter conseguido um cavalo de algum modo. Apostaria que está em algum lugar, mais adiante de nós.

—Faz tanto frio —murmurou Simon.

—Leva uma malha Iniciada.

—E isso é suficiente para mantê-la aquecida?

—Coma —ordenou Erik, ignorando a pergunta— Cavalgaremos até que a tormenta acalme. Logo enviarei meu falcão em sua busca.

Mas a tormenta não perdeu forças até que os homens estivessem dentro do sagrado Círculo de Pedras. Os milenários monólitos permaneciam ocultos entre uma névoa que parecia nascer das vísceras da terra. Erik e Simon

frearam os cansados cavalos, enquanto Stagkiller cambaleava e ofegava grandes baforadas, que eram apanhadas rapidamente pela névoa.

O falcão saltou de seu suporte na sela até a manopla de Erik, cavando suas plumas e abrindo o pico como se já saboreasse a liberdade do vento. O feiticeiro assobiou com penetrante claridade e Winter respondeu com um profundo e sonoro som muito doce, para vir da garganta de um predador.

Com um rápido movimento de seu braço, Erik lançou o falcão a um céu tormentoso. As amplas e elegantes asas da ave de rapina se abriram e agitaram-se com rapidez, voando a caminho na gélida névoa.

Simon observou o falcão com uma mescla de temor e esperança. Muito tempo depois que o brilho da luz velada pela névoa obrigasse-o a piscar, seguia observando na distância, com o corpo tenso.

Mas aquilo não foi nada em comparação com a tensão que se apoderou de Simon quando Winter desceu do céu, à velocidade de uma flecha, emitindo um longo e lúgubre lamento.

O Iniciado trocou com rapidez assobios com seu falcão até que Simon desejou gritar.

Poucos segundos depois, Erik se voltou e olhou seu amigo com os olhos cheios de aflição.

—Não —rugiu Simon feroz—.Não vou ouvi-lo! Ariane está viva.

—Ariane... —O feiticeiro fechou os olhos um momento antes de contar a Simon, com voz pesarosa, o que nenhum dos dois queria saber— Ariane está além de seu alcance.

—Ela está viva.

—Sua esposa está imóvel no interior do segundo círculo de pedras —disse Erik medindo suas palavras. — Foi tudo que foi permitido a Winter ver.

—Permitido? O que, em nome de...?

—O segundo círculo —interrompeu o feiticeiro com brutalidade— não pode pesar, nem medir ou tocar. Simplesmente é. Nunca reconheceu isso, e,

portanto, viva ou morta, Ariane está além de seu alcance. Comprovemos se também está mais à frente do meu.

Erik apressou seu cavalo . Rígido, Simon observou o feiticeiro recordando que, em certa ocasião, tinha tentado inutilmente seguir os rastros de Meg até o interior de um círculo sagrado. Meses mais tarde, tratou de ajudar Duncan a encontrar Amber e acabou perdendo seu rastro frente a outro círculo de pedra. Uma vez mais, o antigo segredo das pedras sagradas lhe dava as costas.

Se é que há algum segredo, pensou Simon, sarcástico. Entretanto, o angustiante medo de não poder encontrar Ariane abria caminho para dúvida. E se estiver aí e eu não posso alcançá-la?

Não houve resposta para Simon, exceto a crescente certeza de que aquele sagrado lugar ia colocá-lo a prova, como tinha feito primeiro com Dominic, e depois com Duncan.

Mas ao contrário dos outros homens, Simon temia falhar. Apoiava sua vida na razão e suas qualidades eram muito diferentes das de Dominic ou Duncan. Como posso encontrar algo que não posso ver ou ouvir ou tocar? Como puderam fazê-lo Dominic e Duncan?

O cavalo de Erik se deteve de repente como se transformasse em pedra.

—Não posso passar —bramou furioso o Iniciado— Maldição. Não posso passar!

Terror e raiva rasgaram as vísceras de Simon, enlouquecendo-o. Desesperado, esporeou seu cavalo para os antigos monólitos[1] velados pela névoa, mas seu cavalo se deteve frente a eles, como se um muro invisível lhe impedisse de passar.

Simon tinha previsto, de modo que soltou os estribos e saltou agilmente sobre um chão incerto.

—Não existe lugar onde não possa encontrar Ariane — gritou Simon às pedras— e ao inferno com o que é, e não é.

Como se se dispusesse a entrar em uma batalha, o guerreiro avançou para as enormes pedras que surgiam ameaçadoras de entre a névoa.

—Ariane! Ouve-me? —chamou-a.

Como única resposta escutou o grasnido de Winter.

Simon apertou os dentes e atravessou as pedras, sem sequer olhar para a direita ou esquerda.

—Ariane!

Desta vez nem sequer respondeu o falcão.

Simon seguiu andando, aproximou-se do monte do centro do anel, rodeou sua base, e não viu indício algum de que alguém tivesse pisado no chão coberto de neve desde que começou a tormenta.

Subiu aos tropeções e olhou ao redor, com uma ferocidade que mal pode conter.

1. Obra ou monumento feito de uma só pedra de grandes dimensões.

Não viu nada exceto o vento agitando a névoa até convertê-la em formas fantasmagóricas, que desapareciam assim que se fixava a vista neles.

—Ariane! Está aqui?

A névoa não devolveu nem um só som.

—Ariane! Onde está?

—Dentro do segundo círculo de pedras — gritou Erik do outro lado da névoa.

—Onde está o segundo círculo?

—O monte é seu centro —explicou o feiticeiro.

—Estou aqui, onde está Ariane?

—Dentro do segundo círculo —repetiu Erik.

—Mostre-me isso. - zombou Simon, selvagem.

—Embora o Círculo de Pedra me permita entrar, não poderia mostrar Ariane a um homem que não acredita em nada além da razão!

Simon respondeu com um selvagem som de raiva.

—É o que escolheu ser — recordou Erik— um homem regido pela lógica. Tem-se obstinado a sua cegueira muito tempo e agora paga pelas conseqüências de ver a verdade muito tarde. Ariane está além de seu alcance!

Simon emitiu um grito de angústia que era também o nome de Ariane. O eco devolveu fantasmagóricos sussurros. É o que escolheu ser.

Ariane está além de seu alcance. Mas Simon não podia aceitar a perda de Ariane.

— A verei! —gritou Simon ao próprio Círculo de Pedra— Me ouve? A verei!

Os espectrais sussurros se converteram-se no som do vento agitando uns ramos próximos, uns ramos carregados de flores. Mas não crescia nenhuma árvore no alto do monte. Não havia flores no inverno. E não ventava. Entretanto, o som voltou como um gemido, um murmúrio fúnebre; um vento que não podia soprar através de uma árvore que não existia; um vento agitando flores impossíveis, até que falaram em sussurros.

Depressa, guerreiro, ela morre. Então será um comigo, sempre vivo, sempre morrendo, lamentando eternamente uma verdade presa muito tarde.

Um forte calafrio tomou Simon. A parte dele que pesava e media se defendeu com força, negando ter ouvido nada mais significativo que o vento sobre as rochas e o gelo.

Mas outra parte o fez cair de joelhos, ante uma ilimitada corrente de dor que não era dele. Não de todo. Ainda não.

Depressa, guerreiro. Tem que ver.

O guerreiro olhou ao seus redor com olhos negros, selvagens. Mas não viu nada que não tivesse visto antes.

—Como posso ver? —uivou— Ajude-me!

Não recebeu resposta, exceto a certeza de que Ariane estava perto e que sua vida se apagava.

Amor. Que estupidez! Um som entrecortado rasgou a garganta de Simon ao ouvir as sarcásticas palavras de Ariane repetidas, uma e outra vez, entre

sussurros suaves como pétalas. Mas o sussurro não cessou com seu grito, mas continuou dizendo mais do que pensou que poderia resistir, recordando uma conversa que só tinham compartilhado Ariane e ele… a coragem da jovem e a fria resposta que tinha dado.

—Assim que me recuperar de novo, farei tudo o que desejar... Tudo. Por você, meu leal cavalheiro. Só por você.

—Não quero que se entregue à mim por obrigação.

—Darei tudo o que tenho.

E tinha feito.

—Ariane! —gritou Simon com a voz falhando.

Não houve resposta, nem sequer a dos milhares sussurros que não podiam existir. Simon fechou os olhos e lutou contra as emoções que ameaçavam, arrancando a respiração. Apoiou os punhos sobre os joelhos e tremeu com a intensidade de sua saudade.

—Rouxinol —murmurou, angustiado— daria minha própria alma para voltar a vê-la.

O vento se enroscou entre os ramos de uma árvore próxima, agitando pétalas .

Aba os olhos, Simon. Tem que ver.

Entretanto, mesmo antes de abrir os olhos, Simon soube que Ariane estava ao seu alcance. Soube de um modo que não podia pesar ou medir ou tocar.

Ela estava a seus pés, aconchegada, envolta em seu manto. Ali onde o vento tinha afastado a capa se via o tecido ametista, extranhamente apagado. O bordado e os laços prateados não brilhavam, quase opacos. Sua pele estava pálida e fria como a neve.

Se Ariane respirava, Simon não podia ver nem ouvir. Tampouco despertou quando ele a chamou, sacudindo-a para tentar arrancá-la das garras da morte. Seu corpo estava lânguido, sem forças, tão frio como uma vez ele a tinha acusado de ser.

—Rouxinol...

A perda se retorceu como uma adaga no coração de Simon. Ao levantar a jovem com delicadeza em seus braços, pacotes de especiarias e pedras rodaram o seu manto.

A união com o homem adequado pode realçar os poderes de uma mulher.

—Maldito dote —amaldiçoou Simon entre dentes— Não valia sua vida. Nada vale!

Afastou as especiarias e as apreciadas pedras e estreitou Ariane fortemente contra si, desejando que despertasse, que o olhasse, que sorrisse.

Que vivesse.

Os únicos que despertaram foram os milhares de suaves sussurros que recordaram a Simon suas frases tempos atrás.

Não sou Dominic ou Duncan. Nunca darei tanto de minha alma a uma mulher. Nunca verei florescer o carvalho. Entretanto, Ariane tinha chegado a Simon com sua devastada inocência e sua assombrosa valentia. Tinha ardido selvagem para ele, dando de presente mais do que ela mesma acreditava poder dar ; sua confiança, seu corpo, sua própria alma.

Amo você Simon.

O presente de Simon para Ariane tinha sido unicamente seu corpo. E, agora, ela estava muito fria para que ele pudesse trazer-lhe à vida.

As pétalas se agitaram, susurrantes, dando forma aos pensamentos do silêncio, murmurando para Simon suas próprias palavras, ferindo os sentimentos até que sangrou as mesmas lágrimas que tinha lutado por conter. Com Ariane tinha morrido muito mais do que imaginava, mais do que tivesse acreditado que existisse.

Simon tirou o manto e, com extrema delicadeza, cobriu a jovem com ele, admirando uma vez mais a visão de seu negro cabelo sobre a suave e branca pele. Depositou-a lentamente no chão, tirou a espada e a colocou entre as mãos femininas.

—Não houve guerreiro mais valente que você —afirmou Simon beijando sua fria bochecha— Sua coragem me prostra. Em qualquer lugar que esteja, tomara que o carvalho floresça para ti.

Esmigalhado pela angústia, inclinou a cabeça e chorou, como não tinha feito desde que era menino. E de repente, enquanto chorava, uma fragrância invadiu o ar e algo suave roçou seu rosto.

Abre os olhos.

Devagar, Simon levantou o olhar e viu o antigo carvalho florescendo em pleno inverno. Então soube, com uma clareza brutal, que a verdade que tinha visto muito tarde era seu amor por Ariane.

As flores flutuaram até suas mãos, pétalas de uma árvore cuja existência não era possível, florescendo em um lugar que não podia existir.

Entretanto, via o carvalho em flor e segurava suas flores. Acariciou suas pétalas e respirou sua impossível e transcendental fragrância como se fosse a própria vida.

E era.

Viu a verdade muito tarde. Agora está como ela, suspenso entre dois mundos, o calor sangrando até converter-se em frio.

Pode reter minhas lágrimas e viver como está agora, não confiando sua alma a ninguém, ou pode liberar minhas lágrimas e aceitar o que sente.

Com um estremecimento, Simon abriu as mãos e permitiu que as lágrimas do carvalho caíssem sobre Ariane, dando de presente tudo, mais do que pensou que tinha para dar.

Só temeu que não fosse o suficiente.

Quando a primeira flor tocou a bochecha de Ariane, esta pareceu agitar-se. Quando a segunda flor a acariciou, agitou-se e respirou asperamente, como se tivesse estado muito tempo sem ar.

Logo caíram mais flores e logo houve muitas para poder contá-las, uma maré de calor e fragrância que impregnava tudo.

Simon sentiu a vida percorrer o corpo de Ariane com tanta certeza como corria por seu próprio corpo. A jovem se agitou como despertando de um sonho, seus olhos se abriram e seu brilho ametista refletiu a beleza do carvalho sagrado florescendo em pleno inverno.

—Simon? —murmurou.

O guerreiro a estreitou com devastadora ternura entre seus braços e sentiu que ela se agarrava a seu pescoço.

—Te dou de presente o dom do carvalho —sussurrou contra os lábios de Ariane.

E esse dom era o amor.

Epilago

O barão Deguerre estava de pé na ponte levadiça de Blackthorne quando viu cavalgar o triunfo do carvalho para ele, carregado sobre o lombo de uns cavalos que seguiam Ariane sem corda que os guiasse, nem moço que os apressasse a obedecer. Cada cavalo transportava uma carga de sacos cheios de especiarias e sedas, ouro, prata e pedras preciosas, com tudo o que tinha sido roubado de Ariane mediante traição.

Mas não foi o dote o que convenceu Deguerre de sua derrota. Foi o punho da espada de Simon, um cristal tão negro e duro como os olhos de seu dono. Cativa de um modo impossível, havia uma única e luminosa flor dentro do escuro punho.

O barão Deguerre olhou a flor do carvalho na espada, mandou procurar seu cavalo e partiu de Blackthorne junto com seus cavalheiros sabendo que não

havia debilidade alguma para explorar, e que tampouco haveria no futuro. Nem sequer ele tinha descoberto o modo de vencer ao amor.

O senhorio de Carlysle passou a formar parte do castelo do Serbal[1], lar de Ariane a Amada, uma mulher cujas mãos arrancavam alegria de sua harpa e cujo dom garantia que nenhum menino vagasse perdido e nem longe da segurança do castelo.

A espada de Simon passou a ser conhecida como o Serbal[1] depois que a mágica flor ficou presa em seu negro punho de cristal. Com o tempo, o próprio Simon passou a chamar-se o Senhor do Serbal[1], já que foi ele quem descobriu o que nem sequer os Iniciados sabiam...

O serbal[1] sagrado era o espírito de uma dama nascida muito tempo atrás, uma mulher cujo rechaço a ver o amor lhe custou primeiro a vida de seu amante, logo os olhos de sua família, seu clã, seu povo. Mas não sua própria vida. Não de todo. Em misericórdia e castigo, converteu-se em uma árvore imortal, um carvalho que só chora ante um amor verdadeiro. E suas lágrimas são flores que asseguram o amor e a paixão a quem pode vê-las.

Quando se tiverem derramado lágrimas suficientes, o serbal será livre. O espírito da dama espera no interior de um Círculo de Pedras sagrado que não se pode pesar, nem medir, nem tocar.

Espera um amor que mereça suas lágrimas. O serbal ainda espera.

[1]carvalho

Fim

Nota da Autora

Uma das perguntas que com mais freqüência fazem meus leitores é: Seus romances contemporâneos e do oeste têm um grande êxito, o que a fez decidir-se a escrever romances medievais?

A resposta implica uma história real que, na realidade, é mais estranha que a ficção. Não teria me atrevido a inventá-la porque ninguém teria acreditado!

Isto foi o que aconteceu:

Durante vinte e seis anos estou feliz e casada com o único homem que amei. Além de ser meu marido, amante, amigo e pai de meus filhos, Evan escreve livros comigo (nossos pseudônimos são A.E. Maxwell e Ann Maxwell). Evan também é um teimoso inconformista que adora discutir até o ponto de tomar posição em qualquer assunto.

Enquanto investigávamos para o The Diamond Tiger, Evan e eu viajamos a Inglaterra. Como Maxwell é um nome escocês, decidimos ir a Escócia. Meu sobrenome de solteira, Charters, também é escocês, uma deformação do nome Charteris.

Evan e eu não procurávamos laços familiares, só queríamos uma desculpa para ver um pedacinho novo do mundo. Alugamos um carro e partimos para o norte, sentados no lado errado do veículo, trocando de marchas com a mão errada, e conduzindo pelo lado errado da estrada.

Quando cruzamos a fronteira da Escócia, estávamos cansados de grandes auto-estradas. Tomamos a primeira saída para uma estrada comarcal que encontramos e começamos a percorrer a beira de uma sinuosa e pouco profunda baía. Ao divisar umas ruínas distantes elevando-se sobre o chão, fiquei extasiada; tinha desejado fotografar ruínas, mas tudo o que tínhamos

visto até esse momento na Inglaterra tinha estado deprimentemente bem conservado.

Perseguimos as ruínas através de estradas que eram mais e mais estreitas, até que chegamos a um lugar protegido pela National Trust Escocesa (associação para o amparo da natureza e conservação de prédios históricos). O lugar estava fechado, por ser fora de temporada, mas as ruínas estavam ali, para que qualquer um as visse e fotografasse.

Enquanto Evan se dirigia para ler as placas históricas, eu comecei a fazer fotografias. Depois de uns minutos, Evan me chamou com voz estranha e me fez gestos para que me reunisse com ele. Quando cheguei ao seu lado, limitou-se a me indicar uma placa. As magníficas ruínas vermelhas pertenciam a um castelo chamado Caerlaverock (Ninho da Sturnella), construído no século XII.

O castelo tinha sido o forte do clã Maxwell.

Evan e eu estávamos atônitos com a coincidência de tempo, lugar. Não procurávamos paisagens familiares na Escócia; nem sequer sabíamos que existiam. Entretanto, ali estávamos, no Caerlaverock...

Quando por fim abandonamos o castelo, estávamos cheios de perguntas e encontramos um dos habitantes do lugar, em um bar.

Contou-nos que havia um lugar chamado Maxwellton (Maxwell Town - Povo de Maxwell), perto de Dumfries. Ali existia um museu dedicado à história do clã Maxwell.

Fomos ao museu. Enquanto Evan admirava o sortimento de armas e armaduras, eu me dediquei a perambular. Havia um mapa com todos os clãs. O clã Charteris também estava ali, uma diminuta porção de terreno presa às vastas terras dos Maxwell. Sob o retrato de um Maxwell de aspecto feroz figurava uma pequena história do clã. Pouco depois de começar a ler, estava rindo as gargalhadas. Evan se aproximou perguntando o que me acontecia.

Quando começou a ler, descobriu o que eu já tinha descoberto: os Maxwell eram um clã de guerreiros normandos que tinham lutado no lado errado de

cada batalha importante posterior a 1066... incluindo a Armada Invencível Espanhola. Três vezes, um rei inglês tinha tomado Caerlaverock depois de um longo assedio, derrubado o castelo, e despojado os Maxwell de terras e títulos. Três vezes um rei inglês se viu obrigado a devolver as terras, os títulos e o castelo aos Maxwell para que pudessem defender o acesso ocidental da Inglaterra.

A quarta vez que Caerlaverock foi derrubado, permaneceu em ruínas. As terras e os títulos foram devolvidos, mas não o direito a crenellate (construir um castelo).

Os Maxwell eram contrários ao poder estabelecido. E nada havia mudado muito em nove séculos.

Evan me separou das batalhas perdidas e me levou aos arquivos do museu. Ali me indicou vários volumes enormes de couro. Os livros eram uma compilação da genealogia dos Maxwell realizada no século XIX. Intrigada, comecei a passar suas páginas.

Quanto mais olhava, mais silenciosa ficava. Cada página que folheava me levava mais atrás no tempo, e em suas amareladas páginas via uma e outra vez um nome de minha própria infância americana; Charters.

Desde a primeira vez que vi Evan, na Califórnia, em 1963, senti que o conhecia . Ele sentiu o mesmo. Agora entendemos por que.

Os Maxwell e os Charters estiveram se casando entre eles durante novecentos anos.

Quando levantei a vista das antigas genealogias e a pousei nos verdes olhos de meu moderno guerreiro, soube que escreveria romances medievais.

E assim tenho feito.

Ann Maxwell (também conhecida como Elizabeth Lowell)

FEITICEIRA

Elizabeth Lowell

3° Série Medieval

1º Indomável

2º Proibido

Link do Grupo Romances Históricos

http://br.groups.yahoo.com/group/romance_historico/